

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

# ANTOLOGIA GREGA

## EPITÁFIOS (LIVRO VII)

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO  
CARLOS A. MARTINS DE JESUS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

**Apresentação:** Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre o autor da obra

Carlos A. Martins de Jesus é doutorado em Estudos Clássicos (especialidade de Literatura Grega) pela Universidade de Coimbra, onde trabalha como investigador contratado, tendo desenvolvido uma investigação de Pós-doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia sobre a *Antologia Grega* (transmissão e tradução). Tem publicado um conjunto amplo de trabalhos, entre livros e artigos em revistas da especialidade, a maior parte dos quais dedicados à poesia grega e à sua tradução para português. Assinou a tradução das obras de diversos autores gregos (Arquíloco, Baquilides, Ésquilo, Aristófanes, Plutarco, entre outros), além de trabalhar continuamente na direção de teatro de tema clássico, em Portugal e Espanha.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

**ESTRUTURAS EDITORIAIS**  
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

**DIRETORAS PRINCIPAIS**  
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares  
Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva  
Universidade de Coimbra

Maria do Céu Fialho  
Universidade de Coimbra

**ASSISTENTES EDITORIAIS**  
EDITORIAL ASSISTANTS

Teresa Nunes  
Universidade de Coimbra

**COMISSÃO CIENTÍFICA**  
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte  
Universidade de São Paulo

Frederico Lourenço  
Universidade de Coimbra

Aurelio Pérez Jiménez  
Universidad de Málaga

Joaquim Pinheiro  
Universidade da Madeira

Graciela Zeccin  
Universidade de La Plata

Lucía Rodríguez-Noriega Guillen  
Universidade de Oviedo

Fernanda Brasete  
Universidade de Aveiro

Jorge Deserto  
Universidade do Porto

Fernando Brandão dos Santos  
UNESP, Campus de Araraquara

Maria José García Soler  
Universidade do País Basco

Francesc Casadesús Bordoy  
Universitat de les Illes Balears

Susana Marques Pereira  
Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS  
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

# ANTOLOGIA GREGA

## EPITÁFIOS (LIVRO VII)

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

CARLOS A. MARTINS DE JESUS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

TÍTULO TITLE

Antologia Grega. Epitáfios (livro VII)  
Greek Anthology. Epitaphs (book VII)

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

TRANSLATION FROM THE GREEK, INTRODUCTION AND COMMENTARY

Carlos A. Martins de Jesus

ORCID

0000-0002-8723-690X

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra University Press

[www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

Contacto CONTACT

[imprensa@uc.pt](mailto:imprensa@uc.pt)

Vendas online ONLINE SALES

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial EDITORIAL COORDINATION

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica GRAPHICS

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia INFOGRAPHICS

Nelson Ferreira

Impressão e Acabamento PRINTED BY

KDP

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-1694-0

ISBN Digital

978-989-26-1695-7

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1695-7>

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, DA TECNOLOGIA  
E DAS COMUNICAÇÕES  
POCI/2010



Obra publicada no âmbito do projeto  
- UID/ELT/00196/2019.

© Setembro 2019

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Classica Digitalia Vniversitatis  
Conimbrigensis  
<http://classica.digitalia.uc.pt>  
Centro de Estudos Clássicos e  
Humanísticos da Universidade de  
Coimbra

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

# ANTOLOGIA GREGA. EPITÁFIOS (LIVRO VII) GREEK ANTHOLOGY. EPITAPHS (BOOK VII)

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO POR  
TRANSLATION, INTRODUCTION AND COMMENTARY BY  
Carlos A. Martins de Jesus

FILIAÇÃO AFFILIATION  
Universidade de Coimbra University of Coimbra

## RESUMO

O livro VII da *Antologia Grega* reúne um total de 748 epigramas que, salvo algumas exceções, respondem à categorização de epitáfios. Planudes copiou 582 destes epigramas, onze dos quais ausentes da tradição palatina, não sendo claro o critério que levou à exclusão dos outros 179 presentes em P.

Dialógico ou não, desde as suas origens o epitáfio encena, implicitamente que seja, uma relação efémera entre o defunto celebrado e outro indivíduo que o lê. Trata-se de imortalizar, de garantir que o primeiro mantém, por via da memória (*mnema*), uma relação com o mundo dos vivos, conseguida no momento em que o seu nome é pronunciado pelo transeunte que o lê na lápide.

## PALAVRAS-CHAVE

Antologia Grega, Epigrama, epitáfio, morte

## ABSTRACT

Book VII of the *Greek Anthology* gathers a total of 748 epigrams that are, in general, epitaphs. Planudes copied 582 of them, of which eleven are not in the *Palatinus*, and it is uncertain why he excluded the other 179 copied in P.

In the form of a dialog or not, since its origins the epitaph stages, even if implicitly, an ephemeral connexion between the deceased and the one who reads it. It is about immortalisation, about the dead keeping a link, by means of memory (*mnema*), with the world of the livings, achieved when his name is pronounced by the passer-by that reads it in the grave.

## KEYWORDS

Greek Anthology, Epigram, epitaph, death

## AUTOR

Carlos A. Martins de Jesus é doutorado em Estudos Clássicos (especialidade de Literatura Grega) pela Universidade de Coimbra, onde trabalha como investigador contratado, tendo desenvolvido uma investigação de Pós-doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia sobre a *Antologia Grega* (transmissão e tradução). Tem publicado um conjunto amplo de trabalhos, entre livros e artigos em revistas da especialidade, a maior parte dos quais dedicados à poesia grega e à sua tradução para português. Assinou a tradução das obras de diversos autores gregos (Arquíloco, Baquilides, Ésquilo, Aristófanes, Plutarco, entre outros), além de trabalhar continuamente na direção de teatro de tema clássico, em Portugal e Espanha.

## AUTHOR

Carlos A. Martins de Jesus has a PhD in Classical Studies (speciality of Greek Literature) by the University of Coimbra, and is currently working on a postdoctoral research founded by the Fundação para a Ciência e Tecnologia, on the *Greek Anthology* (transmission and translation). He has a large record of published works, both books and papers in periodical publications, mostly devoted to Greek poetry and its translation into Portuguese. He is the author of the Portuguese translation of several Greek authors' works (Archilochus, Bacchylides, Aeschylus, and Plutarch, among others), besides working continuously on classical theatre direction, both in Portugal and Spain.



Volume editado no âmbito do Pós-doutoramento em Estudos Literários financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, IP e pelo POPH.

(Página deixada propositadamente em branco)

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
1. A <i>Antologia Grega</i>	11
2. Epitáfios (livro VII)	14
BIBLIOGRAFIA	21
EPITÁFIOS (LIVRO VII)	25
ÍNDICE DE EPIGRAMATISTAS	291

(Página deixada propositadamente em branco)

# INTRODUÇÃO

## 1. A *ANTOLOGIA GREGA*

Parece remontar ao século IV a.C. o hábito de organizar antologias poéticas de um só autor – de que são exemplo as diversas coletâneas de *Simonidea* de que há notícia, com um conjunto de inscrições atribuídas ao poeta de Ceos, não necessariamente da sua lavra, muitas delas sequer suas contemporâneas. A prática ganharia um desenvolvimento mais evidente durante o século III a.C., quando os próprios poetas terão passado a organizar coletâneas das suas composições, que assim conseguiam maior divulgação – Ânite, Asclepiades, Calímaco ou Posidipo são disso exemplos. A verdade é que o epigrama deixara, há um século pelo menos, de ter como funcionalidade exclusiva a sua inscrição na pedra. Chegados ao século III a.C., a sua vertente ficcional, com os mais diversos temas e propósitos, tinha já ascendido à categoria de género literário, cedo se transformando na forma poética de eleição para a maioria dos autores. Tanto que a reunião antológica de epigramas de diversos autores, como bem explica Alan Cameron (1993: 4), mais do que uma opção, terá sido uma consequência inevitável.

A *Antologia Grega*, vulgarmente conhecida como *Antologia Palatina* devido ao principal manuscrito que no-la transmitiu, consiste nas edições modernas num vasto conjunto de epigramas em diversos metros, ainda que maioritariamente em dísticos elegíacos, organizado em dezasseis livros, e que perfaz a impressionante soma de mais de quatro mil componentes poéticos. Trata-se, inegavelmente, do maior florilégio poético em língua

grega conservado, recolhendo poemas de um vastíssimo lapso temporal, que na realidade cobre todos os períodos tradicionais da cultura Grega (arcaico, clássico, helenístico e bizantino). Transmitida essencialmente por dois códices, o chamado *Palatinus* (*Palatinus Graecus* 23 + *Parisinus Graecus Suppl.* 384 = **P**) de finais do século X e o autógrafo do século XIV de Máximo Planudes (*Marcianus Graecus* 481 = **PI**), depende maioritariamente de uma antologia epigramática que não conservamos, organizada por Constantino Céfalas nos inícios do século X, a qual terá reproduzido, sem muitas alterações (tal qual uma edição revista e aumentada), o anónimo copista de **P**. Céfalas, que provavelmente foi protopapa de Constantinopla, teria recuperado um conjunto de florilégios anteriores do epigrama grego, recorrendo sobretudo aos que organizara Meleagro (inícios do século I a.C.), Filipo (século I) e Agátias (século VI), aos quais acrescentou epigramas de outras fontes<sup>1</sup>, organizados temática e alfabeticamente.

Dizíamos antes que não é por acaso que mais comumente se conhece a *Antologia Grega* como *Antologia Palatina*. Se é certo que, desde o século XVIII, com as edições de Reiske (1754), Brunck (1772-1776) e Jacobs (1794-1814), é **P** a principal fonte de organização e edição da *Antologia Grega*, durante mais de três séculos e desde a sua *editio princeps*, pela mão de Láscaris (1494), foi a recensão de Planudes a única conhecida e divulgada. Apenas em 1606 Saumaise, que teria descoberto uma cópia do *Palatinus* num códice do séc. XI, começa a copiar os epigramas

---

<sup>1</sup> Além dos três florilégios principais, que desde logo nos permitem a transmissão de epigramas de um vastíssimo lapso temporal, tem-se como muito provável o uso direto de antologias pessoais de poetas com ampla presença na *Antologia*, como já referíamos, como sejam Estratão (livro XII), Páladas, Rufino ou Leónidas, além de recolhas autorais como os *Simonidea*, os *Anacreontea* ou coletâneas sobre Homero, por exemplo.

que faltavam à já conhecida *Antologia de Planudes*, não levando no entanto a bom porto o projeto da sua edição completa. A atual organização em dezasseis livros tematicamente organizados de epigramas depende da edição de Dübner (1846-1877)<sup>2</sup>, que pela primeira vez incluía num 16º livro os componentes apenas colacionados por Planudes, ausentes de toda a tradição manuscrita de **P**.

No que a traduções completas e sistemáticas diz respeito, até à data contamos com as seguintes edições bilíngues: a francesa da coleção Budé (Paris, Les Belles Lettres, 13 vols., 1929-1980), a inglesa de R. Patton (1916-1918, 5 vols., London, William Heinemann Lda.), a alemã de H. Beckby (1957-1965, 4 vols., München) e as duas italianas de F. M. Pontani (1978-1981, 4 vols., Torino, Einaudi) e M. Marzi (2005-2011, 3 vols., Torino, UTET). Se, por um lado, são de grande utilidade os volumes da *Antologia* da coleção Budé sobretudo pela extensão dos seus aparatos e das notas de pé de página e complementares – além de ter em marcha um processo de atualização de alguns livros pela inclusão sistemática da lição de algumas *syllogae minores* –, o texto-base da nossa tradução é o que consta dos dois volumes da edição de Beckby (1957-1965), sempre que possível confrontado com as edições (por autores) de Gow-Page (1965, 1968) e Page (1981). É propósito da presente série lograr, a médio-prazo, uma tradução completa em Português da *Antologia*, acompanhada das explicações mínimas necessárias a um leitor não familiarizado com a língua grega, sob a forma de introduções e notas de rodapé.

---

<sup>2</sup> À segunda edição da *Anthologia Graeca* de Jacobs (<sup>2</sup>1813-1817) se deve, na realidade, a primeira numeração dos poemas exclusivos da tradição *Planudea*, editados em apêndice à referida edição, pelo que é sua, em rigor, a *editio princeps* desses textos enquanto livro autónomo.

## 2. O LIVRO DOS EPITÁFIOS, OU OS GREGOS ANTE A MORTE

O livro VII da organização tradicional *Antologia Grega*, superado em extensão apenas pelos 827 epigramas retóricos do livro IX, ocupa os fólhos 217-326 de **P** e reúne um total de 748 epigramas<sup>3</sup> que, salvo algumas exceções que adiante se indicarão – não tão poucas quanto isso –, respondem à categorização de epitáfios. Planudes copiou 582 dos epigramas que compõem o livro que aqui se traduz, onze dos quais ausentes da tradição palatina<sup>4</sup>, não sendo claro o critério que levou à exclusão dos outros 179 presentes em **P**.

Diversas terão sido as fontes de Céfalas para a constituição desta extensa recolha de epitáfios. Independentemente do grau de probabilidade de um componente ter em algum momento estado inscrito num suporte material – assunto que, quando pertinente, se aflora nas notas à tradução –, as suas fontes, para este livro como para os demais, foram essencialmente literárias, sobretudo antologias autorais anteriores, de que os *Simonidea* são, uma vez mais, o exemplo mais imediato. Para o caso concreto do livro dos epitáfios, merecem especial referência dois florilégios: o *Pammetros* de Diógenes Laércio<sup>5</sup> e o *Peplos* pseudo-aristotélico, um florilégio de pequenos epitáfios de heróis homéricos que já Porfírio (séc. III) atribuía ao Estagirita<sup>6</sup>.

Há que situar o epitáfio nas origens do próprio género do epigrama. Como tal, sobretudo entre os componentes anónimos mais breves devem constar bastantes epigramas compostos para serem gravados na pedra que, a dada altura, foram copiados por um ou vários antologistas. Mesmo os epitáfios tardios, de

---

<sup>3</sup> Considerados os poemas que repetem numeração (2b, 23b, 254b, 507b e 557b), copiam-se na verdade 759 epigramas distintos.

<sup>4</sup> São eles *APL*. 21-31.

<sup>5</sup> Cf. nota ao núm. 57

<sup>6</sup> Sobre o *Peplos* e a sua circulação epigramática vd. Jesus (2015: 1-12).



quem conhecemos o autor e sabemos terem sido compostos exclusivamente com propósitos literários, a norma é que sejam breves (máximo de quatro dísticos)<sup>7</sup>, porquanto o que estava em causa era um exercício poético sobre uma forma que tradicionalmente vive da brevidade. Na sua mais remota origem, como ainda na contemporaneidade, o epitáfio inscrito busca apenas identificar o defunto, a sua ascendência, proveniência geográfica e, mais ou menos desenvolvido, o motivo da sua morte. Tudo o mais são acrescentos, desenvolvimentos narrativos e embelezamentos, dependentes do estilo e do gosto de cada poeta, ou de um mais lato contexto histórico e cultural.

Os elementos constitutivos mais frequentes do género são, na verdade, comuns aos epigramas do livro VII e a um conjunto de inscrições materialmente recuperadas pela arqueologia<sup>8</sup>. Começamos pela enunciação. Quem fala nos epigramas fúnebres é ora o defunto, ora o monumento, ora uma terceira pessoa (o poeta). E também os epitáfios dialogados<sup>9</sup> – normalmente entre o defunto e um transeunte, mas também entre este e a sepultura (ou parte dela) – remontam às mais antigas origens epigráficas do género. Se é claro, por um lado, que este subgénero se desenvolveu com aportações da tragédia e do mimo, o certo é que já no período arcaico ele encontra correspondência epigráfica, desenvolvendo-se em sentimento e patetismo durante o período helenístico<sup>10</sup>, para continuar ativo durante os séculos de Bizâncio. O núm. 307 de Paulo Silenciário, já do século VI da nossa era, mostra por via da paródia como devia ainda ser frequente essa prática.

---

<sup>7</sup> Apenas 34 componentes têm dez ou mais versos.

<sup>8</sup> Vd. Kurtz-Boardman (1971: 260-266) e Barrio Vega (1989b).

<sup>9</sup> Vd. Barrio Vega (1989a).

<sup>10</sup> Sobre os epitáfios dialogados, as suas origens, variantes e evolução, vd. Fantuzzi-Hunter (2004: 306-328).

Dialógico ou não, o epitáfio encena, mesmo que implicitamente, uma relação efêmera entre o defunto celebrado e outro indivíduo que o lê. Trata-se de imortalizar<sup>11</sup>, de garantir que o primeiro mantém, por via da memória (*mnema*), uma relação com o mundo dos vivos, conseguida no momento em que o seu nome é pronunciado pelo transeunte que lê o seu nome na lápide. A apóstrofe do caminhante, que viria a ser diretamente herdada pelo epitáfio latino, com a petição de que pare ante a sepultura e leia a inscrição, é por isso motivo estrutural mais do que frequente, detetado já em inscrições conservadas que datam de meados do século VI a.C. Reclama-se a atenção do desconhecido que passa, para quem tal deve constituir o cumprimento de um dever moral e religioso. Amiúde, pede-se-lhe também que transmita uma mensagem muito clara e quase sempre concisa, a da morte mesma do indivíduo que ali jaz, normalmente longe da terra pátria, sem que disso tenham conhecimento os seus familiares e amigos. Exemplo paradigmático é o famoso epitáfio de Leónidas e dos Espartanos mortos nas Termópilas (núm. 249, cit. Heródoto 7.228.2), cuja brevidade, mais além da discussão acerca da autoria de Simónides, parece sugerir a sua inscrição num qualquer monumento cívico comemorativo da coragem desses soldados. Ou outros, de distintas épocas e proveniências, como os núms. 499, 500, 502, 521 e 540, do grupo frequente dos epitáfios de naufragos que morreram longe da pátria. A sua tumba, não raro, é um cenotáfio (e.g. núm. 500; cf. núm. 569), lugar para a memória onde não jaz qualquer corpo, apenas um nome, uma lembrança.

---

<sup>11</sup> Em muitos casos surge o nome dos familiares mais próximos (pais, mães, esposos e irmãos), sobretudo nos epitáfios de crianças, noivas, noivos, jovens mães, ou mesmo de quem mandou construir a sepultura (e.g. núm. 277), nos raros casos em que esta figura não corresponde com nenhuma das anteriores.

Referimo-nos antes ao carácter fundamentalmente comemorativo dos epitáfios. Sob a capa do lamento pela morte, o que eles realmente pretendem é celebrar a vida de quem agora morreu, recordar para a posteridade a excepcionalidade ou exemplaridade de um indivíduo que, por muito normal que possa ter sido em vida, no momento da morte é o mais especial de quantos seres há. À parte esses epigramas de influxo e intuito satíricos, que nunca conheceram forma inscrita – de que são exemplo os núms. 681-688 que Páladas dedica a Géssio, indivíduo claramente fora do círculo dos seus amigos<sup>12</sup> – por norma um epitáfio busca exaltar as virtudes do defunto a que se refere, sejam elas físicas, morais, cívicas ou intelectuais. Se as virtudes guerreiras – comuns, por vezes linguisticamente, a guerreiros homéricos do âmbito do mito e soldados rasos mortos em combate – são mais centrais na época arcaica, a partir do século V a.C. parece privilegiar-se o bom-cidadão, detentor de sentido de justiça (*dikaiosyne*) e prudência (*sophrosyne*).

A época helenística traz consigo a *dessacralização* do epitáfio (e do epigrama em geral). Já não são apenas os varões ilustres – chefes políticos e militares, mas também poetas e filósofos – os mercedores de lamento fúnebre em forma de poesia. Ganham o eixo do epitáfio as virtudes relacionadas com a vida familiar, social e pessoal, a piedade para com os deuses e os homens. O género poético torna-se extremamente democrático e social, pleno de realismo<sup>13</sup>. Os mesmos motivos e a mesma emoção são postos na celebração (disso se trata, mais do que de um lamento) de um poeta como Homero a um pescador paupérrimo, de um guerreiro homérico a um soldado anónimo morto em combate,

---

<sup>12</sup> Vd. Bowra (1960: 91-95).

<sup>13</sup> Vd. Pollitt (1986: 141-147) e Fowler (1989: 4). Sobre o valor documental do epitáfio, e os limites desta interpretação, vd. Vêrilhac (1985: 85).

de uma rainha a uma simples meretriz. A mulher ganha uma posição determinante, multiplicando-se, por um lado, lamentos da maternidade interrompida pela *mors inmatura* de um ou mais filhos<sup>14</sup>, e por outro, da beleza e das delícias que a morte cortou a uma donzela ou a uma prostituta. Finalmente, o requinte é atingido com a criação de subgêneros como sejam o de epitáfios para animais (núms. 189-216, 364, 394, 693), de que são melhor exemplo os epigramas de Ânite de Tégea (núms. 190, 202, 208, 215, 312 e 745)<sup>15</sup>. Consequência da reutilização poética criativa dos temas e da linguagem dos epitáfios para humanos, a arqueologia demonstrou que eles podem ter conhecido forma inscrita, por certo no âmbito de círculos sociais aristocráticos.

Mas o livro VII da *Antologia* é também aquele em que se deteta um maior número de componentes que, facilmente se compreende, fogem à classificação de epitáfios, já sejam estes considerados na sua vertente epigráfica ou simplesmente de criação literária. O assunto e sobretudo a seleção vocabular de alguns epigramas levaram à sua inclusão errónea no livro dos epitáfios. Esse o caso de algumas dedicatórias (e.g. núms. 53, 119, 296, 430), descrições (e.g. núms. 379, 626, 641, 703, 705, 723, 748), episódios anedóticos (e.g. núms. 193, 195, 196, 198, 200, 201, 375), exortações (e.g. núms. 50, 175, 472, 650, 668, 736), enigmas (e.g. núm. 311) ou poemas satíricos (e.g. núms. 120-121). Merecem ainda referência os epigramas dedicados a homens ilustres que, podendo na verdade tratar-se de elogios fúnebres, nada prova essa sua finalidade (e.g. núms. 42, 81, 83-91, 89, 100, 108, 109, 139, 151, 407, 409, 411, 669, 670, 709, 718, etc.).

---

<sup>14</sup> Vd. Vêrilhac (1985), González González (2009) e Ferreira (2016).

<sup>15</sup> Vd. Rodrigues (2005, 2006).

O tema global da morte, num livro tão extenso, abre espaço a uma grande variação. Naqueles epigramas que podem constituir a melhor experiência de leitura deste volume, poetas helenísticos e bizantinos (sobretudo estes) trabalham o modelo estilístico do epitáfio tradicional à exaustão, manifestando um gosto crescente e que parece não ter limites pelo excepcional, pelo anedótico e, em muitos casos, pelo macabro, dado pelo grafismo da descrição de uma morte violenta (e.g. núms. 380, 401). A par da celebração das mortes mais comuns em combate, num naufrágio, durante o parto ou ao cabo de uma longa vida de trabalho – o mais comum, de facto, e aquilo que de documento histórico-sociológico tem este livro –, podemos ler casos de excepcional ironia trágico-cómica como o de sepulturas destruídas por um raio (e.g. núms. 48-49, 76, 564) ou por um tremor de terra (núm. 375), de mortos por mordedura de serpente (núms. 113, 172), de um velho enterrado vivo (núm. 336), do cadáver de um naufrago devorado pelos peixes (núms. 274, 276) ou de um pescador que morreu por acidentalmente engolir um isco (núm. 504).

Muito mais se poderia dizer acerca de um género que perpassou toda a cultura grega e do qual, no fundo, toda a cultura ocidental sobre a morte foi herdeira direta. Porém, o vasto número de componentes que aqui se traduzem reclamam sobretudo ser lidos e saboreados. Quantos tiveram já oportunidade de se passear por um cemitério de maiores dimensões – imaginemos a Recoleta, de Buenos Aires – poderão recordar, como no livro VII, epitáfios breves a par de outros, mais extensos e obra de poetas talentosos, partilhando o espaço com obras escultóricas de um vívido realismo, elas que, como amiúde nestes epigramas, são por vezes o narrador das inscrições que as acompanham. Herdeiros de um género criado para ser gravado sobre a pedra, estes epitáfios exigem um leitor ativo que

os visualize *in situ*, no contexto espacial do monumento (real ou imaginário) para o qual foram compostos.

Ontem como hoje, o género poético que nasceu para a pedra e nela continua a ser inscrito, é literariamente reformulado. Deixamos só um exemplo do mais elevado grau de genialidade com que isso pode ocorrer:

### EPITÁFIO DESCONHECIDO

Quanta mais alma  
Por mais que a alma ande no amplo informe,  
A ti, seu lar anterior, do fundo  
Da emoção regressou, ó Cristo, e dorme  
Nos braços cujo amor é o fim do mundo.

Fernando Pessoa, 26-6-1929<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> In: *Poesias Inéditas (1919-1930)*. Fernando Pessoa. (Nota prévia de Vitorino Nemésio e notas de Jorge Nemésio.) Lisboa, (1956 [repr. 1990]: 124).

## BIBLIOGRAFIA

- Barrio Vega, M. L. (1989a), “Epigramas dialogados: orígenes y estructura”, *CFC* 23: 189-201.
- Barrio Vega, M. L. (1989b), “Función y elementos constitutivos de los epigramas funerarios griegos”, *Eclás* 95: 7-20.
- Beckby, H. (1957-1965), *Anthologia Graeca*. Band 1, Buch I-VI, 1957; Band 2, Buch VII-VIII, 1957; Band 3, Buch IX-XI, 1958; Band 4, Buch XII-XVI, 1965. München.
- Bolmarcich, S. (2002), “Hellenistic sepulchral epigrams on Homer.” in Harder, M. A. et alii (eds.), *Hellenistic Epigrams*. Leuven: 67–83.
- Bowra. C. M. (1960), “The fate of Gessius”, *CR*: 91-95.
- Brunck, R. F. Ph. (1772-1776), *Analecta Veterum Poetarum Graecorum*. 3 vols. Estrasburgo.
- Cameron, A. (1993), *The Greek Anthology. From Meleager to Planudes*. Oxford.
- Dübner, F. (1846-1877), *Epigrammatum Anthologia Palatina cum Planudeis et appendice nova epigrammatum veterum ex libris et marmoribus ductorum*. Paris.
- Fantuzzi, M., Hunter, R. (2004), *Tradition and innovation in Hellenistic poetry*. Cambridge.
- Ferreira, L. N. (2013), *Mobilidade poética na Grécia antiga. Uma leitura da obra de Simónides*. Coimbra.
- Ferreira, L. N. (2016), “A bela morte das mulheres segundo o livro VII da *Antologia Palatina*”, *Humanitas* 68: 99-104.
- Fowler, B. H. (1989), *The Hellenistic Aesthetic*. Madison.
- González González, M. (2009), “El lamento de las madres en los epitafios griegos: una mirada a la *Antología Palatina*”, in Cid López, R. M. (coord.), *Madres y maternidades: construcciones culturales en la civilización clásica*. Oviedo: 115-127.

- Gow, A. S. F., Page, D. L. (1965), *The Greek Anthology. Hellenistic Epigrams*. Vol. I Introduction, text, and indexes of sources and epigrammatists; Vol. II Commentary and indexes. Cambridge.
- Gow, A. S. F., Page, D. L. (1968), *The Greek Anthology: the Garland of Philip*. 2 vols.
- Jacobs, Fr. (1794-1814), *Anthologia graeca sive poetarum graecorum lusus ex recensione Brunckii*. 5 vols. (+ 7 comm.). Leipzig.
- Jacobs, Fr. (1813-1817), *Anthologia graeca ad fidem codicis olim Palatinui, nunc Parisini ex apographo gothano edita*. 3 vols. Leipzig.
- Jesus, C. A. M. de (2015). *Pseudo-Aristotle. Epitaphs for the Heroes. Pepli Epitaphia (Appendix Planudea)*. Introduction, text, and commentary. Berlin.
- Kokolakis, M. (1995), "Zeus' tomb. An object of pride and reproach", *Kernos* 8: 123-138.
- Kurtz, D. C., Boardman, J. (1971), *Greek Burial Customs*. London.
- Láscaris, J. (1494), *Anthologia graeca Planudea*. Florença.
- Marzi, M., Conca, F., Zanetto, G. (2005-2011), *Antologia Palatina*. Vol. 1, libri I-VII, 2005; vol. 2, libri VIII-XI, 2009; vol. 3, libri XII-XVI, 2011. Torino.
- Page, D. L. (1981), *Further Greek Epigrams. Epigrams before A.D. 50 from the Greek Anthology and other sources, not included in 'Hellenistic Epigrams' or 'The Garland of Philip'*. Cambridge.
- Patton, W. R. (1916-1918), *The Greek Anthology* (5 vols.). London.
- Pollitt, J. J. (1986), *Art in the Hellenistic Age*. Cambridge.
- Pontani, F. M. (1978-1981), *Antologia Palatina*. Vol. 1, libri I-VI, 1978; vol. 2, libri VII-VIII, 1979; vol. 3, libri IX-XI, 1980; vol. 4, libri XII-XVI, 1981. Torino.



- Reiske, J. J. (1754), *Anthologiae graecae a Constantino Cephalo conditae libri tres...* 3 vols. Leipzig.
- Rodrigues, A. R. (2005), “Ânite de Tégea, a terceira musa I”, *Boletim de Estudos Clássicos*, 44: 43-58.
- Rodrigues, A. R. (2006), “Ânite de Tégea, a terceira musa II”, *Boletim de Estudos Clássicos*, 45: 23-30.
- Rosen, R. M. (2007), “The Hellenistic epigrams on Archilochus and Hipponax”. In Bing, P., Bruss, J. S., *Brill's Companion to Hellenistic Epigram down to Philip*. Leiden. Boston: 459-476.
- Sider, D. (1997), *The Epigrams of Philodemus. Introduction, text, and commentary*. Oxford, New York.
- Vérilhac, A.-M. (1985), “L'image de la femme dans les épigrammes funéraires grecques”, *La femme dans le monde méditerranéen. I. Antiquité*. Lyon, 85-112.
- Waltz, P, Desrousseaux, A.M., et alii (1938, repr. 2002), *Anthologie Grecque. Tome IV. Anthologie Palatine. Livre VII, épigrammes 1-363*. Paris.
- Waltz, P, Des Places, E., et alii (1941, repr. 2002), *Anthologie Grecque. Tome IV. Anthologie Palatine. Livre VII, épigrammes 1-363*. Paris.

(Página deixada propositadamente em branco)

## EPITÁFIOS (LIVRO VII)

(Página deixada propositadamente em branco)

## 1. DE ALCEU, POETA DE MESSENE

### *Epitáfios para Homero*

Aquele que cantou os heróis, Homero, na ilha de Ios uns rapazes  
o mataram de dor, propondo-lhe um enigma das Musas<sup>1</sup>.  
Mas as Nereides marinhas ungiram de néctar o seu cadáver  
e depositaram-no debaixo de um rochedo costeiro,  
pois honrara Tétis e o seu filho<sup>2</sup>, os combates dos restantes  
heróis e os estratagemas do filho de Laertes<sup>3</sup> de Ítaca.  
Bem-aventurada é Ios entre as ilhas do mar, pois escondeu,  
pequena como é, a estrela das Musas e das Graças.

## 2. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

### *Sobre o mesmo*

A Persuasão dos mortais, voz poderosa, cabeça cuja verve  
igualava as Musas – ó estrangeiro –, o Meónida<sup>4</sup>,  
calhou em sorte a este rochedo da ilha de Ios; em nenhuma  
além de mim exalou ele, ao morrer, o suspiro sagrado  
com que cantou a anuência todo-poderosa do Crónida<sup>5</sup>, o  
[Olimpo,  
a audácia de Ájax no combate junto aos navios<sup>6</sup>  
e Heitor, cujos ossos os cavalos Farsálios<sup>7</sup> de Aquiles

---

<sup>1</sup> O enigma é dito “das Musas” por ser em verso. Uma lenda muito antiga dizia que o poeta teria morrido de vergonha por não conseguir resolver um enigma a ele proposto por um grupo de rapazes (ou pescadores, segundo outras versões). Vd. Pausânias 10.24.2. Sobre os epitáfios do poeta, em especial os do período helenístico, vd. Bolmarcich (2002: 67–83).

<sup>2</sup> Aquiles.

<sup>3</sup> Ulisses.

<sup>4</sup> A biografia lendária de Homero dizia-o filho de um tal Méon, cidadão de Cumes ou rei da Lídia, segundo as versões.

<sup>5</sup> Zeus. Cf. *Iliada* 1.528.

<sup>6</sup> Canto 12 da *Iliada*.

<sup>7</sup> I.e. da Tessália.

arrastaram através da planície da Dardânia<sup>8</sup>.

Se, assim pequena, cubro tão grande herói, sabe que também  
Icos, terra de poucos sulcos, oculta o esposo de Tétis<sup>9</sup>.

## 2b. ANÓNIMO

*Sobre Homero*

Pequena sepultura que sou, caminhante, não me passes ao lado,  
antes vem honrar-me, coroando-me como aos deuses;  
pois aquele que mais que todos as Musas Piérides honravam,  
o divino poeta das epopeias, Homero, esse eu guardo.

## 3. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

Aqui, a terra cobre a cabeça sagrada que glorificou  
os heróis dos mortais, o divino Homero.

## 4. DE PAULO SILENCIÁRIO

*Sobre o mesmo*

Aqui, o sábio porta-voz das Piérides<sup>10</sup>, o divino Homero,  
uma tumba ilustre detém sob um rochedo costeiro.  
Se, pequena por natureza, a ilha pôde albergar tal homem,  
não há de espantar-te, estrangeiro, ante tal visão;  
também a irmã dela, Delos, andando errante, no passado  
recebeu das dores de parto de sua mãe o filho de Leto<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> Troia. A cena consta no início do canto 24 da *Iliada*.

<sup>9</sup> Peleu. Calímaco testemunha que nessa pequena ilha das Espórades (atual Alónissos) se localizava o túmulo de Peleu, que aí recebia culto como rei dos Mirmidões.

<sup>10</sup> As Musas.

<sup>11</sup> A ilha de Delos flutuava no mar até ao dia em que Leto aí deu à luz Apolo e Ártemis.

## 5. ANÓNIMO, OU DE ALCEU DE MITILENE

*Sobre o mesmo*

Nem que com o martelo um Homero todo feito em ouro  
 ergais, entre os relâmpagos fogueados de Zeus,  
 sou ou serei jamais de Salamina<sup>12</sup>, como não será o filho de Meles  
 de Demágoras – tal não vejam os olhos da Hélade!  
 Ide então investigar outro poeta: quanto a vós, Musas, e a ti,  
 Quios, cantareis os meus versos aos filhos dos Helenos.

## 6. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

*Sobre o mesmo*

Arauto das virtudes dos heróis, profeta dos deuses,  
 um segundo sol para a vida dos Helenos,  
 luz das Musas, Homero, voz que não envelhece do mundo  
 inteiro – esta areia da praia, estrangeiro, o cobre.

## 7. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

Está aqui o divino Homero, o que a Hélade inteira cantou,  
 o que outrora nasceu da Tebas de cem portas<sup>13</sup>.

## 8. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

*Sobre Orfeu [o poeta filho de Eagro e Calíope]*

Não mais, Orfeu, derrubarás com encantamentos carvalhos,  
 nem rochedos, nem trupes de feras de lei própria;  
 não mais adormecerás o ressoar dos ventos, nem o granizo,

---

<sup>12</sup> A Salamina de Rodes. Na Antiguidade, diversas cidades – cedo organizadas num grupo mais ou menos estável de sete – disputavam a naturalidade de Homero, mostra simbólica de poder. Cf. *AP* 16.297-298.

<sup>13</sup> A “Tebas de cem portas” (como na *Iliada* 9.383) é a do Egito, que vários autores defenderam ser a terra natal de Homero.

as rajadas de neve ou o romper das ondas mar.  
Agora já morreste! E tanto que te lamentaram as filhas  
da Memória<sup>14</sup>, mais que todas a tua mãe Calíope!  
Como lamentaremos os nossos filhos mortos, se de livrar  
os seus do Hades nem os deuses são capazes?

## 9. DE DAMAGETO

*Sobre o mesmo*

Orfeu, nas imediações das montanhas trácias do Olimpo  
esta tumba contém, o filho da Musa Calíope,  
a quem obedecem os carvalhos, a quem segue o rochedo  
sem alma e a trupe das feras que habitam a selva,  
o que outrora inventou os mistérios iniciáticos de Baco<sup>15</sup>  
e criou o verso submetido ao metro heroico<sup>16</sup>,  
o que com a lira amansou mesmo o pensamento grave  
de Clímeno e o seu coração insensível ao encanto<sup>17</sup>.

## 10. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

Quando morreu Orfeu, o filho de Calíope e Eagro,  
choraram sem fim as loiras filhas da Blistónia<sup>18</sup>,

---

<sup>14</sup> As Musas.

<sup>15</sup> Em Eléusis.

<sup>16</sup> O hexâmetro datílico, do qual Orfeu era o inventor mítico.

<sup>17</sup> Referência à catábase de Orfeu para resgatar Eurídice. Clímeno era o deus da terra, irmão de Ctónia. Em Trezena, por exemplo, era cultuado a par de Plutão, com o qual tardiamente se confundia.

<sup>18</sup> Região da Trácia, pela qual está como sinédoque.



ensanguentaram os braços tatuados<sup>19</sup> e com negra  
 cinza banharam os seus cabelos trácios.  
 Unidas ao lamento do deus Liceio de bela lira<sup>20</sup>,  
 as próprias Musas Piérides verteram lágrimas,  
 lamentando o cantor. Choraram-no também os rochedos  
 e os carvalhos, que antes encantava com a doce lira.

## 11. DE ASCLEPÍADES

*Sobre Erina*

Eis o doce labor de Erina, não muito grande, é certo,  
 por ser de uma jovem de dezanove anos,  
 mas superior ao de muitos outros; não me tivesse o Hades  
 chegado veloz, e quem teria deixado um tal nome?<sup>21</sup>

## 12. ANÓNIMO

*Sobre a mesma; sobre Erina de Mitilene<sup>22</sup>*

Quando de ti nascia uma primavera de canções de mel<sup>23</sup>,  
 quando cantavas ainda com a tua boca de cisne,  
 enviou-te para o Aqueronte, pela grande onda dos defuntos,

---

<sup>19</sup> As mulheres da Trácia costumavam tatuar os braços. Plutarco (*Moralia* 557d) conta a lenda segundo a qual os seus esposos (ou elas mesmas) as obrigaram a furar os braços com agulhas até fazer sangue, de forma a expiar a morte do herói às suas mãos.

<sup>20</sup> Apolo.

<sup>21</sup> Os núms. 12, 13 e 713 devem ser paráfrases deste epigrama, o qual devia encabeçar uma recolha poética dessa autora.

<sup>22</sup> Erina é dita “de Mitilene” por confusão com Safo, de quem uma tradição diz que foi discípula e amiga, aqui e no lema do núm. 710. É, no entanto, mais provável que tenha produzido no séc. IV a.C. Do pouco que se conserva da sua obra, recuperaram-se em 1928 fragmentos papirológicos de um poema (*A Roca*), que a *Suda* informa que seria composto por 300 hexâmetros, dedicado à morte prematura e antes do casamento da sua amiga Báucis (cf. núms. 710, 712).

<sup>23</sup> À letra, “geradas pelas abelhas”, demasiado extenso para o verso em tradução.

a Moira, senhora da roca que desfia o linho<sup>24</sup>.  
 Contudo, a obra admirável dos teus versos, Erina, proclama  
 que não morreste, antes te juntaste aos coros das Piérides.

### 13. DE LEÓNIDAS, OU MELEAGRO

*Sobre a mesma*

A abelha virgem do canto novo entre os poetas,  
 Erina, quando colhia as flores das Musas,  
 Hades a raptou para o himeneu<sup>25</sup>. Muito bem falou  
 o sábio rapaz: “És um ciumento, Hades!”<sup>26</sup>

### 14. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

*Sobre Safo*

É Safo, terra da Eólia, a que cobres, a que entre as Musas  
 imortais como Musa imortal é celebrada a cantar,  
 a que Cípris e Eros criaram juntos, com quem a Persuasão  
 sempre entrelaçava a grinalda imortal das Piérides,  
 delícia para a Hélade, e motivo de honra para ti! Ó Moiras,  
 que fiais o vosso fio triplamente entrançado na roca<sup>27</sup>!  
 Como foi que não fiastes um dia que sem fim para a cantora  
 que cultivou os dons imortais das filhas do Hélicon?

---

<sup>24</sup> As Moiras são as Parcas (nome latino), divindades que controlam o destino dos mortais e determinam o curso da vida humana, cujas decisões nem Zeus ousa contestar. São elas Cloto, Láquesis e Átropos. Cloto tece o fio da vida, Láquesis cuida da sua extensão, e Átropos – a que o epigrama refere – corta-o.

<sup>25</sup> I.e. para casar. O verso traz à memória o rapto de Perséfone, enquanto colhia violetas.

<sup>26</sup> Cf. núm. 712.3.

<sup>27</sup> Vd. nota ao núm. 12.4.

## 15. DO MESMO

*Sobre a mesma*

O meu nome é Safo! Levanto alto o cetro da canção  
feminina, como entre os homens o Meónida<sup>28</sup>.

## 16. DE PINITO

*Sobre a mesma*

Os ossos e o nome de Safo esta tumba muda guarda;  
as suas palavras sábias, essas, são imortais.

## 17. DE TÚLIO LÁUREA

*Sobre a mesma*

Ao passar por esta tumba eólica, estrangeiro, morta  
não me digas, a mim, a poetisa de Mitilene<sup>29</sup>!  
Isto aqui é trabalho das mãos dos homens, e semelhante  
obra de mortais redundando em veloz esquecimento.  
Agora, se me julgas pela graça das Musas, de cada uma  
das quais depusitei uma flor na minha novena<sup>30</sup>,  
saberás que escapo à sombra do Hades, e que não haverá  
momento do dia em que Safo, a poetisa, não seja lembrada.

---

<sup>28</sup> Homero.

<sup>29</sup> A numismática antiga prova que Mitilene se apoderou da paternidade de Safo, cunhando a sua efígie numa série de moedas. É provável que o epigrama tenha feito parte de um túmulo aí erigido postumamente à poetisa.

<sup>30</sup> A poesia de Safo tinha sido reunida, na edição alexandrina, em nove livros (rolos), um por cada Musa. O próprio termo *anthos* (cf. *anthologia*) faz deste verso uma síntese da técnica editorial e epigramática helenística, desde logo a de Meleagro.

## 18. DE ANTÍPATRO DE TESSALÓNICA

*Sobre Álcman*

Não tomes o homem pela pedra: esta tumba é pequena  
à vista, mas guarda os ossos de um grande mortal!  
Reconhecerás Álcman, da lira da Lacónia o excelente  
condutor, partícipe do número das nove Musas<sup>31</sup>.  
Há entre os continentes uma disputa, se ele é lídio<sup>32</sup>  
ou lacónio – muitas mães têm os poetas!

## 19. DE LEÓNIDAS

*Sobre o mesmo*

O gracioso Álcman, verdadeiro cisne quando entoava  
himeneus<sup>33</sup>, a cantar digno das Musas,  
esta tumba guarda, grande graça de Esparta, onde [o lídio]<sup>34</sup>,  
libertando-se do peso<sup>35</sup>, partiu para o Hades.

---

<sup>31</sup> I.e., do cânone helenístico dos nove poetas arcaicos: Alceu (séc. VII a.C.), Safo (séc. VII a.C.), Anacreonte (séc. VI a.C.), Álcman (séc. VII a.C.), Estesícoro (séc. VI a.C.), Íbico (séc. VI a.C.), Simónides (séc. VI a.C.), Baquilides (séc. V a.C.) e Píndaro (séc. V a.C.).

<sup>32</sup> Uma tradição antiga considerava o poeta originário da Lídia, de onde teria vindo, como escravo, para Esparta. Cf. núm. 709 (de Alexandre), que concilia ambas tradições biográficas.

<sup>33</sup> Esse o género do maior fragmento dele conservado, o *Grande Partenéion* (fr. 1 PMG).

<sup>34</sup> O texto é corrupto. Traduzimos, por comparação com o núm. 18.5, a lição de Planudes, admitindo que é possível que tenha havido uma contaminação na cópia.

<sup>35</sup> Da escravatura.

20. [DE SIMÓNIDES]<sup>36</sup>*Sobre Sófocles*

Já pereceste, velho Sófocles, fina-flor dos poetas,  
 ao comer um cacho de uvas de Baco<sup>37</sup>.

## 21. DE SÍMIAS [DE TEBAS]

*Sobre Sófocles*

Sófocles, autor da música para os coros, filho de Sófilo,  
 o astro ceocrópio<sup>38</sup> da Musa trágica,  
 cuja cabeça a hera flexível de Acarnas, florescente  
 em banquetes e teatros, tantas vezes corou,  
 esta tumba guarda sob um punhado de terra, mas a sucessão  
 dos séculos o contempla em páginas imortais.

## 22. DO MESMO

*Sobre o mesmo Sófocles, filho de Sófilo*

Docemente, hera, docemente vai trepando pela tumba  
 de Sófocles, exibindo os teus ramos verdes;  
 floresçam por toda a parte pétalas de rosa e a videira  
 com uvas espalhe à sua volta os ramos flexíveis  
 em homenagem à engenhosa ciência que o doce poeta  
 realizou, na companhia das Musas e das Graças.

---

<sup>36</sup> Por razões cronológicas óbvias, o epigrama não pertence ao poeta de Ceos.

<sup>37</sup> Segundo uma tradição, o poeta teria morrido ao comer um cacho de uvas não maduro que lhe oferecera o ator Calípides.

<sup>38</sup> I.e. ateniense. Cérops era um rei mítico de Atenas.

## 23. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

*Sobre Anacreonte*

Floresçam ao teu redor, Anacreonte, a hera em flor<sup>39</sup>  
e as suaves pétalas dos prados cor de púrpura;  
as fontes emanem leite de um branco resplandecente  
e da terra brote um doce vinho odorífero,  
para que a tua cinza e os teus ossos colham prazer,  
se aos mortos algum contentamento é dado.<sup>40</sup>

## 23b. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

Tu, querido, amante do *bárbiton*<sup>41</sup> querido, tu, que com o canto  
e o amor atravessaste todo o oceano da vida...

## 24. DE SIMÓNIDES

*Sobre o mesmo*

Vinha que a todos encantas, mãe do fruto que nos volve ébrios,  
tu, que geras a tortuosa elipse da gavinha em espiral,  
possas crescer florescente no topo da estela de Anacreonte  
de Teos e sobre o monte de terra ligeira desta tumba,  
para que o amigo do vinho, o amante de festas que bêbado  
tocava pela noite dentro a lira amante de rapazes,  
mesmo debaixo da terra, envergue no topo da sua cabeça  
um rico cacho de uvas pendendo de belos ramos;

---

<sup>39</sup> À letra, “de quádruplo corimbo”, referindo-se o último termo, por via de um composto apenas atestado neste ponto, à inflorescência da planta.

<sup>40</sup> O amor e o vinho – ou por outra, o amor em contexto simposíaco – são os temas que os Alexandrinos associaram a Anacreonte, a base dos epigramas tardios compostos sob o seu nome, os *Anacreontea*.

<sup>41</sup> Instrumento semelhante à lira, cuja invenção a tradição atribuía a Alceu de Mitilene, também relacionado com Safo e Anacreonte.

e que para sempre o inunde o húmido orvalho, mais suave  
do que quanto dizia o velho dos seus delicados lábios.

## 25. DO MESMO

*Sobre o mesmo*

Anacreonte, o poeta que pelas Musas foi imortal,  
esta tumba recebeu da sua pátria de Teos,  
ele que, respirando os cantos das Graças e dos Amores,  
se acomodou ao doce desejo dos rapazes.

No Aqueronte, o que o aflige não é ter deixado  
aqui o sol para encontrar as moradas do Letes<sup>42</sup>,  
mas ter abandonado o amável Megisto na companhia  
dos jovens e o amor do trácio Esméridis.

Não renuncia à melodia de doce mel; e o *bárbiton*,  
nem depois de morto o silenciou no Hades.

## 26. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

*Sobre o mesmo*

Estrangeiro! Ao passares ante a humilde tumba de Anacreonte,  
se de facto algum proveito te adveio dos meus livros,  
faz à minha cinza uma libação, libação pura, para que com vinho  
se alegrem os meus ossos molhados de orvalho;  
pois eu, que me ocupava das bacanais festas de Dioniso,  
eu, que fui criado entre a harmonia amiga do vinho,  
mesmo depois de morto não saberei habitar, afastado de Baco,  
esse lugar a que está fadada toda a raça dos mortais.

---

<sup>42</sup> Rio da topografia mítica do Hades, cujo nome significa “esquecimento”.

## 27. DO MESMO

*Sobre o mesmo*

Entre os bem-aventurados, Anacreonte, honra da Iónia,  
    não sejas tu privado de amáveis cortejos e da lira!  
Possas tu ainda cantar, brilhantes os teus olhos de amor  
    e agitando na cabeça perfumada uma grinalda<sup>43</sup>,  
voltando-te ora para Eurípide, ora para esse Megisto  
    ora para as tranças cicónias<sup>44</sup> do trácio Esmérdis,  
jorrando vinho doce e, encharcadas as vestes de Baco,  
    espremendo das túnicas o néctar sem mistura<sup>45</sup>.  
É que para os três – para as Musas, Dioniso e o Amor –,  
    meu velho, a tua vida toda foi já uma libação.

## 28. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

Estrangeiro! Ao passares junto a esta tumba de Anacreonte,  
    entra<sup>46</sup> e faz-me libações – é que sou dado ao vinho!

## 29. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

*Sobre o mesmo*

Dormes entre os mortos, Anacreonte, após belo trabalho,  
    dorme a doce cítara que à noite ganhava voz;  
dorme Esmérdis, primavera dos Desejos, para quem tocavas  
    o *bárbiton*, acomodando uma harmonia de néctar.

---

<sup>43</sup> Literalmente, “uma flor”.

<sup>44</sup> A Cicónia ficava na região da Trácia.

<sup>45</sup> Não é claro o sentido do verso, corrigido por **PI** para “derramando nas taças o néctar puro”. Mantida a lição de **P**, pode querer significar uma ação com o intuito de aproveitar cada gota de vinho.

<sup>46</sup> Este tipo de sepulturas, além da estela onde constava a inscrição, era cercada por um pequeno muro, dentro do qual se podia entrar para prestar homenagem.



Nascido para ser o guarda do Amor dos jovens, para ti apenas  
 ele<sup>47</sup> apontava o seu arco e as flechas que fitam ao longe.

### 30. DO MESMO

*Sobre o mesmo*

Eis a tumba de Anacreonte. Aqui repousa o cisne  
 de Teos, a loucura desmedida por rapazes.  
 A propósito, parece que a lira ainda ressoa por Bátilo  
 com ternura, e o mármore branco cheira a hera.  
 Nem o Hades pôs fim aos teus amores; no Aqueronte,  
 sentes ainda por inteiro os ardores de Cípris.

### 31. DE DIOSCÓRIDES

*Sobre o mesmo*

Tu, que pelo trácio Esmérdis ardias no mais fundo dos ossos,  
 senhor do cortejo e de toda a espécie de velada noturna,  
 Anacreonte querido às Musas, que tantas vezes, por Bátilo,  
 derramaste sobre as taças uma lágrima fresca!  
 Por si mesmas jorrem, para ti, fontes de vinho sem mistura,  
 e dos bem-aventurados libações de néctar ambrosíaco;  
 por si mesmos os jardins te ofereçam a violeta, a flor da tarde,  
 e os mirtos se alimentem de um orvalho delicado,  
 para que, mesmo no seio de Deo<sup>48</sup>, ébrio dances com graça,  
 estendendo os braços para a dourada<sup>49</sup> Eurípile.

---

<sup>47</sup> Eros (o Amor), segundo a sua iconografia tradicional dotado de um arco e uma aljava com flechas.

<sup>48</sup> Deméter, i.e., a terra.

<sup>49</sup> I.e. loura. A utilização de dourada (*chryse*) visa uma aproximação com Afrodite, de quem o termo era epíteto comum.

### 32. DE JULIANO, PREFEITO DO EGITO

*Sobre o mesmo*

Muitas vezes cantei, e do fundo da tumba vou gritar:

“Bebei, antes que vos envolva esta cinza!”

### 33. DO MESMO

*Sobre o mesmo*

– Bebeste muito e morreste, Anacreonte. – Mas aproveitei bem!

Também tu, bebas ou não bebas, hás de ir parar ao Hades.

### 34. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

*Sobre Píndaro*

A corneta da Piéria<sup>50</sup>, o sábio artífice de hinos  
puros, Píndaro, esta cinza agora cobre.

Se ouvires o seu canto, dirás que foi com as Musas

das bodas de Cadmo<sup>51</sup> que moldou o seu enxame<sup>52</sup>.

### 35. DE LEÓNIDAS

*Sobre o mesmo*

Amável para os estrangeiros este homem, amigo dos cidadãos,

Píndaro, o servidor das Musas de bela voz.

### 36. DE ERÍCIO

*Sobre Sófocles [o ateniense, filho de Sófilo]*

Para sempre, sobre a tua estátua brilhante, divino Sófocles,

---

<sup>50</sup> I.e. das Musas.

<sup>51</sup> As Musas cantaram nas bodas de Cadmo com Harmonia (cf. Píndaro, *Píticas* 3.90-92).

<sup>52</sup> I.e., o coro que executava as odes.

a hera dos teatros<sup>53</sup> estenda os seus pés delicados;  
 esteja para sempre rodeada de abelhas, as filhas do touro<sup>54</sup>,  
 a tua tumba, recebendo libações do Himeto<sup>55</sup>,  
 para que corra a cera<sup>56</sup> [sempre brilhante] para a tua tabuinha  
 ática e sempre tenhas a cabeça coberta de coroas.

### 37. DE DIOSCÓRIDES

*Sobre o mesmo*

- Esta tumba, meu caro, é de Sófocles, aquele que as Musas  
 me confiaram como sagrado tesouro, sagrado que sou;  
 foi ele quem me recolheu em Fliunte, onde pisava o cardo,  
 e da madeira soube fazer uma estátua de ouro<sup>57</sup>  
 e me vestiu esta suave veste de púrpura. Quando morreu,  
 aqui dei descanso ao meu pé feito para a dança.  
 – Afortunado, belo sítio te foi dado! E a máscara careca  
 que tens nas mãos, a que peça pertence ela?  
 – Queiras tu chamar-lhe Antígona, ou mesmo Electra<sup>58</sup>,  
 não te enganas – ambas são obras-primas.

### 38. DE DIODORO

*Sobre Aristófanes*

O divino corpo de Aristófanes tenho aos pés; sabes qual?

<sup>53</sup> Assim dita porque com ela se coroavam os poetas vencedores.

<sup>54</sup> A lenda de Aristeu, segundo a qual as abelhas nasceriam do ventre dos touros imolados. Cf. Virgílio, *Geórgicas* 4.554 sqq.

<sup>55</sup> A tradição diz que este monte, a sul de Atenas, era povoado por um sem fim de abelhas, produtoras do mais doce mel.

<sup>56</sup> Sobre a qual se escrevia.

<sup>57</sup> Fala um sátiro, cuja estátua – antes rude, de madeira, agora de ouro, representando um ator trágico – estaria junto à sepultura.

<sup>58</sup> As duas heroínas cujas peças homónimas seriam, já ao tempo de Dioscórides – justamente quando se formava o cânone das tragédias –, símbolo máximo da arte de Sófocles.

O poeta cómico, monumento dos coros antigos.

### 39. DE ANTÍPATRO DE TESSALÓNICA

*Sobre Ésquilo*

O que primeiro elevou o verbo e o canto  
sublime a um estilo eloquente,  
Ésquilo, o filho de Eufrónio, longe da terra de Elêusis  
repousa, com a sua tumba honrando a Trinácia<sup>59</sup>.

### 40. DE DIODORO

*Sobre o mesmo*

Ésquilo – assim diz esta pedra sepulcral – aqui jaz,  
o ilustre, longe da sua pátria cecrópia<sup>60</sup>,  
junto às águas brancas do Gela, na Sicília. Ai, a inveja  
que do talento têm ainda os filhos de Teseu<sup>61</sup>!

### 41. ANÓNIMO

*Sobre Calímaco*

Afortunado, comensal muito caro às Musas imortais,  
salve, Calímaco, mesmo nas moradas do Hades!

### 42. ANÓNIMO

Ai, grande e nobre sonho do sábio filho de Bato<sup>62</sup>,  
com razão eras de corno e não de marfim<sup>63</sup>!  
Revelaste-nos coisas antes ignoradas pelos homens

---

<sup>59</sup> Nascido em Elêusis, Ésquilo teria morrido exilado na Sicília.

<sup>60</sup> Atenas.

<sup>61</sup> I.e. os Atenienses, que exilaram o poeta.

<sup>62</sup> Calímaco.

<sup>63</sup> Desde Homero (*Odisseia* 19.562-563), dos Infernos saíam pela porta de corno os sonhos verdadeiros, e pela de marfim os enganadores.

a propósito dos imortais e dos semideuses,  
quando, levantando voo da Líbia, para o Hélicon  
o trouxeste e colocaste entre as Musas;  
ele as interrogava sobre as *origens* dos heróis de outrora  
e dos deuses, e elas respondiam em troca<sup>64</sup>.

#### 43. DE ÍON

*Sobre Eurípides*

Salve, Eurípides, entre as grutas vestidas de negro<sup>65</sup>  
da Piéria, lugar da tua cama da noite eterna!  
Sabe, mesmo debaixo da terra, que imortal será a tua glória,  
tal qual as graças que sempre jorram de Homero.

#### 44. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

Se um destino cheio de lágrimas te destruiu, Eurípides,  
se foste refeição para os cães devoradores de lobos,  
tu, o melodioso rouxinol do teatro, o astro de Atenas,  
o que a sabedoria misturava às graças das Musas,  
recebes agora sepultura em Péla, para que o servidor  
das Piérides esteja perto do recinto das Piérides<sup>66</sup>.

<sup>64</sup> Alusão aos *Aitia* (*As Origens*) de Calímaco, poema em quatro livros de que apenas nos chegaram fragmentos.

<sup>65</sup> O epíteto *melampepos* (“vestido de negro”) é de difícil entendimento. Pode, no entanto, aludir à espessa folhagem dessa zona de floresta intensa da Macedónia (apud Waltz 1938, repr. 2002: 76), razão pela qual a lição dos manuscritos foi por alguns editores corrigida por *melampetalos* (“de negra folhagem”).

<sup>66</sup> Péla, na Macedónia, ficava mais próxima do que Atenas do monte Pireu, cujo herói homónimo era o pai das nove Musas.

#### 45. DE TUCÍDIDES, O HISTORIADOR

*Sobre o mesmo*

A Hélade inteira é sepultura de Eurípides, mas os ossos estão  
na Macedónia – foi ela que acolheu o termo da sua vida.  
A sua pátria, a Hélade da Hélade, Atenas. Tendo muito  
[colhido  
das Musas, de muitas coisas recebe agora a recompensa.

#### 46. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

Não te recorda esta sepultura, Eurípides, mas tu a ela:  
com a tua glória se reveste esta sepultura.

#### 47. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

A Acaia inteira é tua sepultura, Eurípides;  
e não estás mudo, mas ainda és muito falado.

#### 48. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

As tuas carnes delicadas, dominadas pelos golpes do fogo  
[bem trabalhado], acenderam a mistura e arderam.<sup>67</sup>  
Apenas ossos mudos há nesta tumba de muitas lágrimas,  
e um esforço<sup>68</sup> para os transeuntes que por aqui passam.

---

<sup>67</sup> O epigrama nada parece ter que ver com Eurípides. O manuscrito contém a indicação manuscrita de, neste ponto, ter sido atingido pelo fogo, o que pode ter levado a uma reconstituição problemática do texto – cujo sentido, sobretudo o do primeiro dístico – é bastante obscuro, parecendo que há palavras fora de lugar –, e a considerá-lo sobre a mesma personagem do número seguinte.

<sup>68</sup> A obrigação de lamentar-se perante uma sepultura encontrada no

## 49. DE BIANOR DA BITÍNIA

*Sobre o mesmo*

A poeira da Macedónia da tumba te cobriu; mas, atingido  
 pelo raio de fogo de Zeus, abriste a terra ao ar livre<sup>69</sup>.  
 Por três vezes acendido, Eurípides, por vontade de Zeus o éter  
 lavou o que tinha de mortal esta tua sepultura.

## 50. DE ARQUIMEDES

*Sobre o mesmo*

Não percorras – nem tentes – o caminho de Eurípides,  
 tão penoso para os homens, meu poeta!  
 Parece bem plano e cheio de rosas; para quem o percorre,  
 porém, é mais duro do que se de cruéis estacas.  
 É como Medeia, a filha de Eetes: se a abordas à superfície,  
 sem memória jazerás enterrado. Deixa-te de coroas!<sup>70</sup>

## 51. DE ADAIO

*Sobre o mesmo*

Não te levou a raça dos cães, Eurípides, nem o aguilhão  
 de uma mulher, estranho que eras à Cípris da sombra<sup>71</sup>,  
 mas o Hades e a velhice. Debaixo da macedónia Aretusa

---

caminho. Seja qual for o sentido do epigrama, a sua leitura provoca uma sensação de pessimismo a propósito do próprio ritual fúnebre.

<sup>69</sup> Plutarco (*Licurgo* 31.5) conta que a sepultura de Eurípides teria sido atingida por um raio.

<sup>70</sup> I.e., a César (Eurípides) o que é de César – o engenho suficiente para fazer uma *Medeia*. O epigrama parece dirigido a um poeta inexperienced que disse ter feito uma tragédia sobre o mesmo assunto.

<sup>71</sup> Possível sugestão à indiferença do poeta com relação a amores furtivos ou proibidos. Waltz (1938, repr. 2002: 79) viu neste ponto a referência a uma tragédia perdida onde apareceria a expressão “umbrosa Cípris”, sugerindo a inclusão do epigrama entre os fragmentos do autor.

repousas, honrado pela companhia de Arquelau<sup>72</sup>.  
Para mim, porém, não está aqui a tua tumba; essa, são os  
palcos de Baco e as cenas [pisadas] em coturno<sup>73</sup>.

## 52. DE DEMIURGO

*Sobre Hesíodo*

A coroa e ornamento da Hélade de vastos campos, o poeta  
da raça de Ascra<sup>74</sup>, Hesíodo, eu conservo.

## 53. ANÓNIMO

*Dedicatória sobre o mesmo Hesíodo*

Eu, Hesíodo, às Musas Helicónias isto<sup>75</sup> dedico,  
por no canto ter vencido em Cálcis o divino Homero<sup>76</sup>.

## 54. DE MNASALCAS

*Sobre o mesmo*

Ascra foi a sua pátria de campos férteis, mas depois de morto  
os ossos de Hesíodo a terra dos Mínios<sup>77</sup> condutores de  
[cavalos  
os guarda, o que entre os mortais tem a glória mais imensa,  
julgados os homens pela pedra-de-toque da sabedoria.

---

<sup>72</sup> Descendente de Hércules, Arquelau passou um tempo na Macedónia, na corte do rei Cisseu, e passava na Antiguidade tardia por ser antepassado de Alexandre.

<sup>73</sup> O calçado tradicional dos atores do teatro grego.

<sup>74</sup> Na Beócia, no sopé do monte Hélicon.

<sup>75</sup> Deve tratar-se de um tripé com este dístico inscrito. O epigrama estaria talvez melhor localizado no livro VI da *Antologia*.

<sup>76</sup> Cf. Hesíodo, *Trabalhos e Dias* 655 sqq.

<sup>77</sup> Orcómeno, na Beócia.



## 55. DE ALCEU [DE MESSENE]

*Sobre o mesmo*

Num bosque umbroso da Lócride, vieram as Ninfas  
 lavar o cadáver de Hesíodo nas suas fontes  
 e esta tumba lhe ergueram. Rebanhos de cabras a salpicaram  
 de leite que com o louro mel tinham misturado.  
 Algo assim também o velho proferia, ele que bebera  
 das águas puras das nove Musas.

## 56. ANÓNIMO

*Sobre Demócrito [de Abdera]*

Eis aqui o fim do riso de Demócrito! Ele, dirá sem dúvida:  
 “Não dizia eu, a rir, que tudo é uma gargalhada?<sup>78</sup>  
 Eu próprio, depois de uma sabedoria sem fim e tão grande  
 número de livros, jazo sob esta tumba irrisória.”

57. [DE DIÓGENES LAÉRCIO]<sup>79</sup>

*Sobre o mesmo*

Quem foi assim sábio por natureza? Quem fez obra tão grande  
 quanto a minha, a do enciclopédico<sup>80</sup> Demócrito?

---

<sup>78</sup> Há anedotas segundo as quais Demócrito (ca. 460 a.C. – 370 a.C.), o principal pré-Socrático atomista, ria e gargalhava de tudo e dizia que o riso tornava o homem sábio, o que o levou a ser conhecido, durante o Renascimento, como “o filósofo que ri”. Cf. Séneca, *Da Ira* 2.10; Eliano, *História Vária* 4.20.

<sup>79</sup> Os núms. 57, 85-133, 620, 706 e 744 foram retirados da *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* de Diógenes Laércio (séc. III) para incluírem a *Antologia Grega*. Olhando mais em detalhe, percebe-se que o compilador da *Antologia* manteve a ordem cronológica com que surgem nessa obra. O próprio Diógenes afirmou ter incluído nas *Vidas*, entre epigramas colhidos de outros poetas, alguns da sua autoria, que teriam integrado a sua obra perdida *Pammetros*. Parece ser o caso dos núms. 57, 85, 87, 118, 123 e, provavelmente, do núm. 124.

<sup>80</sup> Em grego, *pantodaes* (‘o que tudo sabe’).

Quem teve em casa a presença da Morte durante três dias  
e a manteve entretida com o cheiro de pão quente?<sup>81</sup>

## 58. DE JULIANO, PREFEITO DO EGITO

*Sobre o mesmo*

Embora governes uma terra de mortos que nunca sorriem,  
Perséfone<sup>82</sup>, recebe a alma sorridente de Demócrito  
com benevolência – é que também aquela que te gerou,  
apenas o riso afastou o seu lamento por ti<sup>83</sup>.

## 59. DO MESMO

*Sobre o mesmo*

Recebe, Plutão, o bem-aventurado Demócrito, para que  
[também tu,  
senhor de um povo que não sorri, tenhas um sorridente  
[no lote.

## 60. DE SÍMIAS

*Sobre Platão*

Superior aos mortais em virtude e justeza de caráter,  
aqui jaz um homem divino – Aristocles<sup>84</sup>.  
Se de todos os mortais alguém tem bom lote de sabedoria,  
este aqui tem o maior, e não atrai a inveja.

---

<sup>81</sup> No final da vida, quando já o cuidava a irmã, para que esta pudesse assistir ao festival das Tesmofórias o filósofo manteve-se durante três dias apenas do cheiro dos pães no forno, incapaz que era já de engolir. Cf. Diógenes Laércio 9.43; Ateneu 2.46.

<sup>82</sup> Na sua valência de divindade do mundo inferior, para onde a raptara Hades.

<sup>83</sup> Apolodoro (1.5.1) conta a lenda segundo a qual Deméter, inconsolável, foi levada a rir por Iambe (heroína epónimo do género iâmico).

<sup>84</sup> Esse o primeiro nome de Platão. Cf. Diógenes Laércio 3.41.

## 61. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

A terra, no seu seio cobre neste lugar o corpo de Platão,  
 mas a sua alma ostenta o rango dos imortais,  
 a do filho de Ariston. Honra-o, mesmo que de longe,  
 o homem de bem, na mira de uma vida divina.

## 62. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

– Águia, porque frequentas esta tumba e a mando de quem?  
 [Diz-me,  
 porque contemplas a morada estrelada dos deuses?  
 – Da alma de Platão que esvoaçou para o Olimpo sou a  
 [imagem;  
 o corpo dele, nascido da terra, a terra ática o guarda.

## 63. ANÓNIMO

*Sobre Diógenes [o cínico]*

Recebe-me a mim, Diógenes o cão<sup>85</sup>, ó barqueiro dos mortos!  
 A mim, que revelei a sobrançeria de toda a vida.

## 64. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

– Diz-me, cão, de que homem é a sepultura que guardas?  
 – Do Cão. – E quem é esse homem, o tal do Cão?

---

<sup>85</sup> Diógenes de Sinope, c. 404-323 a.C., tornou-se um mendigo que habitava as ruas de Atenas, fazendo da pobreza extrema uma virtude. Diz-se que terá vivido num grande barril – o que lhe valeu o cognome de cão – e que deambulava pelas ruas com uma lamparina, durante o dia, em busca de homem honesto.

– Diógenes. – Diz a sua raça. – De Sinope. – O que vivia  
[num tonel?

– Esse. Hoje, já morto, tem os astros por morada.

## 65. DE ANTÍPATRO

*Sobre o mesmo*

Eis a tumba de Diógenes, o sábio cão, o que outrora,  
de másculo coração, levava a vida despido,  
a quem só a carteira, o manto de peregrino<sup>86</sup> e o bastão  
acompanhavam, armas de sabedoria autocrata.  
E vós, insensatos, fora desta sepultura, pois o de Sinope  
odeia toda a espécie de malvado, até no Hades.

## 66. DE HONESTO

*Sobre o mesmo*

O bastão, a carteira, o manto de peregrino, do filósofo  
Diógenes eram a bagagem de vida mais ligeira.  
Tudo vou entregar ao barqueiro: não deixo nada sobre a terra.  
Vamos, cão, acaricia o pelo do cão que sou, Cérebro!

## 67. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

*Sobre o mesmo*

Triste diácono de Hades<sup>87</sup>, tu que atravessas esta água  
do Aqueronte nessa tua barca sombria,  
recebe-me, mesmo que já cheio de defuntos esteja o teu  
grande e terrível batel; a mim, o cão Diógenes.  
Comigo só embarcam a cabaça<sup>88</sup>, a carteira, o velho manto

---

<sup>86</sup> Um manto de tecido grosseiro usado pelos pobres e pelos filósofos que queriam aparentá-lo. Cf. a mesma peça referida no núm. seguinte.

<sup>87</sup> Caronte.

<sup>88</sup> De água, entenda-se.

e o óbolo com que os mortos pagam a passagem.  
Tudo quanto possuía entre os vivos, isso vem comigo  
para o Hades – não deixo nada debaixo do sol.

## 68. DE ÁRQUIAS

*Sobre o mesmo*

Condutor dos mortos de Hades, agraciado pelas lágrimas de  
[todos,  
tu que atravessas esta água profunda do Aqueronte,  
se a tua barca passar pelas sombras dos que estão acabados,  
não me deixes ficar em terra, a mim, Diógenes o cão.  
Uma cabaça, um bastão e um manto duplo é tudo o que levo  
comigo, mais o óbolo para pagar a passagem.

## 69. DE JULIANO, PREFEITO DO EGITO

*Sobre Arquíloco*

Cérbero, que aos mortos lanças o teu latir horrível,  
agora tremes tu de medo, e de um mortal.  
Arquíloco acaba de morrer. Guarda-te da penetrante  
cólera dos iampos, obra de boca amarga.  
Conheces a grande força do seu clamor, quando as duas  
filhas de Licambas<sup>89</sup> uma mesma barca levou.

---

<sup>89</sup> Conta a lenda que Licambas e Telésicles, este último pai do poeta Arquíloco (primeira metade do séc. VII a.C.), teriam arranjado o casamento entre os filhos quando se deslocaram a Delfos. Mais tarde, por razões que desconhecemos, Licambas terá recusado a mão da filha, Neobule, dando assim motivação para o projeto poético de desonra da sua família. Os versos produzidos teriam sido tão duros que toda a família cometeu suicídio por enforcamento (apenas algumas filhas em algumas fontes). A lenda, edificante da imagem de Arquíloco, era como a de Hipónax um tema da epigramática helenística. Vd. núms. 70-71, 351, 352 e 674 e Rosen (2007: 459-476).

## 70. DO MESMO

*Sobre o mesmo*

Agora mais que antes guarda as portas do teu poderoso  
abismo, cão de três cabeças e de olhos sem sono!  
Se é certo que abandonaram a luz do sol fugindo à cólera  
dos iampos de Arquíloco as filhas de Licambas,  
como não deixarão todas as almas os portais destes antros  
sombrios, fugindo ao terror dos seus ataques?

## 71. DE GETÚLICO

*Sobre o mesmo*

Este túmulo costeiro é de Arquíloco, que em tempos a azeda  
Musa foi o primeiro a armar da cólera de Equidna<sup>90</sup>,  
manchando de sangue a quietude do Hélicon. Sabe-o Licambas,  
que lamenta sempre o enforcamento das três filhas.  
De mansinho, passa ao lado dele, caminhante, e não ouse  
despertar as vespas<sup>91</sup> que rodeiam o seu túmulo.

## 72. DE MENANDRO, O CÓMICO

*Sobre Epicuro e Temístocles*

Salve, dupla linhagem de um Néocles<sup>92</sup>, vós que salvastes  
a vossa pátria, um da escravatura<sup>93</sup>, outro da ignorância<sup>94</sup>.

---

<sup>90</sup> Uma titã, a “mãe de todos os monstros”, esposa de Tífon e mãe de Cérbero, Equidna era uma criatura com tronco de mulher e cauda de serpente em lugar dos membros que vivia numa caverna no Peloponeso ou na Síria.

<sup>91</sup> O aguilhão das vespas foi imagem da poesia invetiva de Arquíloco até pelo menos ao Renascimento, onde surge ainda nos *Emblemas* de Alciato.

<sup>92</sup> Os pais de ambos partilhavam esse nome.

<sup>93</sup> Temístocles, ao vencer os Persas em Salamina (480 a.C.), comandados por Xerxes.

<sup>94</sup> Epicuro, porquanto era filósofo. Cf. nota ao núm. 106.

## 73. DE GÉMINO

*Sobre Temístocles*

Em vez de uma tumba de pedra põe a Hélade, sobre ela põe  
 uns navios, símbolo da destruição da frota bárbara,  
 e na base do túmulo grava a toda a volta o Ares dos Persas  
 e Xerxes – com isso faz a sepultura de Temístocles.  
 Que Salamina<sup>95</sup> encime a estela e conte os meus feitos.  
 Porque me pondes, um grande, entre os pequenos?

## 74. DE DIODORO

*Sobre o mesmo [Temístocles, enterrado na Magnésia junto ao  
 rio Meandro]*

A Temístocles ergueu esta tumba hospitaleira o povo da  
 [Magnésia,  
 quando, tendo salvado a sua pátria dos Medos<sup>96</sup>,  
 foi sepultado em terra e com pedra estranha. Assim quis  
 a inveja – é que as virtudes têm menor recompensa.

## 75. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]

*Sobre Estesícoro*

Estesícoro, imensa e sem medida voz da Musa,  
 o solo ardente de Catana<sup>97</sup> enterrou,

---

<sup>95</sup> I.e. uma imagem da ninfa homónima da cidade onde se deu a vitória sobre os Persas, em 480 a.C. Temístocles (c. 524-459 a.C.), ficara conhecido sobretudo por juntar tal frota naval capaz de vencer os Persas de Xerxes em Salamina. Vd. infra, núms. 235-237.

<sup>96</sup> Outro nome para os Persas.

<sup>97</sup> Catana situava-se no sopé do Etna. Segundo a *Suda*, perto de uma das portas da cidade, que levava o nome do poeta, encontrava-se o seu recinto tumular octogonal.

ele, que pela doutrina natural de Pitágoras<sup>98</sup> a alma  
antiga de Homero no peito realojou.

## 76. DE DIOSCÓRIDES

*Sobre Filócrito*

Abandonando o comércio<sup>99</sup>, Filócrito, quando mal provara  
a charrua, Mênfis o enterrou em tumba estrangeira.

Aí, no seu curso, a vaga forte do Nilo com onda violenta  
veio afastar esse homem do seu pequeno terreno.

Ele, que em vida escapou à onda salgada, coberto agora  
pelas vagas só tem, infeliz, tumba de naufrago<sup>100</sup>.

## 77. DE SIMÓNIDES

*Sobre Simónides*<sup>101</sup>

Ei-lo, aqui, o homem que salvou a vida de Simónides de Ceos,  
ele que, mesmo morto, ao que vivia prestou serviço<sup>102</sup>.

---

<sup>98</sup> A teoria da transmigração das almas.

<sup>99</sup> Entenda-se, o comércio marítimo, que o defunto abandonara para se dedicar à agricultura.

<sup>100</sup> Repetem-se, ao longo do livro VII, os lamentos pelos cadáveres não recuperados do mar e, portanto, sem sepultura formal. E.g. núms. 499, 500, 502, 521 e 540.

<sup>101</sup> O lema está incorreto, porquanto o epigrama fala de um servidor do poeta a quem este dera sepultura.

<sup>102</sup> A anedota é contada por Valério Máximo (1.20). Estando para embarcar numa viagem, a alma de um defunto a quem Simónides dera sepultura veio avisá-lo de que esse navio naufragaria, assim evitando a sua morte. Em agradecimento, teria feito gravar estes versos na tumba desse indivíduo.



## 78. DE DIONÍSIO DE CÍZICO

*Sobre Eratóstenes*<sup>103</sup>

Uma velhice suave e não sombria doença extinguiu  
 a tua chama, e adormeceste no sono devido  
 ao cabo das tuas meditações. Não foi, porém, Cirene,  
 a tua ama, que te recebeu na tumba de teus pais,  
 ó filho de Aglau, antes, amigo em terra estrangeira,  
 foste enterrado nesta franja da praia de Proteu<sup>104</sup>.

## 79. DE MELEAGRO

*Sobre Heraclito [de Éfeso, o sábio e o obscuro]*

– Homem, sou Heraclito! Digo que só a sabedoria eu conheci,  
 e que os meus serviços à pátria superaram a sabedoria.  
 Até os meus pais, meu amigo, essa gente malvada, eu pisei  
 com os pés. – Bela recompensa aos que te criaram!  
 – Fora daqui! – Não sejas rude! – Ou em breve ouvirás algo  
 mais rude do que a minha pátria. – Adeus! – Tu, fora  
 [de Éfeso!]<sup>105</sup>

---

<sup>103</sup> Eratóstenes de Cirene (276 a.C.-194 a.C.) foi um matemático, gramático, poeta, geógrafo, bibliotecário e astrónomo alexandrino, conhecido por calcular a circunferência da Terra. Este tipo de epitáfios de autores antigos pode ter sido composto para epígrafe de edições das suas obras.

<sup>104</sup> I.e. em Alexandria.

<sup>105</sup> Epigrama textual e interpretativamente complexo. Heraclito de Éfeso (c. 535- 475 a.C.) foi considerado o pai da dialética, tendo recebido a alcunha de “obscuro” em razão da obra que lhe atribui Diógenes Laércio, *Sobre a Natureza*, cujo registo se aproximaria do das sentenças oraculares. O mesmo Diógenes (9.2) recorda que o filósofo vivia como estrangeiro na sua pátria e recusava ter participação política.

## 80. DE CALÍMACO

*Sobre Heraclito [mas não o de Éfeso]*<sup>106</sup>

Alguém me disse, Heraclito, a tua sorte, e me levou  
 às lágrimas, lembrando quantas vezes vimos  
 os dois o sol deitar-se. Agora jazes em qualquer lado,  
 amigo de Halicarnasso, há muito feito cinza,  
 e eles vivem, os teus rouxinóis<sup>107</sup>, dos quais o Hades  
 que tudo rapina não ousa aproximar a mão.

## 81. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

*Sobre Cleobulo [de Lindos]*

Dos sete sábios<sup>108</sup>, Cleobulo, Lindos te gerou;  
 diz a terra de Sísifo possuir Periandro;  
 Pítaco a de Mitilene; Bias a de Priene;  
 Mileto a Tales, supremo pilar da Justiça;  
 Esparta a Quílon; Sólon é da terra cecrópia<sup>109</sup>:  
 todos guardiães da invejável sabedoria.

---

<sup>106</sup> Heraclito de Halicarnasso, poeta elegíaco amigo de Calímaco de que se conserva apenas o epigrama núm. 465 deste livro.

<sup>107</sup> São os poemas – e não, como é comum, o próprio poeta – os que são simbolizados no rouxinol. Poderia mesmo ser esse o título do livro de poemas deste Heraclito.

<sup>108</sup> O epigrama, que nada tem de sepulcral, é na verdade uma lista dos sete sábios, indivíduos a quem a tradição atribuía um conjunto de máximas de vida. A lista conheceu variações. Platão, no *Protágoras*, considera os nomes de Tales, Pítaco, Bias, Sólon, Cleobulo, Míson e Quílon. Higino, mitógrafo dos séculos I a.C. – I d.C., apresenta a mesma lista que consta do epigrama.

<sup>109</sup> Atenas.

## 82. ANÓNIMO

*Sobre Epicarmo*

O indivíduo que a Musa dórica armou com os atributos de Baco e os Sátiros<sup>110</sup>, o siciliano Epicarmo, esse eu guardo.

## 83. ANÓNIMO

*Sobre Tales*

Este Tales que aqui está, a iónica Mileto o criou e revelou, o astrónomo mais venerável de todos em sabedoria.

## 84. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

Pequena é a sepultura<sup>111</sup>; mas a glória elevada aos céus deste Tales, o grande pensador, essa há que ver!

## 85. [DE DIÓGENES LAÉRCIO]

*Sobre o mesmo*

Um dia que assistia a uma prova de ginástica, Zeus-sol, levaste o sábio homem que foi Tales do estádio<sup>112</sup>.

Louvo que o tenhas levado para perto de ti: é que o ancião já não podia contemplar os astros cá da terra.

---

<sup>110</sup> I.e., para o teatro. Epicarmo (sécs. VI-V a.C.) era considerado pelos antigos o primeiro poeta que deu unidade artística à comédia.

<sup>111</sup> Deve o núm. 84 aludir a um monumento funerário, ao passo que o núm. 83 se referiria a uma estátua.

<sup>112</sup> A tradição conta que, praticamente cego, Tales morrera de um golpe de sol durante uns jogos olímpicos.

## 86. ANÓNIMO

*Sobre Sólon*

A que outrora pôs fim à insolência sem lei, Salamina<sup>113</sup>,  
guarda neste lugar Sólon, o sagrado legislador.

## 87. [DE DIÓGENES LAÉRCIO]

*Sobre o mesmo, [o Ateniese redator das leis]*

O fogo cíprio<sup>114</sup> consumiu o corpo de Sólon em terra estrangeira,  
mas Salamina lhe guarda os ossos, cuja cinza gera  
[espigas;  
a sua alma, as tabuinhas<sup>115</sup> rápido a levaram para o céu – as boas  
leis, com efeito, tornaram muito leve o seu peso.

## 88. [DO MESMO]

*Sobre Quílon*

Dou-te graças, Pólux, portador da luz<sup>116</sup>, dado que o filho  
de Quílon<sup>117</sup> granjeou a oliveira verde no pugilato.  
Calhasse o pai, vendo o filho coroado, de morrer de alegria,  
e nada de estranho – lograsse eu semelhante morte!

---

<sup>113</sup> Cf. nota ao núm. 73.

<sup>114</sup> Sólon morrera na ilha de Chipre, onde foi incinerado.

<sup>115</sup> Entenda-se, onde gravava as leis.

<sup>116</sup> Referência ao fenómeno conhecido como o fogo de santelmo (como no canto V d'*Os Lusíadas*), atribuído a uma ação dos Dioscuros (os gémeos filhos de Leda e irmãos de Helena).

<sup>117</sup> Quílon de Esparta, um dos sete sábios (cf. nota ao núm. 81.1), tinha o mesmo nome que o seu pai.

89. [DE CALÍMACO]<sup>118</sup>*Sobre Pítaco*

Um hóspede de Atárnea<sup>119</sup> perguntou um dia a Pítaco<sup>120</sup>  
de Mitilene, filho de Hirrádio, o seguinte:

“Meu velhote! Duas bodas se me oferecem: das moças,  
uma é em riqueza e linhagem tal como eu,  
e a outra supera-me. Qual a melhor? Poderias tu acaso  
aconselhar-me sobre qual das duas desposar?”

Assim falou. Ele, erguendo o bastão, arma da sua velhice:

“Olha! Aqueles ali vão dizer-te tudo o que precisas!”

Havia uns rapazes com uns piões velozes nas mãos, fazendo-os  
rodopiar no meio de uma grande praça.

“Vai atrás deles!” – disse. Ele então se aproximou deles;  
e eles diziam: “Aponta para onde te convém!”<sup>121</sup>

Ouvindo isto, o hóspede deixou-se de procurar linhagem  
superior, compreendendo a mensagem dos rapazes.

Assim como ele trouxe para casa a moça com menos bens,  
também tu, no caminho, *aponta para onde te convém*<sup>122</sup>.

## 90. ANÓNIMO

*Sobre Bias*

Nas planícies ilustres de Priene onde nasceu, esta pedra  
oculta Bias<sup>123</sup>, o grande ornamento da Iónia.

<sup>118</sup> A atribuição a Calímaco pertence a Diógenes Laércio.

<sup>119</sup> Na Mísia.

<sup>120</sup> Político de Mitilene (na ilha de Lesbos), dos séculos VII-VI a.C.

<sup>121</sup> A tradução deve servir de diálogo das crianças a brincar e a resposta que espera o hóspede de Pítaco.

<sup>122</sup> Máxima atribuída ao oráculo de Delfos pelo *Léxico* de Fócio (séc. IX).

<sup>123</sup> Filósofo e advogado de Priene, do séc. VI a.C.

## 91. [DE DIÓGENES LAÉRCIO]

*Sobre o mesmo*

Neste lugar eu oculto Bias, o que suavemente Hermes enviou para o Hades, coberta de neve a sua cabeça de ancião. Acabara de defender um companheiro; foi quando, recostado nos braços de um rapaz, se entregou ao longo sono.<sup>124</sup>

## 92. [DO MESMO]

*Sobre Anacársis da Cítia*

Anacársis, ao regressar à Cítia após muitas deambulações, quis que todos vivessem segundo os costumes helenos; não acabara ainda o discurso de se formar em seus lábios, uma flecha alada num ápice o levou para os imortais.<sup>125</sup>

## 93. ANÓNIMO

*Sobre Ferecides, [filósofo de Siro]*

Em mim o termo de toda a sabedoria; se maior existe, diz ao meu Pitágoras<sup>126</sup> o seguinte, que é ele o primeiro de todos na terra da Hélade. Não minto ao afirmá-lo!

---

<sup>124</sup> Conta Diógenes Laércio (1.85) que, depois de pronunciar a defesa de um cliente, já velho e cansado, Bias encostou a cabeça nos braços de um jovem familiar e morreu.

<sup>125</sup> Anacársis, cita de nascimento, viajara para a Grécia por volta de 589 a.C., na altura em que Sólon formulava as suas leis (Diógenes 1.101). Heródoto (4.76) e o mesmo Diógenes (1.102) contam que foi morto pelo próprio irmão devido aos seus modos gregos e por oferecer sacrifícios à Deusa Mãe Cibele, cujo culto era indesejável entre os Citas.

<sup>126</sup> Ferecides de Siro teria sido discípulo de Pítaco (cf. núm. 89 e nota) e, segundo Aristóteles, era um teólogo que misturava filosofia e mitologia nos seus ensinamentos. Está associado à criação da doutrina da metempsicose, e talvez por isso a tradição o considere o primeiro mestre de Pitágoras (Diógenes 13.118-119).

## 94. ANÓNIMO

*Sobre Anaxágoras*

Aqui jaz Anaxágoras<sup>127</sup>, o que mais se aproximou  
da meta da verdade do cosmo celeste.

## 95. [DE DIÓGENES LAÉRCIO]

*Sobre o mesmo [Anaxágoras]*

Que *o sol é uma massa de ferro ardente* disse ele um dia,  
e por esse motivo esteve a ponto de morrer.

Mas o seu amigo Péricles o salvou, e só depois ele próprio  
deixou a vida, dada a sua sabedoria sensível.<sup>128</sup>

## 96. [DO MESMO]

*Sobre Sócrates, [ateniense filho de Sofronisco]*

Bebe agora em companhia de Zeus, Sócrates! Pois um deus  
disse que eras sábio, e a sabedoria que eras um deus.

Na verdade, da parte dos Atenienses só recebeste a cicuta,  
mas foram eles os que a beberam pela tua boca.

## 97. [DO MESMO]

*Sobre Xenofonte, [o ateniense filho de Grilo]*

Não só por causa de *Ciro* Xenofonte *subiu* ao país dos Persas,  
mas também por buscar *ascender* à casa de Zeus;

---

<sup>127</sup> Anaxágoras de Clazómenas, na Iónia (c. 500-428 a.C.) foi um filósofo pré-socrático que fundou a primeira escola filosófica de Atenas, conhecido sobretudo pelas suas investigações astronómicas.

<sup>128</sup> Anaxágoras era protegido de Péricles. Em 431 a.C. foi acusado de impiedade por defender essa natureza não-divina do sol, após o que teria partido para Lâmpsaco e fundado uma nova escola. No epigrama, Diógenes concilia, para a morte de Anaxágoras, duas versões: acusação de impiedade e suicídio, explicitadas por si mesmo nas *Vidas* (2.3.11).

mostrou, com efeito, as *virtudes helénicas* da sua *educação*,  
e *recordou* como era bela a sabedoria de *Sócrates*.<sup>129</sup>

## 98. [DO MESMO]

*Sobre o mesmo [Xenofonte]*

Se mesmo a ti, Xenofonte, os cidadãos de Cranau e de Cécrops<sup>130</sup>  
te condenaram ao exílio graças à tua amizade com *Ciro*<sup>131</sup>,  
acolheu-te, contudo, a hospitaleira Corinto, com a qual estavas  
tão contente e agradado que lá decidiste permanecer.

## 99. DE PLATÃO, O FILÓSOFO

*Sobre Díon de Siracusa*

Lágrimas para Hécuba e para as mulheres de Ílion<sup>132</sup>  
decretaram as Moiras, mal elas nasceram;  
sobre ti, Díon<sup>133</sup>, que lograste o troféu das belas ações,  
as divindades verteram grandes esperanças.  
Jazes agora na tua vasta pátria, honrado pelos cidadãos,  
tu, Díon, que encheste o meu peito de amor.

---

<sup>129</sup> Xenofonte (séculos V-IV a.C.) ficou conhecido pelos seus escritos sobre a história e pelos seus discursos acerca de Sócrates. O epigrama, de forma velada pelo vocabulário, menciona as suas principais obras (vejam-se os itálicos da tradução): a *Ciropedia* (*Sobre a educação de Ciro* – v. 1, 4), a *Anábese* (um relato da expedição encomendada por esse monarca – v. 1), as *Helénicas* (v. 3), os *Memoráveis* (v.4) e mesmo a *Apologia de Sócrates* (v. 4).

<sup>130</sup> Os Atenienses, nomeados pelo nome de dois reis lendários da cidade.

<sup>131</sup> Sobre a sentença de exílio, vd. Diógenes 2.59.

<sup>132</sup> Troia.

<sup>133</sup> Impressionado pelos ensinamentos de Platão, quando este visitara Siracusa, Díon (409-354 a.C.) tentou moldar o jovem tirano da sua cidade, Dionísio II, à imagem do filósofo-rei platónico. Fracassando, esteve exilado em Atenas durante dez anos, durante os quais foi aluno da Academia. Ao regressar a Siracusa, tentou tomar a cidade para realizar o seu antigo propósito, desta feita na sua pessoa, terminando assassinado.



## 100. DE PLATÃO

*Sobre Aléxis e Fedro*<sup>134</sup>

Foi tão só eu dizer nada mais além de que Aléxis era belo,  
e agora todos e em toda a parte o olham ao passar.  
Coração! Porque revelas tu ossos aos cães<sup>135</sup>, para depois  
te arrependeres? Não perdemos já assim o Fedro?

## 101. [DE DIÓGENES LAÉRCIO]

*Sobre Espeusipo [o filósofo]*

Se não tivesse aprendido como morreu Espeusipo,  
ninguém me teria convencido a dizer isto,  
que não era do sangue de Platão; pois não teria morrido  
sem motivo, por um assunto deveras pequeno.<sup>136</sup>

## 102. [DO MESMO]

*Sobre Xenócrates*

Tropeçando um dia num caldeirão de bronze, e batendo  
De cabeça, Xenócrates<sup>137</sup> deu um “Ai!” agudo e morreu,  
ele, em tudo e em toda a parte um homem.

---

<sup>134</sup> Dois dos discípulos que a tradição aponta como amantes de Platão. O epigrama nada tem de sepulcral.

<sup>135</sup> Verso imitado num epigrama erótico de Dioscórides (AP 5.56.7).

<sup>136</sup> Espeusipo seria sobrinho de Platão, a quem sucedeu na direção da Academia em 347 a.C. Não negando a relação familiar, Diógenes estranha que tenha cometido suicídio por algo tão insignificante – uma censura da parte de Diógenes (o cínico).

<sup>137</sup> Também ele discípulo de Platão, sucedeu a Espeusipo à frente da Academia, morrendo por volta de 314 a.C., com 82 anos.

103. [DE ANTÁGORAS]

*Sobre Pólemon e Crates, [filósofos]*

[Proclama, estrangeiro, ao passares, que nesta tumba  
o piedoso Crates e Pólemon<sup>138</sup> estão ocultos,]<sup>139</sup>  
homens de grande coração unidos num só espírito,  
de cujas bocas divinas saiu palavra sagrada;  
uma vida pura de sabedoria adornou a sua existência  
divina, conforme às doutrinas inabaláveis.

104. [DE DIÓGENES LAÉRCIO]

*Sobre Arcesilau*<sup>140</sup>

Arcesilau! Diz-me, porque tanto vinho puro e sem medida  
tu bebeste, a ponto de tropeçares, fora da tua razão?  
Lamento-te não tanto por teres morrido, como por ofenderes  
as Musas, quando te serviste uma taça sem medida.

105. [DO MESMO]

*Sobre Lacides [o filósofo]*<sup>141</sup>

Também de ti, Lacides, é voz corrente que o sempre inconveniente  
Baco, pegando-te pelos dedos dos pés, te arrastou para  
[o Hades.

---

<sup>138</sup> Pólemon (n. c. 340 a.C.) tornou-se discípulo de Xenócrates (cf. nota ao núm. 102) e sucedeu-lhe à frente da Academia, cargo depois ocupado por Crates, quando o primeiro morreu, em c. 279 a.C.

<sup>139</sup> O primeiro dístico não é copiado em **P**, e traduz-se a partir da versão de Diógenes.

<sup>140</sup> Fundador da Segunda ou Média Academia (a fase de ceticismo académico), Arcesilau sucedeu a Crates como o sexto diretor da Academia em c. 264 a.C. Teria morrido, segundo uma tradição, de uma queda causada por excesso de bebida. Cf. Diógenes 4.43.

<sup>141</sup> Discípulo de Arcesilau e seu sucessor na Academia, Lacides terá morrido em 241 a.C. também por excesso de bebida, como o epigrama reflete.

O assunto é claro: Dioniso, quando entra em cheio num corpo, deslaça-lhe os membros; será por isso que é o Lieu<sup>142</sup>?

106. [DO MESMO]

*Sobre Epicuro [o filósofo]*<sup>143</sup>

“Adeus, e recordai os meus ensinamentos!” Isto Epicuro disse por último aos seus amigos, antes de morrer. Acabara de meter-se numa banheira quente e de beber vinho puro<sup>144</sup>, e em seguida bebeu a morte fria.

107. [DO MESMO]

*Sobre Aristóteles [o filósofo]*

Eurimedonte, certa vez, acusou Aristóteles de impiedade, quando era sacerdote dos mistérios de Deo<sup>145</sup>. Mas ele escapou-lhe, bebendo acónito<sup>146</sup>. Assim, sem luta, conseguiu ele vencer as calúnias injustas.<sup>147</sup>

108. [DO MESMO]

*Sobre Platão, [o grande, o mais admirável dos Helenos]*

De que forma, não tivesse ele gerado Platão na Grécia,

---

<sup>142</sup> Epíteto de Dioniso (ou Baco), que significa, à letra, “o que deslaça”, i.e., “o que liberta [das penas]”.

<sup>143</sup> Epicuro de Samos (341-271/270 a.C.), precursor da corrente filosófica nomeada a partir dele. O seu pensamento foi muito difundido pelas regiões da Iónia e do Egito e, a partir do século I da nossa era, em Roma, onde Lucrécio foi seu maior divulgador.

<sup>144</sup> Ao cabo de 14 dias de dores continuadas, esse o fim que planeou para si mesmo o filósofo que apregoava a *aponia* (ausência de dor física) e a *ataraxia* (imperturbabilidade da alma). Cf. Diógenes 10.16.

<sup>145</sup> Deméter.

<sup>146</sup> Mistura venenosa, usada para os mesmos fins da cicuta, feita a partir de uma planta com o mesmo nome.

<sup>147</sup> A história é contada por Diógenes 5.6-8.

curaria Febo<sup>148</sup> as almas dos homens pelas letras?  
Na verdade, o filho dele, Asclépio, é o médico  
do corpo, como da alma imortal é Platão.

109. [DO MESMO]

*Sobre o mesmo*

Febo gerou para os mortais Asclépio e Platão,  
este para curar a alma, aquele o corpo.  
Um dia em que estava de bodas<sup>149</sup>, foi para a cidade que  
[para si  
criara e estabeleceu-se na morada de Zeus.

110. [DO MESMO]

*Sobre Teofrasto, [filósofo]<sup>150</sup>*

Não foi inútil esta palavra que algum mortal disse,  
que o arco da sabedoria se parte ao relaxar.  
Assim Teofrasto, enquanto trabalhou, manteve fortes  
os membros e, ao relaxar-se, morreu sem forças.<sup>151</sup>

111. [DO MESMO]

*Sobre Estratão, [o filósofo]<sup>152</sup>*

Era homem franzino (não importa que não me ouças)  
esse Estratão de que te estou a falar,

---

<sup>148</sup> Apolo.

<sup>149</sup> Cf. Diógenes 3.2, 3.40. Esta cidade é a cidade ideal dos seus tratados.

<sup>150</sup> Teofrasto de Éreso (372-287 a.C.), discípulo e tutor dos filhos de Aristóteles, sucessor deste no comando do Liceu.

<sup>151</sup> Cf. Diógenes 5.40.

<sup>152</sup> Estratão de Lâmpsaco, discípulo de Teofrasto e seu sucessor à frente do Liceu entre 287-269 a.C., data da sua morte.

o que Lâmpsaco outrora gerou. Ele que combatia as doenças,  
morreu de surpresa e nem sequer se deu conta<sup>153</sup>.

112. [DO MESMO]

*Sobre Lícon, [o filósofo]*<sup>154</sup>

Por certo, não passaremos ao lado de Lícon, que morreu  
de gota. O que a mim me espanta acima de tudo  
é que ele tenha percorrido o largo caminho para o Hades,  
ele que antes caminhava com os pés de outrem.

113. [DO MESMO]

*Sobre Demétrio [de Faleros]*<sup>155</sup>

Uma serpente matou o sábio Demétrio  
com o seu veneno abundante  
e impuro, irradiando dos olhos não luz,  
antes a escuridão da morte.

114. [DO MESMO]

*Sobre Heraclides [Pôntico]*<sup>156</sup>

Tu querias, Heraclides, deixar aos homens a fama de que,  
[ao morrer,  
aos olhos de todos te volveste uma serpente viva.

---

<sup>153</sup> Diógenes (5.60) conta que Estratão definiu a tal ponto que, ao morrer, sequer sentiu dor.

<sup>154</sup> Lícon da Tróade, diretor do Liceu até à data da sua morte, por gota, em 225 a.C.

<sup>155</sup> Conhecido orador e político ateniense. Morreu de uma mordedura de serpente, quando estava exilado no Egito, c. 280 a.C. Foi discípulo de Teofrasto, de quem imitou o estilo para compor uma grande obra, da qual nem um único fragmento se conserva.

<sup>156</sup> Heraclides de Heracleia (no Ponto Euxino), veio para Atenas c. 357 a.C. Foi discípulo de Espeusipo, dos Pitagóricos e, finalmente, de Aristóteles.

Mas foste enganado, meu sabichão! Pois o animal era mesmo uma serpente, e tu, nada esperto, mostraste-te animal.<sup>157</sup>

115. [DO MESMO]

*Sobre Antístenes, [o filósofo]*<sup>158</sup>

– Em vida foste cão, Antístenes! – Sim fui! O facto é que nasci para morder o coração com palavras, não com a boca.

– Mas morreste transformado em tísico<sup>159</sup>, alguém dirá. – E então? Toda a gente precisa de alguém que o guie ao Hades.

116. [DO MESMO]

*Sobre Diógenes<sup>160</sup>; proceleusmático*<sup>161</sup>

– Diógenes, diz lá, que sorte te levou?

– Para o Hades me levou a mordedura feroz de um cão.

117. [DE ZENÓDOTO]

*Sobre Zenão de Cítio*<sup>162</sup>

Estabeleceste a autossuficiência, afastando a vã riqueza,

---

<sup>157</sup> Diógenes (5.90) conta a anedota segundo a qual Heraclides pedira a um amigo que, ao morrer, colocasse no seu leito uma serpente, para que todos pensassem que nela tinha reencarnado a sua alma. O estratagema foi, no entanto, descoberto.

<sup>158</sup> Antístenes de Atenas (445-365 a.C.) é considerado o fundador da escola cínica.

<sup>159</sup> Por levar uma vida de desaparego total, como apregoavam os cínicos.

<sup>160</sup> Diógenes de Sinope (o Cínico) morreu em Corinto em 323 a.C., segundo Diógenes Laércio (6.79) com 90 anos. A morte por uma mordedura de cão – palavra que define também o filósofo dessa escola (cf. núms. 63-68, 115) – é apenas uma das versões transmitidas, a par de outras como o suicídio por ingerir polvo cru ou, simplesmente, por inanição voluntária.

<sup>161</sup> Verso formado por pés de quatro sílabas breves.

<sup>162</sup> Foi o fundador da escola estoica, tendo morrido por volta de 264 a.C., com 60 ou 98 anos, segundo as versões.

Zenão, venerável com a tua grisalha austeridade.  
 Inventaste uma doutrina viril, e criaste, com a providência,  
 uma filosofia que é mãe da intrépida liberdade.  
 Se a tua pátria é a Fenícia, qual a inveja? Dela também veio  
 Cadmo, a quem a Hélade deve a arte de escrever.

### 118. [DE DIÓGENES LAÉRCIO]

*Sobre o mesmo*

Sobre a morte de Zenão de Cítio conta-se que, após muito  
 sofrer a velhice, se libertou ficando sem comer.

[Outros contam que, golpeando a terra com a mão, disse:

“Venho voluntariamente! Porque me chamas?”]<sup>163</sup>

### 119. ANÓNIMO

*Sobre Pitágoras*

Quando Pitágoras descobriu esse seu famoso teorema<sup>164</sup>,  
 pelo que ofereceu o ilustre sacrifício de um boi...<sup>165</sup>

### 120. DE XENÓFANES

*Sobre o mesmo*

Dizem também que, uma vez que passava ante um cachorro  
 no qual estavam a bater, com pena disse o seguinte:

“Pára, não batas mais; pois reconheci a alma de um homem  
 amigo meu<sup>166</sup> pela maneira como ele gritava.”

<sup>163</sup> Segundo Diógenes (7.28), uma versão secundária da morte de Zenão, que, antes de pronunciar estas palavras, teria caído e partido um dedo.

<sup>164</sup> Segundo o qual “o quadrado da medida da hipotenusa é igual à soma do quadrado das medidas dos catetos”.

<sup>165</sup> Deve tratar-se apenas do início de um epigrama.

<sup>166</sup> Está implícita, como é óbvio, a teoria pitagórica da metempsicose (transmigração de almas).

121. [DE DIÓGENES LAÉRCIO]

*Sobre o mesmo*

Nem só tu afastas as mãos de seres com alma; nós também.

Quem, na verdade, já comeu seres com alma, Pitágoras?  
Mas uma vez que eles estejam cozidos, assados e temperados,  
então sim, não tendo qualquer alma, já os comemos.<sup>167</sup>

122. [DO MESMO]

*Sobre o mesmo [Pitágoras]*

Ai! Porque tinha Pitágoras tanto respeito pelas favas,  
e morreu afinal junto com os seus discípulos?<sup>168</sup>  
Havia um campo de favas; e, de modo a evitar calcá-las,  
morreu numa encruzilhada às mãos dos de Acragante<sup>169</sup>.

123. [DO MESMO]

*Sobre Empédocles [de Acragante]*

Também tu, Empédocles, purificando o corpo com a chama  
[líquida,  
bebeste outrora o fogo imortal das crateras<sup>170</sup>.  
Não direi que te lançaste de propósito à corrente do Etna,  
mas que, querendo esconder-te, caíste sem querer.

---

<sup>167</sup> Epigrama humorístico sobre o suposto vegetarianismo dos Pitagóricos, que Diógenes diz ter colhido do comediógrafo ateniense Aléxis (fr. 220 Kock).

<sup>168</sup> Diz-se que Pitágoras considerava as favas um alimento com alma. A sua morte, na companhia de quarenta discípulos, deve ter tido motivações políticas.

<sup>169</sup> Ou Agrigento (na versão latina), na Sicília.

<sup>170</sup> Em grego, o termo é o mesmo que designa as taças pelas quais se bebia. Empédocles (490-430 a.C.) foi o pensador pré-socrático conhecido por criar a teoria dos quatro elementos clássicos. Segundo uma versão (a que transmite Diógenes 7. 67-71 e a que consta do epigrama), teria morrido voluntariamente lançando-se a uma corrente de lava do Etna.



## 124. [DO MESMO]

*Sobre o mesmo [Empédocles]*

Consta que Empédocles morreu quando, um dia, caiu  
de uma carroça e feriu a cocha direita.<sup>171</sup>

Se saltou mesmo para as crateras de fogo e bebeu<sup>172</sup> a vida<sup>173</sup>,  
como é que os de Mégara exibem ainda a sua tumba?

## 125. ANÓNIMO

*Sobre Epicarmo [de Siracusa]<sup>174</sup>*

Se o imenso sol ultrapassa os outros astros com o seu brilho,  
e se o mar possui força superior à dos rios,  
eu afirmo que este Epicarmo se destaca em sabedoria,  
ele que esta cidade de Siracusa coroou.

## 126. [DE DIÓGENES LAÉRCIO]

*Sobre Filolau, [o pitagórico]<sup>175</sup>*

Afirmo que todos são sobretudo escravos da superstição:  
podes nada fazer, mas, se o aparentas, já erras!

Assim Crotona, a sua pátria, matou em tempos Filolau,  
por julgar que ele queria ter a casa de um tirano.

---

<sup>171</sup> Outra (das muitas) versões para a morte do filósofo.

<sup>172</sup> O mesmo jogo de palavras do núm. 123.3.

<sup>173</sup> I.e., “morreu”.

<sup>174</sup> Cf. nota ao núm. 82. Poeta e filósofo epicurista, Epicarmo nasceu na ilha de Cós, mas cedo se estabeleceu em Siracusa.

<sup>175</sup> Nascido em Crotona ou Tarento, morreu c. 420 a.C.

127. [DO MESMO]

*Sobre Heraclito, [filósofo de Éfeso]<sup>176</sup>*

Muitas vezes me admirei como Heraclito, levando  
uma vida desgraçada, acabou por morrer;  
é que uma terrível doença, enchendo-lhe o corpo de água,<sup>177</sup>  
extinguiu-lhe a luz dos olhos e trouxe as trevas.

128. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo [Heraclito]*

Sou Heraclito. Porque me empurrais de um lado para o  
[ouro, iletrados?  
Não trabalhei para vocês, mas para aqueles que me  
[entendem<sup>178</sup>.  
Um só homem vale para mim três mil, como uma multidão  
[não vale  
nada. Isto afirmo, mesmo na presença de Perséfone.

129. [DE DIÓGENES LAÉRCIO]

*Sobre Zenão [de Eleia]*

Querias, Zenão – nobre querer – matar um indivíduo  
tirano para libertar Eleia da escravatura.  
Mas foste vencido: o tirano apanhou-te e esmagou-te  
num morteiro.<sup>179</sup> Que digo eu? O teu corpo, não tu.

---

<sup>176</sup> Cf. nota ao núm. 79.

<sup>177</sup> Heraclito terá morrido de hidropisia (Diógenes 9.3).

<sup>178</sup> A referência tradicional ao obscurantismo dos escritos de Heraclito.

<sup>179</sup> Zenão de Eleia (n. 488 a.C.), discípulo de Parménides, quis libertar a sua pátria do tirano Nearco, que o fez perecer entre terríveis suplícios. Cf. Diógenes 9.28.

## 130. [DO MESMO]

*Sobre Protágoras, [filósofo]<sup>180</sup>*

Também sobre ti, Protágoras, escutei que, quando outrora  
deixaste Atenas, já velho, morreste na travessia.

Condenara-te ao exílio a cidade de Cécrops: pudeste fugir  
da cidade de Palas, mas da de Plutão<sup>181</sup> já não.

## 131. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

Costuma dizer-se que Protágoras morreu aqui; mas só  
o corpo está nesta a terra, a alma ascendeu aos sábios.<sup>182</sup>

## 132. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

Também de ti, Protágoras, conhecemos a afiada seta da  
[sabedoria,  
uma que não fere, antes é doce mordedura para o  
[espírito.

---

<sup>180</sup> Um dos sofistas mais famosos, nascido em Abdera em 489 a.C., personagem-título de um diálogo de Platão. Acusado de impiedade, deixou Atenas para o exílio e morreu na viagem por mar, c. 410 a.C.

<sup>181</sup> O Hades.

<sup>182</sup> Texto bastante corrupto. Deve tratar-se do comentário de um leitor posterior ao texto de Diógenes, erradamente tomado pelo compilador da *Antologia* como um epigrama.

133. [DE DIÓGENES LAÉRCIO]

*Sobre Anaxarco, [filósofo]*<sup>183</sup>

Golpeia, Nicocreonte, com mais força ainda – é só um saco!

Golpeia, pois há muito que Anaxarco está com Zeus.

Dilacerando-te [com os pentes de cardar], em breve te dirá

Perséfone estas palavras: fora, perverso moleiro!<sup>184</sup>

134. ANÓNIMO

*Sobre Górgias, [o orador]*<sup>185</sup>

Aqui repouso, eu, a cabeça de Górgias, o cínico,

não mais tossindo nem assoando o nariz.

135. ANÓNIMO

*Sobre Hipócrates, [o médico]*<sup>186</sup>

Hipócrates da Tessália, nascido em Cós, aqui repousa,

esse rebento da raça imortal de Febo<sup>187</sup>

que, armado pela Saúde<sup>188</sup>, muitas vezes venceu as doenças,

devendo a sua grande fama não à sorte, mas à ciência.

---

<sup>183</sup> Anaxarco de Abdera (c. 380-320 a.C.) foi um filósofo grego da escola de Demócrito que, juntamente com Pirro, acompanhou Alexandre Magno à Ásia. É tido como precursor do ceticismo grego.

<sup>184</sup> Diógenes (9.59) recorda a anedota: prendendo Anaxarco a um pilão, o tirano Nicocreonte ordenou que o golpeassem com um apiloador de ferro, ao que o filósofo respondeu que apenas golpeavam o seu corpo.

<sup>185</sup> Os versos conservados não confirmam a precisão do lema, desde logo por considerarem o defunto um filósofo cínico que não podemos identificar. O epigrama parece, contudo, ter um sentido cómico.

<sup>186</sup> Considerado o pai da medicina, Hipócrates (460-370 a.C.) nasceu em Cós e morreu na Tessália, mais concretamente em Larissa.

<sup>187</sup> Apolo, o patrono da medicina e das artes curativas em geral.

<sup>188</sup> Em grego, a divindade Higia.

136. DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]<sup>189</sup>*Sobre Príamo*

Do herói Príamo sou a pequena tumba; não é que dele  
 seja digna, mas ergueram-me mãos inimigas.

## 137. ANÓNIMO

*Sobre Heitor*

Por esta tumba não me julgueis, a mim, Heitor, nem pela  
 [sepultura  
 useis medir o que plantou cara à Hélade inteira!  
 A *Iliada* e o próprio Homero, eis a minha tumba, a Hélade  
 [e os Aqueus  
 em fuga – por todos eles me foi erguida sepultura.  
 [Se pouca terra vês sobre mim, isso não me causa envergonha:  
 pelas mãos inimigas dos Helenos eu fui sepultado.]<sup>190</sup>

## 138. DE ACÉRATO, O GRAMÁTICO

*Sobre o mesmo*

Heitor, tu que sempre és invocado nos livros de Homero,  
 mais firme sustém da muralha erguida pelos deuses,  
 em ti se deteve o Meónida<sup>191</sup>: bastou que morresses tu,  
 Heitor, para que se silenciasse a página da *Iliada*.<sup>192</sup>

---

<sup>189</sup> Os núms. 136-152 são um conjunto de epitáfios para os heróis lendários da guerra de Troia, apenas uma ínfima parte dos epigramas desse género dedicados às mesmas figuras ao longo dos séculos.

<sup>190</sup> O último dístico deve constituir um acrescento posterior, a partir do tema do núm. 136.

<sup>191</sup> Homero. Vd. nota ao núm. 2.2.

<sup>192</sup> Como é sabido, o canto 24 da *Iliada* termina com os funerais de Heitor.

### 139. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo [e sobre Alexandre da Macedónia]*

Com Heitor Troia pereceu, e não mais ergueu as mãos  
contra os ataques dos filhos dos Dánaos.

Também Pela<sup>193</sup> morreu com Alexandre. Assim, as pátrias  
obtêm glória dos homens, não os homens das pátrias.

### 140. DE ÁRQUIAS [DA MACEDÓNIA]

*Sobre o mesmo*

– O pai deste defunto, o seu nome e a sua pátria diz-me tu,  
ó estela, e a que destino sucumbiu ele ao morrer!

– [O seu pai] era Príamo, a sua terra Ílion, o nome Heitor,  
meu amigo! E morreu combatendo pelo seu país.

### 141. DE ANTÍFILO DE BIZÂNCIO

*Sobre Protesilau*

Protesilau da Tessália! Longa posteridade te cantará,  
a ti, o primeiro destinado a saquear Troia.<sup>194</sup>

A tua sepultura, ensombrada de escudos, as Ninfas  
a circundam diante da muito odiosa Ílion.

E as árvores, irritadas, quando vislumbram a muralha  
de Troia inclinam a sua copa ressequida.

Qual não seria a ira dos heróis, para que uma parte  
permaneça ainda hostil nos ramos sem vida!

---

<sup>193</sup> Cidade natal de Alexandre, na Macedónia. A comparação resulta estranha, na medida em que Alexandre se afirmava descendente de Aquiles (dos Gregos, portanto) e não de Heitor.

<sup>194</sup> O seu nome significa “o primeiro a saquear”. Segundo um oráculo, o guerreiro que primeiro pusesse o pé em Troia seria o primeiro a perder a vida na guerra. Ulisses, astuto como sempre, ao desembarcar lançou primeiro o seu escudo para a praia, no qual pisou. Calhou a sorte funesta a Protesilau.

## 142. ANÓNIMO

*Sobre Aquiles, [o filho de Peleu e o mais sublime de todos os heróis]*

Eis a tumba de Aquiles destruidor de homens, que os Aqueus outrora contruíram para terror dos Troianos vindouros. Está virada para a praia, para que com o murmúrio das ondas possa ser celebrado esse filho da marinha Tétis.

## 143. ANÓNIMO

*Sobre Aquiles e Pátroclo*

Salve ambos, ilustres pela amizade e pelas armas,  
tu, Eácida, e tu, filho de Menécio!<sup>195</sup>

## 144. ANÓNIMO

*Sobre Nestor*

Nestor de doce voz, o herói de Pilos descendente de Neleu, tem tumba na sagrada Pilos, ele que viveu três gerações<sup>196</sup>.

---

<sup>195</sup> Aquiles era filho da ninfa Tétis (cf. núm. 142) com Peleu, este último filho de Éaco, e Pátroclo filho de Menécio. Seriam primos e muito chegados.

<sup>196</sup> A *Suda* diz que Nestor viveu noventa anos (i.e. três gerações de 30 anos), embora o termo *trigeron* possa apenas querer significar “muito velho”.

## 145. DE ASCLEPÍADES

*Sobre Ajax, filho de Télamon*<sup>197</sup>

Eu, a Virtude todo-poderosa, sobre esta tumba de Ajax  
me sento, cortados os cachos dos meus cabelos  
e de coração ferido por dor cortante, se para os Aqueus  
a enganosa Fraude<sup>198</sup> tem mais valor do que eu.

## 146. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

*Sobre o mesmo*

Sobre esta sepultura de Ajax nos promontórios do Récio<sup>199</sup>  
eu, a Virtude, me sento e choro<sup>200</sup>, de coração pesado,  
cabelos cortados e vestes sujas, pois que o juízo dos Pelasgos  
não foi a virtude que o venceu, mas sim o engano.

Bem podem dizer as armas de Aquiles: “para a força varonil,  
não para discursos enredados<sup>201</sup>, nos inclinamos!”

---

<sup>197</sup> O epigrama, com alterações mínimas, foi transmitido como núm. 7 do *Peplos* pseudo-aristotélico (vd. Jesus 2015: 43). É possível que a versão de Asclepiades tenha a dada altura substituído um epigrama para o mesmo herói que fizesse parte do *Peplos* original, no qual todos os componentes conservados são de apenas um dístico. O texto foi parodiado por Mnasalces (séc. III a.C.) e como tal transmitido por Ateneu (5.163), sob a forma de um epigrama ecfrástico de um par de estátuas da Virtude e do Prazer.

<sup>198</sup> Referência à decisão dos Gregos de entregar as armas de Aquiles a Ulisses, que as reclamava juntamente com Ajax, o que teria motivado o suicídio do herói (cf. lema ao núm. 147).

<sup>199</sup> Na Tróade. Pausânias (1.35.4) menciona a sepultura, contando que, após o naufrágio de Ulisses, sobre ela foram depositadas as armas de Aquiles.

<sup>200</sup> Este epigrama e o anterior parecem sugerir que a sepultura de Ajax incluía uma estátua da Virtude sentada, mas não conhecemos representações que o permitam confirmar.

<sup>201</sup> Apanágio tradicional de Ulisses, na *Iliada* dito “o dos mil artificios”.



## 147. DE ÁRQUIAS

*Sobre o mesmo [Ájax, filho de Télamon, o melhor chefe dos Helenos, mas que cortou a própria garganta, enlouquecido por falsa reputação]*

Sozinho contra os atacantes, com o teu pesado escudo na mão,  
 Ájax, junto aos navios reténs o ataque dos Troianos<sup>202</sup>.  
 Não te abala o choque das pedras, nem a nuvem de flechas,  
 nem o fogo, nem o estrépito das lanças e das espadas;  
 sempre assim, firme e preso ao solo, tal qual um rochedo,  
 de pés firmes suportas a tempestade dos inimigos.  
 Se com o armamento de Aquiles não te equipou a Grécia  
 dando-te as suas armas, justo prémio do teu valor,  
 por vontade das Moiras<sup>203</sup> ela errou, para que sob os golpes  
 dos inimigos não morresses, mas por tua própria mão.

## 148. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

Eis a sepultura de Ájax, o filho de Télamon que a Moira  
 matou servindo-se da sua mão e da sua espada.  
 É que, entre os mortais, embora o quisesse, não logrou  
 Cloto<sup>204</sup> encontrar um outro que o matasse.

## 149. DE LEÔNCIO, O ESCOLASTA

*Sobre o mesmo*

Jaz em Troia o filho de Télamon, mas sem que a nenhum  
 dos inimigos tenha dado a glória da sua morte;

---

<sup>202</sup> Como narrado no livro 15 da *Iliada*.

<sup>203</sup> I.e. do destino.

<sup>204</sup> Uma das Parcas. Cf. nota ao núm. 12.4.

pois o Tempo, não tendo encontrado outro homem digno de tal audácia, recorreu por fim à sua mão suicida.

### 150. DO MESMO

*Sobre o mesmo*

Ájax, que agora jaz em Troia após a glória sem fim das suas vitórias, não censura os inimigos, mas os amigos<sup>205</sup>.

### 151. ANÓNIMO

*Sobre Ajax e Heitor*

Heitor deu a Ajax a sua espada, e a Heitor deu Ajax o cinturão<sup>206</sup> – duplo presente, uma só morte.

### 152. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo assunto. [Ajax e Heitor, filho de Príamo, e os presentes que trocaram]*

Amargos presentes trocaram Heitor e o portador do escudo Ajax, como símbolos de amizade na guerra:

Heitor recebeu um cinturão e deu em troca uma espada.

O valor desses presentes, na morte o provaram: a espada matou Ajax, enfurecido, e por sua vez o cinturão arrastou o filho de Príamo, amarrado ao carro.

Assim os inimigos ofereceram os dons da própria morte, que mascarados de presentes tinham destino fatal.<sup>207</sup>

---

<sup>205</sup> I.e. os Gregos, que não lhe concederam as armas de Aquiles.

<sup>206</sup> Referência à troca de presentes após o combate travado por ambos, ao longo de um dia inteiro, no livro 7 da *Iliada*. Cf. o núm. seguinte.

<sup>207</sup> E epigrama pretende ser o desenvolvimento de *Iliada* 7.303-305.

153. DE HOMERO, OU DE CLEOBULO DE LINDOS<sup>208</sup>

*Sobre Midas; [esquema cíclico<sup>209</sup>]*

Uma virgem de bronze eu sou, e repouso sobre a tumba de  
[Midas<sup>210</sup>.

Enquanto a água correr, e as altas árvores se encherem  
[de folhas,  
permanecendo aqui, em cima da sua tumba de muitas lágrimas,  
anuncio aos que cá passam que Midas está enterrado  
[neste local.

## 154. ANÓNIMO

*Sobre Corebo, [recordado por Calímaco no livro I dos "Aitia"]*

Monumento comum para os Megarenses e os filhos de Ínaco<sup>211</sup>,  
fui erguido em vingança pela morte de Psâmate:  
sou a Pena que guarda o túmulo, e o que me matou, Corebo,  
jaz aqui sob os meus pés, por causa da trípole.<sup>212</sup>

O oráculo de Delfos assim profetizou, que eu me tornasse  
monumento da sua noiva e contasse a sua história.

<sup>208</sup> O epigrama, que a dada altura foi atribuído a Homero e passou a incluir o texto das *Vidas* desse poeta (e.g. Diógenes 1.89), poderia pertencer originalmente a Platão, que o transmite no *Fedro* (264).

<sup>209</sup> O acrescento do lema define a técnica compositiva do epigrama, que consiste no desenvolvimento de um verso inicial.

<sup>210</sup> Figura mítica baseada no rei da Frígia com o mesmo nome, do século VIII a.C. O principal mito com ele relacionado era o de que transformava em ouro tudo aquilo em que tocava, de onde a expressão "toque de Midas".

<sup>211</sup> Os Argivos.

<sup>212</sup> Apolo seduzira Psâmate, filha de Crotopo. Morta esta por seu pai, Apolo enviou a Argos, para se vingar, uma Pena (personificação do castigo), à qual apenas Corebo conseguiu dar morte. Para se purificar, o último herói deslocou-se a Delfos, e o oráculo vaticinou que colhesse uma trípole do santuário e, com ela às costas, caminhasse em linha reta até que ela caísse ao chão; nesse lugar – que calhou ser Mégara –, devia fundar um novo santuário a Apolo. Pausânias (1.43.7 sqq.) menciona a sepultura do herói em Mégara, com a inscrição "Corebo matando a Pena".

### 155. ANÓNIMO

*Sobre Filístion, [o gracejador compulsivo de Niceia]*

Eu, que a muito miserável vida humana  
tempererei com o riso, Filístion de Niceia,  
jazo aqui, despojo de todo o tipo de vida<sup>213</sup>;  
muitas vezes morri, nunca desta forma.

### 156. DE ISIDORO DE EGEIAS

*Sobre o caçador Eumelo*

Com o visco e as canas<sup>214</sup> para si tirava o suficiente do ar  
Eumelo, de maneira humilde, mas em liberdade,  
e jamais beijou a mão de outrem em prol do seu estômago.  
Era esse o seu luxo, e isso lhe trazia felicidade.  
Após uma vida de três vezes trinta anos ele dorme aqui,  
tendo deixado aos filhos visco, aves e canas.

### 157. ANÓNIMO

*Sobre os presságios de alguém acerca da própria vida*

Três décadas de anos mais duas vezes três, essa medida  
fixaram para a minha vida os profetas celestes.  
Com isso me contento – essa idade é de facto a fina-flor  
da existência – se até o ancião de Pilos<sup>215</sup> morreu!

---

<sup>213</sup> Porque interpretou vários papéis. Filístion, segundo a *Suda*, era um ator do tempo de Augusto que morrera de um ataque de riso que não pôde controlar.

<sup>214</sup> Com canas embebidas em cola apanhavam-se aves, entre outras técnicas. Cf. *AP* 6.109.6 e, usado como metáfora do enamoramento, *AP* 12.92, 132a, 142.

<sup>215</sup> Cf. nota ao núm. 144.

## 158. ANÓNIMO

*Sobre Marcelo, o médico de Side*<sup>216</sup>. *Este Marcelo compôs 40 livros em verso heroico*

Esta é a tumba do ilustre médico Marcelo,  
 indivíduo honrado pelos imortais ilustres,  
 cujas obras, na bem-construída Roma, publicaram  
 Adriano, o melhor dos nossos imperadores recentes,  
 e o filho de Adriano, o muito admirável Antonino,  
 para que entre os homens vindouros ele colha glória  
 graças à eloquência que lhe outorgou Febo Apolo  
 a cantar, no metro heroico, os remédios das doenças  
 em quarenta livros cheios da inspiração de Quíron<sup>217</sup>.

## 159. DE NICARCO

*Sobre o flautista Teléfanes*

Orfeu pela sua cítara conseguiu o maior renome entre os  
 [mortais,  
 Nestor pela sabedoria da sua língua de doces palavras<sup>218</sup>,  
 pela arte complexa dos seus versos o muito sábio e divino  
 [Homero,  
 e pelas suas flautas Teléfanes<sup>219</sup>, de quem é esta tumba.

---

<sup>216</sup> A *Suda* considera-o um médico dos governos de Antonino e Marco Aurélio.

<sup>217</sup> O centauro perceptor de Aquiles, conhecido pelos seus conhecimentos curativos.

<sup>218</sup> Cf. nota ao núm. 144.

<sup>219</sup> Citado por Demóstenes (*Contra Midias* 21.17), Pausânias (1.44.6) conta que a sepultura deste Teléfanes estava algures no caminho entre Mégara e Corinto.

### 160. DE ANACREONTE

*Sobre o nobre Timócrito*

Forte nos combates era Timócrito<sup>220</sup>, de quem é esta tumba!  
Mas Ares não poupa os corajosos, antes os covardes.

### 161. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

*Sobre Aristómenes, sobre cuja tumba estava uma águia*

– Ave mensageira de Zeus Crónida! Porque estás tu pousada,  
terrível, sobre a tumba do grande Aristómenes?  
– Anuncio aos mortais que, da mesma maneira que eu  
sou a melhor das aves, assim é ele entre os jovens.  
As pombas covardes pousarão sobre a tumba dos covardes,  
mas nós, com homens intrépidos nos alegamos.

### 162. DE DIOSCÓRIDES

*Sobre Eufrates Persa, [um escravo]*

Não imoles Eufrates, Filónomo, nem por minha causa  
macules o fogo; sou Persa por meus pais  
e Persa de nascimento, sim, senhor! Macular o fogo  
é para nós mais odioso que a dura morte.  
Amortalha-me e entrega-me à terra, e no meu cadáver  
não vertas libações; também honro, senhor, os rios.<sup>221</sup>

### 163. DE LEÓNIDAS

*Sobre Prexo de Samos. [Pergunta e resposta]*

– Quem és e de quem és filha, mulher que jazes sob esta  
[lápide de Paros?

---

<sup>220</sup> Desconhecido.

<sup>221</sup> O epigrama serve-se de uma série de costumes dos Persas, que pareceriam exóticos a um leitor grego.

- Sou Prexo, filha de Calíteles. – De onde? – De Samos.  
 – E quem te deu sepultura? – Teócrito, a quem meus pais  
     [me deram  
     em casamento. – Como foi que morreste? – Por causa  
     [do parto.  
 – Quantos anos tinhas tu então? – Vinte e dois. – E não  
     [tinhas filhos?  
     – Sim, deixei ficar Calíteles, com apenas três anos.  
 – Que ele viva, graças a ti, e possa atingir uma longa velhice.  
     – E a ti, estrangeiro, que a Sorte conceda todos os bens!

#### 164. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

*Sobre a mesma Prexo de Samos*

- Diz, mulher, a tua família, o teu nome e a tua terra! –  
     [Calíteles  
     foi meu pai, Prexo o meu nome, a minha terra Samos.  
 – E a sepultura, quem ta ergueu? – Teócrito, que outrora  
     soltou as amarras intocáveis da minha virgindade.  
 – Como morreste? – Entre as dores do parto. – Diz também  
     com que idade partiste? – Duas vezes onze anos.  
 – Ainda sem filhos? – Não, estrangeiro; deixei ainda novo  
     Calíteles, filho de três anos, ainda um menino.  
 – Possa ele atingir a feliz e encanecida velhice! – E que toda  
     a tua vida, caminhante, a dirija o sopro feliz da Sorte.

#### 165. DO MESMO, OU DE ÁQRUIAS

*Sobre a mesma*

- Diz, mulher, quem foste. – Prexo. – Filha de que pai?  
     – De Calíteles. – E de que país és tu? – Samos.  
 – A sepultura, quem ta ergueu? – Teócrito, o que foi meu  
     esposo. – Como morreste? – Entre as dores do parto.

- Quantos anos tinhas? – Duas vezes onze. – Deixas filhos?  
– O pequeno Calíteles, de apenas três anos.  
– Possa a sua vida ter fim entre os homens! – E que a Fortuna,  
estrangeiro, a toda a tua vida conceda um doce fim!

### 166. DE DIOSCÓRIDES, OU DE NICARCO

*Sobre Lamisca de Samos, morta no parto, na Líbia*

Lamisca, exalando entre penosas dores do parto o sopro  
derradeiro, essa filha de Nicarete e Êupolis  
da raça de Samos, com os seus gémeos, junto ao Nilo  
as praias da Líbia a ocultam, com vinte anos.  
Agora, donzelas, ao levarem à rapariga presentes do parto,  
derramai lágrimas quentes sobre a sua tumba fria.

### 167. DE DIOSCÓRIDES, OU DE HECATEU DE TASOS

*Sobre Políxena, a esposa de Arquelau*

Chama-me Políxena, a esposa de Arquelau, a filha  
de Teodectes e da muito desgraçada Demárete,  
e mãe, tão só pelas dores do parto; o meu filho, o deus  
o levou quando não tinha ainda vinte dias.  
Com dezoito anos eu mesma morri, uma mãe recente  
e recente esposa – para tudo foi pouco o tempo.

### 168. DE ANTÍPATRO DE TESSALÓNICA

*Sobre Polixo, que teve um parto terrível de três bebês*

“Que uma mulher após isto deseje ser mãe!” – dizia Polixo  
com o ventre desgarrado por três bebês.  
Nos braços da parteira caía morta, enquanto os rapazes  
caíam ao chão desde o fundo das suas coxas,  
nados-vivos de uma mãe morta. Foi um mesmo deus  
que lhe roubou a vida para a conceder a eles.



## 169. ANÓNIMO

*Sobre uma vaca que se perfila diante de Bizâncio, em Crisópolis.*

*Inscrito numa coluna:*

Da vaca filha de Ínaco<sup>222</sup> não sou a estátua, nem de mim tira  
o seu nome o mar do Bósforo<sup>223</sup> que me faz frente.  
A essa, a pesada cólera de Hera a pôs outrora em fuga  
até Faros<sup>224</sup>; eu, que aqui estou morta, sou cecrópia<sup>225</sup>.  
Era esposa de Cares<sup>226</sup>, e naveguei com ele quando navegou  
para esta terra para combater a frota naval de Filipe.  
Bídon<sup>227</sup> me chamavam nesse tempo. E agora eu, a esposa  
de Cares, rejubilo perante os dois continentes.

## 170. DE POSIDIPO [OU CALÍMACO]

*Sobre o pequeno Arquíanax, que morreu num poço*

Arquíanax, de três anos, estava a brincar junto a um poço  
e foi atraído pelo tosco reflexo da sua imagem.  
Da água a mãe ainda pôde retirar o seu filho encharcado,  
averiguando se conservava algum sopro de vida.

---

<sup>222</sup> Refere-se a Io, uma das muitas mortais amadas por Zeus, que a ciumenta Hera teria transformado em vaca e posto em fuga, atormentada por um moscardo. Acreditava-se que o Bósforo (lit. “passagem da vaca”) teria recebido o seu nome a partir dessa heroína.

<sup>223</sup> O Bósforo, frequentemente, é usado como sinónimo de Bizâncio. E.g. núms. 551, 552, 569.

<sup>224</sup> Nas margens do Nilo, onde Zeus e Hera acordaram pôr fim ao seu tormento.

<sup>225</sup> I.e. Ateniese.

<sup>226</sup> General ateniense enviado para socorrer Bizâncio, assediada por Felipe de Macedónia em 340 a.C.

<sup>227</sup> À letra, o nome significa “a bezerrinha” – daí a possível confusão com a estátua que, em homenagem à esposa morta, Cares mandou colocar sobre o seu túmulo. Vários historiadores confirmam a história e a inscrição do epigrama, como recordada pelo lematista.

Mas o menino não ultrajou as Ninfas, e, adormecido  
nos joelhos da mãe, dorme agora o sono eterno.

### 171. DE MNASALCAS DE SÍCION

*Sobre Pimandro, caçador de Melos*

Mesmo aqui, descanse a sua asa veloz a ave divina,  
pousada sobre este plátano agradável.

Morreu Pimandro, o de Melos, e não mais vem aqui  
espalhar a cola nas suas canas de caça.<sup>228</sup>

### 172. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

*Sobre Alcímenes, o caçador de aves morto por uma víbora*

Eu, que outrora protegia a minha sementeira do melro<sup>229</sup>

e desse ladrão, o grou de alto voo da Bistónia<sup>230</sup>,

estirando os braços ágeis da minha funda de cabedal,

eu, Alcímenes, espantava a nuvem dos pássaros.

Picando-me no tornozelo, uma víbora venenosa injetou-me

na carne o veneno amargo das suas mandíbulas

e privou-me da luz. Assim eu, sempre com os olhos no ar,

não cuidei do mal que rastejava aos meus pés.

---

<sup>228</sup> Cf. nota ao núm. 156.

<sup>229</sup> O original refere-se ao estorninho-comum (*Sturnus vulgaris*), também chamado de estorninho-malhado, frequentemente confundido, pelo seu aspeto, com o melro.

<sup>230</sup> Esta região da Trácia passou a ser epíteto do grou, também em latim.

## 173. DE DIOTIMO, OU DE LEÓNIDAS

*Sobre o vaqueiro Terímaco, atingido por um relâmpago*  
 Certa tarde, voltavam as vacas do monte por si mesmas  
     ao estábulo, completamente cobertas de neve,  
 e eis que – ai, ai! – Terímaco dormia junto a um carvalho  
     o sono eterno, adormecido pelo fogo do céu.

## 174. DE ERÍCIO

*Sobre o mesmo*  
 Não mais entoarás a melodia pastoral das flautas,  
     Terímaco, junto a este plátano elevado;  
 nem as bezerras cornudas hão de escutar o delicado som  
     das tuas flautas, encostado à sombra do carvalho.  
 Matou-te uma tempestade de relâmpagos; e as tuas bezerras,  
     já tarde, voltaram ao estábulo empurradas pela neve.

## 175. DE ANTÍFILO

*Sobre uma tumba revolvida pelo trabalho agrícola*  
 Posto que destruíste, agricultor, todos os torrões de terra  
     com a charrua, os bois já passam sobre as tumbas  
 e a relha entre os cadáveres. Que vantagem há? Tão bom  
     será o trigo que arrancareis das cinzas, não da terra?  
 Não vivereis para sempre, e outro há de um dia lavrar-vos,  
     a vós, para todos exemplo da mais ímpia lavoura.

## 176. DO MESMO

*Outro semelhante*  
 Não foi por falta de funeral, ao morrer, que jazo aqui,  
     um cadáver nu sobre a terra que gera o trigo;  
 com solenidade fui antes enterrado, mas agora a relha

de ferro revolveu-me às mãos do lavrador.  
Quem disse que a morte é o fim dos males, estrangeiro,  
se nem a tumba é a última das minhas dores?

### 177. DE SIMÓNIDES

Esta sepultura, ao falecido Espínter a ergueu seu pai.

### 178. DE DISOCÓRIDES DE NICÓPOLIS

*Sobre o escravo Timantes, da raça dos Lídios*

Sou da Lídia, sim, da Lídia, mas foi em tumba livre,  
senhor, que meteste o teu pedagogo Timantes.  
Possas tu gozar vida próspera, livre de males; e se, na velhice,  
a mim te juntas, hei de servir-te, senhor, mesmo no  
[Hades.

### 179. ANÓNIMO

*Sobre outro escravo, Manes, da raça dos Persas*

A ti, senhor, mesmo agora debaixo da terra, sigo fiel  
como antes, pois não esqueci a tua bondade,  
como três vezes me resgataste da doença de volta à saúde  
e, agora, me depositaste neste nicho suficiente  
que diz “Manes, da raça dos Persas”. Pelo bem que me fizeste,  
terás criados mais dispostos a servir-te na necessidade.

### 180. DE APOLÓNIDES

*Sobre outro escravo, morto em vez do seu senhor*

Mudou-se o teu destino de morte, e no teu lugar, senhor,  
ocupo eu, um escravo, esta tumba funesta;  
quando estava a construir a tua tumba chorosa sob a terra,  
para aí enterrar o teu corpo após a tua morte,

à minha volta ruiu o arco de terra. Mas Hades, a mim,  
 não me pesa: hei de viver debaixo do teu sol!<sup>231</sup>

### 181. DE ANDRONICO

*Sobre Damocrácia*

Muito chorada partiste para a sombria casa de Aqueronte,  
 querida Damocrácia, à tua mãe deixando o pranto.  
 E ela, quando tu morreste, com um ferro recém aguçado  
 cortou as tranças brancas da cabeça envelhecida.

### 182. DE MELEAGRO

*Sobre Clearista, morta na câmara nupcial*

Não um marido, mas o Hades, Clearista recebeu na noite  
 de núpcias, quando depunha a cinta de castidade.  
 Ainda há pouco, durante a noite, se ouviam flautas à porta  
 da noiva, e ressoavam as portas dos seus aposentos;  
 mas, com a aurora, entoaram um grito de dor; e o himeneu<sup>232</sup>,  
 silenciando-se, mudou-se em canto de lamento.  
 As tochas, as mesmas que lhe alumiam o leito nupcial,  
 mostraram-lhe já morta o caminho para o Hades.

---

<sup>231</sup> A última frase é de sentido obscuro. Pode querer significar que, enquanto o senhor se lembrar do escravo defunto, Hades será para ele um sol; ou mesmo sugerir que, uma vez morto, escravo e mestre partilharão a tumba, como no epigrama anterior.

<sup>232</sup> Aqui, e nos epigramas seguintes, com o sentido de “coro nupcial”.

### 183. DE PARMÉNION

*Sobre Helena*<sup>233</sup>, *uma virgem morta*

[Quando acabava de depor a sua cinta de castidade,]<sup>234</sup>

Hades primeiro levou a virgindade de Crócale.

Para as lamentações se detém o himeneu; e as esperanças  
dos esposos não as adormeceu o tálamo, mas a tumba.

### 184. DO MESMO

*Sobre a mesma [Helena]*

Sou a tumba da virgem Helena, e de luto também pelo irmão  
que morreu antes recebo lágrimas a dobrar de uma mãe.

Aos pretendentes deixei dor comum: por ela, que não fora  
ainda de ninguém, chora também a esperança de todos.<sup>235</sup>

### 185. DE ANTÍPATRO DE TESSALÓNICA

*Sobre uma jovem líbia morta em Roma*

A poeira da Ausónia<sup>236</sup> me guarda, uma Líbia, e jazo perto  
de Roma, ainda virgem, junto à areia desta praia.

Pompeia, a que me criou, chorando-me como se fosse sua  
filha depositou-me nesta tumba de gente livre,  
buscando um fogo diferente<sup>237</sup>; mas este veio antes, e a prece  
não acendeu a minha tocha, antes Perséfone.

---

<sup>233</sup> Confusão do lematista com o epigrama seguinte.

<sup>234</sup> O verso 1, perdido, não passa de uma conjectura que leva em conta a proximidade com o núm. anterior.

<sup>235</sup> Diametralmente diferente é o caso da defunta do da esposa de Menelau raptada por Páris, pois que a primeira ainda não se entregara a nenhum homem.

<sup>236</sup> I.e., a Itália.

<sup>237</sup> O das tochas nupciais, e não o das fúnebres.

## 186. DE FILIPO

*Sobre Nicípis, morta na câmara nupcial*

Ainda agora o tálamo nupcial de Nicípis ecoava docemente  
a flauta, e o hino se alegrava com palmas pelas bodas.  
Mas um canto de lamento assaltou este himeneu, e a infeliz,  
não ainda mulher feita, vemo-la gora já cadáver.  
Porque, plangente Hades, foste separar o esposo da noiva,  
tu que te comprazes com os leitos raptados?<sup>238</sup>

## 187. DO MESMO

*Sobre Mélite, uma virgem*

A velha Nico adornou de coroas a tumba de Mélite,  
uma virgem. Hades! Foi justo o teu veredito?

## 188. DE ANTÓNIO TALO

*Sobre Cleanassa, morta queimada na câmara nupcial, ou  
melhor, arrebatada*

Desafortunada Cleanassa! Estavas [no momento de casar,  
rapariga], exatamente no viço da tua juventude;  
às tuas bodas não foi o Himeneu que veio como sacerdote,  
nem as tochas de Hera, deusa do jugo, te encontraram,  
antes o lúgubre Hades se precipitou e, com ele, a Erínia  
assassina pronunciou dos lábios a palavra fatal.  
No mesmo dia em a tocha alumia a cama das tuas bodas  
encontraste a pira funerária, não os leitos nupciais!

---

<sup>238</sup> Hades tinha raptado Perséfone.

### 189. DE ARISTÓDICO DE RODES

*Sobre um gafanhoto afinado*<sup>239</sup>

Não mais, afinado gafanhoto, na morada opulenta  
de Álcis Hélios voltará a ver-te cantar;  
na verdade, já esvoaçaste para os prados de Clímeno  
e as flores orvalhadas da dourada Perséfone.<sup>240</sup>

### 190. DE ÂNITE<sup>241</sup>, OU DE LEÓNIDAS

*Sobre um gafanhoto e uma cigarra*

Para um gafanhoto, rouxinol dos campos, e uma cigarra  
que habita o orvalho, Miro fez tumba comum,  
derramando lágrimas a jovem moça – os dois prazeres  
que tinha, consigo os levava o impiedoso Hades.

### 191. DE ÁRQUIAS

*Sobre uma pega*<sup>242</sup>, *porque é melodiosa*

Eu, uma pega, que outrora tantas vezes respondia  
imitando pastores, madeireiros e pescadores,  
muitas vezes entoando um grito, tal qual um eco,  
melodia gozadora de uns lábios respondões,

---

<sup>239</sup> O termo original (*akris*), neste epigrama e nos núms. 190, 192-195, 197-198 e 364, pode significar tanto “grilo” como “gafanhoto”. Embora fosse mais natural o primeiro animal, porquanto o que está em causa é o seu canto, desde a *Iliada* (21. 12) que a melodia do gafanhoto é poeticamente elogiada. Vd., a propósito, Rodrigues (2006: 26, n. 4).

<sup>240</sup> Os núms. 189-216 são epitáfios literários de animais, género que se tornou famoso, ao ponto de o cultivarem alguns dos melhores epigramatistas helenísticos e bizantinos.

<sup>241</sup> Ânite de Tégea (séc. III a.C.), ficou conhecida sobretudo pela sua poesia fúnebre, tendo dedicado um considerável número de epigramas à morte de animais. Vd. Rodrigues (2005) e idem (2006).

<sup>242</sup> O epigrama refere-se ao hábito da pega, se familiar, de responder em jeito de eco aos sons que escuta.



jazo agora tombada sobre a terra, desprovida de língua  
e de voz, tendo deixado o gosto de imitar.

### 192. DE MNASALCAS

*Sobre um gafanhoto musical*

Não mais cantarás com as tuas asas de clara voz,  
gafanhoto, pousado sobre férteis sulcos,  
nem, estendido eu à sombra dos ramos, me encantarás  
entoando com as loiras asas um doce canto.

### 193. DE SÍMIAS

*Outro sobre um gafanhoto*

Este aqui, apanhei-o com a mão ar passar por um bosque  
[frondoso,  
escondido que estava sob as folhas de uma vinha sonora<sup>243</sup>,  
para que dentro de casa bem fechada me dê música a mim,  
cantando deleitosamente de uma boca sem língua.<sup>244</sup>

### 194. DE MNASALCAS

*Outro sobre o gafanhoto de Demócrito*

O gafanhoto de melodiosas asas de Demócrito, morto,  
guarda-o este vaso de argila na berma do longo caminho.  
Quando ele se punha a entoar a cantoria que durava toda a tarde,  
a casa inteira ressoava ante a sua melodia harmoniosa.

---

<sup>243</sup> Note-se a hipálage, para sugerir o barulho de pisar as folhas secas da vinha caídas sobre o chão, onde é mais frequente encontrar o gafanhoto.

<sup>244</sup> Os núms. 193, 195 e 196 não são epitáfios, tendo sido copiados neste ponto do manuscrito por tratarem dos mesmos animais, no caso, gafanhotos e cigarras.

### 195. DE MELEAGRO

*Outro sobre o mesmo gafanhoto musical*

Gafanhoto, que ludibrias os desejos e incitas o sono,  
gafanhoto, Musa agreste de voo melodioso,  
imitação natural da lira, entoa-me algo que eu goste,  
batendo com as amáveis patas nas tuas asas sonoras,  
para me guardar do cuidado sempre desperto das minhas penas,  
tu, gafanhoto, entoando canção que engana o amor.  
Como presentes matinais, dar-te-ei cebolinho sempre verde  
e gotas de orvalho [borrifadas com a minha *boca*]<sup>245</sup>.

### 196. DO MESMO

*Sobre uma cigarra musical*

Barulhenta cigarra, que embriagada com as gotas de orvalho  
entoas um canto rústico que ecoa solitário no deserto!  
Pousada no topo das folhas, usando as patas como serras  
do teu corpo bronzeado tiras um som como o da lira.  
Vamos, amiga, canta uma melodia inaudita para as Ninfas  
das árvores, entoando um som que responda a Pã,  
para que, fugindo de Eros, ao meio-dia eu venha a este lugar  
buscando o sono, deitado à sombra de um plátano.

### 197. DE FENO

*Sobre o gafanhoto de Demócrito*

A Demócrito eu, o seu gafanhoto, quando fazia brotar a doce  
melodia das minhas asas, trazia o sono profundo.

---

<sup>245</sup> O sentido do texto entre parênteses retos não é claro, e nenhuma tradução avançada é satisfatória. Deve, no entanto, estar em causa o borrifar de água com um instrumento perfurado (a boca) para humedecer determinada superfície.

E foi Demócrito, caminhante, quem amontoou esta tumba conveniente<sup>246</sup> perto de Oropo<sup>247</sup>, quando morri.

### 198. DE LEÓNIDAS DE TARENTO

*Sobre o gafanhoto de Filénis*

Por pequena que pareça e esteja no chão, caminhante,  
a pedra que repousa sobre a minha tumba,  
louva Filénis, meu caro! A verdade é que este gafanhoto  
cantor, que antes vivia a pisar espinhos,  
durante dois anos ela o cuidou, este hóspede das espigas,  
e enterrou agradecida pela sua música harmoniosa.  
E nem ao morrer me descuidou, antes ergueu sobre mim  
este pequeno memorial à minha música variada.

### 199. DE TIMNES

*Sobre um pássaro não identificado*

Ave que as Graças criaram, que modulas a voz  
ao ponto de parecer-se à dos alcíones,  
partiste, querido melro<sup>248</sup>. O teu ninho e a tua doce voz,  
os silenciosos caminhos da noite os têm agora.

### 200. DE NÍCIAS

*Sobre uma cigarra morta por um rapaz*

Não mais, oculta por entre a densa folhagem de um ramo,  
gozarei emitindo sons das minhas asas flexíveis.

---

<sup>246</sup> Nota de simplicidade. A referência é a um mero monte de terra, conveniente a este defunto.

<sup>247</sup> Na Ática oriental.

<sup>248</sup> Já o lematista não conseguia identificar a ave em causa, podendo tratar-se da espécie que Aristóteles (*História dos animais* 617a 15) designa de *laios* (o melro azul, *Petrocichla cyanus*), ou de outra espécie conhecida pelo seu canto.

Caí na mão maldita de um rapaz, que inesperadamente  
me apanhou pousada sobre umas folhas verdes.

### 201. DE PÂNFILO

*Sobre o mesmo*

Não mais, assim pousada sobre verdes folhas,  
propagas a cantar a tua voz agradável;  
um dia que cantavas, melodiosa cigarra, matou-te  
a mão estendida de um jovem rapaz.

### 202. DE ÂNITE

*Sobre o mesmo*

Não mais como antes, batendo as tuas asas robustas,  
hás de tirar-me da cama, despertando cedo;  
é que, enquanto dormias, o bandido<sup>249</sup> veio, e à socapa  
te matou, degolando-te com as garras afiadas.

### 203. DE SÍMIAS

*Sobre uma perdiz morta*

Não mais, pelo arbóreo bosque sombrio, perdiz selvagem,  
libertarás da tua garganta esse grito ressonante,  
caçando os camaradas pintalgados no seu pasto da floresta<sup>250</sup>;  
partiste já para a última viagem, rumo ao Aqueronte.

---

<sup>249</sup> Pode tratar-se de uma raposa. O lema é errado, pois o epigrama fala claramente de um galo (v. 2).

<sup>250</sup> Trata-se de uma perdiz domesticada e usada como chamariz na caça.

## 204. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

*Sobre a perdiz de Agátias, o Escolasta, que um gato comeu*  
 Não mais, desgraçada perdiz, longe dos rochedos te há de  
 guardar a casa enrançada de arbustos flexíveis,  
 nem, ao raiar da luz da filha da manhã de olhos brilhantes<sup>251</sup>,  
 agitarás as pontas das tuas asas aquecidas pelo sol.  
 A tua cabeça, uma gata a arrancou; ainda salvei o resto  
 do teu corpo, mas ela não satisfez a ávida boca.  
 Agora, não seja leve a terra que te cobre, mas antes pesada,  
 para que ela não possa desenterrar o teu cadáver.

## 205. DO MESMO

*Sobre a mesma perdiz*  
 A gata cá de casa, a que comeu a minha perdiz,  
 espera acaso viver debaixo do meu teto?  
 Não, querida perdiz, não te deixarei morta sem honra,  
 antes imolarei sobre o teu corpo o teu inimigo.  
 Mais e mais se enfurece a tua alma, até que eu cumpra  
 tudo quanto fez Pirro na tumba de Aquiles<sup>252</sup>.

## 206. DE DAMÓCARIS, O GRAMÁTICO

*Sobre a mesma perdiz*  
 Imitadora dos cães devoradores de homens, gata maldita,  
 és farinha do mesmo saco dos cães de Actéon!<sup>253</sup>

---

<sup>251</sup> A Aurora.

<sup>252</sup> Referência ao sacrifício de Políxena, reclamado por Aquiles depois de morto.

<sup>253</sup> Os cães de Actéon devoraram o dono, incitados por Ártemis, ultrajada por o herói a ter visto banhar-se nua, ou, noutras versões, se ter vangloriado de ser melhor caçador do que ela. A gata do epigrama não mata o próprio mestre, é certo, mas a comparação dá nota da proximidade de Agátias – de quem Damócaris era discípulo – com esta perdiz.

Por teres comido a perdiz de Agátias, o teu senhor, o fazes  
sofrer – é como se o teu mestre tivesses devorado.  
Tu tens a cabeça na perdiz, enquanto os ratos andam por aí  
a dançar e se vão alimentando da tua ração.

### 207. DE MELEAGRO

*Sobre uma lebre, morta por gula*

Eu, uma lebre de pés rápidos e orelhas alongadas,  
arrancada bebé às tetas da que me gerou,  
no seu seio me acarinhou e alimentou Fânio de doce  
pele, dando-me de comer flores de primavera.  
Nem sentia a falta da minha mãe; e morro por festim  
insaciável, engordada por abundante comida.  
Ela, junto à cama enterrou o meu corpo, para que, em sonhos,  
possa sempre ver a minha tumba perto do leito.

### 208. DA POETISA ÂNITE

*Sobre o cavalo de combate de Dâmis*

Este memorial, ao seu cavalo intrépido ergueu  
Dâmis, quando Ares perfurou o seu peito  
fulvo. O sangue negro escorreu-lhe pela pele dura,  
e com o seu rasto humedeceu a lúgubre terra.

### 209. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]

*Sobre uma formiga*

Aqui, junto à plantação, formiga, paciente obreira,  
este monte de terra ressequida te construí,  
para que, já morta, no sulco que cria as espigas de Deo<sup>254</sup>  
te alegres, jazendo em tumba que o arado revira.

---

<sup>254</sup> Deméter.

## 210. DO MESMO

*Sobre uma andorinha, cujos filhos uma serpente engoliu*  
 Quando acabavas, andorinha, de ser mãe de nova ninhada,  
 quando ainda aquecias os pequenos sob as tuas asas,  
 penetrando dentro do ninho que albergava os teus passarinhos  
 uma serpente quatro vezes enrolada te roubou as crias;  
 ainda te lamentavas, e ela voltou em força para te matar,  
 mas caiu sobre a chama ardente de um braseiro aceso.  
 Assim morreu, fracassando. Vê como Hefesto, o vingador,  
 salvou a raça que descende do seu filho Ericciónio.<sup>255</sup>

## 211. DE TIMNES

*Sobre o cão maltês<sup>256</sup> de Eumelo*  
 Esta pedra aqui diz que cobre um cão veloz de Mélite,  
 o extremamente fiel companheiro de Eumelo.  
 Tauro lhe chamavam, quando vivia; mas agora, a voz  
 dele os silenciosos caminhos da noite a têm.<sup>257</sup>

---

<sup>255</sup> Ericciónio – ele próprio representado como um híbrido de homem e serpente – era pai de Pandíon, por seu turno pai de Procne e Filomela, mulheres que, segundo o mito, foram transformadas em aves. Segundo a versão mais divulgada do mito, Filomela foi violada por Tereu, seu cunhado e rei da Trácia, casado com a sua irmã Procne. Para impedir Filomela de denunciar a violência sofrida, Tereu cortou-lhe a língua. Ainda assim, Filomela conseguiu informar a irmã do sucedido, bordando uma mensagem numa tela. Ao saber do crime do marido, Procne matou o filho do casal, Ítis, e serviu a sua carne a Tereu. Para escapar à perseguição de Tereu, as duas pediram ajuda aos deuses, que as transformaram em pássaros: Filomela em rouxinol, Procne em andorinha (em alguns autores o inverso), e Tereu em poupa. Cf. Apolodoro 3.14.8, Ovídio, *Metamorfoses* 4.424-674.

<sup>256</sup> Os cães do atual território de Malta (Mélite, na antiguidade) eram muito requisitados para a caça e como cães de companhia.

<sup>257</sup> Cf. núm. 199.4, do mesmo autor.

## 212. DE MNASALCAS

*Sobre a ave mergulhão*<sup>258</sup>

Diz, estrangeiro, que esta é a tumba de Mergulhão de pés  
 [-de-vento,  
 a pata mais ligeira que a terra seca alguma vez criou.  
 Muitas eram as vezes que atingia a velocidade dos barcos  
 e, como uma ave<sup>259</sup>, percorria o seu longo trajeto.

## 213. DE ÁRQUIAS

*Sobre uma cigarra morta por formigas*

Antes, pousada sobre os verdes ramos de um pinho luxuriante,  
 ou à sombra do frondoso pinheiro manso tu tocavas,  
 plangente cigarra, com as costas de asas delicadas, uma  
 [melodia  
 que mais do que o som da lira agradava aos pastores.  
 Porém agora, que foste morta pelas formigas dos caminhos,  
 envolveu-te o abismo com que não contavas do Hades.  
 Entende-se que tenhas morrido, se também o senhor da poesia,  
 o Meónida, morreu graças aos enigmas de pescadores<sup>260</sup>.

## 214. DO MESMO

*Sobre um golfinho lançado do mar para a praia*

Não mais, correndo pelas profundezas marulhantes do mar,  
 golfinho, hás de amedrontar os rebanhos marinhos,

<sup>258</sup> O lema é equivocado, como se explica na nota seguinte.

<sup>259</sup> I.e., um cavalo (ou égua) tão veloz quanto a ave de que recebeu o nome, o mergulhão (em grego, *aithya*).

<sup>260</sup> Vd. núm. 1.2 e nota ad loc.



nem, dançando ao som de uma flauta de muitos buracos,  
 atirará para trás a água do mar junto aos barcos;  
 nem, como a espuma, tomando como outrora as Nereidas  
 às costas as levarás até aos domínios de Tétis.  
 É que uma onda, semelhante ao promontório de Maleia,  
 levantou-se [e arrastou-te para a praia arenosa].

## 215. DA POETISA ÂNITE

*Sobre o mesmo golfinho*

Não mais, todo contente, no mar cheio de barcos  
 erguerei a cabeça saindo das profundezas,  
 nem à volta dos cascos de um navio de bela proa  
 bufarei, encantado com a minha imagem.  
 É que a escura água do mar lançou-me para terra,  
 e jazo aqui, estendido em exígua praia.

## 216. DE ANTÍPATRO DE TESSALÓNICA

*Sobre o mesmo*

As ondas e a maré agitada lançaram-me para a terra firme,  
 [a mim,  
 um golfinho, para os estrangeiros visão inédita de  
 [desgraça.  
 Mas há na terra lugar para a piedade; e por isso, os que me  
 [viram,  
 de imediato me deram a honra da sepultura, piedosos.  
 Agora, o mar que me gerou me destruiu. Que confiança  
 [pode ter-se  
 no mar, que não poupa sequer aquilo que ele próprio cria?

## 217. DE ASCLEPÍADES

*Sobre Arquenassa, cortesã de Cólofon*

Guardo Arquenassa<sup>261</sup>, essa cortesã de Cólofon,  
em cujas rugas também se alojava Eros<sup>262</sup>.

Vós, amantes que colhestes a flor fresca da sua juventude  
que despontava, por que fogueira não passastes!

## 218. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

*Sobre Laís, a cortesã de Corinto*<sup>263</sup>

Essa que entre o ouro e a púrpura, mas sempre com amor,  
se deleitava, a mais graciosa que a delicada Cípris,  
Laís, eu guardo, a mulher de Corinto de cintura marinha,  
mais brilhante que as claras correntes de Pirene,  
a Citereia<sup>264</sup> mortal, ela que mais pretendentes ilustres  
teve do que a própria virgem filha de Tíndaro<sup>265</sup>,  
para colher os seus favores e o seu amor mercenário.

A sua tumba ainda cheira ao fragrante açafraão,  
os seus ossos ainda estão embebidos de mirra perfumada  
e os cabelos brilhantes ainda exalam odor a incenso.  
Por sua causa, Afrodite lacerou o seu belo rosto  
e Eros desfez-se em soluços e gemidos.

---

<sup>261</sup> Cortesã conhecida por ser uma das amantes de Platão, segundo os testemunhos de Ateneu (13.589c) e Diógenes Laércio (3.31), que por isso mesmo atribuem o epigrama ao próprio filósofo.

<sup>262</sup> O motivo da velha ainda sedutora é frequente nos epigramas eróticos. Cf., entre outros, *AP* 5.26, 48, 62, 124, etc.

<sup>263</sup> Pausânias (2.4.4) e Ateneu (13.589b) confirmam que, nas imediações de Corinto, havia de facto um monumento fúnebre dedicado a esta mulher, o que não significa que o epigrama de Antípatro aí tivesse sido gravado. O mesmo Pausânias, de resto, transmite outro epigrama de dois dísticos (*App. Anth.* 3.155) que teria cumprido essa função.

<sup>264</sup> Como Cípris, acima, é cognome de Afrodite.

<sup>265</sup> Helena (cf. v. 14).

Não tivesse ela feito da sua cama escrava pública do lucro,  
e a Hélade, como por Helena, por ela se teria batido.

## 219. DE POMPEIO, O JOVEM

*Sobre a mesma Laís de Corinto*

A que floresceu como beldade e desejo de todos,  
a única que colheu os lírios das Graças,  
Laís, já não contempla a corrida do Sol de rédeas  
de ouro, mas, adormecida no sono fatídico,  
disse adeus a festins, ciúmes dos rapazes, querelas  
dos amantes e à lamparina dos mistérios<sup>266</sup>.

## 220. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

*Sobre a mesma Laís*

Indo para Éfira<sup>267</sup>, encontrei no caminho a tumba  
da antiga Laís, segundo conta a inscrição.  
Vertendo uma lágrima, disse: “Salve, mulher! Choro  
a tua fama, pois que antes jamais te vi!  
Como roubaste o coração dos jovens! E agora, vê tu,  
habitas o Letes<sup>268</sup>, oferecendo à terra a tua beleza.”

## 221. ANÓNIMO

*Sobre Patrófila, cortesã de Bizâncio*

Tu, viçosa para o amor e os amáveis ofícios de Cípris,  
Patrófila, os teus doces olhos agora fechaste.  
Foi-se o encanto das tuas falinhas, foram-se a canção  
e a música, e os alegres brindes das taças.

---

<sup>266</sup> A lamparina, única testemunha dos amantes, é um tópico da poesia erótica. Cf. *AP* 5. 4, 7, 8, 128, 150, 165, 166, 197, 263, 279.

<sup>267</sup> Antigo nome de Corinto.

<sup>268</sup> Cf. nota ao núm. 25.

Obstinado Hades! Porque levaste essa tão desejada  
cortesã? Também Cípris te moeu o juízo?<sup>269</sup>

## 222. DE FILODEMO

*Sobre Trigónion, cortesã dos Sabázios que entrava em delírio*

Aqui jaz o corpo delicado de um voluptuoso, aqui jaz  
Trigónion<sup>270</sup>, flor dos efeminados<sup>271</sup> de Sálmacis<sup>272</sup>,

acostumado ao santuário e à folia, amigo da brincadeira  
e das falinhas, o que a Mãe dos deuses amava,

e que, como nenhum outro, adorava os ritos femininos  
de Cípris e formava parte dos encantos de Laís<sup>273</sup>.

À volta da tumba, poeira sagrada, gera para o amante de Baco  
não amoras, mas suaves botões de violetas brancas<sup>274</sup>.

---

<sup>269</sup> I.e., também Cípris, na posição de esposa, teve ciúmes da cortesã, sentindo-se ameaçada na sua beleza?

<sup>270</sup> À letra, “pombinha”.

<sup>271</sup> O termo original (*sabakon*) também remete para Sabázio (como no lema), um dos epítetos de Dioniso.

<sup>272</sup> Segundo Estrabão (14.656), a fonte Sálmacis, perto de Halicarnasso, tinha o poder de emascular quantos dela bebessem. Estamos, com efeito, ante um epítáfio de cariz cómico sobre um efeminado, mais propriamente um Galo, o nome dado aos *castrati* devotos de Cibele (a “Mãe dos deuses” do v. 4). Para o texto e o seu comentário extensivo, vd. Sider (1997: 178-187).

<sup>273</sup> A cortesã dos núms. 218-220, proverbial ainda no tempo de Filodemo (séc. I a.C.).

<sup>274</sup> As últimas são símbolo feminino por excelência, ao passo que a amora simboliza, em contexto fúnebre, um defunto pouco hospitaleiro (cf. núm. 315.2).

## 223. DE TIILLO

*Sobre Arístion, sacerdote de Cibele*

A dançarina das castanholas<sup>275</sup>, Arístion, que à volta das tochas de Cibele sabia abanar as tranças dos seus cabelos, levada pelo som da flauta cornuda<sup>276</sup>, ela que, um depois do outro, podia beber três copos de vinho puro, aqui repousa debaixo destes olmos, não mais se alegrando com o amor ou com os esforços das longas veladas. A festas e folias, o último adeus! Jaz [debaixo destas folhas] a que outrora se enfeitava de grinaldas de flores.

## 224. ANÓNIMO

*Sobre Calicrateia, mãe de vinte e nove filhos*

Eu, Calicrateia, fui mãe de vinte e nove filhos,  
e de nenhum ou nenhuma eu vi a morte;  
mais, cheguei a completar cento e cinco anos,  
sem apoiar a mão tremente numa bengala.

## 225. ANÓNIMO

*Sobre Laertes, o pai de Ulisses de Ítaca*

Mesmo a pedra o passar do tempo a gasta, e nem o ferro ele poupa – tudo corta com a mesma foice.  
Assim também esta tumba de Laertes, bem próxima da costa, com as frias chuvas se dissolve.  
Mas o nome do herói é sempre novo – pois as canções, mesmo que queira, não pode apagá-las o tempo.

---

<sup>275</sup> No original, *krotala*, pequenos instrumentos em tudo semelhantes às castanholas, usados sobretudo em rituais bacanais e orgiásticos, como é o caso dos de Cibele e Dioniso.

<sup>276</sup> Não feita de corno, mas com essa forma (e feita da folha de lótus), usada especialmente na Frígia e, em concreto, no culto orgiástico de Cibele.

## 226. DE ANACREONTE DE TEOS

*Sobre o general Ágaton, em Abdera*

O corajoso Ágaton<sup>277</sup>, que tombou por Abdera,  
toda esta cidade o aclamou junto da pira.  
Ares, o amante de sangue, jamais degolara alguém  
tão jovem na confusão do combate odioso.

## 227. DE DIOTIMO

*Sobre Crinágoras, o general de Larissa*

Nem um leão é tão terrível nas montanhas como o filho  
de Mícon, Crinágoras, no embate dos escudos.  
Se é pequena a tumba, não o culpes! Pequena é a sua terra<sup>278</sup>,  
mas sabe produzir homens valentes na guerra.

## 228. ANÓNIMO

*Sobre a tumba de Andrócion e da sua esposa*

Para si, para os filhos e para a esposa Andrócion ergueu  
esta tumba; mas ainda não sou tumba de ninguém.  
Assim eu permaneça por largo tempo! Seja como for,  
oxalá possa receber primeiro os mais velhos.

---

<sup>277</sup> Crê-se que o epigrama terá sido composto de facto por Anacreonte e que esteve inscrito num monumento em Abdera, cidade onde o poeta viveu após a invasão persa de 545 a.C.

<sup>278</sup> A não identificação da terra natal do defunto pode sugerir a inscrição do epigrama. Bem assim, não se entende a referência do lematista a Larissa, que dificilmente seria considerada pelo poeta uma terra pequena.

## 229. DE DIOSCÓRIDES

*Sobre Trasíbulo da Lacedemónia, que recebeu sete golpes no peito*

Trasíbulo veio morto para Pítane<sup>279</sup> sobre um escudo,  
tendo recebido sete golpes dos Argivos,  
todos de frente. E o velho Tínico, ao colocar  
o filho ensanguentado sobre a pira, dizia:  
“Chorem os covardes! Eu, filho, sem lágrimas  
te enterrarei, filho meu e da Lacedemónia.”

## 230. DE ERÍCIO DE CÍZICO

*Sobre Demétrio da Lacedemónia, morto pela própria mãe*

Quando a tua mãe te recebeu fugido da guerra,  
perdido todo o teu equipamento militar,  
ela própria, Demétrio, de imediato espetou a lança  
mortífera nos teus flancos robustos e disse:  
“Morre, e que não se culpe Esparta! Não tem ela  
culpa que o meu leite tenha criado covardes!”<sup>280</sup>

## 231. DE DAMAGETO

*Sobre Aristágoras de Ambrácia*

Aqui, por Ambrácia, brandindo o escudo auxiliador,  
preferiu a morte à fuga Arímenes<sup>281</sup>,  
o filho de Teopompo. Não te admires! Um homem dório  
cuida da pátria, não da juventude perdida.

<sup>279</sup> Um bairro elegante de Esparta.

<sup>280</sup> Só na epigramática, a anedota é assunto dos núms. 433 (de Timenes) e 531 (de Antípatro de Tessalónica), além de *AP* 9.61, 397 e 447.

<sup>281</sup> Outros manuscritos escrevem “Aristágoras”, como no lema. Deve tratar-se do soldado espartano morto em 219 a.C., aquando do cerco de Ambrácia pelos Aqueus aliados de Filipo. Cf. Políbio 4.61-62.

### 232. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON?]

*Sobre Amintor, filho de Filipo*

A terra da Lídia guarda aqui Amintor<sup>282</sup>, filho de Filipo,  
cujas mãos tanto participaram na luta do ferro.  
Não foi doença dolorosa que o levou à morada da Noite,  
mas morreu por um companheiro, de escudo redondo  
[na mão.

### 233. DE APOLÓNIDES

*Sobre Élio, general romano*

Élio, o general da armada Ausónia<sup>283</sup>, carregado  
de colares de ouro<sup>284</sup>, recompensas militares,  
ao sucumbir à derradeira doença e ao ver que o fim  
era certo, [dando mostra] da sua coragem  
plantou uma espada nas entranhas e disse, ao morrer:  
“Morro por mim; não tenha glória a doença!”

### 234. DE FILIPO DE TESSALÓNICA

*Sobre outro Élio, general de Argos*

Élio, o corajoso general [de Ares], ele que enfeitara  
o pescoço com colares de ouro da guerra,  
consumido por doença degenerativa, no seu espírito  
voltou à memória viril das façanhas de antes  
e plantou nas entranhas a longa espada, dizendo apenas:  
“Os homens, Ares os mata; os covardes, a doença!”

---

<sup>282</sup> Um soldado macedónio da armada de Alexandre ou, mais provavelmente, de um dos seus sucessores, já que o primeiro tinha ocupado Sardes, em 334/333 a.C., sem necessidade de batalha.

<sup>283</sup> I.e. Romana.

<sup>284</sup> Estes espólios de guerra podem sugerir que venceu numa campanha contra os Gauleses.



## 235. DE DIODORO DE TARSO

*Sobre Temístocles, o ateniense, morto na Magnésia*

Não meças por esta tumba magnésia a grandeza do seu  
 [nome,  
 nem ignores as façanhas de Temístocles;  
 julga este patriota por Salamina e pelos seus navios,  
 e saberás que é maior do que a terra de Cécrops<sup>285</sup>.

## 236. DE ANTÍPATRO DE TESSALÓNICA

*Sobre o mesmo, na Magnésia*

Não sou eu a tumba magnésia de Temístocles, mas fui erguida  
 como memorial da invejosa sentença dos Helenos<sup>286</sup>.

## 237. DE ALFEU DE MITILENE

Inscribe as montanhas e o mar sobre a minha tumba,  
 e entre ambos, de testemunha, o filho de Leto<sup>287</sup>,  
 o curso profundo dos rios que sempre correm e outrora  
 não suportaram a força de Xerxes de muitas naus.  
 Grava ainda Salamina<sup>288</sup>, neste memorial que o povo magnésio  
 proclama que pertence ao falecido Temístocles.

## 238. DE ADAIO

*Sobre o rei Filipo, [o pai de Alexandre]*

Sou Filipo, aquele que primeiro levou a Emátia<sup>289</sup> à guerra,

---

<sup>285</sup> Atenas. A morte de Temístocles na Magnésia é relatada por Plutarco (*Temístocles* 30-31). Cf. núms. 73-74. e nota ao núm. 73.

<sup>286</sup> Pode aludir à transferência dos restos de Temístocles da Magnésia para Atenas.

<sup>287</sup> Apolo, i.e., o sol.

<sup>288</sup> Como no núm. 73.5, a imagem da ninfa homónima da cidade.

<sup>289</sup> Nome antigo da Macedónia.

e jazo aqui coberto pelos torrões da terra de Egeias<sup>290</sup>,  
tendo feito o que nenhum rei antes fez; e se alguém se gaba  
de algo maior do que eu, é porque é do meu sangue<sup>291</sup>.

### 239. DE PARMÉNION

*Sobre o rei Alexandre*

Mentirosa a notícia de que Alexandre morreu, se Febo  
não mente<sup>292</sup>: dos invencíveis, nem Hades se apodera.

### 240. DE ADAIO

*Sobre o mesmo*

A tumba de Alexandre da Macedónia, alguém que a cante,  
diga que este é o memorial dos dois continentes.

### 241. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

*Sobre o rei Ptolemeu*

Sem fim, Ptolemeu<sup>293</sup>, foi a dor de teu pai, sem fim também  
a de tua mãe, que arrancou os robustos cabelos;  
longamente te chorou o teu tutor, reunindo em suas mãos  
belicosas a cinza negra que levou à sua cabeça;  
a imensa terra Egípcia arrancou os seus cabelos,  
e a vasta morada de Europa gemeu alto;

---

<sup>290</sup> Várias cidades ostentavam esse nome. Pode tratar-se, entre outras, de uma cidade da Macedónia, a sudeste da península de Palene, ou de outra, na Acaia, já conhecida de Homero (*Iliada* 7.203), nas margens do rio Crátis, uma das doze cidades da Liga Aqueia.

<sup>291</sup> Referência a um dos seus filhos, não necessariamente a Alexandre.

<sup>292</sup> Alusão ao oráculo dado a Alexandre, como transmitido por Plutarco (*Alexandre* 14.3): “És invencível, meu jovem...”.

<sup>293</sup> Não sendo inequívoco a qual dos príncipes da dinastia Ptolemaica se refere o epigrama, parece tratar-se de Ptolemeu Filópator, o filho de Ptolemeu Filómetor, morto por volta do ano 150 com cerca de 18 anos. Vd. Waltz at alii (1938, repr. 2002: 159, n. 2).

obscrecida pela dor, a mesmíssima Selene<sup>294</sup>  
 apagou os astros e os seus trilhos celestes.  
 Pois tu morreste da peste que assolava o país inteiro,  
 sem segurar na jovem mão o cetro de teus pais.  
 Mas a noite não te recebeu da noite; príncipes como tu,  
 não os leva Hades, antes Zeus para o Olimpo.

#### 242. DE MNASALCAS

*Sobre os que morreram com Leónidas nas Termópilas*<sup>295</sup>  
 Estes aqui, tendo salvado a pátria plangente acorrentada  
 pelo pescoço, pela terra lúgubre foram cobertos;  
 mas lograram a grande glória da virtude. Agora, que cada  
 cidadão, ao vê-los, ouse morrer pela sua pátria.

#### 243. DE LÓLIO BASSO

*Sobre os mesmos trezentos Lacedemónios [que lutaram] com  
 Leónidas*

Vê esta tumba, junto ao rochedo da Fócida! Sou o memorial  
 daqueles trezentos que os Persas assassinaram,  
 os que tomaram longe da terra de Esparta, tendo travado  
 o combate entre os Medos e os Lacedemónios<sup>296</sup>.  
 A imagem que vês sobre mim, uma fera [de bela juba]<sup>297</sup>,  
 diz que é em memória do chefe deles, Leónidas.

---

<sup>294</sup> A lua. Referência a um eclipse lunar, cuja datação não se conhece. É, no entanto, um lugar comum, esta associação dos eclipses a acontecimentos históricos marcantes.

<sup>295</sup> A batalha das Termópilas – nomeada a partir do desfiladeiro em cujas imediações decorreu – foi travada em setembro de 480 a.C., no contexto da segunda Guerra Médica entre a aliança das cidades gregas, liderada pelo espartano Leónidas, e o Império persa de Xerxes.

<sup>296</sup> I.e. Espartanos.

<sup>297</sup> Um leão.

## 244. DE GETÚLICO

*Sobre os mesmos*<sup>298</sup> *trezentos*

Estas espadas cruzadas<sup>299</sup> o impetuoso Ares as resgatou  
de trezentos Argivos e outros tantos Lacedemónios,  
onde travámos combate que não deixou mensageiro, caindo  
um após o outro – Tírea era o prémio da nossa lança.

## 245. [DO MESMO]

*Sobre os mesmos Lacedemónios*<sup>300</sup>

Cronos, deus que vigia todas as coisas dos mortais,  
o que foi mensageiro dos nossos sofrimentos:  
como morremos tentando salvar a sagrada terra  
da Hélade nas ilustres planícies da Beócia.

## 246. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

*Sobre os Persas mortos em Isso na batalha contra Alexandre da  
Macedónia*

Perto do promontório de Isso, ao longo da praia selvagem  
do mar da Cilícia nós morremos, multidão de Persas,

---

<sup>298</sup> Falso. Trata-se antes do famoso episódio das lutas entre Esparta e Argos (Cf. Heródoto 1.82; Pausânias 2.38.5), assunto de vários epigramas (cf. núms. 430-432, 526, 720-721, etc.). Lutando pela posse de Tírea, Argivos e Espartanos concordaram em alinhar 300 combatentes de cada bando, sendo que perderia aquele que primeiro ficasse sem homens vivos. Dois Argivos, acreditando ser os únicos sobreviventes da carnificina, foram, no entanto, surpreendidos por Otríades, um Espartano que davam por morto. E assim, a cidade ficou para Esparta.

<sup>299</sup> À letra, “duplas”. Deve ser esse o sentido do original, duas espadas cruzadas gravadas sobre o monumento, símbolo das duas fações enfrentadas.

<sup>300</sup> Falso. Deve aludir aos Gregos mortos na Batalha de Queroneia (338 a.C.).

obra de Alexandre da Macedónia, nós, que o nosso soberano Dario tínhamos seguido na sua viagem derradeira.<sup>301</sup>

#### 247. DE ALCEU [DE MESSENE]

*Sobre os trinta mil que tombaram com Filipo, o jovem*  
Sem lágrimas e sem sepultura, caminhante, nesta tumba  
jazemos, nós, os trinta mil Tessálios  
[destruídos pelo Ares dos Etólios e dos Latinos  
que Tito trouxe desde a vasta Itália]<sup>302</sup>,  
grande desastre para a Emátia. O espírito desse valente  
Filipo<sup>303</sup>, mais veloz que cervos velozes fugiu.

#### 248. DE SIMÓNIDES

*Sobre os que lutaram com Leónidas contra os Persas*  
Outrora, aqui, contra três milhões<sup>304</sup> de homens,  
combateram quatro mil do Peloponeso.

#### 249. DE SIMÓNIDES

Estrangeiro! Vai dizer aos Lacedemónios que  
jazemos aqui, vergados às suas ordens.

<sup>301</sup> Esta batalha, contra Dario III, ocorreu em 333 a.C.

<sup>302</sup> Estes dois versos não constam da versão manuscrita de **P**, sendo acrescentados por Plutarco (*Flamínio* 9.3). O epigrama versa sobre a batalha de Cinocéfalas (197 a.C.), podendo o número 30.000 ser um exagero poético.

<sup>303</sup> Filipo IV da Macedónia. Cf. *AP* 16.5.

<sup>304</sup> A cifra deve ser exagerada, neste epigrama sobre a batalha das Termópilas cuja atribuição a Simónides é muito contestada, desde logo por Heródoto (7.228), que o cita. Sobre a produção do poeta a propósito das Guerras Medo-Persas, e a discussão da autenticidade dos epigramas a ele atribuídos, vd. Ferreira (2013: 255 sqq.).

## 250. DO MESMO

*Sobre os mesmos*<sup>305</sup>

Estando a Hélade inteira sob a ameaça da espada,  
com as nossas vidas a salvámos e agora fazemos.

## 251. DE SIMÓNIDES

*Sobre os mesmos que caíram com Leónidas*<sup>306</sup>

Estes, que à pátria amada deram uma glória inextinguível,  
foram envolvidos pela sombria nuvem da morte;  
não morreram os que estão mortos: sobre eles recai a virtude  
que, honrando-os, os resgatará da morada do Hades.

## 252. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

*Sobre os mesmos*

Estes, que enfrentaram as armas de Ares, como os demais  
não receberam estela, antes virtude pela virtude.

## 253. DE SIMÓNIDES

*Sobre os mesmos*<sup>307</sup>

Se morrer com glória é o maior prémio da virtude,  
a nós, entre todos, a sorte no-lo concedeu.  
Pois por procurar garantir a liberdade para a Hélade  
fazemos, gozando glória que não envelhece.

---

<sup>305</sup> Falso. O epigrama constaria do cenotáfio dos Coríntios mortos em Salamina, como testemunhado por Plutarco (*Moralia* 870e). Aristides (28.66) transmite uma versão com mais quatro versos, que tampouco parecem autênticos. Vd. Ferreira (2013: 279-280).

<sup>306</sup> Não é claro que o lema esteja correto. Pensou-se também que se trataria do epitáfio que Pausânias (9.2.5) diz que Simónides compôs para os Lacedemónios mortos em Plateias (479 a.C.). Vd. Ferreira (2013: 286-287).

<sup>307</sup> Falso. O epitáfio é para os Atenienses mortos em Plateias.

254. DE SIMÓNIDES

*Sobre os combatentes atenienses*

Salve, destemidos detentores da grande glória guerreira,  
 jovens de entre os Atenienses ilustres na cavalaria,  
 que outrora perdestes a juventude pela pátria de belos coros,  
 lutando contra um grande número de Helenos.<sup>308</sup>

254(B). DE SIMÓNIDES

*Sobre Brótaco*

Cretense de nascença, eu, Brótaco de Gortina, jazo aqui,  
 não tendo vindo para este fim, mas pelo comércio.<sup>309</sup>

255. DE ÉSKUÍLO

*Sobre outros combatentes da Tessália*

Até estes intrépidos lanceiros a sombria Moira matou,  
 quando salvavam a pátria rica em rebanhos.  
 Mas está viva a glória destes mortos, cujos membros  
 valerosos a terra de Ossa<sup>310</sup> cobriu.

256. DE PLATÃO

*Sobre uns Erétrios enterrados em Ecbátana*

Tendo deixado as ondas de forte rugido do Egeu,  
 jazemos em meio da planície de Ecbátana.

---

<sup>308</sup> Epitáfio de um grupo de jovens da cavalaria ateniense mortos na Guerra do Peloponeso (entre 431-404 a.C.), que opôs Atenas e Esparta.

<sup>309</sup> Não consegue explicar-se por que razão o copista C acrescentou este epitáfio, individual, à margem.

<sup>310</sup> Monte da Tessália.

Adeus, célebre pátria de antes, Erétria! Adeus, Atenas,  
vizinha da Eubeia! Adeus, mar querido!<sup>311</sup>

## 257. ANÓNIMO

*Sobre os combatentes atenienses*

Os filhos dos Atenienses, arrasando a armada dos Persas,  
salvaram a pátria da vergonhosa servidão.<sup>312</sup>

## 258. DE SIMÓNIDES

*Sobre os que foram honrados com Címon junto ao Eurimedonte*

Estes são os lanceiros que, outrora, perderam a brilhante  
[juventude  
junto ao Eurimedonte<sup>313</sup>, enfrentando os soldados dos  
[Medos  
portadores de arcos, tanto sobre a terra como sobre as naus  
[velozes.  
Mas deixaram, ao morrer, memória da mais ilustre  
[coragem.

## 259. DE PLATÃO

*Sobre os de Eubeia mortos em Susa*

Somos nascidos em Eubeia, na Erétria, e agora jazemos aqui,

---

<sup>311</sup> Pode tratar-se do episódio de uns soldados de Erétria feitos prisioneiros por Dátis e enterrados em Susa (e não em Ecbátana, segundo o lema) que contam Platão (*Leis* 3.698; *Menéxeno* 249) e Heródoto (6.119), ou simplesmente de uns marinheiros locais que encontraram a morte no mar.

<sup>312</sup> Não sendo claro a que guerreiros o epigrama se refere, houve quem atribuísse o epigrama a Simónides. Vd. Page (1981: 217-218) e Ferreira (2013: 255-256).

<sup>313</sup> A batalha de Eurimedonte foi travada em 466 a.C. nas margens do rio com esse nome, na região da Panfília (hoje parte da Turquia). Nela, a Liga de Delos, liderada por Címon, derrotou o exército persa.



perto de Susa. Ai, como estamos longe da pátria!<sup>314</sup>

## 260. DE CARFÍLIDES

*Sobre alguém que morreu muito feliz*

Não censures a minha tumba ao passar, caminhante:  
 não preciso das tuas lágrimas, nem morto.  
 Filhos dos meus filhos deixei; de uma só mulher gozei,  
 companheira de velhice; a três filhos dei esposa,  
 os filhos deles muitas vezes aconcheguei no meu regaço  
 e de nenhum chorei qualquer doença ou a morte.  
 Eles, derramando libações, para que dormisse o sono doce  
 e sem dores me enviaram para a terra dos beatos.

## 261. DE DIOTIMO

*Sobre Bianor, morto diante da mãe*

De que vale sofrer as dores do parto, de que vale ter filhos?  
 Melhor não os ter, se depois há que vê-los morrer.  
 Ao jovem Bianor, esta tumba lha ergueu a sua própria mãe;  
 mas devia a mãe do filho ter recebido algo assim.

## 262. DE TEÓCRITO, O BUCÓLICO

*Sobre Glauce, a sua jovem amiga*

O epitáfio dirá que sepultura é esta e quem tem debaixo:  
 “Sou a tumba da bem conhecida Glauce.”<sup>315</sup>

<sup>314</sup> Cf. núm. 256 e nota ad loc.

<sup>315</sup> Contra a opinião de Waltz et alii (1938, repr. 2002: 168), pode de facto tratar-se de Glauce de Quios, citarista contemporânea de Teócrito, que o próprio cita (*Idílios* 4.31).

### 263. DE ANACREONTE DE TEOS

*Sobre Clinóridas, morto no mar*

Também a ti, Clinóridas, o amor à pátria te perdeu,  
quando te fizeste à tormenta do Noto<sup>316</sup> no inverno.  
A estação traiçoeira<sup>317</sup> te reteve, e uma onda húmida  
acabou por roubar-te a flor apetecível da juventude.

### 264. DE LEÓNIDAS

*Sobre o mesmo Clin[óridas]<sup>318</sup>*

Tenha o marinheiro vento propício na viagem! Mas a esse  
[fulano,  
que uma rajada o leve, como a mim, às portas do Hades,  
e não culpe o mar de ser mau anfitrião, antes a própria  
[audácia,  
ele que soltou as suas amarras desde a minha tumba<sup>319</sup>.

### 265. DE PLATÃO

*Sobre outro naufrago*

Sou a tumba de um naufrago, e à frente tenho a de um  
[agricultor:  
sobre o mar e sobre a terra, semelhante é a morte.<sup>320</sup>

---

<sup>316</sup> O vento do sul.

<sup>317</sup> A estação traiçoeira é a Primavera, que já Hesíodo (*Trabalhos e Dias* 678 sqq.) considerava perigosa para a navegação. Clinóridas ter-se-ia enganado e embarcado julgando que o inverno já tinha terminado.

<sup>318</sup> Falso. Deve antes tratar-se do naufrago do núm. 266.

<sup>319</sup> Metáfora para o naufrago que não aprende a lição de outrem. O epigrama replica o núm. 266.

<sup>320</sup> Cf. núms. 452 e 532.

## 266. DE LEÓNIDAS

*Sobre o naufrago Díocles*

Sou a tumba do naufrago Díocles. Ai, insensatos quantos  
iniciam viagem soltando de mim as suas marras!

## 267. DE POSIDIPO

*Sobre outro naufrago, de nome Nicetas*

Marinheiros! Porque me enterrais à beira-mar? Bem longe  
devia erguer-se a miserável tumba do naufrago!

Tremo ao som das ondas, causa da minha morte.<sup>321</sup> Contudo,  
salve, todos vós que vos compadeceis de Nicetas.

## 268. DE PLATÃO

*Sobre um naufrago, que alguém encontrou e privou das roupas*

Um naufrago, este que vês! O mar, compadecido,  
teve vergonha de me despir da última veste,  
e foi um fulano de mãos audaciosas que me despiu,  
pondo sobre si tal culpa por tão pouco lucro.  
Ele que a vista então, leve-a consigo para o Hades,  
e que Minos<sup>322</sup> o veja com os meus farrapos.

## 269. DO MESMO PLATÃO

*Sobre outro naufrago*

Navegantes, sede prósperos, tanto no mar como na terra!  
Sabei que passais ante a tumba de um naufrago.

---

<sup>321</sup> O desejo de distância em relação ao mar, o elemento assassino, é um lugar comum dos epitáfios de naufragos. Cf. e.g. núms. 278, 284, 287, etc.

<sup>322</sup> Rei lendário de Creta (o que mandou construir o labirinto e nele aprisionou o Minotauro), depois de morto Minos transformou-se num dos juízes dos Infernos, juntamente com Éaco e Radamanto.

## 270. DE SIMÓNIDES

*Sobre os naufragos de Esparta*

Estes, levando desde Esparta despojos de guerra<sup>323</sup> para Febo<sup>324</sup>,  
um só mar, uma só noite e uma só tumba os sepultou.

## 271. DE CALÍMACO

*Sobre Sópolis, filho de Dioclides*

Melhor que não existissem as naus velozes; por causa delas,  
lamentamos o filho de Dioclides, Sópolis.  
Agora, porém, o mar tem algures o seu cadáver, e diante  
do seu nome e de sepultura vazia passamos.

## 272. DO MESMO CALÍMACO

*Sobre o naufrago Lico, comerciante de Naxos*

Lico de Naxos não morreu sobre a terra, antes foi no mar  
que viu destruídos, de uma só vez, o navio e a vida,  
quando voltava de Egina de comércio. Algures no oceano  
está o seu corpo e eu, tumba com tão só um nome,  
esta grande verdade proclamo: “Evita entregar-te ao mar,  
marinheiro, quando as Crianças se vão deitar!”<sup>325</sup>

---

<sup>323</sup> Ou “primícias”, embora um contexto militar torne mais provável a atribuição a Simónides. O epigrama é idêntico ao núm. 650b, atribuído ao mesmo poeta, com a única diferença de que, no último, se lê “desde a Tirrénia”. Posto que Meleagro copiou ambos, o mais provável é que, já ao seu tempo, os dois circulassem como poemas distintos nas antologias epigramáticas de Simónides. Não é claro, para nenhum dos casos, a que episódio bélico se reportam.

<sup>324</sup> Apolo, i.e., para Delfos.

<sup>325</sup> Segundo Columela (9.2), por volta de 22-23 de dezembro. As Crianças são duas estrelas da constelação Auriga, cujo nascimento e ocaso eram na Antiguidade associados a grandes tempestades (cf. Arato, Fenómenos 156 sqq.; Sérvio, *Comm. Eneida* 9.688).

## 273. DE LEÓNIDAS

*Sobre o naufrago Calescro*

A violenta e impetuosa tempestade do Euro<sup>326</sup>,  
 a noite e as ondas negras de Oríon  
 que se pôe<sup>327</sup> me destruíram; abandonei então a vida,  
 eu, Calescro, percorrendo o mar da Líbia.  
 E agora, à deriva no mar, alimento para os peixes,  
 vou e venho. E mente a pedra aqui em cima<sup>328</sup>.

## 274. DE ONESTO DE BIZÂNCIO

*Sobre o naufrago Tímocles*

Anuncio o nome de Tímocles, e pelo mar salgado  
 busco em toda a parte onde está o seu corpo.  
 Ai! Já é comida para peixes, e eu, uma pedra inútil,  
 ostento esta inscrição inutilmente gravada!

## 275. DE GETÚLICO

*Sobre o naufrago Astídamas, filho de Dâmis*

A ilha de Pélops, o mar hostil de Creta e os penhascos cegos  
 do cabo Maleia<sup>329</sup>, ao contorná-los, me mataram,  
 a mim, Astídamas de Sídon, filho de Dâmis. Já o meu corpo  
 servia de pasto à barriga dos monstros marinhos,  
 e ergueram-me tumba mentirosa em terra. Qual é o espanto,  
 se os Cretenses mentem e até Zeus<sup>330</sup> lá tem tumba?

---

<sup>326</sup> O vento de leste.

<sup>327</sup> De inícios a meados de novembro, época perigosa para a navegação, já segundo Hesíodo (*Trabalhos e Dias* 618 sqq., 674 sqq.).

<sup>328</sup> Porque cobre um cenotáfio, sem cadáver.

<sup>329</sup> No Peloponeso.

<sup>330</sup> O epitáfio desta suposta tumba figura na *Antologia*, atribuído a Pitágoras (núm. 746). E também Calímaco (*Hinos* 1.8), entre outros, a refere.

## 276. DE HEGESIPO

*Sobre um naufrago que uns pescadores resgataram do mar e enterraram*

As redes dos pescadores resgataram do mar um homem  
meio-comido, muito triste despojo de um navio;  
não olhando ao lucro – não era de justiça –, com os peixes  
mesmo o enterram sob este pequeno monte de areia.  
Ó terra! Aqui tens o naufrago inteiro! E, em vez da carne  
que falta, os peixes que provaram as suas carnes.

## 277. DE CALÍMACO

*Sobre um naufrago sepultado pelo marinheiro Leôntico*

– Quem foi teu hóspede, naufrago? – Leôntico encontrou aqui  
o meu cadáver na praia e enterrou-me nesta tumba,  
chorando pela própria vida que desafia a morte. Tampouco ele  
está quieto, mas corre os mares como um mergulhão<sup>331</sup>.

## 278. DE ÁRQUIAS DE BIZÂNCIO

*Sobre um naufrago anónimo<sup>332</sup>, mas admirável*

Eu, Térís, nem mesmo já cadáver, cuspidos para terra  
pelas ondas, esquecerei as praias insones.  
Sob os penhascos que as ondas açoitam, perto do mar  
inimigo, de mãos estrangeiras recebi tumba;  
e para sempre, desgraçado, mesmo entre os mortos, escuto  
o odioso bater das ondas do mar rugidor.  
Nem Hades me libertou das minhas penas, e sou eu o único  
que, depois de morto, não repousa em calma e silêncio.

---

<sup>331</sup> Cf. nota ao núm. 212.

<sup>332</sup> Falso. É nomeado logo no v. 1.

## 279. ANÓNIMO

*Sobre um naufrago anónimo*

Deixa de pintar remos e esporões de navios  
nesta tumba erguida sobre cinza fria.

É a tumba de um naufrago. Porque queres tu lembrar  
ao que está sob a terra a sua desgraça nas ondas?

## 280. DE ISIDORO DE EGEIAS

*Sobre uma tumba em terra revolvida pela charrua; iâmbico*

Este monte de terra é uma tumba. Detém então  
o teu par de bois, tu, e afasta dela a tua charrua:  
é que revolves cinza. Neste solo, não queiras tu  
plantar sementes – derrama lágrimas, isso sim!

## 281. DE HERACLIDES

*Semelhante sobre o mesmo; iâmbico*

Afasta, afasta essas mãos, agricultor;  
não revolve a terra desta sepultura!  
O solo foi regado de lágrimas, e dessa rega  
não mais brotará a espiga cabeluda.

## 282. DE TEODÓRIDAS

*Sobre um naufrago*

Sou a tumba de um naufrago. Tu, navega! Pois enquanto nós  
fomos destruídos, outros navios continuaram a navegar.<sup>333</sup>

---

<sup>333</sup> Cf. núm. 675.2 (de Leónidas).

### 283. DE LEÓNIDAS

*Sobre outro náufrago, Anfímenes*<sup>334</sup>

Mar tumultuoso! Porquê, tendo sofrido tantos males,  
 não me cuspieste para longe da praia deserta,  
 para que, Fileu, filho de Anfímenes, coberto das funestas  
 trevas de Hades, pudesse não ser teu vizinho?

### 284. DE ASCLEPÍADES

*Sobre outro náufrago; admirável*

Fica oito codos<sup>335</sup> longe de mim, mar tumultuoso,  
 e então eriça-te e ruga com toda a força!  
 Se arrasares a tumba de Êumares, nada agradável  
 aí encontrarás, a não ser ossos e cinzas.

### 285. DE GLAUCO DE NICÓPOLIS

*Outro sobre o náufrago Erasipo*

Nem a terra nem o peso leve de uma pedra, antes  
 o mar inteiro que vês é a tumba de Erasipo.  
 Morreu com o navio; onde apodrecem os seus ossos  
 agora, só os mergulhões<sup>336</sup> o podem dizer.

### 286. DE ANTÍPATRO DE TESSALÓNICA

*Outro sobre o náufrago Nicanor, o mais rico de Tiro*

Infeliz Nicanor, destruído pelo mar cinzento,  
 jazes nu sobre uma praia estrangeira,  
 ou junto aos rochedos; longe estão as tuas muralhas,  
 perdida a esperança de voltar [à pátria] de Tiro.

---

<sup>334</sup> Falso. O defunto é o seu filho, Fileu (v. 4).

<sup>335</sup> Um pouco menos de quatro metros.

<sup>336</sup> Cf. nota ao núm. 212.



De nada serviram as tuas riquezas: ai, ai, desgraçado!  
 Morreste, vítima dos peixes e do mar!

### 287. DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]

*Sobre o naufrago Lísis*

Mesmo morto, o mar implacável há de atormentar-me,  
 a mim, Lísis, enterrado sob um rochedo solitário,  
 rugindo sempre violento ao ouvido, perto da minha tumba  
 surda. Por que motivo, homens, me colocastes aqui,  
 perto do que me privou da vida (não um navio de carga  
 de comércio, mas uma barca de poucos remos)  
 e me fez naufragar? Eu, que só procurava ganhar a vida  
 no mar, nesse mar fui arrastado para a morte.

### 288. DO MESMO ANTÍPATRO

*Semelhante, sobre um naufrago anónimo*

A nenhum pertence, já morto, o meu corpo; o mar  
 e a terra têm, ambos, igual parte de mim.  
 A carne, no mar a comeram os peixes, e os ossos,  
 esses, para esta fria praia foram cuspidos.

### 289. DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]<sup>337</sup>

*Sobre Anteu, o naufrago salvo do mar e morto por um animal  
 selvagem em terra*

Anteu, naufragando na embocadura do Peneu, salvou-se  
 a nado sobre uma pequena tábua, durante a noite,  
 mas um lobo solitário matou-o, saltando sem prévio aviso  
 de um arbusto. Ó Terra, mais pérfida que as ondas!

---

<sup>337</sup> Cf. núm. 550, versão isopséfica de Leónidas de Alexandria para este epigrama.

### 290. DE ESTATÍLIO FLACO

*Outro, sobre um náufrago mordido por uma víbora*

Tendo escapado à tormenta e à cólera do mar assassino,  
um náufrago, descansando nas areias da Líbia,  
não muito longe da praia, vencido pelo sono derradeiro,  
nu e exausto por causa do seu terrível naufrágio,  
uma pérfida víbora o mordeu. Porque enfrentou ele as ondas  
em vão, evitando o destino que o aguardava em terra?

### 291. DE XENÓCRITO DE RODES

*Sobre a náufraga Lisídice de Cime*

Os teus cabelos ainda gotejam água salgada, jovem  
infeliz, náufraga morta no mar, Lisídice!  
Quando o mar se eriçou, tu, temendo a violência  
das ondas, caíste do côncavo navio.  
A tua tumba proclama o teu nome e a tua terra, Cime,  
mas os teus ossos são banhados em fria praia,  
amarga chaga para teu pai Aristómaco que, conduzindo-te  
para a boda, nem noiva nem cadáver levou.

### 292. DE TÉON DE ALEXANDRIA

*Sobre o náufrago Leneu*

Pode ser que os alcíones, Leneu, cuidem de ti; mas a tua mãe,  
em silêncio, espera-te a chorar sobre a tua tumba fria.

### 293. DE ISIDORO DE EGEIAS

*Sobre Nicofemo, morto de sede no mar*

A tempestade, o ocaso dos astros ou as ondas  
do mar da Líbia não engoliram Nicofemo;  
antes, em mar calmo, infeliz, preso em maré

sem vento, foi ele consumido pela sede.  
Também isto foi obra dos ventos: que males  
causam eles aos marinheiros, soprem ou não!

#### 294. DE TÚLIO LÁUREA

*Sobre Grineu, o pescador afogado no mar*

O velho Grineu, que vivia da sua barca que as ondas  
açoitavam, trabalhando os seus arpões e linhas,  
a maré violenta domada pelo terrível Noto<sup>338</sup> o engoliu  
e cuspiu na manhã seguinte para a areia da praia,  
com as mãos comidas. Quem dirá agora que os peixes  
são insensatos, se comeram só o que os matava?

#### 295. DE LEÓNIDAS DE TARENTO

*Sobre Térís, morto na própria cabana*

Térís, o ancião que com as nassas<sup>339</sup> produtivas ganhava  
a vida, o que nadava melhor que um mergulhão,  
apanhava peixes com a rede e ia apanhá-los nos buracos,  
o que na verdade viajava em barca muito furada,  
não foi Arcturo<sup>340</sup> que o matou, nem uma tempestade  
pôs termo às já muitas décadas da sua viva;  
morreu antes na sua cabana de canas, como uma lamparina  
que se extingue por si mesma ao longo do tempo.

---

<sup>338</sup> Cf. nota ao núm. 263.2.

<sup>339</sup> Também designada de covo, a nassa era um artefacto de boca afunilada, feita de vimes ou fios entrelaçados, usada para apanhar peixes e crustáceos. Cf. *AP* 6. 6, 28, 38, 90, 102.

<sup>340</sup> O nascer de Arcturo, a estrela mais brilhante da constelação do Boieiro, a meados de setembro, era época não aconselhada para a navegação, assim como o seu ocaso, em novembro.

A sepultura, não lha ergueram os seus filhos nem a esposa,  
mas o grémio<sup>341</sup> dos pescadores seus amigos.

296. DE [SIMÓNIDES DE CEOS]

*Sobre os Atenienses que lutaram com Címon em Chipre,  
quando ele venceu as 100 naus fenícias*

Desde o tempo em que o mar separou a Europa da Ásia  
e o impetuoso Ares dirige as guerras dos povos,  
jamais mortal algum levou a cabo um feito mais heroico,  
ao mesmo tempo sobre a terra e sobre o mar.  
Pois estes, tendo assassinado muitos Medos em terra<sup>342</sup>,  
tomaram cem navios dos Fenícios no mar,  
cheios de soldados. Bem alto gemeu [a Ásia, pelas suas]  
mãos poderosas ferida em duplo combate.

---

<sup>341</sup> No original, o *thiasos* (nome primordialmente associado ao cortejo orgiástico de celebrantes de Dioniso). Como qualquer outra associação profissional, também esta era de origem e com uma série de obrigações religiosas, desde logo a de sepultar os companheiros de ofício.

<sup>342</sup> A lição de **P** transmite “em Chipre”, contra todas as demais fontes do epigrama. Na verdade, Címon venceu os Medos em Chipre, em 449 a.C., mas em combate exclusivamente naval. Como tal, o episódio bélico ocorrido “ao mesmo tempo sobre a terra e sobre o mar” refere-se à vitória anterior do mesmo general em Eurimedonte, em 465 a.C., essa sim naval e terrestre. Cf. Tucídides 1.100, Plutarco, *Címon* 12-13, Diodoro 11.60, 13.3, etc. Seja como for, a atribuição do epigrama a Simónides – cuja morte costuma situar-se em 468 a.C. – não se sustenta.

## 297. DE POLÍSTRATO

*Sobre o cônsul Lúcio, que saqueou Corinto*<sup>343</sup>

A grande Acrocorinto<sup>344</sup> dos Aqueus, astro da Hélade,  
e a interseção de dupla costa do Istmo,  
Lúcio as destruiu; os ossos trespassados pela lança  
dos mortos, cobre-os um monte de pedras.

Os Aqueus que tinham levado o fogo ao palácio de Príamo,  
esses, o filho de Eneias os deixou por enterrar e chorar.

## 298. ANÓNIMO

*Sobre os noivos Êupolis e Lucina (sic), ambos mortos pela derrocada do tálamo*

Ai, como é terrível chorar a morte de um noivo  
e de uma noiva! E se se trata da de ambos,  
como Êupolis e a bela Licénio, a quem a câmara nupcial  
arruinou o casamento, caindo na primeira noite,  
é dor a nenhuma comparável: pois tu, Nícis, choraste  
o teu filho, e tu, Êudico, a tua filha.

## 299. DE NICÓMACO

*Sobre a cidade de Plateias, destruída por um sismo*

Eis, eis aqui Plateias! Mas que digo? Outrora um sismo,  
chegando sem aviso, a arrasou por completo.  
Apenas um pouco da população restou; e nós, os mortos,  
com a cidade amada como tumba aqui jazemos.

---

<sup>343</sup> Lúcio Múmio saqueou Corinto de forma muito violenta em 146 a.C., no contexto da Guerra Acaia.

<sup>344</sup> Assim se designava, isoladamente, a acrópole (parte alta) da cidade.

### 300. DE SIMÓNIDES

*Sobre Pitánax e o seu irmão*

Neste lugar, a terra cobre Pitánax e o seu irmão,  
mortos sem ver o fim da amável juventude.  
A sepultura imortal, aos defuntos a ergueu o pai,  
Megaristo, homenagem aos filhos mortais.

### 301. DO MESMO SIMÓNIDES

*Sobre os que morreram com Leónidas de Esparta*<sup>345</sup>

Gloriosos os que a terra cobre, Leónidas, esses que contigo  
aqui morreram, rei de Esparta de vastos campos,  
a força suprema dos arcos e dos cavalos de patas velozes  
dos guerreiros Medos tendo suportado na guerra.

### 302. DE SIMÓNIDES

*Sobre Nicódico*

Com os próprios mortos cada um costuma afligir-se;  
com Nicódico, os amigos e a cidade inteira<sup>346</sup>.

### 303. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

*Sobre Cleodemo, um menino que morreu num navio lançado  
ao mar*

O pequeno Cleodemo, que ainda mamava leite,  
quando pôs o pé sobre as taipas do navio,  
Bóreas, o bom Trácio, lançou-o às ondas do mar,  
e a vaga extinguiu a vida desse menino.

---

<sup>345</sup> Cf. o mesmo assunto nos núms. 242-245 e 248-253.

<sup>346</sup> Traduzimos a lição de Page (1981: 296-297), que corrige o v. 2 de forma a recusar a leitura satírica do epigrama – presente, por exemplo, em Waltz et alii (1938, repr. 2002: 184) – e defende a sua pertença original a uma coletânea de *Simonidea*, de onde teria sido copiado por Meleagro.

Ino, foste deusa implacável! Dele, com a idade do teu  
Melicertes<sup>347</sup>, não afastaste a morte violenta.

### 304. DE PISANDRO DE RODES

*Sobre Hipémon, o magnésio de Creta*

O homem chamava-se Hipémon, o cavalo Podargo,  
o seu cão Letargo e o seu criado Babes;  
Tessálio, de Creta, da raça da Magnésia<sup>348</sup>, filho de Hémon;  
morreu nas filas da frente, travando duro combate.

### 305. DE ADAIO DE MITILENE

*Epitáfio espantoso sobre o pescador Diotimo*

O pescador Diotimo, que tanto nas ondas como na terra  
a mesma barca fiel tinha como teto para a miséria,  
adormeceu profundamente e chegou ao inflexível [Hades],  
remando ele próprio, na sua própria barca.  
Assim, a barca que o tinha sustentado garantiu ao velho,  
depois de morto, a última ajuda para a sua pira<sup>349</sup>.

### 306. ANÓNIMO

*Sobre Abrótono, a mãe de Temístocles*

Eu era Abrótono, mulher da Trácia, mas dei à luz  
para os Gregos, afirmo, o grande Temístocles.

---

<sup>347</sup> Ino, filha de Cadmo e Harmonia, lançou-se ao mar com o filho mais novo, Melicertes, para fugir à loucura do marido.

<sup>348</sup> Nascido na Magnésia, tinha vivido em Creta e veio morrer na Tessália. O epitáfio, que por certo conheceu forma inscrita, aposta na concisão e num tom cómico, razões pelas quais foi muito apreciado na Antiguidade.

<sup>349</sup> I.e., foi cremado com a madeira da barca. Cf. núms. 585 e 635.

### 307. DE PAULO SILENCIÁRIO

*Epitáfio anónimo*

– O meu nome... – E quê? – A minha pátria... – E então?  
– Sou de raça ilustre. – E se fosses da mais miserável?  
– Após vida honrada deixei a vida. – E se fosse sem honra?  
– E agora jazo aqui. – Quem és, e para quem falas?<sup>350</sup>

### 308. DE LUCIANO

*Sobre o pequeno Calímaco, que viveu cinco anos*

Menino de cinco anos, com meu espírito sem cuidados,  
o implacável Hades me levou, a mim, Calímaco.  
Mas não me chores! É que da vida apenas um pouco  
conheci, mas também pouco dos seus males.

### 309. ANÓNIMO

*Sobre Dionísio de Tarso, morto com sessenta anos*

Dionísio, homem de sessenta anos, neste lugar repousa,  
o de Tarso, solteiro – oxalá o fosse meu pai!<sup>351</sup>

### 310. ANÓNIMO

*Sobre um sepultado pelo seu assassino*

Enterrou-me o meu assassino, para ocultar o crime; já que  
[tumba  
me concedeu, possa ele receber em troca semelhante graça!<sup>352</sup>

---

<sup>350</sup> Paródia, bem do gosto de Paulo Silenciário, do próprio género do epitáfio dialogado – sobretudo de defuntos pouco ou nada conhecidos –, do qual se conservam muitos exemplos epigráficos.

<sup>351</sup> Epigrama de um pessimismo, dir-se-ia, imaturo.

<sup>352</sup> Paródia do dever religioso de dar sepultura aos mortos. Cf. núms. 356-360, 516, 580-581.



## 311. ANÓNIMO

*Sobre a esposa de Lot; os Gregos assimilam-na a Níobe*

Esta tumba não tem dentro nenhum cadáver;

este cadáver, por fora, não tem tumba alguma:

é, num só, cadáver e tumba de si mesmo.<sup>353</sup>

## 312. DE ASÍNIO QUADRATO

*Sobre os que foram mortos pelo cônsul dos Romanos Sula*

Aqueles que contra os Romanos travaram violenta batalha

jazem aqui, mostrando os símbolos da sua coragem;

nenhum deles morreu ferido pelas costas, mas, todos juntos,

pereceram de uma morte clandestina e traiçoeira.<sup>354</sup>

## 313. ANÓNIMO

*Sobre o misantropo Tímon*

Neste lugar, separado da minha alma malfadada, eu jazo;

o meu nome, não o sabereis! E oxalá, malvados, tenhais

[mau fim!<sup>355</sup>

---

<sup>353</sup> Um enigma, que deveria talvez ter sido copiado no livro 14 da *Antologia* (onde constam os epigramas desse género). O lematista considera que se refere à esposa de Lot, transformada em estátua por olhar para trás (*Gênesis* 19.26), e que os Gregos o interpretam como alusivo a Níobe, transformada em rocha por Zeus para aplacar a dor da perda dos seus muitos filhos – 14, segundo Higino. Níobe vangloriaria-se de ter uma descendência melhor e mais numerosa do que Leto, que apenas tinha dois filhos (Apolo e Ártemis). Para se vingar da insolência da mortal, a deusa ordenou aos seus filhos divinos que matassem os filhos mortais de Níobe.

<sup>354</sup> Não sabemos a que luta se refere o epigrama. De qualquer forma, realça-se a morte à traição dos defuntos (v. 5). Sula foi cônsul em 88 e 80 a.C., e ditador entre 81-80 a.C.

<sup>355</sup> Primeiro de oito epigramas sobre este misantropo, um personagem de comédia. Nenhum destes textos, naturalmente, alguma vez esteve inscrito numa sepultura.

### 314. DE PTOLEMEU

*Sobre o mesmo Tímon*

Não indagues de onde sou nem o meu nome; sabe apenas  
que desejo a morte aos que passam pela estela.

### 315. DE ZENÓDOTO, OU DE RIANO

*Sobre Tímon, o misantropo de Atenas*

Enrola à volta de mim, seca terra, de todos os lados, o aguçado  
espigão ou ramos selvagens da tortuosa amoreira,  
para que que nem um pássaro na primavera pouse sobre mim  
a sua pata leve, e eu fique aqui, sozinho e tranquilo.  
Porque eu sou Tímon, o misantropo, o inimigo dos próprios  
conterrâneos, e nem no Hades sou um morto a sério<sup>356</sup>.

### 316. DE LEÓNIDAS OU ANTÍPATRO

*Semelhante, sobre o mesmo*

Passa ao lado da minha estela, mas nada digas para me saudar,  
nem perguntes quem sou ou de quem sou eu filho;  
caso contrário, que não completes caminho. Mesmo passando  
ao lado de mim, aliás, oxalá não completes caminho!

### 317. DE CALÍMACO

*Sobre o mesmo Tímon*

– Tímon (que já não és), que odeias tu? As trevas ou a luz?  
– As trevas: pois há mais de vós no Hades.

---

<sup>356</sup> Porque incapaz de se relacionar com os que estão à sua volta.

## 318. DE CALÍMACO

*Sobre o mesmo Tímon*

Não me digas “saúde!”, coração maldito, mas passa ao lado!  
 Para mim, ter saúde é o mesmo que ter-te longe.

## 319. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo Tímon*

Mesmo morto, Tímon é um selvagem; quanto a ti, porteiro  
 de Plutão, cuidado: não vá ele morder-te, Cérbero.

## 320. HEGESIPO

*Sobre o mesmo Tímon, o inimigo dos Gregos*

À volta da tumba inteira há silvas cheias de espinhos  
 e estacas – ferirás os pés, se te aproximas.  
 Aqui mora Tímon, o misantropo. Quanto a ti, passa ao lado,  
 desejando-me todo o mal; passa ao lado e pronto!

## 321. ANÓNIMO

*Sobre o velho Amíntico, agricultor ou jardineiro*

Terra querida! Recebe no teu seio o velho Amíntico,  
 lembrada de todos os seus esforços por ti.  
 Na verdade, em ti plantou muitos troncos de oliveira,  
 muitas vezes te adornou com as cepas de Brómio<sup>357</sup>  
 e te encheu de Deo<sup>358</sup>; e, levando a água através de regos,  
 outras te fez rica em legumes, e rica em frutos.  
 Em troca, que pendas docemente sobre as suas têmporas  
 grisalhas e te enfeites de flores de primavera.

---

<sup>357</sup> Dioniso.

<sup>358</sup> Deméter, i.e., de cereais.

### 322. ANÓNIMO

*Sobre Idomeneu e Meríones*

Contempla a tumba de Idomeneu de Cnossos; também eu  
estou perto, Meríones, o filho de Molo.<sup>359</sup>

### 323. ANÓNIMO

*Sobre dois irmãos mortos num só dia*

Uma só tumba guarda dois irmãos: um mesmo dia  
ditou o nascimento e a morte de ambos.

### 324. ANÓNIMO

*Sobre uma mulher honrada e de um só marido*

Aqui, sob esta pedra, eu jazo, muito celebrada mulher  
que para um só homem desnudou a cintura.

### 325. ANÓNIMO

*Sobre Sardanapalo*<sup>360</sup>

Meu, apenas quanto comi e bebi<sup>361</sup>, e quantos prazeres aprendi  
dos Amores. As minhas muitas riquezas, deixei-as todas.

---

<sup>359</sup> Sobre o epigrama, também transmitido pelo *Peplos* pseudo-aristotélico (núm. 15), Diodoro (5.79.4-5) diz que estava de facto inscrito numa sepultura de Cnossos, comemorativa de ambos heróis da guerra de Troia.

<sup>360</sup> Segundo Diodoro, que cita o historiador Ctésias de Cnidos, Sardanapalo teria vivido no século VII a.C., sendo retratado como uma figura decadente que passou a vida em autoindulgência e morreu numa orgia de destruição. O nome é provavelmente uma deturpação de Assurbanipal, o último soberano do Império Assírio, que reinou entre c. 668 e 627 a.C., mas a figura descrita por Diodoro apresenta poucas relações com o que se sabe daquele imperador, um governante instruído e muito eficiente.

<sup>361</sup> Ou “quantas injúrias faço”, segundo a tradição de Planudes, e por correspondência verbal com o núm. 326, claramente uma réplica (moralizante) a este epigrama de índole epicurista. Cícero traduziu-o, para obviamente o condenar (*Tusculanas* 5.35.101).

## 326. DE CRATES DE TEBAS

*Réplica cheia de integridade*

Meu, apenas quanto aprendi e refleti, e quantas coisas aprendi das Musas. As minhas muitas riquezas, a vaidade as tomou.

327. ANÓNIMO<sup>362</sup>

*Sobre o belo Cassandro, sepultado em Larissa*

Não vás tu, mortal que és, pensar como um imortal;  
em nada na vida confiem os seres efémeros,  
se até este Cassandro, morto, um sarcófago contém,  
ele, um homem digno de natureza imortal.

## 328. ANÓNIMO

Que pedra ficou sem chorar a tua morte, Cassandro?  
Que rochedo poderá esquecer a tua beleza?  
É que uma divindade cruel e ciumenta te matou  
com a idade precoce de vinte e seis anos,  
tendo deixado viúva a tua esposa e desgraçados  
os teus pais, atingidos por dor cruenta.

## 329. ANÓNIMO

*Sobre Mírtade, bêbada enterrada num tonel*

Eu, Mírtade<sup>363</sup>, que junto às sagradas cubas de Dioniso  
bebia um sem fim de copos de vinho puro,  
depois de morta não me oculta a terra; mas um tonel,  
símbolo de felicidade, me faz de agradável tumba.

<sup>362</sup> Os núms. 327-340 são epigramas anónimos de origem epigráfica.

<sup>363</sup> Exemplo do tipo cómico da bêbada, como nos núms. 353, 384, 455, 456 e 457.

### 330. ANÓNIMO

*Sobre Máximo e a esposa Calepódia; em Dorileu [na Frígia]*

Contemplas o sarcófago que o próprio Máximo preparou  
quando vivia, para habitar ao cabo da sua vida;  
para a esposa Celepódia construiu também esta sepultura,  
para ter consigo, entre os mortos, o seu amor.

### 331. ANÓNIMO

*Sobre uma mulher honrada e de um só marido<sup>364</sup>; em Oraca,  
na Frígia*

Esta tumba me ergueu o meu esposo Frures<sup>365</sup>,  
digna recompensa da minha piedade.  
Deixo no leito do meu esposo um coro ilustre de filhos,  
testemunho fiel da minha vida honrada.  
Morro esposa de um só homem, mas vivo em dez seres,  
tendo colhido os frutos de boda fecunda.

### 332. ANÓNIMO

*Sobre alguém morto por uma bacante<sup>366</sup>; em Acmónia [na  
Frígia]*

Triste sorte! Essa *bacante* me matou, a mim, outrora ilustre  
domador, não em corrida no estádio, mas nos treinos.

---

<sup>364</sup> Cf. núm. 324.

<sup>365</sup> O nome parece Frígio, como sugere o lematista C, que refere essa proveniência para o epigrama.

<sup>366</sup> A “bacante” do v. 1 deve aludir a uma égua que matou este indivíduo durante um treino.

## 333. ANÓNIMO

*Sobre Âmia, do seu genro Nicómaco e da sua filha Dione; em Adriano, na Frígia*

Que nem mesmo entre os deuses subterrâneos sejas privada  
 dos nossos presentes, dos quais és merecedora,  
 Âmia, pois que eu, Nicómaco, junto com a tua filha Dione,  
 esta tumba e esta estela erguemos em tua honra.

## 334. ANÓNIMO

*Sobre Frontão; encontrada em Cízico*

Divindade cruel! Porque me mostraste a luz  
 por um tão breve espaço de tempo?  
 Acaso puseste tu fim à minha vida para afligir  
 a minha pobre mãe com lágrimas e gemidos,  
 ela que me gerou, criou e, muito mais que meu pai,  
 assumiu o cuidado da minha educação?  
 Pois enquanto ele me deixou, criança e órfão,  
 em casa, ela sofreu por mim todas as penas.  
 Foi meu desejo, sob a direção de mestres ilustres,  
 luzir pelos meus discursos nos tribunais;  
 mas ela não recebeu o primeiro corte do meu buço,  
 flor da amável idade, nem as tochas nupciais;  
 não cantou o célebre himeneu, nem viu um filho  
 deste infeliz, um rebento da nossa raça muito  
 desgraçada. Atormenta-me ainda, embora já morto,  
 a dor sempre a crescer da minha mãe Pólita,  
 que chora e pensa no seu Frontão, mãe de um filho  
 de breve sorte, alegria inútil da pátria amada.

### 335. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo Frontão e Pólita; iâmbicos*<sup>367</sup>

- Pólita! Afasta a tua dor, adormece o pranto!  
Muitas mães há que viram morrer os filhos.  
– Mas não com este tipo de caráter e esta vida,  
nem tão respeitosos com a doce presença das mães.  
– Porque choras em excesso? Porquê esse pranto vão?  
Para um mesmo Hades hão de ir todos os mortais!

### 336. ANÓNIMO

*Sobre um velho que viveu na miséria e caiu numa tumba; ai, a misantropia!*

Vencido pela velhice e pela miséria, sem vivalma  
que estendesse a mão à minha desgraça,  
com as pernas a tremer cheguei, a passo lento, à tumba,  
a custo achando o fim da minha vida infeliz.  
Inverteu-se por mim a lei dos mortos: não morri primeiro  
para ser enterrado, mas morri depois de enterrado.

### 337. ANÓNIMO

*Sobre Harmonia, mulher riquíssima e honrada de Mégara*

Não passes a correr, ilustre viajante, pela minha tumba!  
Com os teus pés incansáveis segue caminho,  
mas olha e pergunta “quem és, e de onde?” “Harmonia”,  
te direi, “cuja raça resplandece em Mégara.”  
Tudo quanto a glória aporta aos mortais nela se pode ver:  
nobreza, virtude, bom caráter e honradez.

---

<sup>367</sup> Este epigrama seria a continuação, em versos iâmbicos, do anterior. Podia, por exemplo, estar inscrito no verso da mesma lápide.



De uma tal mulher contempla a tumba! A sua alma busca  
os trilhos celestes, tendo-se já despido do corpo.

### 338. ANÓNIMO

*Sobre Péricles, o filho de Árquias, não o ateniense, mas o que foi  
sepultado na Magnésia*

Aqui me ergo para ti, Péricles, filho de Árquias,  
estela de mármore em memória da tua caça;  
todas as tuas insígnias figuram: os cavalos, as lanças,  
os cães, as estacas e as redes sobre as estacas,  
ai, tudo em mármore! A toda a volta correm as feras.  
E tu, com vinte anos, dormes para não acordar.

### 339. ANÓNIMO

*Anónimo sobre quem escreveu isto, a não ser que tenha sido  
encontrado escondido entre os epigramas de Páladas; ou talvez de  
Luciano?*

Não foi minha a culpa de ter nascido dos meus pais,  
e nascendo, infeliz, caminho para o Hades.  
Ai, mortal união de meus pais; ai, cruel necessidade  
que há de levar-me até à morte miserável!  
Do nada nasci, e novamente, como antes, serei nada;  
nada, mais que nada é a raça dos mortais.  
De resto, faz que resplandeça essa taça, meu amigo,  
e serve-me Brómio<sup>368</sup>, o remédio para a dor.

---

<sup>368</sup> O vinho, a partir do epíteto de Dioniso.

### 340. ANÓNIMO

*Sobre Nicópolis, esposa de Maratónio; encontrado na Tessalónica*

Maratónio sepultou Nicópolis aqui mesmo, neste rochedo,  
inundando de lágrimas a urna de mármore.

Mas de nada lhe serviu. Que mais importa a um homem,  
sozinho na terra, uma vez morta a sua esposa?

### 341. DE PROCLO

*Sobre os filósofos Proclo e Siriano*

Sou Proclo<sup>369</sup>, nascido da raça da Lícia, o que Siriano  
aqui educou para o suceder na sua escola.

Esta sepultura comum recebeu os corpos de ambos;  
possa um só lugar receber também as nossas almas!

### 342. ANÓNIMO

*Epitáfio anónimo*

Morri, mas estou à espera; também tu hás de esperar por outro:  
os mortos todos, um só Hades igualmente os recebe.

### 343. ANÓNIMO

*Sobre Patério, o ateniense filho de Milcíades e Ática (sic)*

O amável Patério de doce discursos esta tumba recebeu,  
o filho querido de Milcíades<sup>370</sup> e da inconsolável Ática,

---

<sup>369</sup> Filósofo neoplatónico do séc. V, de Constantinopla, discípulo de Siriano, como consta do epigrama, que o seu biógrafo Marino considera da autoria do próprio.

<sup>370</sup> Não confundir com o general ateniense do séc. V a.C., vencedor em Maratona.

rebeno da Cecrópia<sup>371</sup>, da raça ilustre dos Eácidas,  
cheio das leis ausónias<sup>372</sup> e de todo o tipo de sabedoria,  
portador dos resplendores todos das quatro virtudes,  
um jovem cheio de graça que o destino fatídico rapinou,  
como uma rajada arranca da terra um belo rebeno,  
quando chegara ao vigésimo-quarto ano de vida.  
Aos pais queridos deixou o pranto e dor inconsolável.

### 344. DE SIMÓNIDES

*Sobre um certo Leão, guardado por um leão de mármore*  
Das feras sou eu a mais forte, como o é dos homens aquele  
que agora guardo, colocado nesta tumba de pedra.<sup>373</sup>

### 344b. DE CALÍMACO (?)

*Sobre um certo Leão, sobre cuja urna havia um leão de pedra*  
Não tivesse Leão a minha coragem e o meu nome,  
e não teria eu posto os pés sobre esta tumba.<sup>374</sup>

---

<sup>371</sup> Atenas.

<sup>372</sup> I.e. romanas. Deve tratar-se de uma família ateniense do período imperial.

<sup>373</sup> Contrariamente ao que diz o lema, deve tratar-se do epitáfio de Leónidas, o general espartano que comandou os trezentos nas Termópilas (cf. nota ao núm. 242), em cuja homenagem Heródoto (7.225) diz ter visto um leão erigido nesse local. O leão como símbolo de coragem é um motivo poético e escultórico frequentíssimo, também na epigramática fúnebre (cf. núm. 426).

<sup>374</sup> Já considerado a continuação do epigrama anterior, pode tratar-se da inscrição para outro Leão.

### 345. ANÓNIMO, OU DE SIMÓNIDES

*Sobre Filénis, cortesã de Tebas, que tendo pintado numa tabuinha aquelas relações amorosas das mulheres, por isso foi satirizada pelos sábios de Atenas*<sup>375</sup>

Eu, Filénis, famosa entre os homens,  
 aqui estou a descansar de larga velhice.  
 Tu, tonto marinheiro, ao dobrar o promontório,  
 não te rias de mim, não me gozes nem insultes.  
 Não, por Zeus, pelos meus filhos<sup>376</sup> mortos,  
 não fui lasciva nem uma fácil com homens.  
 Mas Polícrates, da raça dos Atenienses,  
 habilidoso com as palavras e um má-língua,  
 escreveu o que escreveu; mas disso, nada sei.

### 346. ANÓNIMO

*Sobre Sabino, de rango consular*

Possa esta pequena pedra ser para ti, nobre Sabino,  
 pequena lembrança da nossa grande amizade.  
 Sempre sentirei a tua falta! E tu, permitam os mortos,  
 por respeito a mim não bebas a água do Letes<sup>377</sup>.

---

<sup>375</sup> Falso. Sabemos que o epigrama, que Ateneu atribui a Éscrion (contemporâneo de Aristóteles), se refere à poetisa homónima de Lêucade ou de Samos, do século IV ou III a.C., ao que parece autora de um manual de sedução e sexo, do qual se descobriram fragmentos (P.Oxy. 2891). Contra ela, Polícrates publicou um folhetim acusando-a de obscena. Cf. núm. 450 (de Dioscórides). Nenhum dos epigramas, contudo, deve ter estado inscrito na tumba da poetisa.

<sup>376</sup> De ser esse o sentido de *kourous*, estaríamos ante uma defesa da integridade desta mulher.

<sup>377</sup> Cf. nota ao núm. 25.

## 347. ANÓNIMO

*Sobre Adimanto, em Corinto*

Esta é a tumba desse Adimanto<sup>378</sup>, por cujos conselhos  
a Hélade ostentou a grinalda da liberdade.

## 348. DE SIMÓNIDES DE CEOS

*Sobre Timocreonte de Rodas*

Eu, que muito bebi, muito comi e muito maldisse  
os homens, jazo aqui, Timocreonte de Rodas.<sup>379</sup>

## 349. DE SIMÓNIDES (?)

Eu, que pouco comi, pouco bebi e muitas doenças padeci,  
já tarde morri por fim. Malditos sejais todos!<sup>380</sup>

## 350. ANÓNIMO

Marinheiro! Não perguntes de quem sou aqui a tumba,  
e oxalá encontres um mar mais clemente.

## 351. DE DIOSCÓRIDES

*Sobre as filhas de Licambas, que o poeta Arquíloco satirizou  
violentamente nos seus iambos, ao ponto de se enforcarem*

Por este solene marco dos defuntos, nós, as filhas de Licambas,  
juramos não ter merecido tão terrível reputação,  
nem jamais ter desonrado a nossa virgindade, os nossos pais

---

<sup>378</sup> Almirante de Corinto na batalha de Salamina (480 a.C.).

<sup>379</sup> A *Suda* (T 625) informa da rivalidade entre este Timocreonte, poeta de Rodas, e Simónides, bem como Temístocles. Cf. Ferreira (2013: 146-148).

<sup>380</sup> Paródia do epigrama anterior, como o núm. 326 em relação ao núm. 325.

ou Paros, a mais escarpada das ilhas sagradas.  
 Quem contra a nossa família lançou uma odiosa reputação  
 e nada menos terrível desonra foi Arquíloco.  
 Arquíloco, são testemunhas deuses e divindades, nem nas ruas  
 o vimos, nem no sublime santuário de Hera.  
 Pois a termos sido lascivas ou despidoradas, não queria  
 esse homem do nosso ventre gerar filhos legítimos.<sup>381</sup>

### 352. ANÓNIMO, OU DE MELEGARO

*Sobre as mesmas filhas de Licambas*

Juramos, pela dextra do deus do Hades e pelo negro  
 leito impronunciável de Perséfone<sup>382</sup>,  
 que continuamos virgens mesmo debaixo da terra; amargo,  
 Arquíloco verteu infâmia sem fim sobre a nossa  
 virgindade; e as belas palavras dos seus versos, não em belas  
 ações, mas contra mulheres as usou em guerra.  
 Piérides! Porque lançastes sobre donzelas terríveis iambos,  
 simplesmente para agradar a um ímpio homem?

### 353. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

*Sobre Marónis, bêbada e tagarela*

Eis a sepultura da velha Marónis<sup>383</sup>, sobre cuja tumba  
 podes ver uma taça esculpida em pedra.  
 A verdade é que essa bêbada muito tagarela não chora  
 os filhos, nem o pai desamparado dos filhos;

---

<sup>381</sup> Com esta lenda biográfica de Arquíloco de Paros, poeta iâmbico da primeira metade do séc. VII a.C., se pretendeu relacionar a grande maioria dos seus fragmentos eróticos. Cf. nota ao núm. 69.

<sup>382</sup> A união com Hades, i.e., com a morte.

<sup>383</sup> Cf. núm. 455 (de Leónidas). O nome Marónis pode aludir a Máron, o filho de Evantes que, na *Odisseia* (9.196-211), ofereceu a Ulisses onze ânforas de vinho.

uma só coisa chora, já debaixo de terra: que a insígnia  
de Baco sobre a tumba não esteja cheia de Baco.

### 354. DE GETÚLICO

*Sobre os filhos de Medeia, que ela matou por causa de Glauce*

Dos filhos de Medeia eis a tumba, os que os ciúmes  
inflamados pelas bodas de Glauce destruíram,  
e aos quais sempre envia sacrifícios a terra de Sísifo<sup>384</sup>,  
tentando acalmar a cólera implacável de uma mãe.

### 355. DE DAMAGETO

*Sobre Praxíteles, o escultor de Andros*<sup>385</sup>

– Transeuntes! Essa palavra alegre e honrosa,  
“Salve!”, dizei ao bom do Praxíteles;  
era honesto recipiente das Musas, e depois de beber  
bom conviva. – Salve, Praxíteles de Andros!

### 356. ANÓNIMO

*Sobre alguém morto por um ladrão e enterrado por ele*<sup>386</sup>

Tiraste-me a vida e agora dás-me tumba; escondes-me,  
não me enterras. Gozes tu de semelhante tumba!

---

<sup>384</sup> Corinto, onde, no final da peça (*Medeia* 1381-1383), Jasão instituiria o culto às crianças mortas.

<sup>385</sup> Falso. Praxíteles era ateniense, pelo que o epigrama deve referir-se a outro artista com esse nome.

<sup>386</sup> Os núms. 356-360 são uma pequena série sobre este assunto, já afluído no núm. 310.

357. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

Ainda que me tenhas escondido para que ninguém te visse,  
o olho da Justiça contempla tudo o que acontece.

358. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

Mataste-me, e depois enterraste-me, insensato, com as mãos  
com que me deste a morte. Não se esqueça de ti Némesis<sup>387</sup>!

359. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

Se, vendo o meu cadáver, me tivesses enterrado de coração  
[piedoso,  
receberias a recompensa dos bem-aventurados pela tua  
[piedade;  
mas porque agora me escondes numa tumba, tu, o meu  
[assassino,  
oxalá recebas sorte semelhante à que tu me infliges!

360. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo*

Com as tuas mãos me mataste e ergueste tumba, não para  
[me enterrar,  
mas para me esconder. Possas tu vir a sofrer o mesmo!

---

<sup>387</sup> Divindade vingadora.



## 361. ANÓNIMO

*Sobre um filho enterrado pelo pai*

Ao filho, ergueu o pai sepultura – é a justiça ao revés!  
 É que a inveja foi mais rápida do que a justiça.

## 362. DE FILIPO DE TESSALÓNICA

*Sobre o orador Aécio*

Aqui, o sarcófago esconde a sagrada cabeça  
 do bom Aécio, eloquente orador.

Foi para o Hades o seu corpo, a alma para o Olimpo;  
 [regozija-se com Zeus e os demais beatos,  
 .....]<sup>388</sup>. [Imortal, porém,  
 nem a eloquência nem o deus podem torná-lo.]

## 363. ANÓNIMO

*Sobre Zenódoto, filho de Tetrâmenes, cavaleiro do imperador  
 Marco ou Adriano*<sup>389</sup>

Esta tumba de metal bem-talhado [de Tetrâmenes]  
 esconde o corpo de um grande herói morto,  
 de Zenódoto; a alma, no céu onde estão Orfeu  
 e Platão, encontrou assento sagrado digno de um deus.  
 Ele era cavaleiro do imperador, valente,  
 glorioso, habilidoso e divino; nas palavras,

<sup>388</sup> Falta o verso 4 e parte do verso 5. O que traduzimos é a tentativa de completá-lo de P, que não deveria corresponder com o original perdido.

<sup>389</sup> Lema muito problemático. Além de Tetrâmenes, no início do epigrama, dever estar corrupto – e, como tal, não designar o nome do pai do defunto –, a alusão a Marco (Aurélio) deve resultar da confusão com o autor do epigrama seguinte (Marco Argentiário). Seja como for, este Zenódoto devia pertencer aos assim designados *equites singulares Augusti*, corpo militar que se julga ter sido criado por Trajano.

foi para os Ausónios<sup>390</sup> um reflexo de Sócrates.  
Legando aos filhos a feliz prosperidade paterna,  
morreu um velho ágil, deixando uma dor imensa  
aos seus nobres amigos, à cidade e aos cidadãos.

### 364. DE MARCO ARGENTÁRIO

*Sobre uma cigarra e um gafanhoto*<sup>391</sup>

A um gafanhoto e a uma cigarra Miro ergueu esta tumba,  
pondo com as mãos, sobre ambos, um pouco de terra,  
e chorando largamente sobre a pira deles; quanto à cantora,  
o Hades a levou consigo; o outro, foi Perséfone.

### 365. DE ZONAS DE SARDES, TAMBÉM CHAMADO DIODORO

*Sobre o filho de Ciniras*

Tu, que pela água desse pântano rodeado de canas conduzes  
ao Hades a barca dos mortos [que leva as dores],  
estende a mão ao filho de Ciniras quando ele for embarcar  
pela escada lateral, e recebe-o, sombrio Caronte!  
É que o rapaz ainda cambaleia nas sandálias<sup>392</sup>, e treme  
quando põe o pé descalço sobre a areia da praia.

---

<sup>390</sup> Os Romanos.

<sup>391</sup> Vd. nota ao núm. 189. O epigrama é imitação do núm. 190 (de Ânite).

<sup>392</sup> Significa que era muito novo, e este seria o seu primeiro par de sandálias.

## 366. DE ANTÍSTIO

*Sobre o os atletas Menéstrato, Menandro e Dionísio*

As embocaduras do Aoo<sup>393</sup> te foram fatais, Menéstrato; a ti,  
Menandro, uma tempestade nos Cárpatos; e a ti,  
Dionísio, o estreito da Sicília te matou. Ai, grande desgraça  
para a Hélade – os seus melhores atletas vencedores.

## 367. DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]

*Sobre um noivo morto no leito nupcial*

Anuncia que sou o corpo do ausónio<sup>394</sup> Egério, cujos olhos,  
ao juntar-se à sua noiva, uma nuvem sombria cobriu,  
e junto com a vista me extinguiu a vida, quando acabava de ver  
a rapariga. Ai, Sol! Estranho destino dos deuses!  
Maldita seja essa tocha funesta, que umas vezes o Himeneu  
acende sem querer<sup>395</sup>, outras o Hades querendo.

## 368. DE ERÍCIO

*Sobre uma mulher da Ática, tornada romana como espólio de guerra e morta em Cízico*

Sou ática – essa a minha cidade; de Atenas, porém,  
o funesto Hades dos Italianos me levou  
e fez cidadã dos Romanos; agora que estou morta,  
a insular<sup>396</sup> Cízico cobre os meus ossos.

---

<sup>393</sup> Rio da região do Epiro.

<sup>394</sup> Neste caso, não necessariamente “romano”, mas “italiano” *lato sensu*. Egério é um nome etrusco.

<sup>395</sup> Nota realista sobre os casamentos forçados.

<sup>396</sup> Situada na atual província turca de Balikesir, na costa da península de Kapu-Dagh (antigo Arctoneso), Cízico – a pátria de Erício – tinha o aspeto de uma ilha, como de resto a chegou a chamar Apolónio de Rodes (*Argonáuticas* 1.936).

Salve, terra que me criou, a que depois me calhou  
em sorte, e a que agora me recebe no seu seio!

### 369. DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]

*Sobre o orador Antípatro*

Sou a tumba do orador Antípatro; sobre que obras  
o inspiraram, a toda a Hélade pede testemunho.  
Aqui repousa, muito controverso: era ele de Atenas  
ou das margens do Nilo? De ambos era digno.  
De um só sangue são essas cidades, diz-se na Grécia:  
uma foi consagrada a Palas, a outra a Zeus<sup>397</sup>.

### 370. DE DIODORO

*Sobre Menandro, o poeta da Comédia Nova*

O que foi querido de Baco e das Musas, o filho de Diópites,  
o cecrópida Menandro<sup>398</sup>, tenho debaixo, estrangeiro,  
[de quem o fogo só deixou punhado de cinza]. Se Menandro  
buscas, achá-lo-ás com Zeus e os bem-aventurados.

### 371. DE CRINÁGORAS

*Sobre Ínaco, criado de Crinágoras, morto em terra estrangeira*

A uma terra chamei de mãe, e outra agora me cobre,  
já morto; e esta não é pior que a primeira.  
Nela ficarei por longo tempo; da que foi minha mãe,  
afastou-me o calor muito abrasante do sol.  
Jazo sob lápide estrangeira, tendo sido muito chorado,  
eu, Ínaco, o confiável criado de Crinágoras.

---

<sup>397</sup> Respetivamente, Atenas e Tebas.

<sup>398</sup> Menandro (c. 342-291 a.C.) foi o principal autor da Comédia nova, a última fase da evolução dramática ateniense que exerceu profunda influência sobre a comédia latina de Plauto e, sobretudo, Terêncio.

## 372. DE LÓLIO BASSO

*Sobre Atínio, morto também em terra estrangeira*

A terra de Tarento guarda, com toda a doçura, este cadáver  
 de um homem bom. Falsos os deuses<sup>399</sup> dos mortais!  
 Tendo saído de Tebas, Atínio não conseguiu chegar longe,  
 e sobre o teu solo estabeleceu a sua morada.  
 Ao filho que ao morrer deixou órfão, ficou a esposa  
 a olhar por ele. Não sejas para ele tumba pesada!

## 373. DE TALO DE MILETO

*Sobre dois indivíduos – parece que sábios – mortos em Mileto*

Duas chamas, Mileto, dois rebentos da tua terra  
 mortos no viço a terra da Itália sepultou,  
 e trocaste as coroas pelo pranto. Os seus restos, ai,  
 fechados em pequena urna os contempleste.  
 Oh, pátria tão infeliz! De onde e quando virão astros  
 assim, para a tua glória brilhar perante a Grécia?

## 374. DE MARCO ARGENTÁRIO

*Sobre o náufrago Pnitágoras, filho de Lisídice*

O mar sepultou o meu corpo infeliz, e por isso  
 tanto chorou a minha mãe à beira-mar,  
 olhando a minha tumba falsa e vazia; um deus quis  
 que eu, sem vida, flutuasse com os mergulhões<sup>400</sup>,  
 eu, Pnitágoras. No mar Egeu encontrei o meu destino,  
 ao soltar as amarras da popa contra Bóreas<sup>401</sup>.

---

<sup>399</sup> Divindades menores, tutelares do destino de cada mortal, próximos dos ancestrais da idade do ouro divinizados por Hesíodo (*Trabalhos e Dias* 122-126).

<sup>400</sup> Cf. nota ao núm. 212.

<sup>401</sup> I.e., para lutar contra as rajadas violentas do vento do norte.

E nem agora deixei a corrida marítima, e de um navio  
embarquei noutra, na barca dos mortos.

### 375. DE ANTÍFILO DE BIZÂNCIO

*Sobre uma mulher grávida que deu à luz durante um sismo,  
quando a sua casa desabava*

A minha casa ruiu, abalada por um sismo, mas o quarto  
ficou em pé, embora tenham abanado as paredes;  
aí escondida como numa gruta, chegaram-me as terríveis  
dores do parto – outro pavor ao sismo se juntava.  
A natureza em pessoa foi a minha parteira; e assim vimos,  
ambos, uma mesma luz do sol debaixo da terra<sup>402</sup>.

### 376. DE CRINÁGORAS

*Sobre Seleuco, que morreu jovem*

Infelizes! Porque erramos, confiando em esperanças  
inúteis e esquecidos da morte fatal?  
Este Seleuco, nas palavras e no carácter era todo  
perfeição, mas gozou pouco a juventude,  
e agora é nos confins da Ibéria, tão longe de Lesbos,  
que jaz, estrangeiro nessas costas imensas.

---

<sup>402</sup> Entenda-se, a mãe e a criança, no sentido em que, escapando à morte, ambos viam a luz do sol como se pela primeira vez. O epigrama, como se compreende, não é um epitáfio.

## 377. DE ERÍCIO

*Sobre Parténio de Foceia*<sup>403</sup>, que maldisse de Homero

Mesmo jazendo debaixo da terra, derramai ainda

resina sobre Parténio de língua impura,

pois ele vomitou sobre as Piérides<sup>404</sup> aqueles rios

de bílis e a porcaria das suas elegias.

Foi tão longe na sua loucura a ponto de chamar

lamaçal à *Odisseia* e espinheiro à *Iliada*.

Por isso ele foi amarrado pelas sombrias Erínias<sup>405</sup>

no meio do Cocito<sup>406</sup>, de coleira ao pescoço.

## 378. DE APOLÓNIDES

*Sobre Heliodoro e a esposa Diogeneia*

Diodoro morreu e, não tinha ainda passado uma hora,

seguiu o marido amado a esposa Diogeneia.

Juntos, tal como viveram, jazem debaixo desta pedra,

felizes de ter tumba comum, como o leito.

---

<sup>403</sup> Não pode o epigrama, copiado na *Grinalda* de Filipo, referir-se ao único Parténio de Foceia que conhecemos, do séc. IV a.C. Sabe-se também da existência de um gramático com esse nome do tempo de Adriano, conhecido como “a maldição de Homero”. Também a alusão a Parténio de Niceia, poeta da geração de Calímaco de quem apenas conservamos uns *Sofrimentos de Amor*, foi defendida por alguns críticos, embora a hipótese não pareça viável.

<sup>404</sup> As Musas.

<sup>405</sup> Hipérbole intencional. Na mitologia grega, as Erínias eram as divindades que puniam os crimes de sangue, perseguindo o seu autor.

<sup>406</sup> Um dos rios do Hades, o das lamentações.

### 379. DE ANTÍFILO DE BIZÂNCIO

*Sobre o mar de Dicearqueia<sup>407</sup>, as suas novas e os seus portos*

– Diz-me, Dicearqueia, porque em tão grande molhe  
ao mar te lanças, atingindo o meio do oceano?

As mãos dos Ciclopes tais muralhas puderam erguer  
no mar! Até onde, ó Terra, nos farás dano?

– Recebo a armada naval do mundo todo! Vê Roma,  
aqui perto, e diz se tenho um porto à altura.

### 380. DE CRINÁGORAS

*Sobre um certo Eunícles, que talhou a sua urna em placas de  
mármore branco*

Embora a tumba seja de mármore branco  
e polida com a régua direita do escultor,  
não é de um homem de bem. Não julgues  
pela pedra o homem, amigo! A pedra é torpe,  
e mesmo um corpo negro<sup>408</sup> ela pode cobrir.  
Debaixo desta aqui jaz o miserável cadáver  
de Eunícles<sup>409</sup>, e apodrece sob as cinzas.

---

<sup>407</sup> Atual Pozzuoli, da região metropolitana de Nápoles. O epigrama, que nada tem de funerário, é um elogio à magnitude do porto da região.

<sup>408</sup> Peses embora as tentativas de dissimulação de vários tradutores, o sentido racista do verso parece inevitável.

<sup>409</sup> O nome pode ser um patronímico, o filho de Eunícles, esse sim um nome frequente em Mitilene, de onde era Crinágoras. Seja como for, o epigrama tem um inegável tom difamatório, levado ao extremo, pelo mesmo Crinágoras, no núm. 401.



## 381. DE ETRUSCO DE MESSENE

*Sobre um certo Hieróclides, que se afogou com o próprio barco*

O mesmo barco conduziu na vida e para o Hades

Hieróclides, e a ambos coube igual fim.

Alimentou-o quando pescava e queimou-o ao morrer,

com ele ia à caça, com ele foi para o Hades.

Feliz pescador! Com o próprio navio correu o mar,

e com o mesmo se apressou para o Hades.<sup>410</sup>

## 382. DE FILIPO DE TESSALÓNICA

*Sobre um naufrago que não teve sepultura*

Tendo devolvido o meu corpo à terra, ó mar cruel,

arrastas agora o pouco de cinza que me resta.

No Hades sou eu o único naufrago, e sequer terei

a tranquilidade de um rochedo terrível<sup>411</sup>.

Ou me sepultas [levando-me] nas ondas, ou devolves

à terra, e não voltas a roubar um corpo seu.

## 383. DE FILIPO

*Semelhante; sobre um certo naufrago cujos restos foram espalhados pelo mar na praia*

Vê o corpo deste homem miserável espalhado na praia,

estraçalhado contra os rochedos que o mar açoita.

Aqui jaz uma cabeça sem cabelos, viúva dos seus dentes,

e ali as cinco unhas de uma das suas mãos

<sup>410</sup> O mesmo defunto do núm. 635 (de Antífilo de Bizâncio). Cf. ainda os núms. 305 e 585.

<sup>411</sup> Com pior sorte que qualquer outro naufrago insepulto, o seu corpo foi devolvido a terra firme e, não se entende bem como, de novo levado pelo mar, já depois de transformado em cinzas. Assim, o jazer eterno junto a um rochedo costeiro, para outros motivo de infortúnio (e.g. núm. 267), seria para este defunto um anseio de tranquilidade.

e os dedos descarnados; mais além, os pés privados  
 dos tendões e as pernas desconjuntadas.  
 Este homem de muitas partes foi outrora um só. Ah!  
 Felizes quantos desde o parto não viram o sol!

### 384. DE MARCO ARGENTÁRIO

*Sobre Aristómaca, uma velha bêbada*

A que quis mais a Baco do que a sua própria ama Ino,  
 Aristómaca, velha tagarela e amante de vinho,  
 quando desceu à terra sagrada e o seu alento, que antes  
 tanto disfrutara dos copos, de vez se extinguiu,  
 isto disse<sup>412</sup>: “Vamos, Minos, ergue uma urna ligeira!<sup>413</sup>  
 Hei de ir em busca da água sombria do Aqueronte;  
 pois também eu matei um jovem marido.” Esta mentira<sup>414</sup>  
 contou, para mesmo entre os mortos ver um tonel.

### 385. DE FILIPO

*Sobre Protesilau, o primeiro a morrer em Troia; por que razão  
 as árvores da sua tumba, ao olharem para Ílion, murcham e per-  
 dem a frescura das suas folhas*

Herói Protesilau<sup>415</sup>! Foste tu o primeiro que ensinou  
 Ílion a enfrentar a cólera da lança da Hélade,  
 e quantas árvores altas se erguem à volta da tua tumba  
 todas estão cheias de raiva contra Troia.

<sup>412</sup> Cf. nota ao núm. 268.

<sup>413</sup> O verso é textualmente complexo. O voto parece servir-se da linguagem do banquete, mais concretamente de um brinde, como forma de admissão de culpa e pedido de castigo.

<sup>414</sup> A mentira consiste na alusão ao crime das Danaides, as cinquenta filhas de Dánao que na noite de núpcias mataram os esposos com quem teriam sido forçadas a casar, recebendo como castigo o enchimento eterno, no Hades, de um tonel (ou de uma ânfora) furada.

<sup>415</sup> Cf. núm. 141.

Se veem Ílion desde os seus ramos mais elevados,  
 murcham e perdem a frescura das folhas.  
 Com quanta cólera fervilhaste tu contra Troia, para que  
 os troncos guardem a tua raiva do inimigo!

### 386. DE BASSO LÓLIO

*Sobre Níobe, transformada em pedra em Sípilo, a quem num  
 só dia mataram sete filhos e outras tantas filhas*

Sou Níobe, a que foi tantas vezes pedra quantas mãe<sup>416</sup>,  
 tão infeliz que o leite me [secou]<sup>417</sup> nos peitos.  
 Grande fortuna para Hades deve ser o número dos filhos  
 que eu gerei. Ó despojos da uma pira imensa!

### 387. DE BIANOR

*Sobre uma certa Teónoe, morta e sepultada com o próprio filho*

Chorava a sorte da minha Teónoe, mas as esperanças  
 no meu filho tornavam suportável a minha dor.  
 Agora, também desse filho me privou a invejosa Sorte.  
 Ai, meu menino! Até tu me faltaste, tudo o que tinha!  
 Perséfone, escuta a súplica carregada de lamentos deste pai,  
 e põe a criança no regaço da sua mãe que já partiu.

---

<sup>416</sup> Sobre Níobe e os filhos, vd. nota ao núm. 311 e núms. 530 e 549. O poeta hiperboliza o mito, mencionando uma metamorfose repetida, para a qual não há qualquer outro testemunho.

<sup>417</sup> Há neste ponto uma lacuna (falta um adjetivo), que os editores tentaram suprimir de distintas maneiras. A ideia, não obstante, deve ser a do leite que endurece nos seios porque não consumido pela criança.

### 388. DO MESMO BIANOR

*Sobre um certo Clitónimo, [assassino de um] tirano; não sabemos quem é este Clitónimo*

Para o meio dos peixes e do rio uma tropa inimiga atirou  
Clitónimo, quando veio à falésia matar o tirano.  
Mas a Justiça lhe deu sepultura: pois a ribanceira, ao cair,  
cobriu-lhe o corpo por inteiro, dos pés à cabeça;  
e agora ele jaz, sem que o inundem as águas. Reverente,  
a Terra abriga o último porto da sua liberdade.

### 389. DE APOLÓNIDES

*Sobre os quatro filhos de Posidipo, mortos num dia*

Quem não sofreu o pior dos males ao chorar um filho?

A casa de Posidipo, porém, sepultou todos  
os seus quatro, que Hades levou num mesmo dia,  
frustrando toda a sua esperança nos filhos.

Os olhos tristes do pai, inundados de lágrimas, cegaram:  
foi como se a mesma noite a todos envolvesse.

### 390. DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]

*Sobre um certo Apolodoro, morto por um raio; é que ele era corredor*

Conheceis o monte Cilene, na Arcádia;  
aí mesmo fica a sepultura<sup>418</sup> de Apolodoro.  
Vinha ele de Pisa<sup>419</sup>, durante a noite,  
quando o raio de Zeus caiu e o atingiu.

---

<sup>418</sup> Não se trata propriamente de uma sepultura, mas apenas do local onde foi morto, dado o hábito de não sepultar as vítimas de raios.

<sup>419</sup> Apolodoro vinha de competir nos Jogos de Olímpia, cujo recinto pertencia a essa cidade.

Agora, longe de [Eneia] e de Bereia<sup>420</sup>,  
vencido por Zeus esse corredor dorme.

### 391. DE BASSO LÓLIO

*Sobre Germânico<sup>421</sup>, sobrinho de César e pai de Nero*

Porteiros dos mortos! Bloqueai todas as entradas do Hades,  
e vós, portas, recebei os ferrolhos nas trancas.  
Eu, o próprio Hades, vo-lo digo. Germânico pertence aos atros,  
não a mim. Não há no Aqueronte navio suficiente.

### 392. DE HERACLIDES DE SÍNOPE

*Sobre o náufrago Tlesímenes, que naufragou no mar Egeu*

O furacão, uma onda gigante, o despertar do Arcturo<sup>422</sup>,  
as trevas e a tempestade terrível do mar Egeu,  
tudo junto destroçou o meu navio; o mastro, partido  
em três, com a carga me lançou às profundezas.  
Chorai este náufrago nas areias da praia, parentes meus,  
Tlesímenes, erigindo-lhe uma lápide muda<sup>423</sup>.

### 393. DE DÍOCLES DE CARISTO

*Sobre o mesmo náufrago Tlesímenes<sup>424</sup>, cujos restos mortais,  
desprovidos de tumba, vagueiam pela praia*

Não me cubrais outra vez de terra! Para quê? Nem lanceis

<sup>420</sup> Cidades da Macedónia, de onde seria originário o atleta morto.

<sup>421</sup> Germânico Júlio César (24 de maio de 15 a.C. e 10 de outubro de 19 d.C.), era sobrinho de Tibério e um dos preferidos de Augusto ao trono imperial, tendo sido adotado por Tibério, em 4 d.C. Casou com Agripina Maior, de quem teve nove filhos, o primogénito dos quais foi Nero Júlio César.

<sup>422</sup> Cf. núms. 295.5 (com nota) e 495.

<sup>423</sup> I.e. um cenotáfio, como nos núm. 275.5 e 395.6.

<sup>424</sup> Falso. É outro o defunto.

mais a areia inocente desta praia sobre mim.  
O mar está irado comigo, e mesmo nas costas rochosas  
me encontra, infeliz; até no Hades me conhece.  
Se é por minha causa que a água pretende invadir a terra,  
contento-me em ficar em terra firme insepulto.

### 394. DE FILIPO DE TESSALÓNICA

*Sobre um moleiro, que também colocou o moinho sobre a sua tumba*

Um moleiro me possuiu durante o tempo  
que viveu, uma pedra giratória de voz oca,  
o criado esmaga-trigo da fecunda Deméter,  
e ao morrer me pôs de estela sobre a tumba,  
sinal do seu ofício. Sempre terá o meu peso:  
vivo, nos trabalhos; morto, sobre os ossos.

### 395. DE MARCO ARGENTÁRIO

*Sobre Calescro, que naufragou no mar da Líbia, afundado por Oríon*

Eis a tumba vazia de Calescro, o que a maré violenta  
derrubou quando viajava pelas costas da Líbia  
e um furacão, desses que causa o funesto ocaso de Oríon  
na estação tormentosa, agitou o fundo do mar.<sup>425</sup>  
Os monstros devoraram o seu corpo arrastado pelas ondas,  
e a estela nada tem além desta inscrição muda.

### 396. DE BIANOR DA BITÍNIA

*Sobre Etéocles e Polinices, os filhos de Édipo*  
Tebas é a tumba dos filhos de Édipo; mas a sua sepultura

---

<sup>425</sup> Imitação do núm. 273. Vd. as notas ad loc.

maldita ainda se ressentia da sua guerra em vida<sup>426</sup>.  
 Nem Hades os pôde vencer, e mesmo agora no Aqueronte  
 se enfrentam; até as suas tumbas são inimigas<sup>427</sup>,  
 e mesmo o fogo mostraram ser inimigo do fogo<sup>428</sup>. Ó miseráveis  
 jovens, empunhastes lanças que jamais descansarão!

### 397. DE ERÍCIO

*Sobre um Sátiro que naufragou no mar perto de Mícale, frente  
 a Samos*

Não está aqui a tumba desse Sátiro desgraçado, nem sequer,  
 como se diz, debaixo desta pira descansa o Sátiro.  
 Porém, se ouvistes falar de um certo mar, um mar terrível,  
 o mar que banha Mícale, terra criadora de cabras,  
 é nessa água cheia de remoinhos e que não tem descanso  
 que eu jazo, por culpa do Bóreas delirante.

### 398. DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]

*Sobre Políxeno de Esmirna, que bebeu demais e tropeçou,  
 morrendo por esse motivo*

Não sei se culpe Dioniso, ou se censure antes a chuva  
 de Zeus: ambos lhe fizeram escorregar os pés.  
 Políxeno, que certa vez, ao voltar de um banquete do campo

---

<sup>426</sup> De acordo com a versão mais divulgada, a que é dramatizada em *Sete contra Tebas* de Ésquilo, ambos os filhos de Édipo, após o exílio deste, concordaram em alternar no trono da cidade. Porém, ao cabo de um ano, Etéocles recusa ceder o lugar ao irmão, que declara guerra para conquistar a coroa. Os irmãos acabam por morrer durante um combate (maldição proferida por Édipo, após Polinices ter sido rejeitado por ele, como se conta no *Édipo em Colono* de Sófocles).

<sup>427</sup> Como se depreende do núm. 399 – epigrama que terá servido de modelo a este – fala-se de duas tumbas próximas e, diríamos, face a face.

<sup>428</sup> Como no núm. 399, a chama da pira, comum a ambos, sentiu necessidade de se dividir em duas.

caiu de um declive escorregadio, esta tumba guarda;  
e jaz agora longe da eólia Esmirna. Quem quer que beba,  
de noite, há de ter medo de caminhos molhados.

### 399. DE ANTÍFILO

*Outro sobre Etéocles e Polinices, os filhos de Édipo*

Bastante longe uma da outra deviam estar essas tumbas  
dos filhos de Édipo, que nem Hades acalmou;  
recusaram até entrar no Aqueronte numa mesma barca,  
e o terrível Ares mora neles, mesmo já mortos.  
Vede a chama irregular da sua pira: como ela se separa  
de uma em duas línguas de fogo enfrentadas.

### 400. DE SERÁPIO DE ALEXANDRIA

*Epitáfio anónimo sobre uns ossos humanos deixados ao abandono*

– De quem era o esqueleto? – De mortal trabalhador. – Foste  
sem dúvida comerciante, ou pescador das ondas cegas.  
– Anuncia aos mortais que, por muitas que sejam as esperanças  
que persigam, a essa esperança estamos reduzidos.

### 401. DE CRINÁGORAS

*Outro anónimo sobre Eunicides, cujos ossos foram deixados ao  
abandono*<sup>429</sup>

A tumba, erguida sobre a sua cabeça odiosa, oprime os ossos  
do mortal criminoso que jaz nesta terra maldita,  
o seu peito irregular, a fileira malcheirosa dos seus dentes,

---

<sup>429</sup> À exceção do nome do defunto – que ainda assim teve que ser corrigido – o lema é falso, resultando da confusão com o do epigrama anterior, que copia na quase totalidade. Cf. o núm. 380, do mesmo Crinágoras.



os [grilhões de escravo]<sup>430</sup> das suas pernas  
 e a cabeça sem cabelo, os restos meio-queimados  
 de Eunicides, ainda verdes de tão podres<sup>431</sup>.  
 Ó terra malcasada<sup>432</sup>! Sobre as cinzas de um homem  
 tão disforme, não peses nem ligeira, nem fina.

#### 402. DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]

*Sobre Lisídice, uma velha que morreu ao cair-lhe a casa em cima*

Quando a neve começou a derreter pelas cumeadas,  
 a casa veio abaixo e matou a velha Lisídice.  
 Para sepultura, os vizinhos não abriram um buraco na terra,  
 mas com a própria casa<sup>433</sup> lhe deram tumba.

#### 403. DE MARCO ARGENTÁRIO

*Sobre o sedutor Psilo, o que na gíria se chama proxeneta*  
 Psilo, o que costumava levar aos adocicados banquetes  
 dos rapazes as cortesãs a soldo que desejavam,  
 esse caçador de almas voláteis, neste lugar repousa,

---

<sup>430</sup> Sentido obscuro. Teria este indivíduo, enterrado em nobre sepultura, terminado os dias como escravo? Há aqui uma metáfora que não deciframos?

<sup>431</sup> Vimos já semelhante descrição gráfica de um cadáver no núm. 383 (de Filipo de Tessalónica), que pode, quase um século depois, ter-se servido do modelo de Crinágoras. Não obstante, tais descrições são também frequentes em autores como Catulo e Horácio, para já não falar das tragédias de Séneca, o que situa Crinágoras e Filipo no mais lato contexto da poesia imperial.

<sup>432</sup> Não é claro o sentido deste epíteto, que ocorre apenas aqui na literatura grega conservada. O esposo parece ser o defunto, mais normalmente dito filho da terra.

<sup>433</sup> No original, *pyrgos* significa a parte da casa reservada às mulheres, o gineceu. O que o verso quer significar é que, com os destroços da casa que desabara, o seu corpo foi coberto de maneira descuidada.

tendo dos homens recebido vergonhoso salário.  
 Não vás tu, caminhante, pôr-te a atirar pedras à sua tumba,  
 nem convenças outro. O seu corpo tem sepultura!  
 Poupa-o, não porque gostou do lucro, mas porque, cuidando  
 das moças da vida, não ensinou o adultério aos jovens.

#### 404. DE ZONAS DE SARDES

*Sobre um comerciante que naufragou e teve a sorte de uma  
 tumba de areia*

Sobre a tua cabeça acumularei areia fria da praia,  
 espalhando-a sobre o teu cadáver gelado.  
 A tua mãe, que tanto te lamentou, jamais pôde ver  
 o corpo levado pelas ondas do filho náufrago,  
 mas foram as praias desertas e inóspitas, vizinhas  
 da costa do mar Egeu, que te receberam.  
 Recebe, estrangeiro, este punhado de areia e muitas  
 lágrimas, pois fatal foi a viagem que fizeste.

#### 405. DE FILIPO

*Sobre a tumba do iambógrafo Hipónax*

Estrangeiro! Evita a tumba caiada de versos  
 e terrível de Hipónax, cujas cinzas não deixam  
 de fazer iambos da sua cólera por Búpalo.<sup>434</sup>

---

<sup>434</sup> Sobre a lenda biográfica de Hipónax de Éfeso, poeta iâmbico do séc. VI a.C. que passava por inventor do metro coriâmbico, leia-se o escólio ao epodo 6 de Horácio: “... Hipónax pediu em casamento a filha de Búpalo e que este, graças à sua deformidade física, foi ignorado. Mas querem crer as gentes que o seguinte é o mais verdadeiro: que houve um pintor chamado Búpalo, em Clazómenas, uma cidade da Ásia. Este pintou um retrato do poeta Hipónax, disforme, para provocar o riso: movido pela raiva contra ele, compôs então tais poemas que ele se enforcou.” Os pontos de contato com a biografia lendária de Arquíloco (vd. nota ao núm. 69) são demasiado óbvios para serem mera coincidência. Vd. Rosen (2007: 459-476).

E jamais despertes essa vespa adormecida,  
que nem agora no Hades adormeceu a sua raiva,  
e em versos coxos lançava certeiras palavras.

#### 406. DE TEODÓRIDAS

*Sobre a tumba de Eufóron, iniciado de histórias fabulosas ou dos ritos misteriosos dos Helenos*

Eufóron<sup>435</sup>, que sabia fazer coisas maravilhosas,  
jaz perto das longas muralhas<sup>436</sup> do Pireu.  
E tu, ao iniciado oferece uma romã, uma maçã  
ou mirto – isso apreciava ele quando vivia.

#### 407. DE DIOSCÓRIDES

*Sobre Safo, a poetisa de Mitilene, excepcional na poesia lírica*

Ó mais doce amparo para as paixões dos rapazes,  
Safo, a ti e às Musas, com as quais partilhas  
a inspiração, a Piéria e o Hélicon<sup>437</sup> coberto de heras  
te honram, Musa da cólica terra de Éreso<sup>438</sup>!  
Tu, de quem o Hímen Himeneu, de tocha em punho,

---

<sup>435</sup> Eufóron de Cálcis (segunda metade do séc. III a.C.) viveu em Antioquia, onde foi bibliotecário de Antíoco, o Grande. Foi autor de obras em prosa de historiografia, epigramas e poemas narrativos, além de filólogo e crítico literário. Alcançou notoriedade pelos seus epílios (poemas breves de tema épico e mitológico).

<sup>436</sup> Embora se tenham construído muralhas longas em diversos locais da Grécia, o termo costuma ser usado para se referir especificamente às que ligavam Atenas aos portos do Pireu e Faleros, construídas em meados do século V a.C. Eram um elemento estratégico chave de Atenas, já que possibilitavam uma ligação marítima constante e evitavam que a cidade fosse totalmente cercada.

<sup>437</sup> Ambos locais associados às Musas, por isso frequentemente ditas Piérides e Helicónias.

<sup>438</sup> Contra a versão mais comum, que faz Safo natural de Mitilene (cf. núm. 718), a *Suda* situa-a em Éreso, cidade menos importante da mesma ilha de Lesbos.

se mantém perto, debaixo das colchas nupciais;  
 tu, que o pranto de Afrodite pelo jovem rebento de Ciniras<sup>439</sup>  
 fazes teu, e contemplas o bosque sagrado dos beatos.  
 Alegre-te, senhora, como os deuses! Pois as tuas canções,  
 ainda agora por filhas de uma imortal as temos.

#### 408. DE LEÓNIDAS

*Outro sobre Hipónax, o poeta iambógrafo; ele era de Éfeso*

Passa de mansinho ao lado da tumba, não vás tu  
 despertar do sono a vespa que descansa.  
 Ainda agora adormeceu em paz o coração de Hipónax,  
 agora, ele que [até contra os pais] rosnava<sup>440</sup>.  
 E tem cuidado! É que as suas palavras cheias de fogo  
 são capazes de fazer dano, mesmo no Hades.<sup>441</sup>

#### 409. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]<sup>442</sup>

*Sobre Antímaco, o poeta de Cólofon comparável a Homero*

Elogia os versos poderosos do infatigável Antímaco,  
 dignos da anuência dos semideuses antigos  
 e forjados na bigorna das Piérides, se ouvido fino  
 te foi dado, se aprecias uma palavra severa,  
 se buscas um caminho nunca pisado e inatingível  
 a outros. Se Homero detém o cetro da poesia,  
 também Zeus é mais forte que Posídon<sup>443</sup>, mas Posídon,

<sup>439</sup> Adónis, alvo da paixão de Perséfone e Afrodite. Foi morto por um javali enviado por Ares, ciumento da sua relação com Afrodite.

<sup>440</sup> Essa a lição de P. Stadtmüller, para evitar a alusão não explicada pela lenda aos pais do poeta, corrige para “rosnava [palavras mordazes]”.

<sup>441</sup> O epigrama foi imitado por Filipo (núm. 405) e Getúlico (núm. 71, sobre Arquíloco). Vd. Rosen (2007: 459-476).

<sup>442</sup> P atribui o epigrama, erradamente, ao poeta homónimo da Tessalónica.

<sup>443</sup> À letra, em ambas as ocorrências, “O que abala a terra”.

ainda que inferior àquele, é dos melhores imortais.  
 E também o habitante de Cólofon se verga ante Homero,  
 mas encabeça uma multidão de outros cantores.<sup>444</sup>

#### 410. DE DIOSCÓRIDES

*Sobre Téspis, o inventor da tragédia, o primeiro que organizou um coro e adornou toda a cena à maneira antiga, transformado pelas ações de Ésquilo e dos que vieram depois*

Este é Téspis, o primeiro que modelou o canto trágico,  
 inventando novas graças para os camponeses  
 quando Baco dirigia o [lúgubre] coro, para quem o prêmio  
 era ainda um bode e um cesto de figos áticos.

Se os jovens reformulam estas coisas, o passar dos anos  
 criará muitas outras; mas a mim, o que é meu!<sup>445</sup>

---

<sup>444</sup> Antímaco (fl. c. 400 a.C.) foi o precursor da épica erudita do período alexandrino, tempo em que a crítica o chegou a pôr a par de Homero (cf. *AP* 9.63, de Asclepiades de Samos). Compôs um largo poema sobre Tebas e a expedição dos Epígonos (mal considerado por Catulo), bem como um poema elegíaco, *Lide*, uma auto-consolação pela morte da sua amada com o mesmo nome (poema que desagradava imenso a Calímaco). Consta ainda que preparou uma recensão crítica dos poemas homéricos.

<sup>445</sup> Téspis de Icária (fl. c. 610 - 550 a. C.) foi o primeiro ator a representar uma personagem numa peça teatral (em vez de falar como ele próprio), i.e. a destacar-se da atuação do coro nos festivais de ditirambos de Atenas – e não, como ficciona o epigrama, em contexto rural. É por isso considerado o inventor da tragédia. Teria também criado o segundo ator, servindo-se para tal de duas máscaras, uma no rosto e outra na nuca.

#### 411. DE ALCEU DE MESSENE

*Sobre o mesmo Téspis<sup>446</sup>; com ele, e com Êsquilo depois dele, a tragédia se propagou*

Essa invenção de Téspis, esses jogos campestres  
pela floresta e os coros, a maior perfeição  
Êsquilo os elevou, ele, que gravava os seus versos  
não a cinzel, mas como torrentes de água,  
e também renovou a cena<sup>447</sup>. Ó boca afortunada  
em tudo! Eras um dos semideuses antigos!

#### 412. DO MESMO

*Sobre Pílates, não o admirável amigo de Orestes, mas o ator da comédia e da tragédia nova, ou um que dançava nas Dionísias<sup>448</sup>*

Agora que partiste, Pílates, chora-te a Hélade inteira,  
cortando rente à pele os cabelos desgrenhados;  
o próprio Febo<sup>449</sup> tirou da cabeça as folhas de loureiro  
que não se corta<sup>450</sup> para com justiça honrar o seu cantor.  
As Musas verteram lágrimas, deteve o seu curso o Asopo  
ao ouvir a voz das bocas que se lamentavam.  
Fecharam as suas portas as casas da dança de Dioniso<sup>451</sup>,  
quando partiste para a estrada de ferro do Hades.

---

<sup>446</sup> Erro do lematista, levado pela primeira palavra do epigrama (Téspis), que nem sequer é um epitáfio, antes um elogio da arte de Êsquilo.

<sup>447</sup> I.e., renovou o teatro pela palavra (os poemas trágicos) e pela prática teatral.

<sup>448</sup> Falso. Trata-se do citaredo de Megalópolis que refere Pausânias (10.7.3), e não do ator de pantomima do tempo de Augusto, como pretende o lematista.

<sup>449</sup> Apolo.

<sup>450</sup> Porque consagrado ao deus, o louro para as coroas devia ser arrancado, não cortado pelo ferro.

<sup>451</sup> I.e. os teatros.

## 413. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]

*Sobre a filósofa Hipárquia, esposa de Crates de Tebas, o fundador da seita cínica*<sup>452</sup>

Eu, Hipárquia, não escolhi os trabalhos das mulheres  
de largas vestes, mas a vida viril dos cínicos;  
não me agradaram as túnicas presas com broche,  
as socas de salto alto ou a coifa brilhante,  
mas a carteira, companheira do bastão, o manto duplo<sup>453</sup>  
a conjunto e uma esteira aberta no chão.  
Digo, pois, que sou superior a Atalanta, a do Ménalo<sup>454</sup>,  
como a ciência supera a corrida nos montes.

## 414. DA POETISA NÓSSIS

*Sobre Rínton, poeta de Siracusa*

Ri com vontade ao passares por aqui, e dirigindo-te a mim  
diz a palavra amiga<sup>455</sup>. Sou Rínton<sup>456</sup> de Siracusa,

---

<sup>452</sup> Há uma incorreção no lema, na medida em que terá sido Antístenes o fundador da escola cínica, não Crates. Cf. nota ao núm. 115. Natural de Maroneia, Hipárquia (fl. c. 325 a.C.) mudou-se para Atenas, onde travou contato e acabou por casar com Crates, ao tempo o representante da escola cínica, a cujos preceitos ela própria se moldou. Para a história passou como modelo da mulher filósofa.

<sup>453</sup> A carteira e o manto, sobretudo, eram os elementos identificativos da indumentária dos cínicos. Cf. núms. 65-67.

<sup>454</sup> Monte da Arcádia. Filha de Ménalo, Atalanta foi abandonada no monte Parténio ao nascer, tornando-se uma ninfa protegida de Ártemis e, como a deusa, hábil caçadora. O poeta compara a vestimenta frugal de ambas, Atalanta e Hipárquia.

<sup>455</sup> O “salve” (*chaire*), fórmula de saudação exigida a quantos passavam por uma sepultura.

<sup>456</sup> Nos finais do séc. IV a.C., Rínton (de Siracusa ou de Tarento) foi um cultor da assim designada farsa flíaca, que em terras de Magna Grécia revitalizou sobretudo o género do drama satírico grego.

o pequeno rouxinol das Musas; e das minhas paródias  
trágicas eu próprio colhi a grinalda de hera.

#### 415. DE CALÍMACO

*Sobre um certo poeta, filho de Bato*<sup>457</sup>

Da sepultura do filho de Bato acerca os pés, o que foi mestre  
da canção e mestre das risadas oportunas com vinho.

#### 416. ANÓNIMO

*Sobre o sábio Meleagro, o que entrelaçou as grinaldas de epi-  
gramas, o filho de Êucrates de Gádara*

O filho de Êucrates, Meleagro, eu guardo, estrangeiro,  
o que Eros, as Musas e as afinadas Graças misturou.

#### 417. DE MELEAGRO

A ilha de Tiro me criou; mas a pátria que me gerou  
é a nova Ática dos Assírios, Gádara.

Nasci de Êucrates, eu, Meleagro, que com as Musas  
primeiro misturei as Graças Menipeias<sup>458</sup>.

Sou sírio, e então? Pátria comum, estrangeiro, é o mundo  
que habitamos, e um único Caos gerou todos os mortais.

Já velho, gravei estas palavras em tabuinhas junto à tumba:  
quem está próximo da velhice, perto está do Hades.

Mas, saudando este velho linguarudo quando passares aqui  
perto, oxalá também tu atinjas a velhice linguaruda.

---

<sup>457</sup> O lematista ignorou que se trata do próprio Calímaco.

<sup>458</sup> Gádara era também a terra do cínico Menipo, de cujas sátiras, que Meleagro teria imitado, nada conservamos ou sabemos.



## 418. DO MESMO MELEAGRO

*Sobre o mesmo Meleagro, o coletor de epigramas; este Meleagro morreu na ilha de Cós, onde envelheceu*

Gádara foi a primeira pátria ilustre que eu conheci,  
 e acolhendo-me me fez homem a santa Tiro;  
 quando cheguei a velho, a mesma que criou Zeus, Cós,  
 fez-me cidadão merópio<sup>459</sup> e me velou a velhice.  
 As Musas, a mim entre poucos, a Melagro, filho de Êucrates,  
 honraram-me com as Graças menipeias.

## 419. DO MESMO MELEAGRO

*Sobre o mesmo Meleagro, o poeta talentoso e antologista de epigramas*

Avança devagar, estrangeiro: entre os beatos o velho  
 dorme, entregue a um sono a todos devido,  
 o filho de Êucrates, Meleagro, o que o Eros de doces  
 lágrimas e as Musas aliou às Graças sorridentes.  
 A divina Tiro fez dele homem, e a santa terra dos Gádaros;  
 a amável Cós dos Merópios o manteve, já velho.  
 Agora, se és sírio, *Salam!*; se, pelo contrário, és fenício,  
*Audonis!*; e se és grego, *Salve!* Tu, responde igual.

## 420. DE DIOTIMO DE ATENAS, FILHO DE DIOPITES

*Sobre um certo Lésbon, flautista talentoso*

Esperanças dos homens, deusas fugidias – ou não teria  
 Hades que deslaça os membros coberto Lésbon,  
 o que acompanhava o rei escoltado pelos Amores –  
 adeus, divindades inconstantes dos mortais!

---

<sup>459</sup> Mérops era o herói fundador da ilha de Cós, daí o nome pelo que eram conhecidos os seus cidadãos.

E vós, flautas<sup>460</sup> que ele soprava, jazei mudas e inaudíveis:  
Aqueronte não conhece cortejos ou coros.

421. DE MELEAGRO<sup>461</sup>

*Enigmas sobre o próprio Meleagro; e porque, dada a homonímia com o Meleagro antigo, se representou o próprio com uma lança e uma pele de javali*

Ser alado, porque te deleitas com lanças e a pele do javali?

Quem és tu, e o símbolo da estela de quem?

Eros não te vou chamar – porque estaria perto dos mortos  
o Desejo? Esse valente não aprendeu a chorar.

Tampouco és Cronos, o de pés velozes; ele, ao invés de ti,  
é muito velho, e os teus membros estão no viço.

Ah, já sei, é isso! O que está debaixo da terra é um sábio,  
e tu a palavra alada pela qual ele ficou famoso.

Seguras o atributo de dois gumes da filha de Leto<sup>462</sup>, símbolo  
[do riso

com gravidade, e talvez do metro da poesia erótica.

Sim! Para Meleagro, o filho de Eneu com o mesmo nome,  
apontam estes símbolos da matança do javali.<sup>463</sup>

<sup>460</sup> No original, o *aulos*, instrumento de sopro semelhante à flauta que podia revestir distintas formas. Não deve confundir-se com os dois instrumentos referidos no núm. 174, outros dois tipos de flautas pastoris.

<sup>461</sup> Com este epigrama da sua autoria, Meleagro inaugura a série (núms. 421-429) de epitáfios lúdicos sobre tumbas simbolicamente decoradas com elementos a que o lematista chama enigmas. Sabemos que este tipo de decoração, mais ou menos frequente, tinha correspondente real.

<sup>462</sup> Ártemis. O atributo é, neste caso, a lança de caça – que podia de facto ser de dupla ponta – com a qual a deusa era por vezes representada, em lugar dos tradicionais arco e flechas. Simboliza as duas vertentes da obra de Meleagro, a sátira em prosa e a poesia erótica em versos elegíacos.

<sup>463</sup> Como explicado no lema. Meleagro, na mitologia, era filho de Eneu, o rei de Cálidon. O epigrama refere a famosa caçada a um javali que destruiu os campos da sua terra natal, na qual o herói acidentalmente matou os tios, irmãos de sua mãe Altaia, que para se vingar providenciou a morte do filho.

Salve, mesmo entre os mortos, tu que numa só obra sábia  
soubeste acomodar Eros com a Musa e as Graças.<sup>464</sup>

#### 422. DE LEÓNIDAS DE TARENTO

*Sobre Pisístrato, não o tirano de Atenas, mas outro mais recente; são enigmas*

Que podemos dizer sobre ti, Pisístrato, ao ver esculpido  
sobre a tumba um ossinho com a mão de Quios?<sup>465</sup>  
Diremos que eras de Quios? Assim parece. Ou antes  
que eras jogador, mas com pouca sorte, meu caro?  
Ou nem estamos perto, e foi graças ao vinho de Quios  
que morreste? Sim, acho que agora estamos perto.

#### 423. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

*Enigmas sobre Bítis*

Sempre faladora e tagarela, estrangeiro, a pega te dirá  
que eu era; a taça, que era amiga dos copos,  
o arco Cretense, a lá uma mulher amiga do trabalho,  
e o laço do cabelo que já tinha cabelos brancos.  
Assim era Bítis, que esta tumba com estela cobriu,  
a noiva imaculada e depois esposa de Times.  
Mas salve, homem! E aos que partiram para o Hades  
dirige, em troca, igual saudação.

<sup>464</sup> Foi sugerido que o epigrama acompanhasse o emblema que servia de frontispício a uma edição da *Grinalda* de Meleagro. Apud Waltz et alii (1941, repr. 2002: 33).

<sup>465</sup> No original, a referência é ao jogo dos ossinhos, cuja pior mão era dita “de Quios”. O núm. 427 refere outras duas mãos, a “de Alexandre” e a “do efebo”, cujo valor não podemos avaliar, embora a última, pelo nome e pelo contexto em que surge nesse epigrama, devesse ser a mais alta. Muito parecido ao jogo do dado, dependendo da posição em que o osso caía era obtida uma pontuação distinta (1, 3, 4 e 6).

#### 424. DO MESMO ANTÍPATRO

*Enigmas sobre Lisídice; admirável*

– Busco saber, Lisídice, porque na tua estela

    Ágis gravou este enigma incrustado.

É que rédeas, uma mordança e essa ave de Tanagra

    rica em aves, audaz incitadora de batalhas<sup>466</sup>,

não agradam nem combinam com mulheres de casa,

    mais bem as obras da roca e do tear.

– A ave dirá que me levantava de noite para trabalhar,

    as rédeas que era eu quem levava a casa;

esta mordança dirá que não era de muitas palavras,

    nem tagarela, mas cheia de um belo silêncio.

#### 425. DO MESMO ANTÍPATRO

*Sobre Miro, mais enigmas*

Não vos espante ver sobre a sepultura de Miro um chicote,

    uma coruja, um arco, um ganso cinzento e uma cadela

    [veloz.

O arco dirá que fui cuidadosa regente da minha casa,

    a cadela que tomei bem conta dos meus filhos;

o chicote, estrangeiro, não que fui má patroa, nem arrogante

    com os criados, mas justa a castigar as faltas;

o ganso, que era atenta guardiã da casa; e a coruja,

    que era fiel sacerdotisa da brilhante Palas<sup>467</sup>.

Estas as tarefas que me davam prazer; e por isso gravou

    estes emblemas na tumba o meu marido Bítón.

---

<sup>466</sup> Um galo (cf. v. 7).

<sup>467</sup> Atena. O original contém um jogo de palavras, impossível de verter, entre os termos que significam “coruja” (*glauks*) e “brilhante” (*glaukos*).

## 426. DO MESMO ANTÍPATRO

*Sobre o filho de um tal Diodoro, que colocou sobre a tumba como símbolo um leão*

- Diz-me, leão, de que defunto guardas a tumba, devorador de bois? Quem foi digno da tua coragem?
  - O filho de Teodoro, Telêucias, de longe o mais audaz de todos, como das feras eu sou considerado.
- Não estou aqui em vão, mas como símbolo da coragem desse homem, autêntico leão para os inimigos.

## 427. DO MESMO ANTÍPATRO

*Sobre uma tumba na qual estavam gravados nove ossinhos; era a tumba de um tal Alexandre de Quios; também são enigmas*

- Esta estela, vejamos que morto guarda! Mas eu não vejo uma inscrição gravada em parte alguma da pedra, nada mais que nove ossinhos lançados. Os quatro primeiros representam a mão a que chamam de *Alexandre*, os seguintes o esplendor da idade dos jovens, dita de *efebo*, e o último, menos valioso, representa a de *Quios*<sup>468</sup>.
- Não significam eles que “tanto o que se ufana do seu poder como o que está no viço, acabam ambos em nada”?
- Ou talvez não; devo agora, como um arqueiro Cretense<sup>469</sup>, atirar a flecha mais diretamente ao alvo:
- O morto era de Quios, recebeu o nome de Alexandre e morreu com a idade que têm os efebos<sup>470</sup>.
- Quão bem alguém revelou o jovem defunto anónimo e a sua vida, por meio de ossinhos mudos!

<sup>468</sup> Nomes das distintas mãos (pontuações) do jogo dos ossinhos. Cf. nota ao núm. 422.

<sup>469</sup> Já Píndaro (*Pítica* 5.41) exaltava os arqueiros de Creta.

<sup>470</sup> Entre os 15 e os 18 anos (ou os 18 e os 20, em Atenas).

## 428. DE MELEAGRO

*Sobre Antípatro de Sídon, sobre cuja tumba se combinam um galo, um galho fenício e um ossinho*

Estela! Que significa o galo de olhar terrível que sobre ti se ergue, segurando um cetro na sua asa cor turquesa e agarrando com as patas o galho da vitória? Mais, na base do pedestal descansa ainda encostado um ossinho.

Acaso ocultas um soberano detentor de cetro, vitorioso numa batalha? Que significa o jogo dos ossinhos?

E porque é humilde a tumba? Conviria a homem pobre, acordado ainda de noite pelo cantar do galo.

Não creio; o cetro desmente-o. Será então que escondes um atleta, que com os seus pés saiu vitorioso<sup>471</sup>?

Não, tampouco é isso. Um homem veloz, em que se parece ele a um ossinho? Agora sim, acertei no ponto!

A palma<sup>472</sup> significa a sua vitória e também a sua pátria, a gloriosa mãe dos Fenícios<sup>473</sup>, Tiro de belos filhos;

a ave, que era um homem que se fazia ouvir, o primeiro nas lides de Cípris, e nas das Musas versátil poeta;

o cetro simboliza a eloquência; e que morreu de uma queda, um dia que bebera demasiado, isso diz o ossinho.

São estes os símbolos, e o seu nome a pedra o proclama, Antípatro, descendente de poderosos antepassados.

<sup>471</sup> I.e., um vencedor na modalidade da corrida individual.

<sup>472</sup> Dita um “galho” (ou “ramo”) no v. 3.

<sup>473</sup> No original, a mesma palavra designa a palma (da palmeira) e os habitantes da Fenícia.

## 429. DE ALCEU DE MITILENE

*Sobre uma tumba na qual gravaram duas vezes a letra “phi”,  
o que significa o nome da mulher, i.e. Fídís*

Interrogo-me a mim mesmo porque razão esta pedra  
do caminho recebeu apenas dois *phis*,  
gravados pelo cinzel do escultor. Acaso a mulher  
que a terra oculta se chama Quília<sup>474</sup>?

É isso que significa a soma dos dois números.

Ou será que nisto não acertei no caminho,  
e quem habita esta tumba desgraçada é Fídís?<sup>475</sup>

Isso! Qual Édipo, adivinhei o enigma da Esfinge!  
Laudas ao inventor deste enigma de duas letras,  
luz para os espertos e treva para os ignorantes.

## 430. DE DIOSCÓRIDES

*Outro enigma sobre uns restos mortais, i.e., um escudo e uma  
lança, entre outros*

Quem pendurou neste carvalho estas armas, espólio recente?

Quem mandou gravar este escudo dório?

A terra da Tírea está repleta com o sangue dos soldados,  
e apenas nós os dois<sup>476</sup> restamos dos Argivos.

Examina bem cada cadáver tombado, não vá que um deles,  
vivo ainda, acenda para Esparta uma glória falsa.

Detém o teu passo! Neste escudo, a vitória dos Lacónios  
é proclamada pelos coágulos de sangue de Otríades,

---

<sup>474</sup> O valor numérico da letra phi era 500, pelo que, como primeira hipótese, o poeta avança com um nome que, à letra, significa “mil”.

<sup>475</sup> phi – dis (“duas vezes”).

<sup>476</sup> Cf. nota ao núm. 244.

com o autor<sup>477</sup> a estrebuchar ao lado. Zeus, nosso antepassado!  
 Rejeita os símbolos de uma batalha que não foi ganha.

#### 431. ANÓNIMO, OU DE SIMÓNIDES

*Sobre a tumba dos trezentos Espartanos que tombaram com  
 Otríades na batalha contra os Argivos em Tírea*

Nós, pátria de Esparta, os trezentos que enfrentaram  
 igual número de filhos de Ínaco<sup>478</sup> por Tírea,  
 sem nunca virar a cabeça, onde primeiro pusemos  
 os pés foi onde abandonámos a vida.

Coberto com o sangue varonil de Otríades, o escudo  
 proclama: “Tírea, Zeus, é lacedemónia!”

Se algum Argivo fugiu à morte, é da raça de Adrasto<sup>479</sup>:  
 para Esparta, a morte não é morrer, mas fugir.

#### 432. DE DAMAGETO

*Sobre o lacedemónio Gílis, morto na batalha por Tírea*

Lacedemónios! Esta tumba guarda o belicoso

Gílis, que tombou em nome de Tírea,  
 matou três argivos e proferiu ainda estas palavras:

“Morra eu, agindo como merece Esparta!”

---

<sup>477</sup> Otríades teria escrito no escudo, com o próprio sangue, a vitória dos Espartanos.

<sup>478</sup> Os Argivos, a partir do nome de Ínaco, pai de Io, lendário rei de Argos.

<sup>479</sup> O seu nome ecoa o verbo *didraskein* (“fugir”), pelo que teria sobrevivido, de acordo com a máxima do verso seguinte, quem não tivesse fugido e enfrentado a morte (*a-didrastein*).



## 433. DE TIMNES

*Sobre o lacedemónio Demétrio, o desertor da guerra que a própria mãe matou*<sup>480</sup>

Por transgredir as leis, a Demétrio, o lacedemónio,  
 a própria mãe lacedemónia lhe deu morte.  
 Pondo em guarda a espada afiada, disse arranhando  
 os dentes afiados, como mulher espartana:  
 “Vai, maldita cria, maldita peça, vai para o Hades, vai!  
 O que não é digno de Esparta não é filho meu.”<sup>481</sup>

## 434. DE DIOSCÓRIDES

*Sobre os oito filhos da lacedemónia Deménete, mortos numa mesma batalha*

Deménete, que enviara oito filhos contra as tropas inimigas,  
 enterrou-os a todos debaixo da mesma estela.  
 Não derramou, porém, lágrimas pela sua dor, e apenas isto  
 disse: “Ai, Esparta, para ti gerei estes filhos!”

## 435. DE NICANDRO

*Sobre os seis filhos de Ificrátides, mortos debaixo da muralha de Messene*

Nós, Eupílicas, Erato, Céris, Lico, Ágis e Alexo,  
 os seis filhos de Ificrátides, morremos  
 sob a muralha de Messene. Gilipo, o nosso sétimo irmão,  
 cremou-nos e voltou com grande carga de cinza,  
 grande glória para Esparta, grande dor para a nossa mãe  
 Alexipa. Uma só mortalha, de todas a mais bela.

<sup>480</sup> Cf. núms. 230 e nota ad loc.

<sup>481</sup> O epigrama, com variações profundas, é citado por Plutarco nos *Apoftegmas Lacónicos* (*Mor.* 240f-241a).

#### 436. DE HÉGEMON

*Sobre os mil Lacedemónios liderados por Leónidas que enfrentaram nas Termópilas oitocentos mil Persas*

Algum viajante, ao passar pela tumba, solenemente  
dirá: “Neste lugar, mil homens Espartanos  
enfrentaram oitocentos mil Persas com toda a coragem  
e morreram sem virar a cara; eis a disciplina dória!”<sup>482</sup>

#### 437. DE FENO

*Sobre Leónidas de Esparta*

Não lograste, muito valente Leónidas, regressar  
ao Eurotas<sup>483</sup>, vencido pela dura batalha.  
Antes, nas Termópilas, lutando contra os Persas  
tu caíste, observando as leis de teus pais.

#### 438. DE DAMAGETO

*Na tumba de Macatas; por serem dados à guerra, todos os jovens Helenos morreram, especialmente os da Acaia*

Também tu morreste, Macatas, na emboscada a Patras,  
levando feroz batalha aos Etólios<sup>484</sup>,  
no vigor da juventude. Difícil encontrar homem Aqueu  
corajoso que viva até ter cabelos brancos.

---

<sup>482</sup> Cf. núms. 242 (com nota), 243 e 248.

<sup>483</sup> Rio de Esparta.

<sup>484</sup> A destruição de Patras, ao cabo da guerra com os Etólios, entre 220-217 a.C. Apud Políbio 4.6 sqq.

## 439. DE TEODÓRIDAS

*Sobre Pílio, o filho de Agenor-o-jovem*

Desta forma, imprevisível Destino, o filho de Agenor, Pílio,  
antes do tempo arrancaste à juventude dos Eólios,  
soltando-lhe as Queres, essas cadelas [do Hades]<sup>485</sup>. Ai, ai,  
que espécie de homem jaz aqui, presa do Hades!

## 440. DE LEÓNIDAS DE TARENTO

*Sobre Aristócrates, homem inteligente e belo*

Ó tumba! De que defunto ocultas na tua noite  
os ossos, e que cabeça, ó terra, engoliste,  
dele, que era tão apreciado pelas loiras Graças,  
de Aristócrates, por todos muito lembrado!  
Sabia Aristócrates falar em público com doçura,  
[sem, nobre que era, revirar o olho arrogante;  
sabia também, nas libações a Baco, sem confrontos]<sup>486</sup>  
dirigir a conversa que se tem entre copos;  
e sabia, entre estrangeiros como entre compatriotas,  
ser gentil. Terra amada! Tal defunto guardas!

## 441. DE ARQUÍLOCO

*Sobre Megatimo e Aristofonte de Naxos*

Os excelsos pilares de Naxos, Megatimo e Aristofonte,  
tu guardas nas tuas entranhas, grande terra.

---

<sup>485</sup> Símbolo do destino cruel e impossível de escapar, as Queres são as divindades que trazem a morte aos homens, segundo Hesíodo filhas da Noite e, segundo outros autores, desta com a Morte. As fontes situam-nas no Hades, a par das Erínias.

<sup>486</sup> Os versos 5-7 constam apenas da *Planudea*.

#### 442. DE SIMÓNIDES

*Sobre os que tombaram em Tégea de entre a fina-flor dos Atenienses*<sup>487</sup>

Recordemos esses homens valentes cuja tumba aqui se encontra,  
os que morreram a defender Tégea rica em rebanhos,  
empunhando a lança em nome da sua pátria, para que a Grécia  
jamais despoje a liberdade da sua cabeça morta.<sup>488</sup>

#### 443. DE SIMÓNIDES

*Sobre os Helenos que tombaram nas margens do rio Eurimedonte*

Outrora, no peito destes homens o impetuoso Ares lavou  
as flechas de longa barba<sup>489</sup> em vermelha chuva.  
E, em vez de memorial dos que morreram atingidos por dardos,  
a terra cobre os restos sem vida dos que ainda vivem.

#### 444. DE TEETEO

*Sobre a casa de Antágoras, que ardeu por causa de uma bebedeira, na qual morreram oitenta homens pelo fogo causado pela bebedeira*

Numa noite de inverno, tomada que estava pela bebedeira,  
o fogo consumiu a grande casa de Antágoras.  
Um total de oitenta homens, entre livres e escravos,  
todos juntos, morreram nessa pira fatídica.  
Não puderam os familiares distinguir e separar os ossos,  
e uma só urna eles tiveram, e um só funeral;  
uma só tumba se ergueu. A cada um deles, no entanto,  
mesmo na cinza, Hades facilmente reconhece.

---

<sup>487</sup> Falso. O epitáfio é dos combatentes de Tégea.

<sup>488</sup> Cf. núm. 512, sobre o mesmo tema, do qual o presente epigrama pode ser uma variação.

<sup>489</sup> Cf. *Iliada* 8.287.

## 445. DE PERSES DE TEBAS

*Sobre Mantiades e Êustrato de Dimas; epitáfio*

Nós, estrangeiro, Mantiades e Êustrato, filhos de Êquelo  
de Dimas, jazemos num bosque austero,  
rústicos madeireiros como nosso pai. Sobre a nossa tumba,  
dizem o nosso ofício estes machados corta-pinheiros.

## 446. DE HEGESIPO

*Sobre Zoilo de Hermíone<sup>490</sup>, morto em Argos*

De Hermíone era o estrangeiro, mas foi sepultado longe  
de casa Zoilo, coberto pela terra argiva  
que lhe lançaram a esposa de cintura funda<sup>491</sup>, banhada  
em lágrimas, e os filhos de cabeça rapada.

## 447. DE CALÍMACO

*Sobre Térís<sup>492</sup> de Creta, filho de Aristeu*

O estrangeiro era conciso; assim será o verso; não direi muito:  
“Térís, de Creta, filho de Aristeu” –já me soa prolixo.

## 448. DE LEÓNIDAS DE TARENTO

*Sobre Pratálicas de Creta, filho de Licasto*

Eis a sepultura de Pratálicas, filho de Licasto, um ás na arte  
dos amores, um ás na batalha, um ás na caça de rede

---

<sup>490</sup> Pequena cidade portuária da península da Argólida, que ainda hoje mantém o seu nome antigo.

<sup>491</sup> Epíteto de beleza feminina desde a *Iliada* (e.g. 8.122), onde caracteriza as mulheres troianas, sendo também aplicado a um conjunto de divindades.

<sup>492</sup> Outro indivíduo – igualmente desconhecido – que não os mencionados nos núms. 278 e 295.

e um ás na dança. [Deuses] subterrâneos...  
como fostes juntar este Cretense ao outro Cretense<sup>493</sup>?

#### 449. ANÓNIMO

*[Sobre o mesmo (e sobre as coisas)] nas quais era um ás por natureza*

A Pratólidas, Eros deu o amor pelos rapazes, Ártemis  
a caça, a Musa as danças, e Ares a batalha.  
Como não ser afortunado o filho de Licasto, que no amor  
foi o maior, como no canto, na lança e na rede?

#### 450. DE DIOSCÓRIDES

*Sobre Filénis de Samos, não a licenciosa cortesã de Tebas<sup>494</sup>*

Eis a sepultura de Filénis de Samos. Atreve-te  
a falar-me, chega perto da estela, homem!  
Não fui eu quem escreveu aquelas obras ofensivas  
às mulheres ou negou a divindade do Pudor;  
eu era casta, juro por esta tumba! Contudo, se alguém,  
contra o meu pudor, compôs tratado vergonhoso,  
que o tempo revele o seu nome e que os meus ossos  
rejubilem, liberta eu dessa triste reputação.

#### 451. DE CALÍMACO

*Sobre Sáon, filho de Acanto*

Neste lugar, Sáon, o filho de Acanto, dorme um sono  
sagrado. À gente de bem, não se fale de morte.

---

<sup>493</sup> O “outro Cretense” seria Minos, juiz infernal. Cf. nota ao núm. 268.

<sup>494</sup> Cf. o núm. 345, cujo erro do lema é neste ponto corrigido.

## 452. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

*Sobre Eubulo*

À memória do sábio Eubulo, vós que aqui passais,  
bebamos! O Hades é fim comum a todos.

## 453. DE CALÍMACO

*Sobre Nicóteles, filho de Filipo*

O filho de doze anos um pai, Filipo, enterrou  
aqui – Nicóteles, a sua esperança maior.

## 454. DO MESMO

*Sobre o bêbado Erasíxeno*

O bêbado perdido que era Erasíxeno, a taça de vinho  
puro o levou, vertida duas vezes seguidas.

## 455. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

*Sobre a bêbada Marónis<sup>495</sup>*

Marónis, a boa esponja, a esvazia-jarras,  
aqui jaz essa velha, em cuja tumba  
há uma taça ática de todos conhecida.  
Não lamenta, debaixo da terra, os filhos  
ou o marido que deixou à sua sorte,  
antes uma única coisa: a taça vazia.

## 456. DE DIOSCÓRIDES

*Sobre a bêbada Silénis, a ama de Hierão*

Hierão, a ama Silénis<sup>496</sup> (a quem, desde que bebesse

---

<sup>495</sup> Cf. nota ao núm. 353.

<sup>496</sup> Também este nome deve ser um apodo, derivado de Sileno, um dos mais devotos seguidores de Baco.

vinho puro, nenhuma taça incomodava),  
 nestes campos a sepultou, para que essa esponja,  
 já morta, tivesse tumba junto aos lagares.

#### 457. DE ARÍSTON

*Sobre a bêbada Ampélis, que caiu dentro de um lagar e se afogou*  
 Ampélis<sup>497</sup>, a esponja, quando já apoiava num bastão,  
 guia dos seus passos, a velhice cambaleante,  
 estava a encher, às escondidas, uma taça tipo ciclópico<sup>498</sup>  
 do néctar de Baco ainda há pouco espremido;  
 porém, antes de a tirar, falhou-lhe a mão já fraca e a velha,  
 qual navio antigo submerso, afogou-se no mar de vinho.  
 Euterpe ergueu sobre a tumba da defunta este memorial  
 de pedra, perto dos terrenos onde se seca a uva.

#### 458. DE CALÍMACO

*Sobre uma mulher a que chamavam Escra, a ama de Mico*  
 A frígia Escra, a sua boa ama, com todos os cuidados  
 Mico lhe cuidou a velhice, enquanto ela vivia,  
 e já morta lhe ergueu esta estátua, para mostrar aos vindouros  
 como a anciã recebe a recompensa dos seus seios<sup>499</sup>.

#### 459. DO MESMO CALÍMACO

*Sobre Crétis de Samos*  
 De Crétis, a tagarela que sabia bem como se divertir,  
 sentem muito a falta as filhas de Samos,

---

<sup>497</sup> O nome deriva de *ampelos* (“vinha”).

<sup>498</sup> I.e. de grandes dimensões.

<sup>499</sup> Que alimentaram Mico, entenda-se.



da colega amável que estava sempre a falar. Ela dorme,  
aqui, o sono que a todos caberá em sorte.

#### 460. DE CALÍMACO

*Sobre Mícilo, um pobre que viveu na inércia*

Vivi pouco e com escassos bens, sem fazer mal algum  
nem ser injusto com ninguém. Terra amiga!  
Se Mícilo aprovou alguma injúria, não me sejas tu  
leve, nem os demais deuses que me sustinham.

#### 461. DE MELEAGRO

*Sobre Esígenes, que viveu humildemente*

Salve, ó Terra, mãe de todos! Esígenes nunca foi um peso  
para ti. Agora, acolhe-o tu sem lhe pesar!

#### 462. DE DIONÍSIO

*Sobre Sátira, a mãe recente que morreu em Tiro*

Sátira, acabada de ser mãe, o Hades a levou; a terra  
de Sídon a cobriu, e gemeu a pátria de Tiro.

#### 463. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

*Sobre as filhas de Aristódico, mortas quando davam à luz*

Esta aqui é Timocleia, esta Filo, esta outra Aristo  
e esta Timeto, as filhas de Aristódico,  
todas elas vítimas do parto. Quando lhes ergueu  
esta tumba, o pai Aristódico morreu.

#### 464. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]

*Sobre Aretímia de Cnidos, morta depois de dar à luz*

Sem dúvida, Aretímia, quando saíste da barca infernal

e puseste os pés nas margens do Cocito<sup>500</sup>,  
 levando nos teus jovens braços um bebé recém-morto,  
 tiveram pena de ti as viçosas Dórias no Hades  
 e perguntaram sobre a tua sorte. Tu, com a face banhada  
 em lágrimas, esta triste mensagem lhes deste:  
 “Tendo dado à luz dois filhos, amigas, deixei um com Êufron,  
 o meu marido, e o outro trago-o para os mortos.”

#### 465. DE HERACLITO [DE HALICARNASSO]

*Sobre a mesma mulher, Aretímia*

A terra está recém-cavada, e à frente da estela  
 agitam-se coroas de flores meio secas;  
 examinemos a inscrição, caminhante, e vejamos de quem são  
 os tristes ossos que a pedra diz cobrir.  
 “Estrangeiro: sou Aretímia, a pátria Cnidos; de Êufron  
 partilhei o leito; conheci as dores do parto;  
 tendo dado à luz gémeos, deixei um para guiar a velhice  
 do meu marido, e o outro trago-o para o lembrar.

#### 466. DE LEÓNIDAS

*Sobre Ânticles, o filho único de uma viúva que morreu com  
 dezoito anos*

Infeliz Ânticles, e infeliz também eu, que o meu filho  
 único, na flor da idade, queimei na pira!  
 Morreste aos dezoito anos, filho! E só me resta chorar,  
 lamentando a minha velhice deixada órfã.  
 Fosse eu para a morada sombria do Hades! A aurora  
 e os raios do sol veloz já não me agradam.

---

<sup>500</sup> Cf. nota ao núm. 377.

Ai, infeliz Ânticles de destino cumprido! Possas tu ser  
o médico da minha dor, salvando-me da vida!

#### 467. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]

*Sobre Artemidoro, morto aos doze anos*

Assim, Artemidoro, junto à tua sepultura a tua mãe  
gritava, chorando a tua morte com doze anos:  
“Perdeu-se todo o esforço do parto [na cinza e] no fogo,  
perdeu-se todo o trabalho em vão de teu pai;  
perdeu-se o gozo de ti, que nunca tive; partiste para o país  
dos mortos, do qual não há volta nem regresso,  
sem chegar sequer à adolescência, filho! E em vez de ti,  
resta-nos gora esta estela e esta cinza muda.”

#### 468. DE MELEAGRO

*Sobre Caríxeno, morto aos dezoito anos*

A tua mãe, Caríxeno, lastimoso presente para Hades,  
com dezoito anos te embrulhou na clâmide<sup>501</sup>.  
A própria pedra chorou alto, quando de tua casa  
os da tua idade levaram o teu cadáver.  
Uma canção de luto, não o himeneu, entoavam teus pais,  
ai, ai, frustradas recompensas de uns seios  
e vãs dores do parto! Oh Sorte<sup>502</sup>, virgem tão cruel!  
Estéril, lançaste ao vento o amor de uns pais.  
Aos que eram teus amigos resta a saudade, aos teus pais o luto,  
e aos que não conhecias, ao saber de ti, a piedade.

<sup>501</sup> No epigrama usada com a função de mortalha, era uma túnica curta de uma só peça sujeita ao ombro por uma pregadeira, identificativa da classe dos efebos.

<sup>502</sup> No original, *Moirá* tem mais o sentido de “destino”, mas traduzimos por “sorte” para manter um feminino adequado à adjetivação.

#### 469. DE QUERÉMON

*Sobre Eubulo, filho de Atenágoras*

Eubulo nasceu de Atenágoras, com sorte inferior  
à de todos, mas reputação superior.

#### 470. DE MELEAGRO

*Sobre Filaulo, filho [de Eucrátides, que viveu da educação]*

– Responde ao que te pergunto: quem és e filho de quem?

[– Filaulo,

filho de Eucrátides. – E de onde te gabas [de ser? – De Tria.]<sup>503</sup>

– Qual foi a vida que escolheste, enquanto vivo? – Não a do arado  
nem a dos navios, mas o convívio dos sábios.

– E foi de velhice ou doença que deixaste a vida? – Fui para

[o Hades

por vontade própria, tendo bebido das taças de Ceos<sup>504</sup>.

– Eras velho, portanto? – E muito. – Seja leve a terra que te

[cobre,

a ti que levaste uma vida conforme à sabedoria e à razão.

#### 471. DE CALÍMACO

*Sobre Cleômbroto da Ambrácia*

“Adeus, Sol!” disse Cleômbroto da Ambrácia,

e saltou da alta muralha para o Hades,

não que algum mal justificasse a morte, mas por ter lido

uma obra de Platão, aquela que fala da alma.<sup>505</sup>

---

<sup>503</sup> Lição de **PI**, omitida em **P**.

<sup>504</sup> I.e., pôs termo à própria vida por envenenamento. Em Ceos, dizia-se que os velhos incapazes de trabalhar eram forçados a beber veneno.

<sup>505</sup> Referência ao *Fédon*, cujo subtítulo *Sobre a alma* era já usado na carta pseudo-platónica núm. 13.

## 472. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

*Sobre a vida, a liberdade de ação e a brevidade do tempo*

Infinito, homem, era o tempo anterior a ti, antes do raiar  
da tua aurora, infinito o que te espera no Hades.

Que porção de vida te resta senão uma migalha,  
ou menos que uma migalha se possível?<sup>506</sup>

Curta e cheia de aflições é a tua vida; longe de ser  
agradável, é mais triste que a morte odiosa.

Os mortais, mesmo compostos de tal conjunção<sup>507</sup>  
de ossos, elevam-se ao éter e às nuvens.

Homem! Vê como é inútil, já que, ao cabo do fio da vida,  
um verme pousado sobre veste torpemente tecida<sup>508</sup>

a reduz a algo que se assemelha ao esqueleto de uma folha,  
algo mais hediondo do que uma teia de aranha.

Averiguando a cada manhã a tua disposição, homem,  
poderás descansar levando vida humilde,

recordando sempre no coração, enquanto estiveres  
entre os vivos, de que tipo de palha és feito.

## 472b. DO MESMO LEÓNIDAS [DE TARENTO]

*Sobre Fídon, filho de Critas*

Evita as tempestades da vida e dirige-te ao seu ancoradouro,  
ao Hades, como fiz eu, Fídon, o filho de Critas.

---

<sup>506</sup> À letra: “tanto como um ponto, ou menos que um ponto se possível”.

<sup>507</sup> Os vv. 7-16 são omitidos por **PI**, dada a sua complexidade e difícil entendimento. Jacobs (1794, <sup>2</sup>1813: ad loc) considerava-os “indecifráveis”, demitindo-se de traduzi-los.

<sup>508</sup> A carne.

#### 473. DE ARISTÓDICO

*Sobre Damo e Matimna, que se enforcaram*

Damo e Matimna, quando souberam que nas festas trienais  
de Hera o frenético Êufreon tinha morrido,  
renunciaram à vida, e das longas bandas da cabeleira  
com as suas mãos fizeram as cordas da forca.

#### 474. ANÓNIMO

*Sobre os filhos de um tal Nicandro, que morreram juntos*

Esta é a tumba única dos filhos de Nicandro; única a luz  
da aurora que destruiu os filhos de Lisídice.

#### 475. DE DIOTIMO

*Sobre Evágoras, filho de Hegémaco e noivo de Ésquilis*

Ésquilis, a filha de Polieno, veio bater às grandes portas  
do sogro, muito lamentando o noivo Evágoras,  
o filho de Hegémaco que aqui repousa. Na verdade, ela,  
uma vez viúva, não regressou a casa de seu pai,  
mas, muito desgraçada, foi morrer ao cabo de três meses  
pela dor que tinha na alma e de terrível inanição.  
Este memorial de muitas lágrimas foi erigido ao amor  
de ambos, aqui, perto da suave encruzilhada.

#### 476. DE MELEAGRO

*Sobre Heliodora, esposa do próprio Meleagro*

Lágrimas te envio, mesmo através da terra, Heliodora,  
reliquias do meu amor por ti, para o Hades;  
lágrimas difíceis de chorar sobre esta tumba muito chorada  
derramo, lembrança da saudade, lembrança do afeto.  
Desgraçadamente, desgraçadamente gemo por ti, eu, Meleagro,

por ti que amo até entre os mortos, vão tributo a Aqueronte.  
 Ai, ai! Onde está a minha flor tão desejada? Já a levou Hades,  
 já a levou! A cinza fez murchar a flor mais viçosa.  
 Suplico-te, Terra que a todos nutres! Essa que todos choram,  
 ó minha mãe, acolhe-a delicadamente no teu seio.

## 477. DE TIMNES

*Sobre Filénis do Egito, não a de Samos*<sup>509</sup>

Não constitua para o teu coração um peso, Filénis,  
 que a terra não te cubra junto ao Nilo,  
 e te guarde esta tumba de Eleuterna<sup>510</sup>. É o mesmo  
 o caminho para o Hades, seja de onde for.

## 478. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

*Sobre a tumba de um desconhecido posta num caminho e abandonada*

Quem serás tu? De quem serão estes ossos expostos  
 junto ao caminho numa urna semiaberta à luz,  
 o monumento e a tumba, desgraçados, sempre calcados  
 pelo eixo e a roda de alguém que viaja de carro?  
 Não tarda as carruagens esmagarão os teus flancos,  
 infeliz, e ninguém verterá lágrimas por ti.

## 479. DE TEODÓRIDAS

*Sobre o grande Heraclito de Éfeso*<sup>511</sup>, o obscuro, o mais sábio

Eu, uma urna de pedra outrora arredondada e rugosa,  
 tenho dentro a cabeça de Heraclito<sup>512</sup>;

<sup>509</sup> I.e., não a poetisa dos núms. 345 e 450.

<sup>510</sup> A norte de Creta.

<sup>511</sup> Cf. núm. 79 e nota.

<sup>512</sup> Deve aludir a uma pedra escavada para nela colocar o busto do filósofo.

o tempo usou-me como às telhas: no meio do caminho,  
estou exposta aos carros que levam homens.  
Mas anuncio aos mortais, mesmo não tendo estela,  
que guardo o cão divino que ladrava ao povo.

#### 480. DE LEÓNIDAS

*Sobre a tumba de um desconhecido posta na estrada e pisada  
pelos transeuntes*

Já estão expostos e são esmagados os meus ossos  
e a laje que pesa sobre o esqueleto, homem;  
já os vermes se podem ver, espregando para fora  
do caixão. Para quê cobrir-nos de terra?  
Neste lugar, abriram um caminho que antes não existia  
os homens, passando por cima da minha cabeça.  
Em nome dos deuses infernais, Aidoneu, Hermes  
e a noite: afastai-vos deste caminho!

#### 481. DE FILITAS DE SAMOS

*Sobre uma filha pequena de Teódoto, [também ela chamada  
Teódote]*

Isto diz a estela com tristeza: “A que pouco viveu,  
a pequena Teódote, o Hades a levou.”  
E a pequena isto volta a dizer ao pai: “Cessa o pranto,  
Teódoto! Muitas vezes são infelizes os mortais.”

#### 482. ANÓNIMO

*Sobre Cleódico, filho de Nicásis*

Não tinha o teu cabelo ainda sido cortado<sup>513</sup>, nem a lua

---

<sup>513</sup> A cada ano, no terceiro e último dia das Apatúrias (*Koureotis*), celebradas em Novembro nas cidades iónicas (exceto Éfeso e Cólofon),



por ti dirigira o seu carro pelo terceiro ano,  
Cleódico, quando a tua mãe Nicásis diante da tua urna  
triste muito chorou sobre a tua [cinza] lamentável,  
junto com teu pai Periclito. No Aqueronte desconhecido  
florescerá, Cleódico, a tua juventude sem retorno.

#### 483. ANÓNIMO

*Sobre Calescro, morto ainda criança*

Hades inexorável e inflexível, porque dessa forma  
privaste da vida o pequeno Calescro<sup>514</sup>?  
O menino será por certo dos palácios de Perséfone  
a alegria, mas deixou em casa cruéis dores.

#### 484. DE DISOCÓRIDES

*Sobre Didímonis<sup>515</sup>, mãe de dez filhos, à qual nenhum deles  
deu sepultura*

Cinco raparigas e cinco rapazes para Dídimo Bio  
gerou, mas nenhum deles lhe valeu.  
Tão afortunada e fecunda mãe que era, não foram os filhos,  
mas mãos estranhas que sepultaram Bio ao morrer.

#### 485. DO MESMO

*Sobre Alexímenes, sacerdote das orgias [de Baco]*

Lançai lírios brancos sobre a tumba, batei os tambores  
de que ele gostava ante a estela de Alexímenes

---

procedia-se ao registo das crianças de três anos, que só após isso podiam cortar o cabelo pela primeira vez.

<sup>514</sup> Apenas o nome é partilhado entre esta criança e os adultos, náufragos, dos núms. 273 e 395.

<sup>515</sup> Falso. O lematista confundiu o nome da mãe, Bio, com do pai, Dídimo.

e fazei rodopiar os anéis da vossa longa cabeleira,  
 desgrenhadas Tíades<sup>516</sup>, pela cidade do Estrímon,  
 a que tantas vezes dançou acorde aos delicados modos  
 do que tocava a acompanhar as vossas vozes.

#### 486. DA POETISA ÂNITE

*Sobre Filénis, uma moça que morreu antes do casamento*  
 Muitas vezes, sobre a sua tumba, a sua mãe Clina  
 gemeu de dor pela filha que morrera cedo,  
 invocando a alma de Filénis que, antes do casamento,  
 pisou a pálida corrente do rio Aqueronte.

#### 487. DE PERSES DA MACEDÓNIA

*[Sobre Filéninha, uma moça que morreu antes do casamento]*  
 Morreste antes do casamento, *Filéninha*<sup>517</sup>, e a tua mãe  
 Pítias não te conduziu aos leitos primorosos  
 de um noivo. Antes, rasgando tristemente as faces,  
 com catorze anos te cobriu nesta tumba.

#### 488. DE MNASALCAS

*Sobre Aristocrácia, uma moça que morreu antes do casamento*  
 Ai, ai, Aristocrácia! Eis que partiste para o profundo  
 Aqueronte, abatida antes da hora do casamento,  
 e à tua mãe só restam as lágrimas, ela, que com a cabeça  
 reclinada sobre a tua tumba, tantas vezes geme.

---

<sup>516</sup> Outro nome para as bacantes, as celebrantes de Dioniso.

<sup>517</sup> A mesma do epigrama anterior, cujo nome surge aqui em diminutivo, como é frequente nos epigramas da *Antologia*. Cf. núm. 489, 712, etc.

## 489. DE SAFO

*Sobre Time, que também morreu antes do casamento*

Eis aqui a cinza de *Timinha*, a que, morta antes de casar,  
 recebeu o tálamo sombrio de Perséfone,  
 e por quem, ao morrer, todas as amigas com o ferro  
 recém-afiado cortaram da cabeça a gentil cabeleira.

## 490. DE ÂNITE

*Sobre Antíbia, que morreu antes do casamento*

Choro a virgem Antíbia, atraídos por quem muitos  
 pretendentes tinham ido a casa de seu pai,  
 levados pela fama da sua beleza. As esperanças de todos,  
 o Destino destruidor as faz rolar para longe.

## 491. DE MNASALCAS

*Sobre Clio*

Ai, ai, virgindade pernicioso, pela qual abandonaste  
 a brilhante juventude, encantadora Clio!  
 Rasgando as faces por ti, entre lágrimas, sobre a tumba  
 nos perfilamos, pedras talhadas como Sirenes<sup>518</sup>.

## 492. DE ÂNITE [DE MITILENE]

*Sobre três jovens Milésias, violadas por Gauleses*

Morremos, pátria amada de Mileto, para escapar  
 à insolência infame dos criminosos Gauleses,  
 três virgens e cidadãs que éramos, a quem o violento Ares

---

<sup>518</sup> As Sirenes eram símbolos do mau conselho, as mesmas figuras aladas, híbridas de mulher e ave, que intervêm no episódio de Ulisses. Podem, no caso, sugerir o arrependimento por casar, de alguma maneira o motivo da morte desta jovem – que não há que considerar, como fizeram outros, que cometeu suicídio.

dos Celtas empurrou para o seu destino.  
 Mas não esperámos o crime ímpio nem o himeneu,  
 e escolhemos Hades para noivo e defensor.<sup>519</sup>

#### 493. DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]

*Sobre Ródope, a filha de Boísca, e a própria Boísca, de Corinto*

Não foi de doença que eu, Ródope, e minha mãe Boísca,  
 morremos, nem pela lança dos inimigos,  
 mas nós mesmas, quando incendiou a pátria de Corinto  
 o terrível Ares<sup>520</sup>, escolhemos a morte corajosa.  
 A minha mãe deu-me morte com o ferro assassino,  
 e não poupou, desgraçada, a própria vida,  
 antes atou a corda ao pescoço. Para nós foi melhor,  
 em vez da servidão, morrer em liberdade.

#### 494. ANÓNIMO

*Sobre Sodamo de Creta, que morreu no mar*

No mar morreu Sodamo de Creta, Nereu, o que tanto amava  
 as tuas redes e nas tuas águas se sentia em casa,  
 pescador excelente. Acontece que as ondas de uma tempestade  
 não distinguem os homens comuns dos pescadores.

---

<sup>519</sup> Episódio relativo à tomada de Mileto pelos Gauleses em 277 a.C. S. Jerónimo (*Contra Joviano* 1.41) refere que seriam sete jovens. A atribuição a Ânite, se cronologicamente possível, não é de aceitar por questões estilísticas e formais, porquanto parece que não compôs epigramas com mais de quatro versos.

<sup>520</sup> Cf. núm. 297 (de Polístrato) com nota. O epigrama é, portanto, posterior a 146 a.C., e por isso se atribuiu ao poeta homónimo de Sídon, contrariamente à informação manuscrita do lema.

## 495. DE ALCEU DE MESSENE

*Sobre o naufrago Aspásio, ou outro qualquer*

Funesta a navegação dos nautas sob o Arcturo<sup>521</sup>; a tempestade de Bóreas cumpriu o funesto destino de Aspásio, ele cuja tumba aqui vês, caminhante! O seu corpo, o oceano o cobriu, inundado pelas ondas do mar Egeu.

A morte de gente jovem é sempre triste; e no mar, muitos são os funerais de uma travessia muito chorada.

## 496. DE SIMÓNIDES

*Sobre um que naufragou em Geraneia e nos Rochedos Cirónicos*

Elevada Geraneia, funesto rochedo! Oxalá olhasses de longe, entre os Citas, o Istro e o vasto Tánais, e não estivesses situada junto às ondas do Mar Cirónico, perto das ravinas de uma Metúria<sup>522</sup> nevada.

Ele está agora no mar, um cadáver gelado, e esta tumba vazia aqui proclama a sua travessia infeliz.

## 497. DE DAMAGETO

*Sobre Lícon, o naufrago filho de Timodes*

Também Timodes, um dia, chorando de esperança perdida, ao filho Lícon ergueu esta tumba vazia.

---

<sup>521</sup> Cf. núm. 295.5 e 392.1 (com nota).

<sup>522</sup> Os dois primeiros dísticos maldizem a zona geográfica onde teve lugar o naufrágio, do qual apenas ouvimos falar nos dois últimos versos. A Geraneia era uma cadeia montanhosa entre Mégara e Corinto. Perto desta última cidade estavam os Rochedos Cirónicos, nomeados a partir de Círon, o filho de Pélops que obrigava os marinheiros que por ali passavam a lavar-lhe os pés para depois os lançar ao mar, onde um enorme monstro os devorava, e que foi morto por Teseu na sua viagem de Trezena para Atenas. Mais complicada é a designação Metúria, porquanto a referência a uma das ilhotas vizinhas a Trezena, entre a Ática e a ilha de Egina, não faz sentido no contexto do epigrama.

Nem conseguiu terra estrangeira, mas um promontório  
de areia ou qualquer ilha do mar o guarda;  
aí, sem nenhuma honra fúnebre, mostra os seus ossos  
e jaz nu numa costa pouco hospitaleira.

#### 498. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]

*Sobre Dâmis, o naufrago de Nisa [que morreu de frio]*  
Dâmis de Nisa, uma vez que pilotava um pequeno barco  
desde o Mar Iónico até à terra de Pélops<sup>523</sup>,  
tinha já posto a salvo a carga do navio e quantos iam  
embarcados, desviados do seu curso pelas ondas  
e pelos ventos; porém, quando já a âncora tinha sido amarrada  
aos rochedos, o velho, soterrado numa tempestade  
de neve, morreu. Vê, estrangeiro, como depois de dar porto  
seguro aos demais, entrou ele no porto do Hades.

#### 499. DE TEETETO

*Sobre Aríston de Cirene, um naufrago*  
Nautas que cruzais o mar! Este Aríston de Cirene  
a todos vós suplica, por Zeus hospitaleiro,  
que digais a seu pai Ménon que junto às Rochas Icárias<sup>524</sup>  
ele jaz, tendo perdido a vida no mar Egeu.

#### 500. DE ASCLEPÍADES

*Sobre Evipo de Quios, o naufrago filho de Meleságoras*  
Tu, que passas pela minha tumba vazia, caminhante,  
se fores a Quios, diz ao meu pai Meleságoras

---

<sup>523</sup> Para a região do Peloponeso, simplesmente.

<sup>524</sup> Algures entre a Cária e as Cíclades. O seu nome, obviamente, deve-se a Ícaro, cujo despenhar fatal, por aproximar-se demasiado do sol, diz a lenda que aí teria ocorrido.

que a mim, ao meu navio e à carga, o terrível Euro<sup>525</sup>  
nos destruiu, e que de Evipo só resta o nome.

### 501. DE PERSES

*Sobre o náufrago Fílis, [que naufragou em Lesbos]*

As rajadas tempestivas do Euro atiraram-te, Fílis,  
todo nu, para a praia batida pelas ondas,  
perto do extremo da vinícola Lesbos<sup>526</sup>; e agora, jazes  
no sopé que o mar banha de um rochedo escarpado.

### 502. DE NICÉNETO

*Sobre Bítón de Anfípolis*

Sou a tumba de Bítón, caminhante! Se, deixando  
Torone, por um acaso vais para Anfípolis,  
diz a Nicágoras que o único filho que lhe restava o matou  
o vento do Estrímon, no ocaso das Crianças<sup>527</sup>.

### 503. DE LEÓNIDAS DE TARENTO

*Sobre Fínton de Hermíone<sup>528</sup>, filho de Báticos, um náufrago*

– Monte de pedras, que nesta velha praia te encontras erguido!  
Diz-me quem guardas, filho de quem e de onde é?  
– Fínton de Hermíone, filho de Báticos, aquele que uma onda  
gigante matou ao enfrentar a tempestade do Arcturo<sup>529</sup>.

---

<sup>525</sup> Cf. nota ao núm. 273 e o núm. seguinte.

<sup>526</sup> Mitilene, apontou à margem o corretor de P.

<sup>527</sup> Cf. nota ao núm. 272.6.

<sup>528</sup> Cf. nota ao lema do núm. 446.

<sup>529</sup> Cf. núm. 295.5, 392 (com notas) e 495.

#### 504. DO MESMO

*Sobre o pescador Parmo (sic), filho de Calignoto, que engoliu um isco da costa e por causa disso morreu*

Pármis, o filho de Calignoto que pescava com cana na praia, excelente a arpoar o bodião, o peixe-papagaio e a perca, voraz a apanhar iscos e todas as espécies que vivem em covas e nas profundezas rochosas do mar, morreu um dia que mordeu um peixe-rei que habita as rochas, que tinha sacado do mar no primeiro arrasto do dia, para sua destruição; escorregadio, escapou-lhe das mãos e entrou-lhe, a rodopiar, pela estreita garganta.<sup>530</sup> Ele, contorcendo-se de dor junto das cordas, das linhas e dos anzóis, exalou o seu último suspiro e cumpriu o seu destino fatal. Foi para este defunto que Grípon, o pescador, ergueu esta tumba.

#### 505. DE SAFO

*Sobre Pélagon*

Sobre a tumba de Pélagon, o pescador, o pai Menisco depositou uma nassa<sup>531</sup> e um remo, recordação da sua vida sofrida.

#### 506. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

*Sobre um tal de Társis, filho de Cármides, devorado por um monstro marinho quando soltava a âncora; depois, metade dele foi levada, e a outra metade sepultada pelos marinheiros*

Na terra e no mar fui sepultado – esse foi o nunca antes visto

---

<sup>530</sup> Semelhante morte, pitoresca no mínimo, tem o pescador Menétrato do núm. 702 (modelo do presente epigrama), no seu caso por engolir um eperlano (ou um salmonete). Num e noutro caso, a tradução das espécies é feita por aproximação.

<sup>531</sup> Cf. nota ao núm. 295.1.



destino das Moiras para Társis, filho de Cármides.  
 Entrando no mar para soltar uma âncora presa ao fundo,  
 desci às ondas húmidas do Mar Iónio,  
 e salvei-a; mas eu próprio, quando voltava do fundo  
 e já estendia os braços aos marinheiros,  
 fui devorado: um grande e selvagem monstro marinho  
 veio e engoliu-me até à altura do umbigo.  
 Uma metade do meu corpo, fardo inútil, puderam os marinheiros  
 tirá-la do mar, mas a outra metade levou-a o tubarão.  
 Nesta praia, amigo, enterraram os tristes restos mortais  
 de Társis – e eu, nunca mais regresssei à pátria.

507a. DE SIMÓNIDES<sup>532</sup>

*Epitáfio sobre Górgipo*

Amigo! Não estás a ver a tumba de Creso<sup>533</sup>, mas a de um homem  
 trabalhador. Tumba pequena, mas suficiente para mim.

## 507b. [DE SIMÓNIDES]

Sem ter visto o leito nupcial, eu, Górgipo, desci  
 ao tálamo inevitável da loira Perséfone.

## 508. [DE SIMÓNIDES]

*Sobre o médico Pausânias*

Pausânias, médico de nome a preceito, filho de Anquites

---

<sup>532</sup> O lema e a atribuição a Simónides, autor da série que se segue (colhida por Meleagro de uma edição dos seus epigramas), aplicam-se ao núm. 507b, por algum motivo considerado em **P** a continuação deste epigrama. **PI** atribuiu o núm. 507a a um tal Alexandre, que não é seguro tratar-se de Alexandre da Etólia, autor do núm. 709.

<sup>533</sup> Último rei da dinastia dos Mérmnadas da Lídia (560-546 a.C.), Creso ficou conhecido pela sua riqueza proverbial.

e da raça de Asclépio<sup>534</sup>, a pátria de Gela o sepultou,  
ele, que a muitos mortais que estavam aflitos por terríveis  
doenças desviou dos tálamos de Perséfone.

509. DO MESMO

*Sobre Teógnis de Sinope*

Sou a sepultura de Teógnis de Sinope, sobre quem me ergueu  
Glaucó em recompensa da nossa amizade duradoira.

510. DO MESMO

*Sobre Clístenes de Quios, um naufrago*

O teu corpo, Clístenes, terra estranha o cobre; tu, que o destino  
mortal apanhou quando andavas pelo Ponto Euxino  
errante. Da doçura de mel que é poder regressar a casa foste  
privado, e não voltaste a Quios que o mar circunda.

511. DO MESMO

*Sobre Mégacles*

Sempre que olho para a tumba do falecido Mégacles  
eu te choro, infeliz Cálías<sup>535</sup>, pelas tuas dores.

512. DO MESMO

*Sobre os Helenos que fizeram de Tégea uma cidade livre<sup>536</sup>*

Graças à coragem destes homens o fumo da espaçosa  
Tégea em chamas não se elevou ao céu,

---

<sup>534</sup> Asclépio, filho de Apolo, tinha sido criado com o centauro Quíron, de quem aprendera as artes da medicina.

<sup>535</sup> Seria o pai do defunto.

<sup>536</sup> Cf. núm. 442.

pois quiseram deixar aos filhos uma cidade florescente  
em liberdade, e morrer nas primeiras filas.

### 513. DO MESMO

*Sobre Pro[tó]maco, filho [de Timerónidas]*

Disse Protómaco, quando nos braços de seu pai  
exalava a sua juventude adorável:

“Timenóridas! Não há de jamais ter fim a saudade  
da virtude e da modéstia do teu filho amado.”

### 514. DE SIMÓNIDES

*Sobre Cleodemo, morto pelos Trácios, [o ilustre] filho de Dífilo*

A vergonha levou Cleodomo a uma morte desgraçada  
nas embocaduras do Teéro<sup>537</sup> de forte corrente,  
caindo em emboscada trácia. E tornou célebre o nome  
de seu pai, ele, o lanceiro filho de Dífilo.

### 515. DE SIMÓNIDES

*Sobre Timarco, morto jovem por doença*

Ai, ai, doença cruel, porque tens tendência para atingir  
as almas dos mortais de juventude amável?

Tu, que o jovem Timarco roubaste à sua vida doce,  
antes que tivesse visto uma jovem esposa?

### 516. DO MESMO

*Sobre alguém morto por bandidos: Simónides, encontrando um  
cadáver numa ilha, escreveu este epitáfio*

Possam os meus assassinos encontrar a mesma sorte que eu,

---

<sup>537</sup> Rio na Trácia.

Zeus hospitaleiro<sup>538</sup>! Aos que me enterraram, boa vida!

### 517. DE CALÍMACO

*Sobre Melanipo e Básilo, a irmã dele*

Com a Aurora sepultámos Melanipo, e ao pôr-do-sol  
 a jovem Básilo com as próprias mãos  
 se deu morte; viver, depois de levar o irmão à pira,  
 já não queria. Duplo golpe sofreu a casa  
 de seu pai Aristipo. E entristeceu-se Cirene inteira,  
 ao ver vazia essa casa antes cheia de filhos.

### 518. DE CALÍMACO

*Sobre Astácidas, levado pelas ninfas*

Astácidas de Creta, o cabreiro, levou-o uma ninfa  
 da montanha. E agora é sagrado Astácidas.  
 Jamais, sob as correntes de Dicte<sup>539</sup>, jamais cantaremos  
 a Dáfnis<sup>540</sup>, pastores, mas sempre a Astácidas.

### 519. DE CALÍMACO

*Sobre Cármis, filho de Diofonte, que morreu inesperadamente*

Quem pode saber a sorte de amanhã, quando também tu,  
 Cármis, que ainda ontem podíamos contemplar,  
 no dia seguinte enterrámos entre lágrimas? Maior que essa,  
 não viu teu pai Diofonte qualquer desgraça.

---

<sup>538</sup> Pode a invocação sugerir que foi morto pelos seus hóspedes, crime maior. Nenhuma outra referência conservamos ao episódio que recorda o lema.

<sup>539</sup> Montanha local.

<sup>540</sup> Pastor de extraordinária beleza, filho de Hermes com uma Ninfa, Dáfnis morreu em consequência dos ciúmes da Ninfa Nómia, que o privou da visão (numas versões) ou o matou diretamente (noutras).

## 520. DO MESMO CALÍMACO

*Sobre Timarco, filho de Pausânias da tribo de Ptolemeu*

Se procuras por Timarco no Hades, de forma a aprenderes algo sobre a alma, ou como será a partir de agora, procura pelo filho de seu pai, Pausânias, homem da tribo dos Ptolemaides<sup>541</sup>. Com os beatos o acharás.

## 521. DO MESMO CALÍMACO

*Sobre Crítias de Cízico, filho de Hípaco e Dídime*

Se acaso vais a Cízico, não será difícil encontrar Hípaco e Dídime; essa gente não passa desapercibida. Anuncia-lhes então esta notícia dolorosa, assim mesmo: que eu guardo comigo o Crítias que era deles.

## 522. DO MESMO

*Sobre Timónia (sic), filha de Timóteo de Metimna*

“Timónoe”. Mas quem és tu? Caramba, não te reconhecia, não estivesse o nome de teu pai Timóteo gravado na estela, e Metimna, o da tua cidade. Muito tem de sofrer, digo eu, o teu esposo que está viúvo, Eutimenes.

## 523. DE CALÍMACO

*Sobre Címon, filho de Hipaio*

Quantos passeis pela sepultura de Címon de Eleia, sabeis que passais perto do filho de Hipaio.

---

<sup>541</sup> Uma tribo de Atenas que se cria descendente dos monarcas egípcios Ptolemeu Filadelfo ou Evergeta (sécs. IV-III a.C.).

#### 524. DO MESMO

*Sobre Cárides, o filho de Arimas de Cirene*

– É debaixo de ti que repousa Cárides? – Se falas do filho de Arimas de Cirene, sim, está debaixo de mim.

– Cárides, que há aí debaixo? – *Muita treva.* – Caminhos [de volta?

– *Uma ilusão.* – E Plutão? – *Um mito.* – Estou perdido!

– *O que vos digo é a verdade pura; mas se queres ouvir a outra, a agradável, no Hades os bois grandes valem um Pelaio*<sup>542</sup>.

#### 525. DO MESMO

*Sobre o poeta Calímaco, de Cirene, o autor das “Origens”*<sup>543</sup>

Tu, que aproximas o pé da minha tumba, de Calímaco de Cirene sou em simultâneo o pai e o filho<sup>544</sup>.

De ambos terás ouvido falar: um comandava a armada da pátria, o outro cantava para além da inveja.

Não é justo! As Musas, os amigos que em criança olharam benévolas não os abandonam ao ficarem grisalhos.

#### 526. DE NICANDRO DE CÓLOFON

*Sobre Otriádes de Esparta*<sup>545</sup>

Pai Zeus! Viste alguém mais corajoso do que Otriádes, ele que, não querendo voltar sozinho de Tírea

---

<sup>542</sup> Fosse o que fosse este “Pelaio” – uma moeda de baixo valor, ou uma figura conhecida pela sua miséria, por exemplo – a ideia é a de que nada tem nenhum valor no Hades.

<sup>543</sup> Os *Aetia* de Calímaco, do qual apenas conservamos fragmentos, eram um poema elegíaco, em quatro livros, com uma série de lendas etiológicas ligadas à história, aos costumes e aos ritos dos Gregos.

<sup>544</sup> I.e., de Bato, o pai do poeta Calímaco, batizado com o nome do seu avô. O lema está, portanto, errado.

<sup>545</sup> Cf. núms. 244 (com nota ao lema), 430 (com notas), 431, 432 e 721.

para a pátria Esparta, trespassou o flanco com a espada  
e gravou a tomada das armas dos de Ínaco<sup>546</sup>.

### 527. DE TEODÓRIDAS

*Sobre Teódoto, que morreu novo*

Teódoto, mar de lágrimas para os teus, que choram  
a tua morte acendendo a pira miserável,  
ó infeliz, cedo-levado! Em vez de boda e juventude,  
à tua doce mãe só deixaste gemidos e dor.

### 528. DO MESMO

*Sobre Fenárete de Larissa*

À volta da vasta sepultura de Fenárete, outrora as raparigas  
da Tessália cortaram as suas tranças loiras,  
destroçadas pela esposa infeliz, mãe pela primeira vez;  
ela, causa de dor para a amada Larissa e os pais.

### 529. DO MESMO

*Sobre Doróteo, o filho de Sosandro*

A bravura conduz um homem para o Hades ou para o Céu,  
ela que também lançou à pira o filho de Sosandro,  
Doróteo. Ele, que tinha oferecido o dia da liberdade à Ftia,  
foi morto a meio caminho entre Secos e Quimeres<sup>547</sup>.

### 530. DE ANTÍPATRO DE TESSALÓNICA

*Sobre Níobe e os seus filhos*

Sozinha com os filhos, recebe-me, barqueiro dos mortos,  
a esta faladora; basta-te o peso da raça de Tântalo.

---

<sup>546</sup> Os Argivos.

<sup>547</sup> Cidades da Ftia, difíceis de situar com precisão.

Um só ventre há de encher a tua barca. Vê os meus rapazes  
e raparigas, os despojos de Febo e Ártemis.<sup>548</sup>

### 531. DE ANTÍPATRO DE TESSALÓNICA

*Sobre Demétrio, o espartano que própria mãe matou por ter  
desertado da guerra*<sup>549</sup>

Por teres fugido ao teu dever, Demétrio, deu-te a morte,  
enfando a espada no fundo das tua entranhas,  
a tua própria mãe. Então, segurando na mão o ferro  
que ruborescera com o sangue do filho,  
disse ela arranhando os dentes e espumando da boca,  
com olhar enraivecido, como uma Lacónia:  
“Deixa o Eurotas, vai para o Tártaro! Já que a vil fuga  
te deste, já não és nem meu nem de Esparta.”

### 532. DE ISIDORO DE EGEIAS

*Sobre o naufrago Etéocles, que naufragou no mar Tirreno*

A mim, Etéocles, comerciante de produtos estrangeiros,  
a esperança no mar afastou-me da vida agrícola.  
Cruzava eu o dorso do mar Tirreno, quando com o navio  
me afundei de cabeça debaixo das suas águas  
por uma súbita e violenta tempestade. Não é o mesmo  
o vento que sopra nos campos e contra as velas!

---

<sup>548</sup> Sobre Níobe e os filhos, vd. núms. 311 (com nota), 386 e 549. A apresentação a Caronte – sem lugar num mito onde a protagonista é transformada em pedra – pode ter-se inspirado em alguma pintura, ou ser da lava de Leónidas.

<sup>549</sup> Cf. núms. 230 e 433. O último, de Timnes, pode ter inspirado Antípatro, que compõe este epigrama, excepcionalmente, no dialeto dórico, para melhor acomodação ao seu tema.



## 533. DE DIONÍSIO DE ANDROS

*Sobre um bêbado que escorregou*

Ter escorregado, humedecido por Zeus e Baco<sup>550</sup>, pouco estranha.  
Era um contra dois, e um mortal contra os deuses!

534. DE [ALEXANDRE] DA ETÓLIA [OU] AUTOME-  
DONTE

*Sobre Cleonico, que naufragou em Tasos*

Homem! Poupa a tua vida e não te ponhas de marinheiro  
fora de época; mesmo assim, a vida humana é curta.  
Infeliz Cleonico! Também tu querias chegar à fértil Tasos,  
um comerciante que partira de Celessíria<sup>551</sup>,  
um comerciante, Cleonico. Porém, ao adormecer da Plêiade<sup>552</sup>,  
cruzando o mar com a própria Plêiade te afogaste.

## 535. DE MELEAGRO

*Treno de Pã sobre o pastor Dáfnis morto*

Não mais quero passar a vida na com as cabras, habitar os cumes  
das montanhas nunca mais, Pã de pés de bode.  
Que prazer, que gosto há nas montanhas? Já morreu Dáfnis,  
Dáfnis, o que enchia de calor o nosso coração!  
Nesta cidade<sup>553</sup> hei de morar, e que outro se ponha a caçar  
feras selvagens – o de antes, já não agrada a Pã.

<sup>550</sup> A chuva e o vinho.

<sup>551</sup> Região a sudoeste da Síria correspondente ao vale do Líbano, embora o termo se use para cobrir toda a área a sul do rio Elêutero, incluindo a Judeia.

<sup>552</sup> Em meados de novembro.

<sup>553</sup> Mais do que de um epitáfio, devia tratar-se da inscrição real para uma estátua de Pã, colocada à entrada de uma cidade – que, por isso mesmo, não precisava ser nomeada no epigrama. Sobre Dáfnis, vd. nota ao n. 218.4.

536. DE ALCEU [DE MITILENE]

*Sobre Hipónax de Éfeso, o poeta de iambos*

Nem agora que o velho morreu cresce na sua tumba  
o cacho doce de uvas, antes silvas  
e a sufocante pereira silvestre, que greta os lábios  
dos caminhantes e seca a garganta de sede.  
Por isso, quem que passe perto da tumba de Hipónax,  
peça ao seu cadáver, com jeito, que descanse!<sup>554</sup>

537. DO GRAMÁTICO FÂNIAS

*Sobre Mantíteo, o filho de Lísis que morreu em terra estranha*

Não para si, o pai, mas pela dor do seu filho tão chorado,  
Lísis ergueu este monte de terra vazio  
para enterrar apenas o seu nome, já que às mãos dos pais  
nunca chegaram os restos do infeliz Mantíteo.

538. DE ÂNITE

*Sobre um tal Manes*

Este homem era Manes, quando vivia; agora que morreu,  
semelhante ao do poderoso Dario<sup>555</sup> é o seu valor.

539. DO POETA PERSES

*Sobre Teotimo, o náufrago filho de Êupolis e Aristódice*

Sem contar, Teotimo, com o terrível ocaso do chuvoso  
Arcturo<sup>556</sup> iniciaste uma viagem perigosa  
que te levou ao Hades junto com os teus companheiros,

---

<sup>554</sup> Cf. núms. 405 (com nota) e 408. Vd. Rosen (2007: 459-476).

<sup>555</sup> Dario I (550-486 a.C.), o terceiro rei do Império Persa, cujo poder é comparado ao de Manes, nome de um escravo.

<sup>556</sup> Cf. nota ao núm. 295.5.

ao cruzar o Egeu em navio de muitos remos.  
 Ai, ai! Aristódice e Êupolis, os que te deram a vida,  
 choram abraçados a uma sepultura vazia.

#### 540. DE DAMAGETO

*Sobre Ménis e Polinico, filhos de Carino*

Por Zeus Hospitaleiro te suplicamos, amigo! Vai dizer  
 ao nosso pai Carino, na Tebas dos Eólios<sup>557</sup>,  
 que Ménis e Polinico estão mortos; e acrescenta ainda  
 que não lamentamos a nossa morte à traição,  
 mesmo mortos às mãos dos Trácios, mas sim a velhice  
 dele, agora votada ao doloroso abandono.

#### 541. DO MESMO

*Sobre o valente Querónides*

Perfilando-te na frente do combate, Querónides, disseste:  
 “Concede-nos, Zeus, morrer ou vencer a batalha”;  
 foi naquela famosa noite, quando à volta de Tafro, na Acaia,  
 os inimigos te opuseram combate sem piedade.  
 De verdade, a amável Élide celebra-te com toda a solenidade,  
 a ti que verteste o sangue quente em terra estranha.

#### 542. DE FLACO

*Sobre um menino que, estando a atravessar o rio Hebro gelado, ao  
 quebrar-se o gelo se afogou, a sua cabeça foi cortada pelo gelo e morreu*

Um rapaz novo, ao escorregar, rompeu com os seus pés  
 o gelo do Hebro, gelado pelo frio de inverno;  
 enquanto era arrastado pela corrente, cortou-lhe o pescoço

---

<sup>557</sup> Na região da Ftia, tomada por Filipo V da Macedónia em 217 a.C.

um fragmento afiado desse rio da Bistónia<sup>558</sup>.  
 Uma parte dele foi levada pelas correntes, pelo que a mãe  
 apenas à cabeça que sobrou pôde dar sepultura;  
 entre lágrimas, dizia a infeliz: “Filho, filho! Parte de ti  
 a pira queimou, a outra devorou-a a onda cruel!”

#### 543. ANÓNIMO

*Sobre o naufrago Teógenes, que naufragou no mar da Líbia*  
 Faça-se o voto de evitar qualquer viagem, Teógenes,  
 agora que se te ergueu tumba no mar da Líbia,  
 quando sobre o teu navio de carga se abateu, cansada,  
 essa compacta nuvem de incontáveis grous.

#### 544. ANÓNIMO

*Sobre Dérxias da Ftia, o filho de Lâmpon [morto por bandidos]*  
 Anuncia, caso calhes de ir à Ftia de belos vinhedos,  
 ou à antiga cidade de Taumácia, estrangeiro,  
 que cruzando uma vez o bosque solitário de Maleia  
 encontraste esta tumba do filho de Lâmpon,  
 Dérxias, a quem que uns ladrões mataram pelas costas,  
 não de frente, quando ia para a divina Esparta.

#### 545. DE HEGESIPO

*Sobre Aristónoo, filho de Queréstrato*  
 Pela direita, diz-se, Hermes guia os justos  
 da pira para junto de Radamanto<sup>559</sup>,  
 e por aí Aristónoo, o filho de Queréstrato tão chorado,  
 desceu à casa do Hades condutor de povos.

<sup>558</sup> I.e. da Trácia.

<sup>559</sup> Cf. *Eneida* 6.541. Radamanto era um dos juizes do Hades. Platão (*Górgias* 526c) considera-o, juntamente com Minos, os encarregados de dirigir o destino dos homens justos na morte.

## 546. ANÓNIMO

*Sobre Aríston, homem pobre que caçava gansos*

Tinha a sua funda Aríston, famélica arma contra  
     a miséria, com a qual atirava aos gansos do ar,  
 aproximando-se calado por caminho traiçoeiro para  
     os enganar, ao passarem de olhos desconfiados.  
 Mas agora está no Hades; a sua arma está em silêncio,  
     órfã da sua mão, e a presa voa sobre a tumba!

## 547. DE LEÓNIDAS DE ALEXANDRIA

*Sobre a filha de Bianor, que morreu virgem*

Esta estela, Bianor ergueu-a não para a sua mãe  
     ou para o seu pai, o que seria natural,  
 mas para a filha virgem. E chorava, por não a levar,  
     com doze anos, ao Himeneu, mas ao Hades.

## 548. DO MESMO LEÓNIDAS

*Sobre um certo Argivo irmão de Diceóteles*

- Quem é o Dámon, argivo, desta tumba? Será o irmão  
     de Diceóteles? – *O irmão de Diceóteles.*
- Foi Eco que pronunciou as últimas palavras, ou de verdade  
     é esse o homem daqui? – *É esse o homem daqui.*

## 549. DO MESMO LEÓNIDAS

*Sobre Níobe, a que foi transformada em pedra e num só dia  
 sepultou catorze filhos*

Mesmo sendo rocha em Sípilo, Níobe<sup>560</sup> perde-se em lamentos,  
     chorando a morte dos seus dois pares de sete filhos,

---

<sup>560</sup> Sobre Níobe e os filhos, vd. núms. 311 (com nota), 386 e 530.

e nem com o tempo cessará o pranto. Porque teve ela que dizer  
essa palavra arrogante que lhe roubou a vida e os filhos?

### 550. DO MESMO LEÓNIDAS

*Sobre o náufrago Anteu que, tendo escapado ao mar, foi morto  
por um lobo*

Náufrago que escapou às ameaças do glauco Tritão,  
Anteu não escapou a um lobo terrível da Ftia  
e morreu perto da corrente do Peneu<sup>561</sup>. Ai, desgraçado!  
As Ninfas foram mais traiçoeiras que as Nereides<sup>562</sup>.

### 551. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA<sup>563</sup>

*Sobre os irmãos Letóio e Paulo que morreram no Bósforo*

Letóio e Paulo, como dois irmãos que eram,  
levaram os dois existência comum;  
para os dois a Moira teceu um só fio, e nas margens  
do Bósforo uma só terra a ambos cobriu.  
Nem eles poderiam viver separados um do outro,  
e correram juntos também para Perséfone.  
Salve, doce par de uma só cabeça! Sobre a vossa  
tumba devia erguer-se um altar à Concórdia.

---

<sup>561</sup> O rio Peneu, na Tessália, nasce na cordilheira do Pindo e desagua no Mar Egeu, a nordeste do Vale do Tempe

<sup>562</sup> Isto é, o bosque foi mais traiçoeiro do que o mar.

<sup>563</sup> Os núms. 551-615 são um extenso fragmento copiado do *Ciclo* de Agátias, pelo que a maioria dos epigramas deve datar do mesmo séc. VI, período de forte perseguição ao paganismo. Pese embora alguns epigramas poderem ter conhecido forma inscrita, a quantidade de alusões à mitologia grega parece apontar no sentido de que a grande maioria constitui exercícios poéticos.

## 552. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

*Sobre Pericleia, a sua mãe, morta em Bizâncio*

– Estrangeiro, o que choras? – A tua morte. – Sabes quem sou?

– Não, é certo, mas vejo que o teu fim foi triste.

Quem és? – Pericleia. – Mulher de quem? – De homem bom, de um orador da Ásia, de seu nome Memnónio.

– E como é que te cobre a terra do Bósforo? – Pergunta à Moira, que me deu tumba estrangeira longe da pátria.<sup>564</sup>

– Deixaste filhos? – Um de três anos, que agora erra pela casa e espera ansioso pelo leite dos meus seios.

– Tenha ele boa vida! – Sim, sim, meu amigo, reza por ele, para que ao crescer verta por mim uma doce lágrima.

## 553. DE DAMÁSCIO, O FILÓSOFO

*Sobre Zósime, uma escrava*

Zózime, que outrora apenas no seu corpo era escrava, agora até para o corpo encontrou a liberdade.

## 554. DE FILIPO DE TESSALÓNICA

*Sobre Agatanor, filho de Arquiteles*

O pedreiro Arquiteles para o seu filho defunto Agatanor com as mãos plangentes construiu uma tumba.

Ai ai, aquela pedra que o ferro não conseguiu penetrar, antes derreteu, amolecida de abundantes lágrimas.

Ah, estela, sê leve para o defunto, para que ele possa dizer “foi mão paterna que me pôs em cima esta lápide.”

---

<sup>564</sup> Mirina, na Eólia, onde nasceu Agátias.

### 555a. DO POETA JOÃO

*Sobre uma certa mulher, [virtuosa e boa esposa*

Olhando para o meu esposo, ao esvair-se-me o fio da vida,  
louvei os deuses infernais, louvei os do casamento<sup>565</sup>;  
àqueles por deixar o meu marido vivo, a estes por ser como é.  
Oxalá ele possa viver para ser o pai dos nossos filhos!

### 555b. DO MESMO

*Sobre a mesma*

Esta a recompensa que encontraste para a tua virtude, Nosto:  
por ti, o teu marido derramou lágrimas ao morreres.

### 556. DE TEODORO, O PROCÔNSUL

*Sobre Sátiro, um pantomimo*

Hades é piedoso, mas riu-se contigo ao morreres,  
Títiro<sup>566</sup>, e fez de ti bobo da corte dos mortos.

### 557. DO POETA CIRO

*Sobre Maia, uma mulher que viveu trinta e três anos*

Maia já tinha passado dos trinta anos, caminhava para os trinta  
e três, quando Hades lhe enviou a flecha amarga  
e matou essa mulher que aos botões de rosa se assemelhava,  
em todas as suas ações feita à medida de Penélope<sup>567</sup>.

---

<sup>565</sup> Estes seriam Zeus e Hera, e os primeiros Hades e Perséfone.

<sup>566</sup> Forma dórica de *Satyros* (nome comum e próprio deste defunto), termo que não cabia na métrica do epigrama, daí a sua substituição.

<sup>567</sup> A esposa de Ulisses, que tecia no seu tear durante o dia e desfazia o tecido produzido de noite, de forma a enganar os seus muitos pretendentes e aguardar o regresso de Ulisses, sempre foi modelo universal de fidelidade conjugal.



## 558. ANÓNIMO

*Sobre Rufino, o muito sábio filho de Etério*

Hades arrancou o fruto maduro da minha juventude,  
 e uma pedra o oculta na sepultura familiar.  
 Deram-me o nome de Rufino, sou o filho de Etério  
 e da minha mãe Ágata, mas nasci em vão.  
 No pico do meu talento e da minha juventude me fui,  
 ai, sábio para o Hades, jovem para o Érebo.  
 Tu, chora longamente ao ver estas linhas, caminhante:  
 és sem dúvida filho ou pai de alguém vivo.

## 559. DE TEOSÉBIA

*Sobre Ablábio, um médico famoso*

Acestória<sup>568</sup> conheceu três desgraças: primeiro, cortou  
 o cabelo por Hipócrates<sup>569</sup>, depois por Galeno<sup>570</sup>;  
 e agora, ei-la que chora diante da sepultura de Ablábio,  
 com vergonha dos homens por causa dele<sup>571</sup>.

## 560. DE PAULO SILENCIÁRIO

*Sobre um certo Leôncio, morto em terra estrangeira, homem  
 muito elogiado*

Embora seja uma terra estrangeira que te cobre, Leôncio,  
 embora morto longe dos teus pais plangentes,  
 muitas lágrimas fúnebres foram derramadas das pálpebras  
 dos mortais por ti, tomados por dor insuportável.

---

<sup>568</sup> Acestória (ou Aqueso), uma das cinco filhas de Asclépio e Epíone, aqui identificada com a própria medicina, recebia culto em várias regiões, desde logo em Atenas.

<sup>569</sup> Cf. nota ao núm. 135.

<sup>570</sup> Galeno (c. 129-217) foi o mais destacado médico de seu tempo e o primeiro que conduziu pesquisas fisiológicas.

<sup>571</sup> I.e., por ter morrido mais um médico tão excelente.

É que eras muito estimado por todos, como se fosses filho  
comum a todos, como se fosses amigo comum.  
Ai, como se revelou terrível e implacável a tua Moira,  
desgraçado, que nem a tua juventude poupou.

#### 561. DE JULIANO, PREFEITO DO EGITO

*Sobre Crátero, um sábio que morreu jovem*

A natureza, depois de longa gestação deu à luz  
um homem digno da virtude de outrora,  
Crátero, de sabedoria e de nome<sup>572</sup>, que aos inimigos  
maldosos também arrancou lágrimas de luto.  
Se morreu jovem, culpa os fios todo-poderosos da Moira<sup>573</sup>,  
que quis um mundo não adornado por tal adorno<sup>574</sup>.

#### 562. DE JULIANO, PREFEITO DO EGITO

*Sobre o mesmo Crátero*

Eloquência de Crátero! De que te valeu ter causado  
as palavras e o silêncio dos adversários?  
Quando vivias, todos falavam alto; depois da tua  
morte, até a voz deles se teve de calar.  
Agora que estás morto, já ninguém ousa dar ouvidos  
a discursos – foi o fim de Crátero e dos discursos.

---

<sup>572</sup> O seu nome significa “forte”.

<sup>573</sup> Cf. nota ao núm. 12.4.

<sup>574</sup> O jogo de palavras é pobre, mas traduz à letra o original.

## 563. DE PAULO SILENCIÁRIO

*Sobre um pintor*<sup>575</sup> *bem-disposto chamado Crisómalo*

Estás em silêncio, Crisómalo, como o bronze, e para nós  
já não compões figuras de mortais como antes,  
com esses gestos mudos. O teu silêncio, bem-aventurado,  
é agora odioso, ele que tanto nos encantava.

## 564. ANÓNIMO

*Sobre Laódice, a filha de Príamo*

Aqui, a terra abriu-se um dia para receber, sem honras,  
Laódice<sup>576</sup>, que fugia da violência dos inimigos.  
Destruída a sepultura pelo tempo que corre insensível,  
Máximo, Procônsul da Ásia, trouxe-a de volta à luz,  
e ficando a saber que a estátua de bronze da rapariga<sup>577</sup> jazia  
algures, sem honra, nesta tumba circular a colocou.

## 565. DO PREFEITO JULIANO

*Sobre o retrato de Teódote*

É a própria Teódote, a do pintor. Tivesse a sua arte  
falhado, e daria esquecimento aos que a choram.

---

<sup>575</sup> O lematista terá lido o termo *eikonas* (“figuras”, “imagens”) do v. 2 e entendido que se tratava de um pintor, quando na verdade o defunto seria um ator de pantomima.

<sup>576</sup> Considerada a mais bela das filhas de Príamo e Hécuba, na noite da tomada de Troia, porque receava ser feita escrava de um grego, Láodice pediu aos deuses que a poupassem desse fim. A terra então se abriu e engoliu-a, segundo a versão que devia ser mais conhecida (Ps.-Apolodoro, *Biblioteca* 4.5.23).

<sup>577</sup> Ou a estátua de outra jovem, posteriormente colocada no local onde faltava a original. Este Máximo pode ser Quintílio Valério Máximo, procônsul em 165, cuja família seria de Troia.

### 566. DO CÔNSUL MACEDÓNIO

*Sobre o desconhecido da morte e as incertezas da vida*

Terra e Ilitia<sup>578</sup>, tu que me geraste e tu que me guardas,  
salve! De uma e de outra percorri o caminho!  
Vou embora sem saber onde vou; pois não sei sequer  
quem sou, filho de quem, e de onde cheguei a vós.

### 567. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

*Sobre Candaules, que a mulher matou por ter sido vista nua  
por Giges*

Eis a sepultura de Candaules. A justiça, vendo a minha sorte,  
diz que a minha esposa não teve culpa alguma.  
A verdade é que ela não queria ter sido vista por dois homens,  
mas pertencer ao primeiro ou ao que a conhecesse.  
Algo terrível teve que acontecer a Candaules; ou não teria ele  
mostrado a própria esposa aos olhos de outros.<sup>579</sup>

### 568. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

*Sobre uma moça que morreu com [duas vezes] sete anos*

Quando tinha duas vezes sete anos a morte me levou,  
a única que para meu pai Dídimos gerou Talia.  
Ai, Moiras! Porque tão cruelmente não me acompanhastes  
às núpcias e às amáveis lides da maternidade?  
Bem que os meus pais teriam preferido levar-me, casadoira,

---

<sup>578</sup> Ambas deificadas. Filha de Zeus e Hera, Ilitia tutelava os partos e as gestantes.

<sup>579</sup> A história de Giges e Candaules entrou na tradição por via do relato de Heródoto (*Histórias* 1.8 sqq.). Candaules, soberano de Sardes, quis vangloriar-se da beleza da esposa e propôs ao criado, Giges, que tudo fizesse para a ver nua. Uma vez consumado o ato, ditava a lei que um dos homens tinha que morrer. Giges então matou Candaules, casou com a viúva e tornou-se o novo soberano.

ao Himeneu, mas fui para o odioso Aqueronte.  
 Suplico-vos, deuses! Cessai os sofrimentos de minha mãe  
 e de meu pai, que definham com a minha morte.

### 569. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

*Sobre uma mulher da Tessália que morreu no Bósforo*  
 Suplico-te, caminhante, que vás dizer ao meu esposo amado,  
 se acaso contemples a minha pátria, a Tessália:  
 “Morreu a tua esposa, e uma tumba já a guarda na terra,  
 ai ai, nas imediações das margens do Bósforo.  
 Porém, ergue-lhe um cenotáfio aí mesmo, perto de ti,  
 para que te recorde a que antes foi tua esposa.”

### 570. ANÓNIMO

*Sobre o procônsul Dulcício*  
 Dulcício<sup>580</sup>, os soberanos o ergueram ao cabo de vida  
 feliz, pela sua virtude e honra proconsular.  
 Agora que a natureza o livrou da terra, são os deuses  
 imortais que o têm, e esta tumba o seu corpo.

### 571. DE LEÔNCIO, O ESCOLASTA

*Sobre o citaredo Platão*  
 Quando Orfeu partiu, talvez tenha restado alguma Musa;  
 mas ao morreres tu, Platão, calou-se até a cítara;  
 uma pequena porção de músicas antigas se conservava  
 ainda tanto no teu espírito como nas tuas mãos.

---

<sup>580</sup> Élio Cláudio Dulcício, procônsul da Fenícia e da Ásia dos governos de Constâncio II e Juliano, na segunda metade do século IV.

### 572. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

*Sobre um homem e uma mulher adúlteros, que um teto matou ao cair*

Um homem entregava-se ao prazer de um amor adúltero,  
roubando os abraços da mulher de outro homem.  
Mas, de repente, o teto da casa desabou e assim soterrou  
os malfeitores, ainda acoplados um ao outro.  
Uma mesma armadilha os retém aos dois, e juntos eles  
jazem, num abraço que nunca há de ter fim.

### 573. DE LEÔNCIO, O ESCOLASTA

*Sobre Quirédio, orador de Atenas*

Eis a sepultura de Quirédio, o que a terra ática criou  
à imagem dos dez oradores de antigamente<sup>581</sup>,  
ele que facilmente convencia o juiz; e se era ele o juiz,  
não se afastava um milímetro do caminho justo.

### 574. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

*Sobre o advogado Agatonico*

Agatonico tinha estudado leis com muita diligência;  
mas a Moira não aprendeu a temer as leis.  
Levando-o consigo, privou-o dos sábios julgamentos,  
pois não tinha ainda a idade regulamentar<sup>582</sup>.  
Tristemente choraram os seus colegas sobre a tumba,  
lamentando aí jazer a fina-flor do seu grupo;  
e a mãe, arrancando os seus cabelos, golpeava o peito,  
lembrando, ai, o esforço das suas entranhas.

---

<sup>581</sup> O cânone alexandrino dos dez oradores áticos era formado por Antifonte, Andócides, Lísias, Isócrates, Iseu, Ésquines, Licurgo, Demóstenes, Hipérides e Dinarco.

<sup>582</sup> Entenda-se, para exercer a profissão para que tanto estudara.

Seja como for, ele foi afortunado: morrendo jovem,  
livrou-se cedo dos infortúnios desta vida.

### 575. DE LEÔNCIO, O ESCOLASTA

*Sobre Rode, a esposa de Gemelo da Tíria que morreu em Bizâncio*

Sepultura de Rode. A mulher era da Tíria, e mudando  
de pátria veio para esta cidade pelos seus filhos.  
Foi ela quem adornou o leito do inesquecível Gemelo,  
o que noutro tempo ensinava leis nesta cidade.  
Já velha ela veio a morrer, e oxalá vivesse por milhares  
de anos – dos bons, nunca temos o suficiente!

### 576. DO PREFEITO JULIANO

*Sobre o filósofo Pirro*

– Morreste, Pirro?<sup>583</sup> – *Não digo nada.* – Depois da hora  
[final, dizes tu  
que nada dizes? – *Não digo nada.* – A tumba pôs fim à  
[indecisão.

### 577. DO MESMO

*Sobre o misantropo Tímon, jazente numa encruzilhada*

Aquele que me enterrou, ao morrer, no meio da encruzilhada,  
sofra ele muitos males e não ache tumba alguma.  
Desde que todos os caminhantes invocam Tímon, o morto,  
de todos só eu não tenho um minuto de descanso.

---

<sup>583</sup> Pirro de Élis (c. 360-270 a.C.), filósofo céptico e o fundador da escola que veio a ser conhecida como Pirronismo.

### 578. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

*Sobre Panopeu, o assassino de leões e panteras, que morreu da mordedura de um escorpião*

O robusto Panopeu, o que montava caça aos leões  
e golpeava os peitos peludos das panteras,  
esta tumba guarda. Um escorpião terrível da terra esburacada  
o matou, picando-lhe a planta do pé montanhês.  
Agora, o seu pobre dardo e as estacas jazem em terra,  
ai, brinquedos para os veados irrequietos.

### 579. DE LEÔNCIO, O ESCOLASTA

*Sobre o orador Pedro, que caiu do telhado e morreu*

De Pedro, o orador, contemplas a face sempre sorridente,  
excelente nas discussões, excelente na amizade.  
Uma vez que assistia ao teatro, foi ele o único que morreu  
ao cair, com muitos outros, do alto de um telhado.  
Viveu por pouco tempo, o necessário. À sua não chamaria  
uma morte violenta, mas conforme à natureza.<sup>584</sup>

### 580. DE JULIANO DO EGITO

*Sobre alguém que foi assassinado por ladrões e sepultado por eles*<sup>585</sup>

Jamais conseguirás esconder-me fundo o suficiente na terra  
que possas enganar o olho da Justiça que tudo vê.

---

<sup>584</sup> Era preferível morrer de imprevisto, no gozo da saúde plena, do que ao cabo de uma velhice muito sofrida. O princípio contrário, contudo, está também presente nos epitáfios deste volume – e na poética grega em geral.

<sup>585</sup> Cf. núms. 310, 356-360.



## 581. DE JULIANO DO EGITO

*Parecido ao anterior*

Pela minha morte, agraciaste-me com uma tumba; oxalá  
recebas em troca, do céu, semelhante graça.

## 582. DO MESMO JULIANO

*Sobre um naufrago arrastado pelo mar à própria pátria*

Salve, naufrago! Quando desembarcares no Hades,  
não acuses as ondas do mar, mas os ventos;  
foram eles que te venceram. A água amável do mar,  
essa, levou-te à terra e às tumbas de teus pais.

## 583. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

*Sobre uma mulher que deu à luz e teve o feto morto no ventre  
durante três dias, até que ela própria morreu*

Oxalá não existissem as bodas nem os leitos nupciais:  
não haveria motivo para sofrer durante o parto.  
Por isso, sofre agora esta mulher desgraçada a dar à luz,  
e no seu ventre infeliz tem um filho morto;  
três vezes o sol cumpriu o seu curso, e o bebé continua lá,  
à espera de um nascimento que não se cumprirá.  
Um ventre, menino, pende leve sobre ti, em vez do pó;  
pois é ele que te carrega, e não precisas de terra.

## 584. DE JULIANO DO EGITO

*Sobre alguém que naufragou, foi tirado morto do mar pelos  
marinheiros e teve a sorte de uma tumba*

Navegas, tu que recolheste este naufrago e o sepultaste?  
Navega, mas mantendo distância do Maleia<sup>586</sup>,

---

<sup>586</sup> Cf. nota ao núm. 275.2.

e que faças sempre boa viagem, amigo! Mas se a Sorte  
te for contrária, recebe em troca a mesma graça<sup>587</sup>.

### 585. DO MESMO JULIANO

*Sobre um tal de Mígdon, que morreu queimado com o próprio  
barco*

Mígdon, chegado ao fim da vida, foi no seu próprio barco  
para o Hades, sem precisar da barca dos mortos.  
Ele que foi o seu sustento em vida, testemunha das suas penas,  
muitas vezes carregado com as suas caças marinhas,  
também na morte foi o seu companheiro de viagem, quando  
encontrou o fim na companhia do seu barco queimado.  
A tal ponto foi o barco fiel a seu dono, ele que enchia a casa  
de Mígdon e navegou com ele, na vida e na morte.

### 586. DO MESMO JULIANO

*Sobre um comerciante avarento que naufragou*

Não foi o mar que te matou, nem as rajadas de vento,  
mas o amor insano pelo comércio errante.  
Tenha eu, da terra, vida modesta! A ganância do mar,  
enfrentando tempestades, outros a busquem.

### 587. DO MESMO JULIANO DO EGITO

*Sobre [o filósofo] Pânfilo<sup>588</sup> que morreu naufragado*

A terra te gerou, o mar te engoliu, acolheu-te a casa  
de Plutão – e foi daí que ascendeste ao céu.

---

<sup>587</sup> A da sepultura por mão estranha bem-intencionada.

<sup>588</sup> Com este nome, apenas se conhece o filósofo platónico mestre de Epicuro. Não obstante, deve tratar-se de outra figura posterior, mais próxima do tempo de Agátias, de cujo florilégio provêm estes epigramas.

Não morreste como náufrago nas profundezas, Pânfilo,  
mas para adornar os domínios de todos os imortais.

### 588. DE PAULO SILENCIÁRIO

*Sobre o gramático Damócaris, de Ceos, amigo e discípulo de Agátias*

Damócaris adormeceu no derradeiro silêncio da Moira.  
Ai, a lira encantadora das Musas está calada,  
pereceu o alicerce sagrado da gramática! Cós que o mar  
cerca: de novo estás de luto, como por Hipócrates<sup>589</sup>.

### 589. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

*Sobre Eustórgio de Antioquia, um prodígio nas leis romanas*  
Não tenhas pressa em levar a notícia a Antioquia, caminhante,  
não vão outra vez as correntes da Castália lamentar-se  
por Eustórgio ter abandonado assim de repente a Musa  
e a esperança não cumprida das leis Ausónias<sup>590</sup>,  
quando atingira os dezassete anos; em cinza sem valor  
se transformou a sua juventude florescente.  
Agora, uma tumba subterrânea o guarda, e em vez dele  
só vemos o seu nome e as cores dos pincéis.<sup>591</sup>

### 590. DE JULIANO DO EGITO

*Sobre João, o genro de Eufémia<sup>592</sup>, esposa de Justino*  
– Ilustre João! – O mortal, dizes. – O genro da soberana.

<sup>589</sup> Cf. núm. 135, com nota ao lema.

<sup>590</sup> I.e. Romanas (do oriente).

<sup>591</sup> Sobre a sepultura devia estar pintado o rosto do defunto, prática comum. Cf. núm. 565.

<sup>592</sup> O defunto, neto de Hipácio, irmão do imperador Anastácio (491-518), seria como tal não genro de Eufémia, mas de Vigilância, irmã de Justiniano (imperador entre 527-565).

– Mortal, mesmo assim. – Flor da raça de Anastácio.  
– De um mortal, também ele. – Vida justa a sua. Já não dizes  
o teu “mortal”: as virtudes são superiores à morte.

### 591. DO MESMO JULIANO

*Sobre Hipácio, o sobrinho do imperador Anastácio*

Sou a tumba de Hipácio<sup>593</sup>; mas não digo que guardo o corpo,  
assim pequena, de tão grande general dos Ausónios.  
A terra, envergonhada de cobrir tão grande homem em  
[monumento  
tão pequeno, preferiu confiar a sua guarda ao mar.

### 592. DO MESMO JULIANO

O imperador em pessoa se enfureceu com as vagas do mar  
marulhante<sup>594</sup> que engoliram o corpo de Hipácio;  
queria que ele, uma vez morto, recebesse as honras finais,  
mas o mar impediu tal graça da sua generosidade.  
Por isso, grande mostra do seu coração benevolente, honrou  
esse defunto tão ilustre com esta sepultura vazia.

### 593. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

*Sobre uma tal de Eugénia, mulher admirável e sábia; era irmã  
de Agátias*

Aquela que outrora florescia em beleza e poesia,  
versada na veneranda ciência das leis,

---

<sup>593</sup> Proclamado imperador pelo povo revoltoso contra Justiniano, em 532, Hipácio terá sido mandado assassinar pelo último, e o seu cadáver mandado atirar ao mar. Este epigrama e o seguinte fariam, portanto, parte da estratégia de ocultação desse crime por parte de Justiniano.

<sup>594</sup> Expressão homérica (e.g. *Iliada* 1.34).

Eugénia, cobre-a o pó da terra; e sobre a sua tumba  
cortaram os cabelos a Musa, a Justiça e a Páfia.<sup>595</sup>

#### 594. DE JULIANO DO EGITO

*Sobre um tal de Teodoro, homem sábio e admirável, como diz  
o epigrama*

O teu real monumento, Teodoro, não está na sepultura,  
mas nas incontáveis páginas dos teus livros,  
nas quais, resgatando-os do esquecimento, devolveste  
à vida o esforço sábio dos poetas mortos.<sup>596</sup>

#### 595. DO MESMO JULIANO

*Sobre o mesmo Teodoro*

Teodoro morreu; e agora, a multidão dos poetas antigos  
foi-se de uma vez por todas, morreu mesmo.  
Respiravam todos quando ele respirava, extinguiram-se todos  
ao extinguir-se ele; ocultos, todos, numa só tumba.

#### 596. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

*Sobre o seu genro Teódoto, acerca do ódio com que morreu pela  
própria esposa*

Juro, pela viagem derradeira na terra, que nem a minha esposa  
me odiou, nem eu, Teódoto, de Eugénia quis  
tornar-me inimigo! Foi a inveja ou uma fatalidade qualquer  
que nos arrastou a um tão grande pecado.

---

<sup>595</sup> I.e., a poesia, o direito e a beleza (Afrodite), virtudes ditas pelas divindades tutelares de cada uma.

<sup>596</sup> Este epigrama e o seguinte, colhidos por Agátias, dizem respeito a um indivíduo que, como ele, elaborara um florilégio de poesia – mais antiga, no caso.

Agora, apresentando-nos ante o estrado sem mácula de Minos,  
recebemos ambos o voto de absolvição<sup>597</sup>.

### 597. DE JULIANO, PREFEITO DO EGITO

*Sobre Calíope, mulher de bela voz e graciosa*

A que cantava com doçura e força, a única que de seu peito  
fazia brotar uma torrente de voz feminina,  
jaz em silêncio. Tão fortes foram os fios da Moira,  
que cozeram os lábios sonoros de Calíope<sup>598</sup>.

### 598. DO MESMO JULIANO

*Sobre a mesma Calíope, atriz de tragédias*

Nem a natureza feminina nem a fraqueza da cabeça  
branca extinguiram a força da tua voz;  
apenas em cumprimento das leis comuns do fim,  
(ai ai, Calíope!) a tua voz se extinguiu.

### 599. DO MESMO JULIANO

*Sobre uma tal Kale, mulher bonita e virtuosa*

Aquela Bela<sup>599</sup> de nome, mas mais de espírito que de rosto,  
morreu. Ai, morreu de vez a primavera das Graças!  
Era mesmo em tudo parecida à Páfia, mas para o marido

---

<sup>597</sup> À letra, “o voto branco”. O cristianismo subjacente ao epigrama custa a dissimular por detrás da mitologia pagã, neste epigrama que, nunca tendo estado inscrito, pode aludir à relação violenta que existia entre a irmã do poeta e o seu marido.

<sup>598</sup> Esta cantora – que o lema do núm. seguinte apresenta como uma atriz – teria escolhido o nome da Musa do canto, Calíope, para nome artístico, ou, mais provavelmente, assim a teriam passado a chamar os seus admiradores.

<sup>599</sup> No original, *Kale*.

apenas, para os demais uma Palas<sup>600</sup> imperscrutável.  
Que rocha não teria chorado, caso Hades, o todo-poderoso,  
a tivesse levado para longe dos braços de seu esposo?

#### 600. DO MESMO JULIANO

*Sobre a jovem Anastácia, morta aos dezasseis anos*

Em boa hora te levou o tálamo, em má a tumba,  
ó rebento das Graças florescentes, Anastácia!  
Por ti, o teu pai e o teu esposo derramaram lágrimas amargas;  
por ti, mesmo o barqueiro dos mortos verteu uma lágrima;  
nem um ano tinhas passado na companhia do teu marido,  
e, com dezasseis anos apenas, ai!, a tumba te recebeu.

#### 601. DO MESMO JULIANO

*Sobre a mesma Anastácia*

Ai, ai! Já secou a doce primavera das tuas graças sem fim  
o inverno das profundezas ferozes à tua volta.  
Roubou-te ao brilho da luz do sol a tumba, quando aos onze  
anos outros cinco amargos se lhe haviam somado<sup>601</sup>,  
e o teu esposo e o teu pai os voltou cegos de terríveis dores,  
eles, para quem brilhavas mais que o sol, Anastácia.

---

<sup>600</sup> Atena.

<sup>601</sup> Os cinco últimos anos passou-os doente, mas, ainda assim, casou aos quinze anos.

## 602. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

*Sobre Eustácio, um jovem que morreu aos quinze anos; este rapaz era filho de Eustácio, o velho, um prefeito*

Eustácio! Agradável é a tua imagem, mas em cera  
te vejo, e essa palavra deliciosa não mais  
mora em teus lábios. A tua juventude em flor,  
ai ai, não passa agora de pó inútil da terra.  
Cumpridos os teus quinze anos, não mais do que  
vinte e quatro sóis te foi dado contemplar;  
de nada te valeu o trono de teu avô, nem a riqueza  
de teu pai. Todo aquele que vê o teu retrato<sup>602</sup>  
há de censurar a morte injusta, grande miserável,  
por ter extinguido o brilho de tal beleza.

## 603. DE JULIANO, PREFEITO DO EGITO

*Sobre um tal João que morreu jovem e incompleto*

– Caronte é um selvagem. – É mas é bom. – Levou tão cedo  
este rapaz. – Sim, mas no espírito era como os velhos.  
– Acabou-se o prazer. – Acabaram os sofrimentos, isso sim!  
– Não conheceu o casamento. – Nem as penas de estar  
[casado].<sup>603</sup>

## 604. DE PAULO SILENCIÁRIO

*Sobre uma jovem chamada Macedónia que morreu com doze anos; esta Macedónia era filha do próprio Paulo*

A câmara fúnebre, não a das núpcias, jovem virgem,  
te prepararam com mãos infelizes os teus pais.

---

<sup>602</sup> Cf. núms. 565.1 e 589.8 (com nota).

<sup>603</sup> Exercício poético sob os preceitos de uma corrente filosófica pessimista.



Mas tu escapaste às vicissitudes da vida e ao trabalho  
de Eleuto<sup>604</sup>, e eles têm nuvem amarga de dores.  
Aos doze anos de idade, Macedónia, a morte já te cobre,  
graciosa como uma jovem, e de modos maduros.

#### 605. DE JULIANO, PREFEITO DO EGITO

*Sobre Rodo, a esposa de Diófanes, que morreu jovem*  
A urna bem-talhada, Rodo, a tumba que ele te ergueu  
a esmola aos pobres pela redenção da tua alma  
dão mostra da gratidão do teu doce marido, por morreres  
assim tão cedo e lhe teres concedido a liberdade.

#### 606. DE PAULO SILENCIÁRIO

*Sobre Teodoro*  
Gentil, no máximo da liberdade, de aparência doce,  
deixando vivo o filho que lhe cuidou a velhice,  
Teodoro foi sepultado, na esperança de algo melhor  
que a morte – feliz nas penas, feliz na morte.

#### 607. DE PÁLADAS DE ALEXANDRIA

*Sobre a velha Psilo, que devorou tudo o que tinha, e como morreu*  
A velha Psilo, ciumenta dos seus próprios herdeiros,  
proclamou-se herdeira da própria fortuna.  
Num rápido salto desceu para a morada de Hades,  
levando uma vida à medida dos seus bens.  
[Tudo consumiu, e já desprovida de bens pôs fim à vida;  
partiu para o Hades, ao gastar o último centavo.]<sup>605</sup>

<sup>604</sup> O mesmo que Ilitia. Cf. nota ao núm. 566.1.

<sup>605</sup> O último dístico deve ser um acrescento posterior, manifestamente mais pobre.

### 608. DE EUTÓLMIO, ESCOLASTA ILUSTRE

*Sobre Menipe, que chorava o próprio filho e morreu com ele*

Chorando a morte prematura do seu filho, Melanipe  
deu um grande grito e exalou o último alento.

Não podia mais sustentar a respiração para chorar de novo,  
e junto com o lamento abandonou a vida.

### 609. DE PAULO SILENCIÁRIO

*Sobre a tumba de um tal Ático, que cavou a própria sepultura  
em vida*

Ático<sup>606</sup>, antecipando o destino comum a que ninguém escapa,  
com coração forte cavou esta tumba enquanto vivia,  
brincando, com coragem, com o medo da morte. Oxalá possa,  
sol da sabedoria, permanecer muito tempo sob o sol.

### 610. DE PÁLADAS DE ALEXANDRIA

*Sobre um noivo e uma noiva que, ao cair a câmara nupcial,  
morreram com outras vinte e cinco pessoas*

Alguém levou a noiva, mas a divindade levou a boda,  
rapinando as almas dos convivas alegres.

Uma boda encheu vinte e cinco tumbas de cadáveres,  
e cemitério comum se tornou a câmara nupcial.

Muito infeliz noiva Pentesileia, e tu Penteu<sup>607</sup>, o noivo:  
rica em mortes foi a boda de vocês os dois!

---

<sup>606</sup> Deve tratar-se de Herodes Ático, nascido em Sebastia, na Arménia, o bispo de Constantinopla que morreu em 10 de outubro de 425 e que teria, segundo consta, previsto a própria morte.

<sup>607</sup> Ambos os nomes, fictícios, têm na raiz o termo *penthos* (“sofrimento”).

## 611. DE EUTÓLMIO, ESCOLASTA ILUSTRE

*Sobre uma moça chamada Helena, que morreu com o irmão*

A jovem Helena, morta logo depois do seu irmão,  
a desgraçada mãe a chorou com dupla dor.

E bem assim a lamentaram os pretendentes: cada um  
chorou a que não tinha ainda sido sua.<sup>608</sup>

## 612. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

*Sobre Joana, poetiza e citarista*

Ai, ai! A décima Helicónide<sup>609</sup>, a tocadora de lira  
de Roma e Faros, esta terra a cobre.

Morreram os acordes da lira, cessaram as canções,  
como se destruídas todas com Joana.

Mas logo estabeleceram justa lei as nove Musas:  
habitar a tumba de Joana, não o Hélicon.

613. DE DIÓGENES, BISPO DE AMISO<sup>610</sup>

*Sobre o seu sobrinho Diógenes*

Para ti, Diógenes, em memória da tua juventude viçosa,  
no Ponto Euxino ergueu teu pai este monumento,  
ai, tão longe da tua pátria! Guiou-te a vontade de Deus,  
sofrimento predestinado para o irmão de teu pai,  
ele que te sepultou e, com a santa mão e as suas preces,  
te depositou junto do coro dos bem-aventurados<sup>611</sup>.

<sup>608</sup> Cf. núms. 183 e 184.

<sup>609</sup> I.e. a décima Musa, por comparação com Safo.

<sup>610</sup> No Ponto Euxino, a este de Sinope. Nada sabemos deste bispo, por certo contemporâneo de Agátias.

<sup>611</sup> I.e. no solo da igreja.

## 614. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

*Sobre Helânis e Lâmaxis, mulheres de Mitilene*

A muito divina Helânis e Lâmaxis cheia de graça  
eram as estrelas da sua pátria de Lesbos.

Quando, com barcos atenienses, aí desembarcou

Paques e devastou a terra de Mitilene<sup>612</sup>,  
impiamente se apaixonou pelas jovens e matou  
os maridos de ambas, contando forçá-las.

Mas elas fugiram pelo vasto golfo das ondas do Egeu  
até chegarem à rochosa Mopsópia<sup>613</sup>;

contaram ao povo os crimes do pérfido Paques,  
até o arrastarem a terrível destino.

Tal foi, moças, o que conseguistes; tarde voltastes  
à pátria e nela fostes sepultadas ao morrer.

Das penas tivestes alívio, pois perto de vossos esposos  
repousais, em memória da vossa ilustre virtude.

E todos cantam ainda estas heroínas de um só coração,  
que vingaram as penas da pátria e dos maridos.

## 615. ANÓNIMO

*Sobre Museu, filho de Eumolpo*

O filho amado de Eumolpo o solo de Faleros o guarda,  
Museu<sup>614</sup>, o seu corpo morto sob esta tumba.

---

<sup>612</sup> Paques foi um general ateniense que, em 427 a.C., comandou tal expedição contra Lesbos (Tucídides 3.28; Diodoro Sículo 12.55 sqq.). Num esforço de erudição, Agátias recupera uma história que, ao seu tempo, teria já mais de dez séculos.

<sup>613</sup> A Panfília, no sul da Anatólia, entre a Lícia e a Cilícia.

<sup>614</sup> Poeta lendário, objeto de culto em Atenas (cf. Pausânias 1.25.6), associado ainda às origens dos Mistérios de Elêusis. Diógenes Laércio (*Proêmio* 3) – a fonte manuscrita da série composta pelos núms. 615-620 – conta a história da sua morte e sepultura em Faleros, na qual teria sido gravado este dístico.

## 616. ANÓNIMO

*Sobre Lino, filho da Musa Urânia*

Aqui, a terra recebeu Lino<sup>615</sup> de Tebas ao morrer,  
o filho da Musa Urânia de bela grinalda.

## 617. ANÓNIMO

*Sobre Orfeu da Trácia*

O trácio de lira dourada, Orfeu, neste lugar o enterraram  
[as Musas,  
o que Zeus, senhor das alturas, matou com o raio  
[fumegante<sup>616</sup>.

## 618. ANÓNIMO

*Sobre Cleobulo de Lindos*

Este Cleobulo<sup>617</sup>, homem sábio, depois de morto chora-o  
aqui a sua pátria, Lindos, que o mar fez ilustre<sup>618</sup>.

## 619. ANÓNIMO

*Sobre Periandro de Corinto*

O mestre da riqueza e da sabedoria, Periandro<sup>619</sup>, esta pátria  
de Corinto o guarda nas entranhas costeiras da terra.

---

<sup>615</sup> Outro poeta lendário, como é ainda o caso de Orfeu, no núm. seguinte. Diógenes Laércio (ibidem) diz que teria sido morto por Apolo na ilha de Eubeia, e que da sepultura aí erigida provém este epitáfio.

<sup>616</sup> Contra a versão mais difundida da morte de Orfeu, às mãos da multidão furiosa das mulheres da Trácia.

<sup>617</sup> Poeta do séc. VI a.C., sensivelmente contemporâneo de Sólon, um dos sete sábios (cf. núm. 81).

<sup>618</sup> Lindos era um dos principais portos da ilha de Rodas.

<sup>619</sup> Tirano de Corinto e outro dos sete sábios (cf. núm. 81.2), morto em 585 a.C.

## 620. DE DIÓGENES LAÉRCIO

*Sobre o mesmo Periandro de Corinto*

Nunca te aflijas de não conseguir algo, antes  
goza de tudo quanto te deu um deus.  
Também o sábio Periandro morreu desiludido  
por não conseguir algo que desejava<sup>620</sup>.

## 621. ANÓNIMO

*Sobre Sófocles, não o tragediógrafo, mas outro*

Foi aqui que eu, o desgraçado Sófocles, entrei na morada  
terrível do Hades, rindo por ter comido aipo sardónico<sup>621</sup>.  
Eu foi assim, outros de outra forma – mas toca a todos!

## 622. DE ANTÍFILO DE BIZÂNCIO

*Sobre pastor Borco, que caiu por causa do mel*

O pastor Borco, um dia que se aproximava de doce colmeia,  
pendurado num rochedo escarpado por uma corda,  
seguiu-o um dos seus cães boieiros, que mordeu a ligeira  
corda coberta de mel quando ele se içava para cima.  
Assim se precipitou no Hades. E esse mel, a outros homens  
inacessível, em troca da própria vida o pôde ele tirar.

---

<sup>620</sup> Segundo Diógenes Laércio (1.95), Periandro mandara trazer até si o filho Lícofron, desde Corcira, para ser seu sucessor, mas este foi morto antes de embarcar para casa. Para se vingar, mandou os jovens de Corcira para serem castrados em Aliates, mas estes refugiaram-se no templo de Hera em Samos. Teria, por isso, morrido de tristeza, incapaz de cumprir a sua vingança.

<sup>621</sup> O contato desta erva com os lábios provocava contração involuntária e compulsiva dos músculos faciais, parecendo que o afetado estava a rir. Nada se sabe sobre este indivíduo.

## 623. DE EMILIANO

*Sobre uma criança que ainda mama da mãe morta*

Mama, infeliz, do seio da tua mãe onde não mais mamarás,  
 mama até à última gota de leite da que já morreu.  
 Já não respira, graças aos golpes da espada; porém, o amor  
 de uma mãe até no Hades sabe cuidar do seu filho.<sup>622</sup>

## 624. DE DIODORO

*Sobre uns que naufragaram no Mar Iónio*

Maldito sejas tu, muito agitado mar da Iónia,  
 ferry implacável para o sóbrio Hades  
 que tantos recebeste! Quem, miserável, poderia dizer  
 os teus perigos, vendo a sorte destes infelizes?  
 Egeu e Labeão, com os companheiros de breve sorte  
 e o navio inteiro tu acabaste de engolir.

625. DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]<sup>623</sup>

*Sobre o naufrago Diodoro, o filho de Calígenes de Olinto*

O que sabia abrir caminho pelo mar Atlas, conhecia de cor  
 as vagas de Creta e a navegação no Mar Negro,  
 Diodoro, o filho de Calígenes, ficai a saber que morreu  
 num porto, caindo da proa durante a noite,  
 quando vomitava os excessos do banquete. Ai, quão pouca  
 água matou o que provara tão grande oceano!

---

<sup>622</sup> O epigrama pode ser a éfrase de uma pintura de Aristides de Tebas, contemporâneo de Apeles (séc. IV a.C.), descrita por Plínio (*História Natural* 25.10).

<sup>623</sup> P atribui o epigrama por erro ao poeta homónimo de Sídon. Cf. *AP* 6.93.

## 626. ANÓNIMO

*Como César limpou a Líbia das feras que a habitavam e pôde colonizá-la*

Limites nasamónidas da Líbia! Não mais, infestadas  
 as montanhas do continente de hordas de feras,  
 haveis de temer o som dos leões cujos rugidos ecoam  
 nos desertos, além das areias dos Nómadas,  
 desde que a sua tribo incontável o jovem César caçou  
 com armadilhas e ofereceu duma vez aos lanceiros<sup>624</sup>.  
 E os picos das montanhas, que antes serviam de morada  
 às feras, são agora sítio de pastoreio dos homens.

## 627. DE DIODORO

*Sobre alguém que morreu prestes a consumir o casamento*

Deixando o tálamo por cumprir, próximo o leito nupcial,  
 rapaz, desceste o caminho fatal do Hades.  
 E muito afligiste Tínio de Astaco<sup>625</sup>, que com mais dor  
 te lamentou, a ti, o seu jovem prometido,  
 chorando a triste sorte do filho de Híparco, pois cumpriste  
 não mais que vinte e quatro anos de vida.

## 628. DE CRINÁGORAS

*Sobre um rapaz extremamente belo que morreu e foi enterrado numa ilha, razão pela qual as ilhas [deveriam chamar-se] Erótides*

Outras ilhas houve que rejeitaram um nome antigo  
 sem glória, e adotaram o nome de homens;  
 chamemos-vos por isso Erótides – não é vergonha

---

<sup>624</sup> Díon Cássio (43.22) e Estrabão (2.5.34) contam como Nero, imperador há pouco, fez abater 300 leões num só espetáculo no Coliseu. O epigrama, em realidade, nada tem de fúnebre.

<sup>625</sup> Na Bitínia.



que mudeis o vosso nome, Oxeias<sup>626</sup>, por este.  
 Ao rapaz que Dias enterrou sob este monte de terra,  
 o nome e o aspeto o próprio Eros lhos deus.  
 Terra coberta de tumbas e mar que circundas a praia!  
 Sede para o rapaz aquela leve, este silencioso.

### 629. DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]

*Sobre o prudente Sócrates*

Como descansas tu, tão grande, em solo vil? Ao olhar para ti,  
 Sócrates, há que condenar o mau veredito dos Helenos.  
 Desgraçados! Mataram o melhor dos homens, e nem vergonha  
 tiveram. Assim eram muitas vezes os Cecrópidas<sup>627</sup>.

### 630. DE ANTÍFILO DE BIZÂNCIO

*Porque não se deve dizer a alguém “amanhã farei isso”; [o  
 amanhã] é desconhecido e imprevisível, como testemunha este caso*

Quando já estava próximo da pátria, disse: “Amanhã,  
 esta minha longa e difícil travessia terá fim!”  
 Mal fechara os lábios, o mar transformou-se no Hades  
 e anulou a palavra vã que acabara de pronunciar.  
 Assim, guarda-te sempre de dizer “amanhã”; mesmo as pequenas  
 coisas, não as esquece a inimiga da língua, Némesis<sup>628</sup>.

---

<sup>626</sup> À letra “Ilhas pontiagudas”, um conjunto de ilhotas na embocadura do Aqueloo, a que já Homero aludia (*Odisseia* 15.299). A proposta de mudança de nome é pura fantasia de Crinágoras.

<sup>627</sup> Atenienses.

<sup>628</sup> A Vingança, personificada.

### 631. DE APOLÓNIDES

*Sobre Dífilo, o náufrago filho de Diógenes, de Mileto*

Se acaso fores ao [porto] de Febo<sup>629</sup> de Mileto,  
dá a Diógenes esta triste notícia,  
que o seu filho náufrago, Dífilo, jaz na terra  
de Andros, tendo bebido a água do Egeu.

### 632. DE DIODORO

*Sobre um menino que caiu de uma escada*

De pequena escada caiu um escravinho da casa  
de Diodoro, e partiu uma vértebra vital  
ao rodar a cabeça à frente, por ver o divino patrão  
chegar e lhe estender os braços de menino.  
Tu, terra, não peses sobre os ossos de um pequeno  
escravo, e sê amável com Córax, de dois anos!

### 633. DE CRINÁGORAS

*Sobre uma tal Selene, homónima da lua pela desmesura da sua  
beleza*

Por si mesma escureceu, quando se erguia ao anoitecer,  
a lua, ensombrada pela sua dor durante a noite,  
pois viu Selene, a beldade que com ela partilha o nome<sup>630</sup>,  
precipitar-se sem vida para o sombrio Hades.  
Sobre essa mulher tinha derramado a beleza da sua luz,  
e a morte dela acompanhou com a sua escuridão.

---

<sup>629</sup> I.e. de Apolo. A referência é ao porto de Mileto no global, porquanto Apolo era tutelar dos marinheiros. A sua efigie encontrou-se numa série de moedas da região.

<sup>630</sup> Em grego, *selene* significa “lua”.

## 634. DE ANTÍFILO DE BIZÂNCIO

*Sobre um velho cangalheiro que caiu ao carregar um leito mortuário e morreu*

O velho Fílon, inclinando-se para a frente ao levantar um leito mortuário, para ganhar a jornada, tropeçou ligeiramente, caiu e morreu. Estava pronto para o Hades, e as brancas só esperavam ocasião. Assim, o leito que costumava levar para corpos alheios, para si mesmo o transportou dessa vez.

## 635. DO MESMO

*Sobre Hieróclides, um pescador que morreu afundado com o próprio barco*

O barco de Hieróclides envelheceu com ele, navegou com ele toda a vida e acompanhou-o na morte, tendo sido seu fiel parceiro de pesca; jamais algum outro barco cruzou a espuma de forma mais justa. Trabalhou para o manter até à velhice, e depois de morto enterrou-o, viajando com ele até ao Hades.<sup>631</sup>

## 636. DE CRINÁGORAS

*Sobre alguém que naufragou e tece elogios aos pastores da montanha*

Afortunado pastor! Melhor fora também eu pastar o rebanho por esta colina branca abaixo, respondendo com balidos às ovelhas condutoras, a ter afundado o timão do navio no mar

---

<sup>631</sup> O mesmo assunto dos núms. 305, 381 e 585, embora só no segundo caso seja o mesmo o defunto.

cruel. Por isso me afundei nas profundezas; e perto  
desta praia me trouxeram as rajadas do Euro<sup>632</sup>.

### 637. DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]

*Sobre Pirro, pescador atingido por um relâmpago*

Pirro, que remava sozinho a sua pequena barca, pescando  
com a sua linha pequenas sardinhas e petingas,  
longe da praia foi atingido por um raio e caiu ao mar.

A barca, por si mesma veio dar à costa,  
trazendo consigo a notícia pelo enxofre e pelo fumo,  
e para falar nem precisou da quilha de Argo<sup>633</sup>.

### 638. DE CRINÁGORAS

*Sobre uma mulher que tinha dois filhos, um doente, o outro  
saudável; tendo o enfermiço ressurgido, morreu o saudável*

Quando mudou a sorte dos seus filhos, a desgraçada  
mãe disse, segurando a ambos nos braços:

“Não era o teu corpo, filho, que neste dia esperava  
chorar, nem ver-te a ti ainda na companhia  
dos vivos. Agora, os deuses trocaram-vos as sortes,  
e um sofrimento evidente me atingiu a mim.”

### 639. DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]

*Sobre um tal de Aristágoras, que naufragou no porto Escarfeu*

Todo o mar é mar. As Cíclades, o estreito de Hele e as ondas  
das Oxeias<sup>634</sup>, porque sem sentido as culpamos?

---

<sup>632</sup> O vento de leste.

<sup>633</sup> O barco que transportou os Argonautas na busca do velocino de ouro, em cuja proa Atena atara um tronco de carvalho profético de Dodona para aconselhar os nautas.

<sup>634</sup> Cf. nota ao núm. 628.4.

Injusta a fama que têm. Ou por que razão, tendo-lhes  
 escapado, me afundou o porto de Escarfaia<sup>635</sup>?  
 Oxalá ele tenha boa viagem de regresso; é que o oceano  
 é o oceano, bem o sabe o que aqui jaz, Antágoras.

#### 640. DO MESMO

*Sobre um tal Píron que não naufragou no mar, mas foi assassinado por ladrões, i.e., por piratas*

Um perigo para os nautas o ocaso das Crianças<sup>636</sup>, mas a Píron  
 a bonança foi muito mais cruel do que a tempestade.  
 O seu navio, atrapado sem poder navegar, tomou-o de assalto  
 um barco de piratas de duas fileiras que o perseguia.  
 Fugira à tempestade, e na pior das bonanças foi morto.  
 Ai, desgraçado! Triste e funesto porto tu tiveste!

#### 641. DE ANTÍFILO

*Busca o sentido do epigrama, pois é obscuro; o epigrama é coincidente com uma clepsidra<sup>637</sup>*

Este monumento<sup>638</sup> do sol invisível, composto de doze partes  
 e que as mesmas vezes se pronuncia com voz muda,  
 sempre que, comprimida a água dentro do seu tubo estreito,  
 o ar liberta uma brisa que ressoa ao longe,

<sup>635</sup> Cidade da Lócride.

<sup>636</sup> Cf. nota ao núm. 272.6.

<sup>637</sup> Cf. lema do núms. 705, 709, 721 e 732.

<sup>638</sup> A presença desta palavra (*sema*) na abertura de epigrama levou o copista ao erro de considerá-lo um epitáfio.

ergueu-o Ateneu<sup>639</sup> de presente ao povo, para que sempre o sol  
seja visível, mesmo se coberto de invejosas nuvens.

#### 642. DE APOLÓNIDES

*Sobre Menetes, o náufrago de Samos filho de Diófanos*

Algures entre Siros e Delos, as ondas engoliram Menetes,  
filho de Diófanos de Samos, junto com a carga,  
quando justamente viajava com pressa. Acontece que o mar  
odeia mesmo os que sofrem com um pai doente.

#### 643. DE CRINÁGORAS

*Sobre Hímnis, uma menina dançarina, filha de Evandro*

Hímnis, a filha de Evandro, o encanto sempre amável  
cá de casa, essa menina adorável de nove anos  
tu levaste, inexorável Hades. Porque foste tu dar morte  
prematura à que um dia já iria estar contigo?

#### 644. DE BIANOR, O GRAMÁTICO

*Sobre uma mulher chamada Clearista que, de tanto chorar o  
próprio filho e gritar ao longe, perdeu a vida*

Clearista, chorando pela última vez o seu filho que cedo  
morrera, junto à tumba pôs fim à vida amarga;  
gritando de dor quanto podia a desgraça de uma mãe,  
não mais foi capaz de recuperar a respiração.<sup>640</sup>  
Mulheres! Porque, desgraçadas, a tal ponto estendeis  
o vosso lamento, que chorais até ao Hades?

---

<sup>639</sup> Engenheiro do séc. I a.C., autor de um tratado sobre maquinaria bélica. Uma clepsidra semelhante é descrita por Vitruvius (9.9).

<sup>640</sup> Cf. núm. 608.

## 645. DE CRINÁGORAS

*Sobre um certo Filóstrato, rico e afortunado, que morreu no estrangeiro*

Filóstrato<sup>641</sup>, infeliz na tua riqueza, onde estão esses  
 cetros e os favores reais isentos de inveja  
 dos quais dependia a tua vida, ilustre como tu eras  
 junto ao Nilo e nas montanhas dos Judeus?  
 Os estrangeiros partilharam o fruto das tuas penas,  
 e o teu corpo jazera na arenosa Ostracina<sup>642</sup>.

## 646. DA POETISA ÂNITE

*Sobre uma moça chamada Érato, que morreu virgem*  
 Estas palavras derradeiras dizia Érato ao pai querido,  
 abraçando-o e banhada em lágrimas frescas:  
 “Pai, já não existo para ti; morta que estou, a negra  
 morte já me cobre de sombra os olhos azuis.”

## 647. DE SIMÓNIDES, OU DE SÍMIAS

*Sobre Gorgo, uma moça que morreu*  
 Estas palavras derradeiras disse Gorgo à mãe querida  
 a chorar, amarrando os braços ao seu pescoço:  
 “Fica aqui junto ao pai, e oxalá geres outra filha com mais  
 sorte do que eu, capaz de cuidar da tua velhice.”

---

<sup>641</sup> Deve tratar-se do filósofo apadrinhado por António e Cleópatra, caído em desgraça quando da batalha de Áccio e da ocupação de Alexandria por Octaviano.

<sup>642</sup> Entre o Egito e a Palestina, para onde terá sido exilado.

### 648. DE LEÓNIDAS DE TARENTO

*Sobre Aristócrates, um misógino que morreu sem filhos por nunca ter casado*

O bom do Aristócrates<sup>643</sup>, ao embarcar para o Aqueronte, dizia com a mão na cabeça que estava para morrer: “Que todo o homem tenha filhos e consiga uma esposa, mesmo que o aflija a miséria que destrói a vida; que alicerce a sua vida; coisa terrível de se ver é uma casa sem alicerces. O melhor borralho de alguém será sustentado por belas colunas, e a cuja fogueira abundante se possa sentar a contemplar o tronco da lareira.” Sabia Aristócrates o que era melhor; só que ele detestava, meu amigo, a mente perversa das mulheres.

### 649. DA POETISA ÂNITE

*Sobre uma moça que morreu virgem*

Em vez de feliz câmara nupcial e dos ritos do himeneu, uma mãe ergueu sobre esta tumba de mármore uma jovem virgem com a tua altura e com a tua beleza<sup>644</sup>, Tércis. Mesmo morta, apetece falar contigo!

### 650. [DE FLACO OU] DE FALICO

*Conselhos de um naufrago para evitar navegar no mar*

Evita as fadigas do mar e dedica-te ao arado dos bois, se te é agradável ver longe o fim da tua vida. Em terra, é possível vida longa; já no mar, não é fácil encontrar homem que tenha a cabeça branca.

---

<sup>643</sup> Deve tratar-se do mesmo indivíduo do núm. 440.

<sup>644</sup> I.e. uma estátua de corpo inteiro (?) da defunta.



## 650b. DE SIMÓNIDES

*Sobre uns naufragos que naufragaram na Tirrénia*

Estes, levando desde a Tirrénia os despojos de guerra para Febo,  
um só mar, uma só noite e uma só tumba os sepultou.<sup>645</sup>

## 651. DE EUFÓRION

*Sobre um naufrago também anónimo que naufragou no mar  
Icário*

Não é a oliveira selvagem que cobre os teus ossos,  
nem esta lápide inscrita de sombrias letras.  
À volta das areias da praia de Dólíque e do elevado  
Drácano<sup>646</sup> destruiu-os a vaga do mar Icário.  
E não dou hospitalidade a Polímedes, eu, este monte  
de terra nos prados sedentos dos Dríopes<sup>647</sup>.

## 652. DE LEÓNIDAS DE TARENTO

*Sobre o naufrago Teleutágoras, filho de Timares*

Mar retumbante! Porque é que o filho de Timares,  
navegando em pequena barca, Teleutágoras,  
na agitação de feroz tempestade, assim o precipitaste  
no abismo com a carga, enviando-lhe onda imensa?  
Choraram-no as aves marinhas e as gaivotas que comem  
peixe<sup>648</sup>, ao jazer sem vida algures em praia imensa;  
Timares, vendo banhada de lágrimas a tumba vazia  
do filho, chora o pequeno Teleutágoras.

<sup>645</sup> Cf. núm. 270, com notas.

<sup>646</sup> Dólíque é outro nome para a ilha Icária, da qual o Drácano é um cabo.

<sup>647</sup> I.e. em Dóris, pequeno distrito limitado pela Etólia, o sul da Tessália e a Fócida.

<sup>648</sup> Cf. núm. 654.5-6.

### 653. DE PANCRATES

*Sobre o naufrago Epiérides, filho de Timandro*

O violento Lips<sup>649</sup> matou sob as ondas do Egeu  
Epiérides, quando iam dormir as Híades,  
e com ele o navio e os homens. Eis a sepultura vazia  
que um pai ergueu para o filho entre lágrimas.

### 654. DE LEÓNIDAS DE TARENTO

*Sobre um tal Timólito que foi destruído por uns piratas de  
Creta com o próprio navio*

São sempre uns ladrões, uns piratas e nunca justos,  
os Cretendes! Quem conhece a justiça dos Cretenses?  
Assim eu, que navegava com modesta carga,  
desgraçado Timólito, os Cretenses lançaram-me  
ao fundo do mar. Pelas aves marinhas e pelas gaivotas  
sou chorado, e não há Timólito sob a tumba.

### 655. DO MESMO

*Sobre Alcandro, filho de Calíteles*

Basta-me um monte de terra e cinza; sobre outro defunto  
deitado na tumba pese com sumptuosidade a imensa  
estela, fardo esmagador para os mortos. Que me conheçam,  
já morto, que importa a Alcandro, filho de Calíteles?

### 656. DO MESMO LEÓNIDAS

*Sobre o soldado Alcímenes*

Ao pequeno monte de terra e ao modesto monumento

---

<sup>649</sup> Personificação do vento de sudoeste. Na Torre dos Ventos de Atenas, é representado como uma figura masculina alada que segura um navio, símbolo do seu poder nocivo à navegação.

do desgraçado Alcímenes, homem, dirige-te,  
mesmo que tudo esteja coberto de silvas pontiagudas.  
Também do espinheiro eu era antes inimigo.

### 657. DO MESMO LEÓNIDAS

*Sobre a tumba de um tal Clitágoras, colocada no topo de uma montanha, pela qual passam os pastores com os rebanhos; penso que esta era em Éfeso*

Pastores, que no cume desta montanha vagueais sozinhos  
e pastais as vossas cabras e ovelhas ricas em lã,  
a Clitágoras, em nome da Terra, concedei pequena graça,  
porém útil, por respeito à subterrânea Perséfone.  
Balam para mim as ovelhas e que o pastor, sentado em pedra  
por polir<sup>650</sup>, lhes toque a doce flauta quando comem;  
que um aldeão, colhendo flores do prado no início da primavera,  
com uma grinalda enfeite a minha tumba,  
e que alguém a salpique com o leite de uma ovelha de fértil  
descendência, segurando-lhe o ubre cheio de leite  
e humedecendo o dorso da minha tumba. Até entre os mortos,  
há formas de retribuir as graças aos defuntos!

### 658. DE TEÓCRITO, OU DE LEÓNIDAS DE TARENTO

*Sobre a tumba de Eurimedonte, um homem bom, que deixou um filho com o mesmo nome e que teve a mesma tumba<sup>651</sup>*

Saberei se honras mais os homens de bem, ou se também  
o miserável de ti recebe igual estima, caminhante.  
“Saúdo esta tumba – dirás tu – já que ela repousa, ligeira,  
por cima da cabeça sagrada de Eurimedonte.”

<sup>650</sup> I.e., uma pedra que não faça parte da sepultura.

<sup>651</sup> O lema refere-se aos vv. 3-4 do núm. 658, juntamente com o núm. 659.

Deixaste um filho bebé, e no auge do viço também ele  
morreu, Eurimedonte<sup>652</sup>, e ocupa esta tumba.  
Tu, tens assento entre os homens divinos; ele, honram-no  
os cidadãos, lembrados da bravura de seu pai.

660. [DE LEÓNIDAS DE TARENTO]

*Sobre Órton de Siracusa, que morreu de bebedeira numa noite  
de tempestade*

Estrangeiro! Eis o conselho de um homem de Siracusa, Órton:  
“Bêbado, jamais viajes em noite de tempestade;  
foi isso que causou a minha morte, e em vez da minha terra  
pátria, jazo agora sepultado em terra estrangeira.”

661. [DO MESMO LEÓNIDAS]

*Sobre Êustenenes, o fisiognómano*

Esta a sepultura de Êustenenes: filósofo da aparência como era,  
era hábil em descobrir o carácter a partir do olhar<sup>653</sup>.  
Bem o sepultaram os companheiros, estrangeiro em terra  
[estranha,  
com o que compõe estes versos, seu grande amigo.  
Todas as honras que lhe eram devidas ao morrer, mesmo fraco  
como era, teve esse filósofo quem lhas concedesse.

662. [DE LEÓNIDAS]

*Sobre uma menina chamada Perístera, que morreu com sete anos*  
Esta menina partiu muito antes do tempo para o Hades,

---

<sup>652</sup> Pode tratar-se do general ateniense que fez parte da expedição à Sicília e que foi morto às portas de Siracusa em 413 a.C.

<sup>653</sup> A fisiognomia (ou fisiognomonía) era o estudo científico do temperamento a partir dos traços físicos. Empédocles, Hipócrates e Aristóteles a ela se dedicaram. De Êustenenes, nada mais sabemos.

com sete anos, superior a muitos da sua idade<sup>654</sup>,  
 desgraçada, por sentir a falta do irmão de vinte meses,  
 um bebé que provara já a despiedada morte.  
 Ai, Perístera, as tuas tristes dores! Como o destino  
 colocou próximo dos homens os piores males!

### 663. [DO MESMO LEÓNIDAS]

*Sobre uma mulher da Trácia*

O pequeno Medeu para a sua trácia ama construiu  
 esta sepultura na berma da estrada, e escreveu por  
 [baixo “Clita”].  
 Será recompensada esta mulher por ter criado o rapaz.  
 Como? É que mesmo depois de morta ela presta serviço.<sup>655</sup>

### 664. ANÓNIMO

*Sobre Arquíloco*

Detém-te e contempla Arquíloco<sup>656</sup>, o poeta antigo,  
 o dos iambos, ele cuja fama sem fim  
 se espalhou entre os limites da noite e da aurora<sup>657</sup>.  
 Muito o estimaram as Musas e o Délio Apolo,  
 de tal forma era melodioso e versado  
 em compor versos e cantá-los à lira.

---

<sup>654</sup> I.e., com uma maturidade que não é a de uma criança de sete anos, desde logo por morrer de saudades do irmão. Cf. o núm. 517, onde a protagonista parece, no entanto, mais velha.

<sup>655</sup> A sua tumba, na berma da estrada (v. 2), devia servir de marco ou sinal para os viajantes.

<sup>656</sup> Sobre Arquíloco, vd. nota ao núm. 69. Este epigrama não recupera, porém, a lenda biográfica do poeta e dos Licâmbidas, mas tem a forma de elogio tradicional a um poeta do passado.

<sup>657</sup> I.e., do poente ao nascente, por todo o mundo.

665. [DO MESMO LEÓNIDAS]

*Sobre o naufrago Prómaco*

Não te fies no tamanho nem na profundidade do navio  
que navegas; vence qualquer tipo o vento.

Uma rajada destruiu Prómaco, e uma onda o arrojou,  
com os marinheiros, para o mar vazio.

Mas não lhe foi o destino de todo adverso: na terra  
pátria teve a sorte de ter tumba e funerais  
às mãos da sua gente, uma vez que o mar escarpado  
devolveu o seu corpo às suas praias imensas.

666. DE ANTÍPATRO DE TESSALÓNICA

*Sobre a passagem de Leandro e Hero*

Eis a passagem de Leandro<sup>658</sup>, eis o estreito do mar  
que não apenas a esse amante foi funesto.

Aqui está a que foi a casa de Hero, e aqui as ruínas  
da torre; a chama traiçoeira posta em cima.

Esta tumba comum alberga ambos, eles que ainda  
agora censuram esse vento ciumento.<sup>659</sup>

---

<sup>658</sup> A lenda romântica de Hero e Leandro, contada entre outros por Museu (séc. V-VI), foi sempre muito recuperada na poesia e nas artes plásticas. Hero era uma sacerdotisa de Afrodite que vivia numa torre da cidade de Sesto, na margem do Helesponto; Leandro, jovem da cidade de Abidos, vivia na margem oposta. Tendo-se apaixonado por Hero, todas as noites o jovem atravessava o estreito ao seu encontro, guiado pela luz que ela acendia no alto de sua casa, até que uma tempestade apagou a chama, fazendo com que se afogasse. Quando Hero viu o cadáver do amado que tinha dado à costa, precipitou-se no mar para se lhe juntar na morte.

<sup>659</sup> O epigrama, não funerário, parece fazer a éfrase de uma pintura.

## 667. ANÓNIMO

*Sobre Amazónia, mulher extraordinária; na Igreja de Santa Anastácia em Tessalónica*

Porque choras em vão e ficas perto da minha tumba?  
 Nada tenho digno de lamentos entre os mortos.  
 Cessa os prantos e acalma-te, esposo meu; e vós, filhos,  
 saúde! Conservai só a memória de Amazónia!

## 668. DE LEÓNIDAS [DE ALEXANDRIA]

*Sobre alguém que recusa a navegação; o epigrama é isopséfico*<sup>660</sup>

Nem que Galena sorrisse para mim e acalmasse  
 as ondas, ou o Zéfiro soprasse brisa suave,  
 jamais subiria a um navio; receio os perigos que antes  
 enfrentei, quando lutava contra os ventos.<sup>661</sup>

## 669. DE PLATÃO

*Sobre Áster, discípulo do filósofo Platão*

Os astros contemplarás, Áster<sup>662</sup> meu! Pudesse eu ser  
 o firmamento, para te ver com olhos sem fim.

---

<sup>660</sup> I.e., somando o valor numérico de todas as letras, resulta num mesmo valor por cada dístico. Este tipo de puzzle poético era do gosto pessoal de Leónidas de Alexandria, e dele se conservam ainda os núms. 321-322 e 324-329 do livro VI da *Antologia*. Para uma explicação do género poético de Leónidas de Alexandria, bem assim a tentativa de correção dos epigramas, vd. Page (1981: 503-519).

<sup>661</sup> Não é um epitáfio, mas o assunto recorda o desejo de distância do mar, elemento assassino, um lugar comum nos epitáfios de naufragos. Cf. e.g. núms. 278, 284, 287, etc.

<sup>662</sup> Algo do jogo verbal em grego se mantém em tradução. Áster, segundo Diógenes Laércio (3.29), estudava astronomia com Platão.

### 670. DO MESMO

*Sobre o mesmo discípulo Áster*

Áster! Outrora brilhavas entre os vivos, estrela da manhã.  
Agora morreste, e és a estrela da tarde dos mortos.

### 671. ANÓNIMO, OU DE BIANOR

*Sobre o jovem Átalo*

Sempre insaciável Caronte! Porque raptaste assim o jovem  
Átalo? Não seria também teu se morresse velho?

### 672. ANÓNIMO

*Estava inscrito em Corinto; sobre André, exemplo de justiça*

A terra lhe guarda o corpo santo, mas o céu tem o glorioso  
[espírito  
de André, o que estabeleceu a justiça entre os Dánaos e os  
[Ilírios<sup>663</sup>,  
de bens ilícitos tendo conservado sempre isentas as suas mãos.

### 673. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo André, o piedoso*

Se a raça dos piedosos vive para além do fim da vida,  
habitando, como é de lei, nos lábios de cada mortal,  
tu, André, ainda vives, não morreste, e a região divina  
dos imortais recebeu-te ao cabo dos teus trabalhos.

---

<sup>663</sup> I.e. Gregos e não Gregos. O defunto é desconhecido, mas seguramente de época cristã.



## 674. DE ADRIANO

*Sobre Arquíloco, o poeta iambógrafo de Paros*

Eis o memorial de Arquíloco, o que para os iambos furiosos  
a Musa empurrou, por consideração pelo Meónida<sup>664</sup>.

## 675. DE LEÓNIDAS [DE ALEXANDRIA]

*Sobre um naufrago anónimo; isopséfico*<sup>665</sup>

Sem medo, solta as amarras da tumba do naufrago:  
eu já estou morto, mas outro ainda navega.<sup>666</sup>

## 676. ANÓNIMO

*Sobre o sábio Epicteto*

Fui o escravo Epicteto, desengonçado de corpo<sup>667</sup>,  
pobre como Iro<sup>668</sup> e caro aos imortais.

## 677. [DE SIMÓNIDES]

*Sobre a tumba do adivinho Megístias, assassinado pelos Persas;  
a partir das 'Histórias' de Heródoto*

Eis o memorial do ilustre Megístias, que outrora os Medos  
mataram após cruzarem o rio Esperqueu<sup>669</sup>,

---

<sup>664</sup> Homero, cuja fama seria prejudicada caso Arquíloco se tivesse dedicado à épica.

<sup>665</sup> Cf. nota ao lema do núm. 668.

<sup>666</sup> O mesmo assunto dos núms. 264, 266 (de Leónidas de Tarento) e 282 (de Teodóridas).

<sup>667</sup> Os antigos explicavam a deformidade física de Epicteto (50-135 d.C.), o filósofo estoico escravo de Epafrodito, cruel secretário de Nero, de uma de três formas: de nascença, em consequência de sucessivos brotes de reumatismo, ou da violência do seu patrão.

<sup>668</sup> O mendigo de Ítaca que recebe Ulisses no canto XVIII da *Odisseia*.

<sup>669</sup> Este rio, no território conhecido por Termópilas, dividia a Tessália e a Dória.

o adivinho que, embora sabedor da chegada das Queres<sup>670</sup>,  
 não quis abandonar os chefes Espartanos.<sup>671</sup>

### 678. ANÓNIMO

*Sobre um tal Sotérico, exemplo de coragem e justiça*

Cumprido o serviço militar, eu, Sotérico, aqui repouso,  
 tendo deixado a fortuna das minhas penas aos doces filhos.  
 Fui comandante da cavalaria, tal qual Nestor de Gerânia<sup>672</sup>,  
 e jamais por via de ações injustas acumulei um tesouro.<sup>673</sup>  
 Por isso, mesmo depois da morte vejo a luz do Olimpo.

### 679. DE SÃO SOFRÓNIO, O PATRIARCA

*Sobre o santo João, o patriarca Misericordioso de Alexandria*

– Tumba! Quem, de onde e filho de quem é o jovem que tens?

Conta as obras e a fortuna do cadáver que tens dentro.

– Este é João, de raça cípria, o que teve a sorte de ser

o nobre filho de Estéfano<sup>674</sup>, foi pastor da Fária<sup>675</sup>.

Em riquezas, teve mais que todos os que Chipre alimenta,  
 por via dos pais de seu pai e pelas suas obras justas.

Impossível dizer todas as obras divinas que realizou nesta terra  
 para o meu espírito, como para os lábios dos demais;

---

<sup>670</sup> Cf. nota ao núm. 439.3.

<sup>671</sup> Conta Heródoto (7.228), que transmite o epigrama, que Megístias, um Acarnense que acreditava ser descendente de Melampo, previra a própria morte quando acompanhou os Espartanos às Termópilas. Leônidas ter-lhe-á ordenado que abandonasse a batalha, o que ele recusou.

<sup>672</sup> Nestor de Gerânia (cf. núm. 174), o rei de Pilos que foi o mais velho combatente grego em Troia, exemplo de prudência e bom comando.

<sup>673</sup> Referindo-se aos espólios de guerra.

<sup>674</sup> João I de Alexandria, Patriarca de Alexandria entre 481 e 482. O seu pai fora governador de Chipre.

<sup>675</sup> I.e. Alexandria, a partir do epíteto de Ísis Fária, na iconografia bizantina representada como a deusa do Farol de Alexandria.

ultrapassou, pelas suas virtudes brilhantes, todo o homem  
 que parecia vencer os demais pelas suas virtudes.  
 Também dele são todas as maravilhas que esta cidade recebeu,  
 ornamento da sua benevolência combativa.

### 680. DE SOFRÓNIO, O PATRIARCA

*Sobre o mesmo João*

João, o chefe-máximo das virtudes sagradas da Fária,  
 jaz agora aqui, tendo chegado ao fim, na pátria amada.  
 O seu corpo era mortal, mas havia de ter vida imortal  
 e incontáveis obras imortais realizar cá nesta terra.

### 681. DE PÁLADAS DE ALEXANDRIA

*Sobre Géssio<sup>676</sup>; injúrias*

Não partiste por motivos de honra, mas por causa da morte,  
 e embora fosses coxo foste a correr para o Hades,  
 Géssio, mais veloz que as Parcas<sup>677</sup>. Por antecipação  
 do que sonhavas, abriste as portas da morte.

### 682. DO MESMO

*Sobre o mesmo*

Géssio não morreu apressado pela Parca;  
 chegou ao Hades antes da Parca.

---

<sup>676</sup> Personagem completamente desconhecida, contemporânea do poeta, a quem Páladas dedica os núms. 681-688, mais satíricos que funerários. Páladas parece insistir no facto de que a morte deste indivíduo foi acelerada com a recusa do consulado que lhe haveriam prometido uns astrólogos (núms. 687.4, 688). Sobre estes epigramas e o seu destinatário, vd. Bowra (1960: 91-95).

<sup>677</sup> Cf. nota ao núm. 12.4.

### 683. DE PÁLADAS DE ALEXANDRIA

*Sobre Géssio; invetivo*

“Nada em excesso!”, disse o mais sábio dos Sete Sábios;  
tu não lhe fizeste caso, Géssio, e por isso sofres.  
Inteligente que eras, sem inteligência acabaste censurado  
por te teres empenhado em subir a escada do céu.  
Foi assim que o cavalo Pégaso fez morrer Belerofonte,  
que queria estudar sobre os astros e as suas leis;  
mas tinha um cavalo e o espírito aventureiro da juventude,  
e Géssio sequer tinha coragem para se aliviar.

### 684. DO MESMO

*Sobre o mesmo Géssio, o governador (?)<sup>678</sup>*

Mortal algum jamais aspire a ser também um deus,  
nem ao puder supremo, vaidade arrogante.  
Géssio é bom exemplo: caiu forte de alta ascensão,  
e não mais lhe bastou a felicidade mortal

### 685. DO MESMO

*Sobre o mesmo Géssio*

Buscaste e achaste o fim da vida e da felicidade,  
buscando um cargo que te levasse ao topo.  
Mas lograste essa honra, Géssio, e depois<sup>679</sup> da morte  
recebeste as insígnias derradeiras do poder.

---

<sup>678</sup> Apenas uma hipótese não fundamentada para traduzir termo *arcon* do lematista (também no lema do núm. 688, de um corretor tardio de **P**), que designaria um qualquer cargo público desempenhado por este Géssio, ao qual não quis conformar-se.

<sup>679</sup> Ou “na morte”. Pode de facto ter recebido honras consulares póstumas, ou a ironia de Páladas atingir aqui um ponto máximo, sugerindo o seu assassinato.

## 686. DO MESMO

*Sobre o mesmo Géssio*

Quando Báucalo viu Géssio, quando acabava de morrer,  
 mais preguiçoso do que nunca, assim lhe falou:

“Géssio, como foste tu descer à morada do Hades  
 assim nu, sem funeral, em novo traje fúnebre?”

Respondeu-lhe rapidamente Géssio, muito enraivecido:

“Báuculo! A ambição também traz a morte.”

## 687. DO MESMO

*Sobre o mesmo Géssio*

Quando Géssio descobriu a fraude que era o oráculo de Ámon,  
 estando já prestes a morrer em terra estrangeira,  
 então condenou a sua crença, essa ciência em si mesma  
 e quantos confiam em astrólogos absurdos.

## 688. DO MESMO

*Sobre o mesmo Géssio; este Géssio foi governador (?) de uma  
 parte de Alexandria*

Os dois Calcas<sup>680</sup> mataram Géssio com as suas profecias,  
 prometendo-lhe assento entre os grandes cônsules.

Ó raça dos homens parecida ao vento, irada consigo mesma,  
 completamente ignorante até ao final da vida!

---

<sup>680</sup> I.e. adivinhos. Calcas era o melhor dos adivinhos da mitologia grega, o que, entre outras coisas, vaticinou o sacrifício de Ifigénia para que a armada grega pudesse remar a Troia.

### 689. ANÓNIMO

*Sobre Apeliano, cristão e piedoso*

Aqui deixou o corpo Apeliano, muito ilustre;  
a alma, entregou-a nas mãos de Cristo.

### 690. ANÓNIMO

*Sobre Píteas, um sábio*

Nem morto perdeste toda a fama ilustre que tinhas na terra,  
mas vivem ainda todas as graças esplêndidas do teu espírito,  
o que fizeste e aprendeste, por natureza de inteligência superior!  
Por isso foste para a ilha dos bem-aventurados, Píteas.

### 691. ANÓNIMO

*Sobre Calicrateia, a esposa de Zenão que se compara a Alceste*

Sou uma nova Alceste<sup>681</sup>: morri pelo meu nobre esposo  
Zenão, o único que recebi no meu seio,  
o que à luz e aos filhos queridos o meu coração preferiu;  
o nome é Calicrateia, exemplo para todos os mortais.

### 692. DE ANTÍPATRO OU DE FILIPE DE TESSALÓNICA

*Sobre Glícon, atleta de Pérgamo*

Glícon de Pérgamo<sup>682</sup>, a glória da Ásia,  
relâmpago do pancrácio, o de pés grandes,  
novo Atlas, ele e as suas mãos invencíveis  
já se foram. O que antes nunca tombou ao chão

---

<sup>681</sup> Personagem-título de uma tragédia de Eurípides, Alceste ofereceu a vida em troca da do marido Admeto.

<sup>682</sup> Horácio (*Epístulas* 1.1.30) menciona um atleta seu contemporâneo homónimo.

na Itália, nem na Hélade nem na Ásia,  
o Hades que tudo subjuga o derrubou.

### 693. DE APOLÓNIDES

*Iâmbico; sobre um naufrago chamado Glénis, sepultado junto  
à costa*

Eu, monte de pedras da costa, cubro Glénis,  
arrastado no turbilhão de uma onda  
quando pescava do alto de um penhasco;  
ergueu-me o grupo dos seus colegas de ofício.  
Posídon! Salva-os a eles, e garante sempre  
uma costa calma aos pescadores de linha.

### 694. DE ADAIO

*Sobre um certo Filoprágmon*

Se te aproximares do herói (Filoprágmon é o seu nome),  
posto<sup>683</sup> numa encruzilhada à entrada de Potideia,  
diz-lhe com que propósito te desloca; rapidamente ele  
encontrará contigo uma boa forma de te ajudar.

### 695. DE ADAIO

*Sobre a sábia Cássia*

Contemplas o rosto de Cássia, uma virtuosa.  
Se já morreu, pelas suas virtudes é conhecida  
mais a beleza da sua alma que a do seu corpo.

---

<sup>683</sup> Não é claro que se trate de um túmulo, nem que o epigrama seja funerário. Nada sabemos deste Filoprágmon, cujo nome fictício significa “o muito ativo”.

## 696. DE ÁRQUIAS DE MITILENE

*Sobre um sátiro que morreu pendurado por se ter batido com Apolo, tal como Mársias*

Balanças-te, o teu corpo de animal açoitado pelos ventos,  
 desgraçado, suspenso de um pinheiro frondoso<sup>684</sup>  
 te balanças. Contra Febo te enfrentaste em luta desigual,  
 Sátiro que habitavas as montanhas de Celenas<sup>685</sup>.

O som da tua flauta de doces notas, nós, as Ninfas, não mais  
 o escutaremos como antes nas montanhas da Frígia.

## 697. DE CRISTODORO

*Sobre João de Epidamno, um Dirráquio da cidade de Lícido*

Esta tumba cobre João, o que foi de Epidamno  
 a estrela, a que outrora os filhos ilustres  
 de Hércules fundaram – por isso, herói vigilante,  
 sempre pôs termo à força bruta dos injustos.

Teve, de seus piedosos antepassados, como pátria ilustre  
 Lícido<sup>686</sup>, cidade que o fenício Cadmo ergueu;  
 era ele, assim, uma lamparina do Hélicon, pois foi Cadmo  
 quem primeiro ensinou aos Dánaos a forma das letras<sup>687</sup>.  
 Brilhou ao chegar a cônsul, e aplicando a justiça aos Ilírios  
 entrançou as Musas com a mais pura justiça.

---

<sup>684</sup> Trata-se de facto de Mársias, e não de uma história parecida à sua, como pretende o lema. Mársias desafiara Apolo para uma competição musical, sendo que o vencedor teria o direito de punir o perdedor. Sendo derrotado, Mársias é amarrado a uma árvore e esfolado vivo. Do seu sangue, nasce o rio Mársias, na Frígia. Cf. Heródoto 7.26.

<sup>685</sup> Na Frígia.

<sup>686</sup> Cidade da Ilíria.

<sup>687</sup> Cadmo, o lendário fundador de Tebas, passava por introdutor do alfabeto (fenício) na Grécia.



## 698. DO MESMO CRISTODORO

*Sobre o mesmo João, e como partiu desta vida com apenas quarenta e dois anos*

É João de Epidamno em pessoa aquele que aqui repousa,  
 muito ilustre adorno dos cônsules sempre ilustres,  
 o que em mim espalhou a doce luz das Musas, e mais  
 que outros alargou o trabalho do gênio hospitaleiro,  
 detentor de uma mão que a todos alimentava, o único  
 que não conheceu limite para a sua benevolência.  
 Bem alto elevou, com as [leis] pátrias, [o seu consulado],  
 dando brilho aos trabalhos da pura justiça.  
 Mas, ai! Não viveu por muito tempo, e ao completar  
 apenas quarenta e dois anos partiu deste mundo,  
 deixando saudade a todos os servidores das Musas,  
 que ele amava mais que os próprios pais.

## 699. ANÓNIMO

*Sobre alguém que correu perigo no mar Icário; não tendo morrido, censura fortemente o mar Icário*

Tumba da desastrosa viagem de Ícaro, voando  
 através do ar recém-trilhado, Icária!  
 Oxalá ele<sup>688</sup> nunca te tivesse visto, e o próprio Tritão  
 não te tivesse mostrado no dorso do Egeu.  
 É que não tens ancoradouro seguro, nem pela margem  
 do Bóreas nem pela praia das ondas do Noto<sup>689</sup>.  
 Desaparece, terror dos navios, má hospedeira! Longe  
 de ti eu navegue, como do odioso Hades.

---

<sup>688</sup> De o referente ser o próprio Ícaro – o filho de Dédalo que tentou sair de Creta a voar, mas caiu no mar Egeu por aproximar-se demasiado do sol –, não se trata de um epitáfio.

<sup>689</sup> I.e., nem a norte nem a sul há um porto de abrigo no mar Icário.

## 700. DE DIODORO, O GRAMÁTICO

*Sobre Paula de Tarento, esposa de um certo Rufino (sic)*

Fica a saber, palácio de pedra desta noite que me cobre,  
 e tu, corrente do Cocito cercada de gemidos,  
 que o meu marido não me matou, como dizem, buscando  
 novas bodas; porquê dar a Rufino uma fama vazia?  
 As Queres<sup>690</sup> fatídicas aqui me trouxeram. Não foi a única,  
 Paula de Tarento, a morrer antes do tempo.

## 701. DO MESMO DIODORO

*Sobre Aqueu de Niceia, filho de Diomedes*

Ao valente guerreiro Aqueu, a sua cidade querida ergueu  
 esta inscrição junto às águas de Ascânia<sup>691</sup> de boa corrente.  
 Niceia chorou-o; e em sua homenagem o seu pai Diomedes  
 ergueu esta sepultura de pedra que brilha nas alturas,  
 lamentando, desgraçado, a sua triste sorte. É que era suposto  
 ser o filho a prestar-lhe tais honras, quando morresse.

## 702. DE APOLÓNIDES

*Sobre o pescador Menétrato, que se engasgou com um bodião<sup>692</sup>*

Ao pescador Menétrato matou-o a captura da sua rede,  
 tirada do mar pela linha de seis fios,  
 quando um bodião vermelho<sup>693</sup>, abrindo a boca ao isco  
 errante do anzol, engoliu esse afiado embuste;

---

<sup>690</sup> Cf. nota ao núm. 439.

<sup>691</sup> Região da Bitínia, entre a Frígia e a Mísia, onde se localizava Niceia, nas margens do lago de Ascânia.

<sup>692</sup> Cf. núm. 504 (com nota), imitação de Leónidas de Tarento deste epigrama.

<sup>693</sup> Pode o original ser uma perífrase para designar um salmonete.

Ao mordê-lo com os dentes ele o matou, dando um salto  
violento e mergulhando na sua goela escorregadia.

### 703. DE MIRINO

*Sobre Tírsis, o aldeão que Teócrito elogia*

Tírsis, o aldeão, o pastor dos rebanhos das ninfas,  
Tírsis, o que a tocar a flauta é igual a Pã  
e bebe vinho ao meio-dia, dorme à sombra deste pinheiro,  
e com o seu cajado Eros lhe guarda os rebanhos.  
Ai Ninfas, Ninfas! Acordai esse pastor que não tem medo  
dos lobos, não vá Eros ser presa de bestas selvagens.<sup>694</sup>

### 704. ANÓNIMO

*Sobre um desconhecido*

Quando eu morrer, misture-se a terra com o fogo,  
já não me importa! Eu cá já estarei bem.<sup>695</sup>

### 705. DE ANTÍPATRO DE TESSALÓNICA

*Busca o sentido do epigrama, pois é confuso e enganador*

Tu, banhada pelo Estrímon e pelo Helesponto imenso,  
monumento fúnebre da edónia Fílis<sup>696</sup>, Anfípolis!

---

<sup>694</sup> Epigrama não funerário, antes efrástico de uma pintura ou relevo que representava o motivo frequente do pastor adormecido. A referência específica a Tírsis, protagonista do *Idílio* 1 de Teócrito, testemunha a fama deste poeta (e do género pastoril em geral) na transição do século I a.C. para o I d.C.

A sua inclusão entre os epitáfios de **P** deve ter-se ficado a dever ao uso do verbo “dormir” (v.3), comum nos epigramas fúnebres – e ainda hoje – com o sentido de “estar morto”.

<sup>695</sup> Díon Cássio e a *Suda* testemunham que este provérbio era muito usado por Tibério e Nero.

<sup>696</sup> Rainha da Fócida que se apaixonou por Demofonte, filho de Teseu, e com ele viveu na Trácia. Ao partir para Atenas, Demofonte

De ti restam as ruínas do templo da Etópia Braurónia<sup>697</sup>  
 e a água de um rio pela qual se combate;  
 a que outrora era a grande luta dos filhos de Egeu, qual  
 farrapo purpúreo entre duas margens a vemos.

## 706. DE DIÓGENES

*Sobre o filósofo Crisipo*

Crisipo ficou tonto por beber Baco  
 de um trago, e não poupou  
 o pórtico, nem a pátria nem a alma,  
 mas foi para a morada do Hades.<sup>698</sup>

## 707. DE DIOSCÓRIDES

*Sobre a tumba de um tal de Sosíteo*

Também eu velo o corpo de Sosíteo, como na cidade<sup>699</sup>  
 outro dos meus irmãos vela o de Sófocles,<sup>700</sup>  
 eu, Esquirto de barba ruiva. Este homem envergou a hera,  
 juro pelos coros, com justiça aos Sátiros de Fliunte,  
 e a mim, que havia já sido instruído nas novas modas,

---

prometeu-lhe voltar. Na demora em cumprir a promessa, Fílis pôs termo à própria vida, por enforcamento ou lançando-se ao mar, conforme as versões. A referência ao local da sepultura de Fílis é meramente topográfica no epigrama, não fazendo dele um epitáfio.

<sup>697</sup> Dois epítetos de Ártemis: com o primeiro era designada na região da Eubeia; com o segundo era cultuada em Bráuron, na Ática, por raparigas prestes a entrar na puberdade.

<sup>698</sup> Diógenes Laércio (7.184), que também transmite o epigrama, informa que Crisipo teria morrido com 73 anos, em consequência de um banquete em que bebera demasiado vinho puro.

<sup>699</sup> Atenas, mais propriamente a acrópole dessa cidade.

<sup>700</sup> Como já referido no núm. 37, também de Dioscórides. Ateneu (7.290c) informa que a sepultura de Sófocles era encimada por uma Sirene, não um Sátiro, pelo que a referência de Dioscórides deve ser pura imaginação poética.

devolveu-me à memória da pátria, voltando ao antigo;  
de novo me entreguei ao ritmo viril da Musa dórica  
e, arrastado para um canto superior,  
o ruído dos tirsos recém-cortados à mão me agradou,  
graças ao espírito aventureiro de Sosíteo<sup>701</sup>.

#### 708. DO MESMO

*Sobre um comediógrafo*

Sê ligeira, ó terra, sobre o comediógrafo, e a hera amiga  
do teatro faz que cresça na tumba de Mácon.  
Pois não guardas um plagiador preguiçoso, mas da arte  
antiga é digno vestígio aquele que tu cobres.  
Isto dirá o velho: “Cidade de Cécrops!”<sup>702</sup> Também junto  
ao Nilo pode crescer o tomilho amargo<sup>703</sup> para as Musas.

#### 709. DE ALEXANDRE

*Investiga, pois engana e é confuso*

Sardes antiga, casa de meus pais! Se contigo tivesse sido criado,  
seria um portador de vasos sagrados ou um eunuco  
vestido de ouro que toca os seus belos tambores. Mas Álcman<sup>704</sup>  
é o meu nome, sou de Esparta de muitas trípodes

---

<sup>701</sup> Sosíteo, dos inícios do séc. III a.C., ficou conhecido pelos seus dramas satíricos (cuja origem se situa em Fliunte), dos quais conservamos alguns fragmentos.

<sup>702</sup> Atenas.

<sup>703</sup> O tomilho era um símbolo frequente na comédia antiga e, segundo Aristóteles, a espécie autóctone da Ática era a mais amarga de todas. Desta forma, Dioscórides refere a biografia de Mácon, poeta cómico natural de Corinto (ou Sícion) que viveu grande parte da sua vida em Alexandria, onde foi professor de Aristófanes (o Gramático) e onde se encontrava, segundo Ateneu, a sua tumba com este epigrama inscrito. Não faz, portanto, grande sentido a sua atribuição a Dioscórides.

<sup>704</sup> Cf. núm. 18.5-5 (com nota).

e conheço bem as Musas Helicónias, as que me fizeram maior que o tirano Giges<sup>705</sup>, o filho de Dásilo.

710. DE ERINA DE MITILENE<sup>706</sup>

*Sobre Báucis de Mitilene (sic), companheira de Erina*  
 Estelas e Sirenes minhas, e tu, urna tão lamentada,  
 que guardas para Hades a minha pobre cinza,  
 cumprimenta os que passarem pela minha sepultura,  
 sejam eles cidadãos ou de outra cidade;  
 e diz-lhes que a tumba guarda, em mim, uma noiva,  
 que o meu pai me chamava Báucis e que sou  
 de raça de Tenos; e mais, que a minha companheira  
 Erina gravou estas linhas sobre a tumba.

711. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]

*Sobre Clinarete, filha de Nicipo e Demo, que morreu virgem*  
 Já estava adornada de açafrão, para a noiva de Pítane<sup>707</sup>,  
 Clinarete, a cama dentro do tálamo dourado,  
 e os seus pais já ansiavam acender a dupla chama da tocha  
 de braços esticados, erguendo-a com ambas mãos,  
 Demo e Nicipo. Foi então que a doença, raptando a moça,  
 a conduziu até ao pélago do Esquecimento<sup>708</sup>.  
 Tomadas de dor, as companheiras não lhe bateram à porta,  
 mas no peito, cumprindo o ritual de Hades.

---

<sup>705</sup> Giges (m. 644 a.C.) foi o primeiro rei da dinastia dos Mérmnadas da Lídia, conhecido, entre muitos outros aspetos, pela opulência do seu reinado.

<sup>706</sup> Cf. nota ao lema do núm. 12.

<sup>707</sup> Cidade da Mísia.

<sup>708</sup> Metáfora para o rio Letes, um dos rios do Hades. Cf. nota ao núm. 25.

## 712. DE ERINA

*Sobre Báucis, uma noiva que morreu no tálamo*

Pertenço à noiva Báucis; se passares pela minha estela  
 muito chorada, diz a Hades subterrâneo:  
 “És um ciumento, Hades!”<sup>709</sup> Vê estas belas letras na pedra  
 e ficarás a saber o muito cruel destino da *Baucinha*,  
 como a moça, com essas tochas diante das quais se cantava  
 o himeneu, foi pelo sogro queimada na pira;  
 e como tu, Himeneu, a afinada melodia dos casamentos  
 trocaste pelo som dos trenos cheios de gemidos.

## 713. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]

*Sobre Erina, a poetisa lésbica*<sup>710</sup> *cujos trezentos versos rivalizam com Homero*

Erina fez poemas de poucos versos e poucas palavras;  
 mas recebeu as Musas o seu pequeno poema<sup>711</sup>.  
 Por isso não se perdeu a sua memória, nem pelas asas  
 sombrias da negra Noite ela se encontra oculta;  
 somos nós, estrangeiro, multidão incontável de poetas  
 recentes, que nos perdemos no esquecimento.  
 É preferível o canto breve do cisne do que o grasnar  
 das gralhas por entre as nuvens de primavera.

## 714. ANÓNIMO

*Sobre Íbico, o poeta lírico*

Canto Régio<sup>712</sup>, promontório da pantanosa Itália

<sup>709</sup> Repetido no núm. 13.4, de Leónidas de Tarento.

<sup>710</sup> O adjetivo “lésbico”, neste ponto, recupera a tradição de que Erina era contemporânea e conterrânea de Safo. Cf. nota ao núm. 12.

<sup>711</sup> *A Roca*, sobre a morte de Báucis. Cf. nota ao núm. 12.

<sup>712</sup> Régio Calábria, pátria de Íbico, que passou porém a maior parte

que sempre bebe da água da Trinácia<sup>713</sup>,  
 ela que o amante da lira e amante de rapazes,  
 Íbico, pôs debaixo de um choupo frondoso,  
 o que conheceu muitos prazeres; sobre a sua tumba  
 espalhou hera e plantou a cana branca<sup>714</sup>.

### 715. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]<sup>715</sup>

*Sobre Leónidas de Tarento, o autor de epigramas que escreveu isopséficos*<sup>716</sup>

Muito longe da Itália jazo, fora de Tarento, a minha terra  
 pátria; isso, para mim, é mais amargo que a morte.  
 A vida do viajante é não viver! Mas as Musas amaram-me,  
 e pelas minhas penas tenho doce recompensa.  
 Não desapareceu o nome de Leónidas; os próprios dons  
 das Musas hão de proclamá-lo até ao fim dos dias.

### 716. DE DIONÍSIO DE RODES

*Sobre alguém de Rodes que morreu novo*

Antes do tempo, mas saudoso para quantos habitamos a cidade  
 de Iálisto<sup>717</sup>, afundaste-te no amargo mar do  
 [Esquecimento]<sup>718</sup>,

---

da vida em Samos e morreu em Corinto.

<sup>713</sup> Ou Trinácia (“dos três promontórios”), referindo-se ao Mar da Sicília.

<sup>714</sup> Se a hera é o símbolo mais comum da glória poética, a “cana branca” simboliza a música (i.e. a poesia), pois dela se faziam as flautas. Trata-se, especificamente, da *arundo donax*, mais conhecida entre nós como cana-do-reino.

<sup>715</sup> Deve antes ser da autoria de um amigo ou colega de Leónidas, composto para encabeçar ou encerrar um florilégio de poemas seus.

<sup>716</sup> Confusão com Leónidas de Alexandria, ele sim cultor desse género de epigramas. Cf. nota ao lema do núm. 668.

<sup>717</sup> Cidade de Rodes.

<sup>718</sup> Cf. núm. 711.6 (com nota).





### 719. DE LEÓNIDAS DE TARENTO

*Sobre Télen, o que iniciou a arte de fazer rir*

Eis a tumba de Télen<sup>723</sup>; guardo debaixo da terra o velho  
que primeiro soube compor canções para rir.

### 720. DE QUERÉMON

Clevas, filho de Etímocles! Brandindo a lança por Tírea<sup>724</sup>  
tu morreste, tendo anexado a terra disputada.

### 721. DO MESMO

*Investiga, porque o epigrama é inqualificável*

Nós, os de Esparta, igual número de Argivos e com as mesmas  
armas combatíamos – Tírea era o prémio da luta.  
Ambos, abandonando sem pretextos a ideia de voltar a casa,  
aos pássaros confiámos a notícia da nossa morte.

### 722. DE TEODÓRIDAS

*Sobre Timóstenes, filho de Molosso*

Choro Timóstenes, que morreu em combate, o filho de Molosso,  
defunto estrangeiro na terra estrangeira da Cecrópia<sup>725</sup>.

### 723. ANÓNIMO

*Sobre a cidade dos Lacedemónios*

Tu, que antes eras invencível e inacessível, Lacedemónia,

---

<sup>723</sup> Um bufão, no fundo, do tempo de Epaminondas (inícios dos séc. IV a.C.). Plutarco (*Moralia* 193f) considera-o um “auleta terrível”.

<sup>724</sup> Os núms. 720 e 721 referem-se ao mesmo contexto bélico dos núms 244, 430-432 e 526. Cf. nota ao lema do núm. 244. Ao passo que o núm. 720 é um epitáfio individual, o núm. 721 é coletivo.

<sup>725</sup> Atenas.

vês agora nas margens do Eurotas<sup>726</sup> um fumo olénio<sup>727</sup>,  
e não há sombra; as aves choram, fazendo no chão o seu ninho,  
e os lobos já não escutam o balir os rebanhos.

#### 724. DA POETISA ÂNITE

*Sobre Proarco, que morreu a defender a pátria*

No viço te enviaram para a guerra, jovem Proarco, e a casa  
de teu pai encheste de luto sombrio ao morrer.  
Porém, é bela a mensagem que canta a lápide sobre ti,  
que morreste a defender a tua pátria amada.

#### 725. DE CALÍMACO

*Sobre Menécrates, que bebeu demais e morreu*

– Menécrates de Énoe!<sup>728</sup> Tampouco tu estiveste por cá longo  
tempo. O que foi, melhor dos hóspedes, que te venceu?  
O mesmo que ao Centauro?<sup>729</sup> – O sono que me estava destinado  
chegou, mas é o pobre do vinho que recebe as culpas!

#### 726. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

*Sobre Plátis, uma velha que não dormia*

Muitas vezes enganava o sono noturno e o matinal  
a velha Plátis, de forma a afastar a miséria;  
para a roca e para fuso, companheiro de ofício, ela  
cantava, já às portas da velhice encanecida,  
enquanto, sentada ao tear, cumpria até de manhã

---

<sup>726</sup> Rio de Esparta (a Lacedemónia).

<sup>727</sup> I.e. Aqueu, referindo-se à invasão aqueia de Esparta em 207 ou 189 a.C.

<sup>728</sup> Cidade da Trácia, cujos habitantes tinham a fama de bons bebedores.

<sup>729</sup> Alusão à morte de Polifemo, adormecido por excesso de bebida, na *Odisseia*.

a longa tarefa de Atena<sup>730</sup> com as Graças,  
 ou alisava, com a mão enrugada no joelho enrugado,  
 mas graciosa, a meada suficiente para a trama.  
 Aos oitenta anos contemplou a água do Aqueronte  
 Plátis, ela que tão bem tecera belos tecidos.

## 727. DE TEETEO

*Sobre Fíleas, autossuficiente e sábio convicto*

Em inteligência, parece que Fíleas não ficava atrás  
 de ninguém – chore o invejoso até morrer!  
 Porém, é vão o lucro da glória: é que, no Hades,  
 Tersites não é menos considerado que Minos.<sup>731</sup>

## 728. DE CALÍMACO

*Sobre uma velha sacerdotisa de Deméter, que morreu em boa hora*

Eu, antes sacerdotisa de Deméter e depois dos Cabiros<sup>732</sup>,  
 meu amigo, e depois ainda da deusa de Dídime,  
 eu que envelheci e sou agora cinza...  
 fui a protetora de muitas jovens mulheres.  
 Dei à luz dois filhos varões, e foi nos braços deles,  
 feliz velhice!, que fechei os olhos. Vai em paz!

---

<sup>730</sup> Atena era a divindade tutelar do ofício das tecedeiras. Cf. *AP* 6.39, 48, 160, 247, etc.

<sup>731</sup> O primeiro era considerado o mais covarde dos guerreiros da *Iliada* (e.g. 2.212-214), ao passo que o segundo sempre foi modelo do homem sábio.

<sup>732</sup> Os Cabiros, normalmente considerados filhos de Hefesto, eram divindades de definição obscura, cultuados na Samotrácia e também, entre muitos outros lugares, na Beócia, onde se associavam ao culto de Deméter Cabíria. Cf. Pausânias 9.25.5.

## 729. DE TIMNES

*Sobre uma mulher que morreu ao dar à luz*

A bondosa filha de Tritão não teve a sorte de um parto auspicioso; ou não teria ela morrido, infeliz, ao dar à luz. Com ela, uma só criança levou para o Hades tanta alegria; mas não viveu além da décima aurora.

## 730. DE PERSES

*Sobre Mnasila e a sua filha Neotima*

Infeliz Mnasila! Porque está sobre a tua sepultura este retrato pintado<sup>733</sup> da tua tão chorada filha Neotima? Ela, cuja vida, outrora, as dores do parto arrebataram? Ela jaz, como se nuvem sombria lhe cobrisse as pálpebras, nos braços da mãe querida. Ai, ai! Não longe, o pai Aristóteles descansa a cabeça na sua mão direita. Oh, muito desgraçados! Nem na morte esqueceste a vossa dor!

## 731. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

*Sobre um velho que se apoiava num bastão como a videira num esteio; o seu nome era Gorgo*

“Como a videira num esteio, apoio-me eu próprio num bastão; a Morte chama-me para o Hades. Não faças orelhas moucas, Gorgo! Porque julgas melhor arder debaixo do sol mais três ou quatro verões?”

---

<sup>733</sup> O epigrama descreve a pintura (ou baixo-relevo) que, antes de morrer, os pais de Neotima teriam mandado fazer, representando a ambos a lamentar a filha morta.

Assim falando, sem arrogância, o velho e afastou de si a vida e partiu para a morada comum a todos<sup>734</sup>.

### 732. DE TEODÓRIDAS

*Sobre um certo velho; [o epigrama] é inqualificável por causa dos seus equívocos*

Partiste, sem bastão ainda, Cinésias, filho de Hermolau, a pagar a Hades a dívida que tinhas para com ele, e embora velho a ele chegaste inteiro. Vendo em ti justo devedor, ele te estima, o Aqueronte que tudo vence.

### 733. DE DIOTIMO

*Sobre duas velhas irmãs, Anaxo e Cleno, filhas de Epícrates, mortas com setenta e nove anos*

Erámos duas velhas, irmãs legítimas da mesma idade, Anaxo e Cleno, filhas gémeas de Epícrates; quando vivia, Cleno era sacerdotisa das Graças, e Anaxo servia Deméter em nome da cidade. Nove dias faltavam para completar oitenta anos no momento da nossa morte; mas não lamentamos os anos que nos tocaram. Amámos os nossos esposos e os nossos filhos; e foi já velhas que, antes deles, encontrámos uma morte suave.

---

<sup>734</sup> Literalmente, “a morada dos numerosos”, expressão que em latim e em grego designa o reino dos mortos.

## 734. ANÓNIMO

*Sobre a tumba anónima de um velho*

[...] <sup>735</sup>

– Pois bem, caro ancião! Possam os teus filhos afortunados  
também trilhar o caminho da velhice encanecida!

## 735. DE DAMAGETO

*Sobre uma certa Teano, esposa de Apélico, que morreu*

Foceia <sup>736</sup>, ilustre cidade! De Teano foram estas as palavras  
derradeiras, quando descia à treva infecunda:

“Ai de mim, infeliz! Como podes, Apélico, esposo meu,  
como podes cruzar o mar no teu navio veloz,  
enquanto a morte de mim se acerca? Como eu preferiria  
morrer segurando a tua mão querida na minha!

## 736. DE LEÓNIDAS DE TARENTO

*Conselho para não andar de um lado para o outro, antes  
contentar-se com pouco*

Não te mates, homem, levando uma vida errante,  
divagando sempre de uma terra para outra,  
não te mates! Que choupana modesta te dê abrigo,  
aquecida por um pequeno borrarho aceso;  
que tenhas desse pão comum de farinha grosseira,  
amassado pelas tuas mãos sobre a pedra,  
e não te falte também menta, tomilho e sal grosso,  
doce em misturas, para comer com o pão. <sup>737</sup>

<sup>735</sup> O texto do primeiro dístico está irremediavelmente corrompido, mas devia iniciar o diálogo entre o defunto e o transeunte que profere os últimos dois versos. Vd. Page (1981: 359-360).

<sup>736</sup> A mais setentrional das cidades portuárias da Iónia.

<sup>737</sup> Não é um epitáfio.

737. ANÓNIMO

*Sobre alguém que foi morto por uns ladrões*

Neste lugar, desgraçado de mim, fui morto pela espada  
de um ladrão; e jazo, sem ninguém que me chore.

738. DE TEODÓRIDAS

*Sobre Timarco, que naufragou em Salamina*

As “Chaves” do mar, os promontórios de Salamina<sup>738</sup>  
e o impetuoso Lips<sup>739</sup> te destruíram, Timarco,  
com o navio e a carga; a tua cinza escura foi quanto  
receberam, infeliz, os teus familiares enlutados.

739. DE FÉDIMO

*Sobre o naufrago Aristágoras<sup>740</sup>, que se aventurou perto de  
Escíato*

Choro<sup>741</sup> por Polianto, transeunte, o jovem marido  
que a esposa Aristágora levou à tumba,  
recebendo as suas cinzas e os ossos – ele, que a vaga  
tempestiva do Egeu matara perto de Escíato<sup>742</sup>,  
o desgraçado –, depois que os pescadores da manhã,  
estrangeiro, o arrastaram para o porto de Torone<sup>743</sup>.

---

<sup>738</sup> A Salamina de Chipre, mais propriamente no lado oriental da ilha, perto da qual se encontram os rochedos que já Heródoto (5.108) designava de “Chaves de Chipre”.

<sup>739</sup> Cf. nota ao núm. 653.

<sup>740</sup> Confusão do lematista. O nome do naufrago é Polianto, esposo de Aristágora (vv. 1-2).

<sup>741</sup> Deve falar a estátua, lacrimosa, posta sobre a sua sepultura.

<sup>742</sup> Ilha do atual arquipélago das Espórades, a oeste da Grécia continental.

<sup>743</sup> Cidade da Macedónia, no sopé do monte Atos.



## 740. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

*Sobre Créton, um fulano muito rico e parecido a Giges*  
 Sou a lápide que está em cima de Créton e dá a conhecer  
     o seu nome; mas Créton, lá em baixo, é só cinza.  
 Ele, que outrora rivalizava com a riqueza de Giges<sup>744</sup>, ele,  
     que outrora era rico em bois, outrora rico e cabras,  
 ele que outrora... para quê mais? O que para todos era feliz,  
     ai, da sua terra quão pequena parte lhe resta!

## 741. DE CRINÁGORAS

*Sobre um soldado romano que foi extraordinariamente valente*  
 Invoca Otríades<sup>745</sup>, a glória maior de Esparta, Cinegiro<sup>746</sup>  
     que lutava no mar, ou os feitos das guerras todas!  
 O guerreiro italiano de Ares tombou perto das correntes  
     [do Nilo], já meio-morto de tantos ferimentos;  
 ao ver a águia da sua legião querida tomada pelos inimigos,  
     de novo se ergueu de entre os mortos a combater  
 e, matando o que a levava, devolveu-a aos seus chefes,  
     ele, o único que recebeu a morte sem ser vencido.

## 742. DE APOLÓNIDES

*Sobre Timocleia, que deu à luz gémeos*  
 Já não estás, Timocleia, privada da luz dos teus olhos,  
     agora que deste à luz dois rapazes gémeos;  
 com mais olhos contemplas agora o incandescente  
     carro do sol, mais completa do que antes.<sup>747</sup>

---

<sup>744</sup> Cf. núm. 709, com nota ao v. 6.

<sup>745</sup> Cf. núms 244 (com nota ao lema), 430-432 e 526.

<sup>746</sup> Irmão de Ésquilo, combatente em Maratona e Salamina.

<sup>747</sup> Nada tem de funerário este epigrama.

743. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]

*Sobre Hermacroteia, uma mulher que teve vinte e nove filhos e não viu nenhum morrer*

Eu, Hermacroteia, fui mãe de vinte e nove filhos  
e de nenhum ou nenhuma vi a morte.<sup>748</sup>

Pois Apolo não destruiu com as flechas os meus filhos,  
nem Ártemis entre muitas dores me levou as filhas;<sup>749</sup>  
ao invés, esta veio para me libertar das dores de parto,  
e Febo conduziu à juventude os varões,  
livres de doenças. Vede, pois, como justamente supero,  
nos filhos e em língua modesta, a filha de Tântalo.

744. [DE DIÓGENES (LAÉRCIO)]

*Sobre Eudoxo, escritor de Cnidos<sup>750</sup>, que no Egito recebeu um oráculo para a sua própria vida, e que viveu cinquenta e três anos*

Em Mênfis, segundo se diz, Eudoxo conheceu o próprio  
destino por via de um touro de belos chifres;  
mas ele não falava; de onde lhe veio o discurso ao boi?

A natureza não deu ao boi Ápis uma boca faladora.  
Porém, ficando ao seu lado, ele lambeu-lhe o casaco,  
claro vaticínio do seguinte: “Abandonarás esta vida  
em pouco tempo.” Eis porque a morte lhe veio rápido,  
passadas dez vezes cinco Plêiades mais outras três<sup>751</sup>.

---

<sup>748</sup> À exceção do nome da defunta, este primeiro dístico é igual ao do núm. 224, que pode bem ter sido o modelo deste epigrama.

<sup>749</sup> Alusão à morte dos filhos de Níobe (a filha de Tântalo, v. 8), por Apolo e Ártemis. Vd. nota ao núm. 311 e núms. 530 e 549.

<sup>750</sup> Sabemos por Diógenes Laércio (8.91), que transmite o epigrama numa versão bastante alterada, que se trata de um filósofo nascido em 408 e morto em 355 a.C., um discípulo de Platão e Arquitas que se dedicou a todos os campos do saber, tendo-se, porém, destacado na matemática e na cosmografia.

<sup>751</sup> I.e. 53 anos.

## 745. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

*Sobre Íbico*<sup>752</sup>, o poeta lírico assassinado por ladrões

Íbico! Uns ladrões te mataram uma vez que desembarcaste  
na praia deserta e nunca trilhada de uma ilha,  
não sem antes invocares uma nuvem de grou, que vieram  
testemunhar como morreste da morte mais cruel.  
Não foi em vão que os chamaste, pois a Erínia vingadora,  
graças aos seus grasnidos, expiou a tua morte  
sobre a terra de Sísifo<sup>753</sup>. Ó raça apaixonada pelo lucro  
dos ladrões, porque não temeis a cólera divina?  
Nem Egisto, que no passado também matou um poeta<sup>754</sup>,  
escapou aos olhos das Euménides de negras vestes.

## 746. DE PITÁGORAS

*Sobre a tumba de Zeus em Creta*

Aqui jaz o grande Zan<sup>755</sup>, a que chamaram Zeus.

## 747. DE LIBÂNIO

*Sobre o imperador Juliano*

Juliano<sup>756</sup>, após atravessar a forte corrente do Tigre, jaz aqui,  
o que foi ambas coisas, bom imperador e forte guerreiro.

---

<sup>752</sup> Cf. núm. 714 (com nota).

<sup>753</sup> Corinto. Plutarco retoma a anedota expressa no epigrama, que dela é o mais antigo testemunho. Os assassinos, tendo visto um bando de grou sobrevoar a cidade, ter-se-iam denunciado ao dizerem “Eis as testemunhas de Íbico!”.

<sup>754</sup> Exemplo forçado. Egisto matara o adivinho que Agamémnon deixara a velar por Clitemnestra, mas é sabido que não foi por esse crime que foi punido.

<sup>755</sup> Nome antigo de Zeus. Sobre esta sepultura e a tradição das sepulturas de Zeus, vd. Kokolakis (1995).

<sup>756</sup> Juliano terá morrido em 363, no decurso de uma expedição contra os Persas.

748. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

*Sobre a cidade de Heracleia*<sup>757</sup>

Que ciclope de um só olho construiu esta sepultura  
toda em pedra, digna da assíria Semíramis<sup>758</sup>?  
Ou então que gigantes, filhos da terra, a ergueram,  
colocando-a perto das sete estrelas das Plêiades,  
inflexível, inabalável, massa rochosa semelhante ao pico  
do monte Atos que se eleva da terra imensa?  
Para sempre afortunado o povo que ergueu esta torre  
de Heracleia apontando à imensidão dos céus.<sup>759</sup>

---

<sup>757</sup> Heracleia deve antes ser nome próprio de uma mulher, a quem se erguera um mausoléu de dimensões extraordinárias.

<sup>758</sup> Rainha assíria semilendária.

<sup>759</sup> O texto do último dístico está corrompido nos manuscritos; a tradução que se apresenta procura ser coincidente com o epigrama como um epitáfio de Heracleia, como se explica na nota anterior.

## ÍNDICE DE EPIGRAMATISTAS

Um ponto de interrogação assinala as atribuições duvidosas ou dúplices nos códices, bem como aqueles epigramatistas desconhecidos. Esta lista não contempla – salvo para os erros mais óbvios do copista – discussões de autoria dos epigramas, apenas a sua atribuição nos manuscritos da *Antologia*.

- Acérato, o Gramático (*Grinalda de Filipo*): 138  
Adaio, de Macedónia (séc. I): 51, 238, 240, 694  
Adaio, de Mitilene (*Grinalda de Meleagro*): 305  
Adriano (imperador 76-138): 674  
Agátias, o Escolasta (séc. VI): 204-205, 220, 551-552, 567-569, 572, 574, 578, 583, 589, 593, 596, 602, 612, 614  
Alceu, de Messene (?) (séc. II a.C.): 1, 55?, 247, 412, 495, 536?  
Alceu, de Mitilene (séc. VII-VI a.C.): 5?, 55?, 429, 536?  
Alexandre, da Etólia (séc. III a.C.): 534?, 709  
Alfeu, de Mitilene (séc. I a.C.): 237  
Anacreonte, de Teos (séc. VI a.C.): 160, 226, 263  
Andronico (*Grinalda de Meleagro*): 181  
Ânite, de Têgea (séc. III a.C.): 190?, 202, 208, 215, 486, 490, 492?, 538, 646, 649, 724  
Antágoras, de Rodes (séc. III a.C.): 103  
Antífilo, de Bizâncio (séc. I a.C.): 141, 175-176, 375, 379, 399, 622, 630, 634-635, 641  
Antípatro, de Sídon (séc. II a.C.): 2, 6, 8, 14-15, 23, 26-27, 29-30, 34, 65, 75, 81, 136?, 146, 161, 164, 165?, 172, 209-210?, 218, 232?, 241, 246, 252?, 303, 316?, 353, 409, 413, 423-427, 464, 467, 493, 498, 705?, 711, 713, 743?, 745, 748

- Antípatro, de Tessalónica (séc. I a.C.): 18, 39, 136?, 168, 185, 209-210?,  
216, 236, 252?, 286-289, 367, 369, 390, 398, 402, 530-531, 625, 629,  
637, 639-640, 666, 692?, 705?, 743?
- Antístio (?), *Grinalda de Filipo*): 366
- Apolónides, de Esmirna (séc. I): 180, 233, 378, 389, 631, 642, 693, 702,  
742
- Aristódico, de Rodas (*Grinalda de Meleagro*): 189, 473
- Aríston, de Quios (?) (séc. III a.C.): 457
- Árquias, de Antioquia (séc. I a.C.): 68, 147, 164?, 165?, 191?, 213-214?
- Árquias, de Bizâncio (?): 278
- Árquias, da Macedónia (?): 140
- Árquias, de Mitilene (?): 191?, 213-214?, 696
- Arquíloco, de Paros (séc. VII a.C.): 441
- Arquimedes (?): 50
- Asclepiades, de Samos (séc. III a.C.): 11, 145, 217?, 284, 500
- Asínio Quadrado (séc. III?): 312
- Automedonte, de Cízico (séc. I a.C.-I d.C.): 534?
- Basso [Lólio] (séc. I): 243, 372, 386, 391
- Bianor, o Gramático (séc. I): 49, 387-388, 396, 644, 671?
- Calímaco, de Cirene (séc. III a.C.): 80, 89, 170?, 271-272, 277, 317-318,  
320?, 344b, 415, 447, 451, 453-454, 458-460, 471, 517-525, 725, 728
- Carfílides (séc. III a.C.): 260
- Ciro, de Panópolis (séc. V): 557
- Cleobulo, de Lindos (séc. VI a.C.): 153?
- Cristodoro, de Coptos (séc. V-VI): 697-698
- Crates, de Tebas (o Cínico) (séc. IV a.C.): 10.104
- Crinágoras, de Mitilene (séc. I a.C.): 371, 376, 380, 401, 628, 633, 636,  
638, 643, 645, 741, 744?
- Damageto, do Peloponeso (séc. III a.C.): 9, 231, 355, 432, 438, 497, 540-  
541, 735
- Damáscio (séc. VI): 553
- Damócaris, de Cós (séc. VI): 206
- Demiurgo (?): 52
- Díocles, de Caristo (?): 393

- Diodoro (?): 38, 40, 74, 370, 624, 627, 632
- Diodoro (Zonas) de Sardes (séc. I a.C.): 365, 404
- Diodoro, de Tarso [o Gramático] (séc. I a.C.): 235, 700-701
- Diógenes, de Amiso (séc. VI): 613
- Diógenes Laércio (séc. III): 85, 87-88, 91-92, 95-98, 101-102, 104-116, 118, 121-124, 126-127, 129-130, 133, 620, 706, 744
- Dionísio, de Andros (?): 533
- Dionísio, de Cízico (*Grinalda de Meleagro*): 78, 462?
- Dionísio, de Rodes (*Grinalda de Meleagro*): 462?, 716
- Dioscórides (séc. III a.C.): 31, 37, 76, 162, 166, 167?, 178, 229, 351, 407, 410-411, 430, 434, 450, 456, 484-485, 707-708
- Diotimo, de Adramiteu (séc. III a.C.): 173?, 227, 261, 475, 733
- Diotimo, de Atenas (*Grinalda de Meleagro*): 420
- Emiliano, de Niceia (séc. I): 623
- Éricio, de Cízico (séc. I a.C.): 36, 174, 230, 368, 377, 397
- Erina (séc. IV a.C.): 710, 712
- Ésquilo (séc. V a.C.): 255
- Etrusco, de Messene (*Grinalda de Filipo*): 381
- Estatílio Flaco (séc. I a.C.): 290, 542, 650?
- Eufórion, de Cálcis (séc. III a.C.): 651
- Eutólmio, o Escolasta (séc. IV-III a.C.): 608, 611
- Falico, da Fócida (séc. IV-III a.C.): 650
- Fânias (?), (*Grinalda de Meleagro*): 537
- Fédimo, de Bizante/ Amástris (séc. III a.C.): 739
- Feno (séc. III a.C.): 197, 437
- Filipo, de Tessalónica (séc. I): 186, 187?, 234, 362, 382-383, 385, 394, 405, 554?, 692?
- Filitas, de Samos (?), (*Grinalda de Meleagro*): 481
- Filodemo, de Gádara (séc. I a.C.): 222
- Gémino, Túlio (séc. I): 73
- Getúlico (séc. I): 71, 244, 345?, 275, 354
- Glauco, de Nicópolis (*Grinalda de Meleagro*): 285
- Hecateu, de Tasos (?): 167?

- Hégemon (séc. III a.C.): 436
- Hegesipo (séc. III a.C.): 276, 320?, 446, 545
- Heraclides, de Sinope (*Grinalda de Filipo*): 281, 392
- Heraclito, de Halicarnasso (séc. III a.C.): 465
- Homero: 153?
- Íon, de Samos (?) (séc. V a.C.): 43-44
- Isidoro, de Egeias (?): 156, 280, 293, 532
- João, de Barbúculo [o Gramático] (séc. VI): 555, 555b
- Juliano, Prefeito do Egito (séc. VI): 32-33, 58-59, 69-70, 561-562, 565, 576-577, 580-582, 584-587, 590-591, 594-595, 597-601, 603, 605
- Leôncio, o Escolasta (séc. VI): 149-150, 571, 573, 575, 579
- Leónidas, de Alexandria (séc. I): 547-550, 668, 675
- Leónidas, de Tarento (séc. III a.C.): 13?, 19, 35?, 67, 163, 173?, 190?, 198, 264, 266, 273, 283, 295, 316?, 408, 422, 440, 448, 452, 455, 463, 466, 472, 472b, 478, 480, 503-504, 506, 648, 652, 654-657, 658?, 660-664?, 665, 715, 719, 726, 731, 736, 740
- Libânio, de Antioquia (séc. IV): 747?
- Luciano, de Samósata (séc. II): 308, 339?
- Macedônio, de Tessalónica (séc. VI): 566
- Marco Argentário (séc. I): 364, 372, 384, 395, 403
- Meleagro, de Gádara (séc. I a.C.): 13?, 79, 182, 195-196, 207, 352?, 417-419, 421, 428, 461, 468, 470, 476, 535
- Menandro, de Atenas (séc. IV a.C.): 72
- Mirino (? *Grinalda de Filipo*): 703
- Mnasalcas (séc. III a.C.): 54, 171, 192, 194, 212, 242, 488, 491
- Nicandro, de Cólófon (séc. III a.C.): 435, 526
- Nicarco (séc. I): 159, 166?
- Nicéneto, de Samos (séc. III a.C.): 502
- Nícias, de Mileto (séc. III a.C.): 200
- Nicómaco (?): 299
- Nóssis, de Locros (séc. IV-III a.C.): 414, 718
- Onesto, de Bizâncio (séc. I a.C.): 66, 274
- Páladas, de Alexandria (séc. IV): 339, 607?, 610, 681-688
- Pânfilo, de Alexandria (?) (séc. II a.C.): 201



- Pâncrates (? *Grinalda de Meleagro*) 653
- Parménio, da Macedónia (séc. I a.C.): 183-184, 239
- Paulo Silenciário (séc. VI): 4, 307, 560, 563, 588, 604, 606, 609
- Perses, de Tebas/ Macedónia (séc. IV-III a.C.): 445, 487, 501, 539, 730
- Pinito, da Bitínia (?) (séc. I): 16
- Pisandro, de Rodes (?): 304
- Platão, o Filósofo (séc. IV a.C.): 5?, 99-100, 217?, 256, 259, 265, 268-269, 669-670
- Polístrato (séc. II a.C.): 297
- Pompeio, o Jovem (séc. I a.C.): 219
- Posidípo, de Pela (séc. III a.C.): 170?, 267
- Proclo, de Constantinopla (séc. V): 341
- Ptolemeu (?): 314
- Pitágoras, de Samos (séc. VI a.C.): 746
- Querémon (séc. III-II a.C.): 469, 720-721
- Riano, de Creta (séc. III a.C.): 315?
- Safo, de Lesbos (séc. VI a.C.): 489, 505
- Serápio, de Alexandria (? *Grinalda de Filippo*): 400
- Símias, de Rodes (séc. IV-III a.C.): 21-22, 60, 193, 203, 647
- Simónides, de Ceos (séc. VI-V a.C.): 20?, 24-25, 77, 177, 187?, 248-251, 253-254, 254b, 258, 270, 296?, 300-302, 344, 345?, 348, 349?, 431?, 442-443, 496, 507-516, 647?, 677
- Sofrónio, de Damas (séc. VII): 679-680
- Talo (ou Talos), de Mileto (séc. I): 188, 373
- Teeteto, de Cirene (séc. III a.C.): 444, 499, 727
- Teócrito, de Siracusa (III a.C.): 262, 658-664
- Teodóridas, de Siracusa (séc. III a.C.): 282, 406, 439, 479, 527-529, 722, 732, 738
- Teodoro, o Procônsul (séc. VI): 556
- Téon, de Alexandria (?): 292
- Teosébia, de Alexandria (séc. V): 559
- Tiilo (séc. I a.C.): 223
- Túlio Láurea (séc. I a.C.): 17, 294
- Timnes, da Cária ou de Creta (séc. III a.C.): 199, 211, 433, 477, 729

Tucídides, de Halimunte (séc. V a.C.): 45

Xenócrito, de Rodes (*Grinalda de Meleagro*): 291

Xenófanes, de Cólofon (séc. VI a.C.): 120

Zenódoto, o Estoico (séc. IV a.C.): 117

Zenódoto, de Éfeso (séc. III a.C.): 315?

Zonas: (vd. Diodoro)

**VOLUMES PUBLICADOS NA COLEÇÃO AUTORES**  
**GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS**

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).

21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrio. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquíledes. Odes e Fragmentos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípides. Helena*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epicteto. Encheiridion*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
39. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. O Dinheiro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
40. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega, Epigramas Ecífrásticos (Livros II e III)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
41. Reina Marisol Troca Pereira: *Parténio. Sofrimentos de Amor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).

42. Marta Várzeas: *Dionísio Longino. Do Sublime*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
43. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
44. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Apêndice de Planudes (livro XVI)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
45. Ana Maria César Pompeu, Maria Aparecida de Oliveira Silva & Maria de Fátima Silva: *Plutarco. Epítome da Comparação de Aristófanes e Menandro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
46. Reina Marisol Troca Pereira: *Antonino Liberal. Metamorfoses (Μεταμορφώσεων Συναγωγή)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
47. Renan Marques Liparotti: *Plutarco. A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
48. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas Vários (livros IV, XIII, XIV, XV)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
49. Maria de Fátima Silva: *Cáriton. Quéreas e Calírroe*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

50. Ana Alexandra Alves de Sousa (coord.): *Juramento. Dos fetos de oito meses. Das mulheres inférteis. Das doenças das jovens. Da superfetação. Da fetotomia*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
51. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas de autores cristãos (livros I e VIII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
52. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas eróticos (Livro V)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
53. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas votivos e morais (livros VI e X)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).
55. Maria de Fátima Silva: *Pseudo-Eurípides. Reso*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).
55. Maria de Fátima Silva: *Pseudo-Eurípides. Reso*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).
56. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epitáfios (livro VII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019).



O livro VII da *Antologia Grega* reúne um total de 748 epigramas que, salvo algumas exceções, respondem à categorização de epitáfios. Planudes copiou 582 destes epigramas, onze dos quais ausentes da tradição palatina, não sendo claro o critério que levou à exclusão dos outros 179 presentes em P.

Dialógico ou não, desde as suas origens o epitáfio encena, implicitamente que seja, uma relação efêmera entre o defunto celebrado e outro indivíduo que o lê. Trata-se de immortalizar, de garantir que o primeiro mantém, por via da memória (*mnema*), uma relação com o mundo dos vivos, conseguida no momento em que o seu nome é pronunciado pelo transeunte que o lê na lápide.

OBRA PUBLICADA  
COM A COORDENAÇÃO  
CIENTÍFICA



CENTRO DE ESTUDOS  
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1 2



9 0

UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

